



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Heci Regina Candiani

A TESSITURA DA SITUAÇÃO:

A TRAMA DAS OPRESSÕES

NA OBRA DE SIMONE DE BEAUVOIR

**CAMPINAS
2018**

HECI REGINA CANDIANI

**A TESSITURA DA SITUAÇÃO:
A TRAMA DAS OPRESSÕES
NA OBRA DE SIMONE DE BEAUVOIR**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Orientadora: Maria Lygia Quartim de Moraes

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA HECI
REGINA CANDIANI E ORIENTADA PELA PROFA.
DRA. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES.

**CAMPINAS
2018**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2573-169X>

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Candiani, Heci Regina, 1938-
C161t A tessitura da situação : a trama das opressões na obra de Simone de Beauvoir / Heci Regina Candiani. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Maria Lygia Quartim de Moraes.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Beauvoir, Simone de, 1908-1986. 2. Situação (Filosofia). 3. Mulheres. 4. Gênero. I. Moraes, Maria Lygia Quartim de, 1943-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The texture of situation : the weft of oppressions in the work of Simone de Beauvoir

Palavras-chave em inglês:

Situation (Philosophy)

Women

Gender

Área de concentração: Ciências Sociais

Títuloção: Doutora em Ciências Sociais

Banca examinadora:

Maria Lygia Quartim de Moraes [Orientador]

Caterina Koltai

Cristina Henrique da Costa

Guíta Grin Debert

Maria José Fontelas Rosado Nunes

Data de defesa: 23-03-2018

Programa de Pós-Graduação: Ciências Sociais



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos Trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado composta pelas Professoras Doutoras a seguir descritas, em sessão pública realizada em 23 de março de 2018, considerou a candidata Heci Regina Candiani aprovada.

Profa. Dra. Maria Lygia Quartim de Moraes

Profa. Dra. Guita Grin Debert

Profa. Dra. Caterina Koltai

Profa. Dra. Maria José Fontelas Rosado Nunes

Profa. Dra. Cristina Henrique da Costa

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.

*A Clara dos Santos Nowaski e
Maria do Rosário Candiani:
“irmãs mais novas” de Simone de Beauvoir.*

*A Alaíde Nowaski Candiani, que, de um modo
muito peculiar, me levou à leitura de
Simone de Beauvoir.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço formalmente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo fomento a este trabalho.

À profa. dra. Maria Lygia Quartim de Moraes, pela acolhida do projeto que resultou nesta pesquisa, pela confiança e por todas as palavras de estímulo que perpassam as linhas deste trabalho.

À profa. dra. Caterina Koltai pelo apoio incondicional a esta pesquisa. Às profas. dras. Guita Grin Debert, Maria José Fontelas Rosado Nunes e Cristina Henrique da Costa, por compartilharem comigo seu tempo, trabalho e conhecimento, dedicando-os à leitura deste trabalho. À profa. dra. Simone Alcântara pela colaboração fundamental para a conclusão deste projeto.

À Beatriz Suyama, pela inestimável colaboração ao longo do doutorado.

RESUMO

Este trabalho investiga a gênese e o desenvolvimento do conceito de situação nas obras da pensadora francesa Simone de Beauvoir (1908-1986). A hipótese central é de que, por meio de seu conceito de situação, que apresenta aspectos específicos, Simone de Beauvoir conseguiu teorizar a opressão social, discutindo a tessitura de diferentes estruturas opressivas e demonstrando uma preocupação que posteriormente se tornou central nos estudos de gênero por meio do paradigma da interseccionalidade. Nessa investigação, são discutidas obras de toda a trajetória intelectual da autora, partindo de seus primeiros ensaios, *Pirro e Cine as* e *Por uma moral da ambiguidade*, nos quais ela elabora e desenvolve os fundamentos filosóficos de seu conceito de situação, até seus últimos textos, artigos feministas de cunho político e militante, incluindo também suas obras mais influentes, *O segundo sexo* e *A velhice*, e artigos publicados em *Les Temps modernes* e outros jornais e revistas da França e dos Estados Unidos.

Palavras-chave: Simone de Beauvoir; situação; opressão; mulheres; gênero; classe; etnicidade; feminismo.

ABSTRACT

This work investigates the origins and the development of the concept of situation in the works of French thinker Simone de Beauvoir (1908-1986). The central hypothesis is that, through her concept of situation, which comes up with specific aspects, Simone de Beauvoir was able to theorize social oppression, discussing the texture of different oppressive structures and demonstrating a concern that became central in gender studies later through the intersectionality paradigm. Works from all the author's intellectual trajectory are discussed in this investigation, starting with her first essays, *Phyrrus and Cineas* and *The Ethics of Ambiguity*, in which she elaborates and develops the philosophical foundations of her concept of situation, to her last texts, feminist articles of activist and political nature, also including her most influential works, *The Second Sex* and *Old Age*, and articles published in *Les Temps modernes* among other magazines and newspapers in France and United States.

Keywords: Simone de Beauvoir; situation; oppression; women; gender; class; ethnicity; feminism.

SUMÁRIO

Introdução	11
Interpretações conflituosas	13
Estudar Beauvoir no Brasil	19
Percurso de pesquisa	22
Capítulo 1 – Sob o signo da ambiguidade	31
1.1 – Francesa à moda estadunidense	37
1.2 – Uma mulher que questiona a maternidade	48
1.3 – Filósofa e (ou) memorialista?	54
1.4 – Um método fora dos padrões	64
1.5 – Pensando com Sartre contra Sartre	68
1.6 – Um projeto intelectual original	76
Capítulo 2 – A situação como dimensão da existência	79
2.1 – “Eu me via incluída”	81
2.2 – Sujeito em situação	86
2.3 – “Pirro e Cineas” e <i>Por uma moral da ambiguidade</i>	89
2.4 – Feminismo antes de <i>O segundo sexo</i>	94
2.5– <i>Les bouches inutiles</i>	99
CAPÍTULO 3 – Situações de alteridade.....	107
3.1 – <i>A América dia a dia</i>	108
3.2 – <i>O segundo sexo</i>	116
3.2.1 – Fatos e mitos	118
3.2.2 – A experiência vivida	124
3.3 - <i>A velhice</i>	130
3.3.1 – O ponto de vista externo	132
3.3.2 – A experiência de vida.....	136
Capítulo 4 – Confrontando privilégios e poderes	139
4.1 – “Deve-se queimar Sade?”	140
4.2 – O caso Djamila Boupacha	145
4.3 – “Na França, hoje, mata-se impunemente”	149

Capítulo 5 – A transitoriedade da situação	153
5.1 – Erotismo	155
5.2 – Trabalho	158
5.2 – Direitos reprodutivos.....	164
Considerações finais	169
Referências bibliográficas.....	175
Apêndices	187
Apêndice A – Obras comentadas.....	187
Apêndice B – Pesquisas acadêmicas sobre Simone de Beauvoir	189

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 1971, ao concluir a leitura do primeiro romance de Simone de Beauvoir, *A convidada* (1943), Susan Sontag escreveu em seu diário:

É possível que eu ainda deva uma segunda libertação a Simone de Beauvoir? Há vinte anos, li *O segundo sexo*. Noite passada, li *A convidada*. Não, claro. Ainda tenho que passar por muitas coisas antes de me libertar. Mas, pela primeira vez, fui capaz de rir. Basta mudar a classe (o mais importante), a idade (vinte anos a mais de experiência!), o país e a constituição física de Xavière e tem-se um retrato perfeito de C[arlotta] (SONTAG, 2012, p. 194)¹.

Em princípio apenas uma anotação íntima, não destinada à publicação, o trecho pode ser lido hoje como o reconhecimento de uma espécie de dívida pessoal de Sontag com a pensadora e escritora francesa, um testemunho da marca deixada pela leitura dos dois livros na trajetória pessoal de Sontag e do modo como ela projetou a própria vivência afetiva na história do trio amoroso que tem em Xavière uma das personagens.

Sontag fez parte da primeira geração de intelectuais influenciada por *O segundo sexo*, leu o texto em 1951, aos 18 anos, quando estava grávida de seu único filho (SHOWALTER, 2001, p. 225), ainda na edição original (já que a versão condensada da obra em inglês só seria publicada em 1953). Porém, ao longo dos anos 1970, depois que Sontag escreveu aquele registro em seu diário, foram poucas as acadêmicas feministas, estadunidenses ou francesas, que compartilharam de sua opinião positiva sobre a relevância de Beauvoir e de sua obra². Naquele momento, já predominava uma percepção bastante negativa em relação a Beauvoir e seu texto. Essa percepção marcou profundamente o lugar hoje reservado (ou negado) à autora nos estudos feministas e de gênero.

A experiência de leitura que Sontag descreve, entretanto, é menos intelectual do que íntima e, se não ecoa a relação dos feminismos dos anos 1970 com Beauvoir, ecoa a opinião

¹ No original: *Is it possible I owe yet a second liberation to Simone de Beauvoir? Twenty years ago, I read The Second Sex. Last night, I read L'Invitée. No, of course. I still have much to live through to free myself. But, for the first time, I was able to laugh. Change the class (most important), age (20 years more experience!), country, and physique of Xavière, and it is a perfect portrait of C[arlotta].* (Neste trabalho, esta e as demais citações reproduzidas em nota no original foram traduzidas por mim.)

² Em entrevista concedida em 1978, Sontag afirmou considerar *O segundo sexo* o melhor livro feminista até então. *Well, I think she's fabulous – people run her down all the time in France, but although I disagree with parts of The Second Sex, I think it's still the best feminist book up till now – she's way ahead of the so-called movement. And I also think she's the first person to really deal with what it's like to be old as a cultural phenomenon* (SONTAG & COTT, 2013, p. 13).

de milhares de leitoras de diferentes países, etnias, idiomas e gerações, em sua maioria distantes do ambiente intelectual, que se corresponderam com Beauvoir ao longo de décadas, testemunhando em suas cartas o modo como *O segundo sexo* representava suas vivências pessoais, seus sentimentos, pensamentos e desejos, o que fazia com que se sentissem menos sozinhas (CHAPSAL, 1979). Apesar de todas as críticas acadêmicas quanto à especificidade da visão de mundo que apresentava em seu texto, Beauvoir mostrou que estava certa: ainda que não existam experiências universais, existem experiências que se repetem quando determinada situação é imposta a um determinado grupo de pessoas.

Para atingir um público tão amplo, Beauvoir e sua obra realizaram muitas travessias de fronteiras reais ou metafóricas. Atravessaram limites paradigmáticos, disciplinares e temáticos, limites teóricos e de método. Mais precisamente, optaram por se colocar metodologicamente na zona de fronteira em que a definição desses parâmetros de produção de conhecimento é marcada pelo signo da ambiguidade (outra expressão em que me inspiro em Sontag). Beauvoir, por meio de sua obra, realizava um movimento de libertação – libertação dos sistemas, das referências, das fronteiras e dos universalismos de uma filosofia e de uma literatura pensadas e escritas por homens e para homens. Não era uma libertação marcada pela recusa dessas ferramentas masculinas, era uma libertação marcada pela posse dessas ferramentas e pelo desejo de transformá-las, expandi-las.

Em 3 de julho de 1947, no período em que idealizava essas travessias e vislumbrava a posse dessas ferramentas para escrever o texto que se tornaria *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir escreveu em uma carta para seu companheiro do outro lado do Atlântico, Nelson Algren:

Você sabe que viver, para mim, nunca foi muito fácil, embora eu sempre esteja muito alegre. Gosto demais de viver e detesto a ideia de morrer um dia. E eu também sou terrivelmente ávida, quero tudo da vida, quero ser mulher e quero ser homem, ter muitos amigos e também solidão, trabalhar muito e escrever bons livros e viajar e me divertir, ser egoísta e generosa. Você vê, é difícil conseguir tudo o que quero. E quando não consigo, fico louca de raiva (BEAUVOIR, 1999, p. 40)³.

³ Beauvoir se correspondia com Algren em inglês. Trecho no original: *You see it has never been very easy for me to live, though I am always very happy. I like so much to live and I hate the idea of dying one day. And then I am awfully greedy, I want everything from life, I want to be a woman and to be a man, to have many friends and to have loneliness, to work much and write good books, and to travel and enjoy myself, to be selfish and to be unselfish. You see, it is difficult to get all I want. And then when I do not succeed I get mad with anger.*

Com sua libertação, Beauvoir e sua obra motivaram em milhares de mulheres a mesma experiência: a possibilidade de desejar tudo da vida e de revoltar-se diante das limitações impostas a esse desejo.

Sontag foi uma dessas mulheres, e pensar em sua privilegiada experiência de leitura é pensar também em outra travessia empreendida por Beauvoir e seu texto. Escrito após a primeira viagem da autora aos Estados Unidos, *O segundo sexo* foi fortemente influenciado por essa vivência. Nele, Beauvoir coloca constantemente em diálogo duas tradições de pensamento, dois continentes e dois idiomas, duas culturas, dois modelos de sociedade, dois países que, aliados na guerra, entraram em tensa relação política e intelectual no pós-guerra.

Todos esses aspectos dão significado particular à breve anotação de Sontag, mas se escolho seu testemunho para a introdução deste trabalho não é apenas por um evidente interesse pessoal também em suas ideias, nem porque suas palavras nos chegam carregadas da autoridade de uma intelectual feminista renomada. Há em seu registro íntimo e, de certo modo, banal, uma menção importante ao tema que constitui o interesse central desta pesquisa: Sontag destaca o modo como Beauvoir situava a classe, a idade, a nacionalidade, o gênero e a sexualidade de sua personagem e como, apesar de sua experiência vivida ser diferente em relação a esses elementos, ainda assim aquela narrativa espelhava sua história.

Neste trabalho, interessa-me investigar como Beauvoir lidava com os diversos marcadores sociais de diferença em suas obras. Acredito que nessa questão encontra-se não apenas um elemento para a compreensão dos motivos que levaram tantas mulheres a se identificarem com seus textos, mas, principalmente, uma possível chave para a articulação renovada de seu pensamento com a teoria e a militância feministas contemporâneas.

Interpretações conflituosas

Simone de Beauvoir morreu em 1986 em um momento de quase indiferença em relação a suas ideias. Desde os anos 1970, com a emergência dos primeiros trabalhos de teoria feminista (SANDFORD, 2017), e mais intensamente no início dos anos 1980, a abordagem intelectual predominante em relação a Beauvoir e a seu pensamento consistia em um misto de reverência formal e hostilidade. Nessas duas décadas, na França e nos Estados Unidos, em especial, as pesquisadoras e militantes feministas reconheciam historicamente a importância de *O segundo sexo* como texto fundador de um feminismo teórico, porém o consideravam

universalista e enxergavam nele a defesa de uma igualdade engessada em parâmetros masculinos.

Nesse período, as críticas do estruturalismo, do pós-estruturalismo e dos movimentos identitários à obra de Beauvoir – em geral baseadas em interpretações dos conceitos beauvoirianos como reproduções dos conceitos sartreanos – colaboraram para a postura de indiferença em relação a seu pensamento. “Para essa geração, o estruturalismo e a psicanálise pareciam mais ‘revolucionários’ do que o existencialismo, embora a própria Beauvoir os tivesse utilizado ao escrever *O segundo sexo*”, afirma Hengehold (2017, p. 27)⁴.

Mas é interessante lembrar também que essas críticas foram a primeira oportunidade que Beauvoir teve de – efetiva e sistematicamente, vinte anos depois de escrever seu texto – entrar em diálogo com outras teóricas feministas e sair do isolamento intelectual em que se encontrava quando começou a discutir a condição das mulheres, nos anos 1940.

Nos anos 1980 em particular, dos dois lados do Atlântico, a ideia de liberdade e a proposta antiessencialista que caracterizam a obra de Beauvoir estavam sob ataque. Na França, porque os debates giravam agora em torno da proposta do “feminismo da diferença”. Nos Estados Unidos e no Reino Unido, porque o conservadorismo político e as diretrizes econômicas neoliberais propagavam a ideia de que o movimento feminista já havia conquistado seus objetivos.

No período de quase quatro décadas que separam o lançamento de *O segundo sexo* da morte de Simone de Beauvoir, seu pensamento se transformou, sua obra se ampliou, suas preocupações se renovaram e acompanharam novas questões sociais e políticas. Entretanto, as leituras e críticas feministas não superaram aquele texto e outros ensaios da autora – como “Deve-se queimar Sade?” e *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita*. Para muitas teóricas feministas, a cada nova obra Beauvoir era lida como uma feminista falha, equivocada. Toda a não ficção que Beauvoir produziu antes ou depois de *O segundo sexo* foi relegada a um segundo plano e ainda hoje são poucas as análises que ampliam o debate sobre o pensamento beauvoiriano para seus textos não ficcionais, com exceção das memórias.

⁴ No original: *To this generation, structuralism and psychoanalysis seemed more ‘revolutionary’ than existentialism although Beauvoir herself used them in writing The Second Sex.*

Essa chave interpretativa gestada pelos feminismos dos anos 1970 e 1980 ainda pode ser encontrada em comentaristas da obra beauvoiriana hoje, mas começou a se mostrar problemática principalmente a partir de 1990, quando um conjunto de textos inéditos da autora foi publicado na França. Esses textos, em sua maioria escritos íntimos como cartas e diários, têm motivado novas pesquisas sobre seu pensamento e despertado um grande interesse acadêmico na área de filosofia em relação aos primeiros ensaios da autora, que são hoje compreendidos como prenúncios de *O segundo sexo*.

Essa nova abordagem também produz hoje um grande volume de investigações sobre os métodos empregados por Beauvoir, além de se deter longamente na relação das ideias beauvoirianas com a tradição do pensamento filosófico ocidental (em especial com Hegel, Marx, Husserl, Merleau-Ponty)⁵.

Tais estudos, ainda que marcadamente filosóficos, têm especial relevância para a compreensão do pensamento beauvoiriano no campo das ciências humanas em geral porque revelam a complexidade das ideias beauvoirianas, definem as bases de sua autonomia intelectual em relação aos demais pensadores existencialistas, discutem em detalhes alguns equívocos na interpretação inicial de seus conceitos, destacam algumas limitações de sua teoria e estabelecem os pontos de contato e confluência de seu pensamento com outras disciplinas.

Essa corrente também tem destacado a autonomia de Beauvoir em relação a Sartre⁶, o modo como ela moldou e transformou os conceitos existencialistas e a atenção que, desde muito cedo, ela deu à questão das mulheres. Outras análises discutem ainda a relevância de Beauvoir para debates feministas contemporâneos nas áreas de estudos biológicos, literários e políticos. Trata-se de uma profunda reavaliação crítica do pensamento beauvoiriano, embora ainda bastante concentrada nos meios acadêmicos inglês e norte-americano. Na França, como destacam Lecarme-Tabone e Jeanelle (2012, p. 11), essa corrente só começou a ecoar tardia e

⁵ Reafirmar a condição de Beauvoir como filósofa é politicamente importante para as filósofas feministas, a fim de questionar o modo como essa disciplina tem excluído as mulheres e evitado discutir temas que interessam às mulheres. Essa exclusão explica por que são poucos os estudos que colocam Beauvoir em diálogo com outras filósofas. Algumas pesquisadoras têm discutido as interconexões entre os pensamentos de Simone de Beauvoir e Hannah Arendt, com destaque para Marso (2017a), que investiga como as duas filósofas tratam o tema da violência. E há alguns estudos sobre Simone de Beauvoir e Judith Butler.

⁶ Um trabalho a que se dedicam ou dedicaram, principalmente, Michèle LeDœuff, Sonia Kruks, Kate e Edward Fullbrook, Eva Lundgren-Gothlin, Karen Vintges, Margaret Simons, Debra Bergoffen e Ingrid Galster.

recentemente e Beauvoir ainda é reduzida à condição de memorialista e romancista, embora, mesmo nesses gêneros, ainda ocupe um lugar secundário nos estudos acadêmicos:

nós, de certo modo, ignoramos o trabalho de escrita da história iniciado com *A força da idade*. Da mesma forma, seus romances não encontraram o lugar que lhes é devido nas diversas histórias da ficção na França, apesar do sucesso de muitos deles na ocasião de sua publicação e dos reexames despertados, algumas décadas depois, por *Os mandarins*, *As belas imagens* e *Quando o espiritual domina* (LECARMETABONE e JEANELLE, 2012, p. 11)⁷.

Esta tese adota como premissas algumas das conclusões dessas extensas investigações, como a íntima relação da filosofia beauvoiriana com outras disciplinas (em especial as ciências sociais e a teoria literária), a relevância de seu pensamento para os debates feministas contemporâneos e a especificidade de seus conceitos em relação aos conceitos sartreanos. Esse alinhamento teórico se dá também na preocupação em investigar os conceitos beauvoirianos e problematizá-los levando em consideração sua confluência com temas e preocupações das áreas de sociologia e ciência política.

Devido a meu interesse específico no modo como Beauvoir aborda teoricamente as marcas sociais de alteridade, optei por investigar um conceito que permeia toda sua obra: o conceito de situação, em particular a ideia de que o sujeito se encontra sempre em situação e assim deve ser compreendido.

Situação não é apenas um conceito central em *O segundo sexo*, é também empregado por Beauvoir desde seus primeiros textos, discutido em seus diários e memórias e

⁷ No original: *on a, en quelque sorte, ignoré le travail d'écriture de l'histoire débuté avec La Force de l'âge. Ses romans n'ont, de même, pas trouvé la place qui leur revient dans les différentes histoires de la fiction en France, en dépit du succès que plusieurs d'entre eux avaient rencontré lors de leur publication et des réexamens qu'ont suscités depuis quelques décennies Les Mandarins, Les belles images ou Quand prime le spirituel*. Acredito que, além da resistência a Beauvoir destacada neste trecho, outro aspecto pode contribuir para a indiferença das teorias feministas e mesmo das ciências humanas da França em relação a Beauvoir: a ideia, comumente presente entre as pensadoras anglo-americanas, de que Beauvoir teria criado, de certa forma, a noção de gênero, ainda que não tivesse produzido tal conceito. No interior do pensamento feminista na França, esse conceito se mostra problemático (em termos conceituais e mesmo de tradução), e fortemente associado aos feminismos anglo-americanos. Um debate entre Christine Delphy e Pascale Molinier apresenta o conceito de gênero como uma “aberração científica”, “uma arrogância nacionalista” (no caso, estadunidense), “uma fronteira imaginária que arruinaria toda possibilidade de diálogo” entre as feministas francesas e anglo-americanas. Ver Delphy, Molinier, Clair e Rui (2012-2013, p. 300).

marca um afastamento consciente e declarado da pensadora em relação a Sartre⁸. Apesar disso, a noção de situação em Beauvoir muitas vezes é reduzida a uma simples referência ao contexto social⁹ do sujeito, o que esvazia o sentido de sua aplicação.

Além de buscar compreender a genealogia da ideia de situação na obra beauvoiriana, proponho articulá-la à questão da alteridade (entendida como diferenças em relação) e a um paradigma fundamental dos debates feministas contemporâneos, o da interseccionalidade. Compreendo a interseccionalidade como a reflexão sobre a confluência de categorias que descrevem a condição social de diferença dos sujeitos e os sistemas de opressão nelas sustentados, que permeiam todos os aspectos da vida social. Dessa forma, espero poder demonstrar como o conceito beauvoiriano de situação pode ser um instrumento de análise e de crítica para uma importante preocupação da teoria e da militância feminista contemporânea: a convergência de diferentes formas de opressão e a invisibilidade de alguns aspectos dos sistemas de opressão sustentados nas relações de alteridade.

Não se trata, entretanto, de defender que Beauvoir tenha produzido uma análise interseccional, o que seria levar o anacronismo longe demais. Porém, pretendo demonstrar que existe em sua obra um movimento – possibilitado por sua noção de situação – de representar as múltiplas formas de opressão e de perceber como se encontram imbricadas nas relações sociais de desigualdade. Para evitar mal-entendidos e o uso anacrônico do termo interseccionalidade, quando me refiro a Beauvoir utilizo o termo tessitura.

O fato de Beauvoir ter sido uma mulher que escreveu sobre mulheres marcou – e ainda marca – a recepção de suas ideias como muito específicas, mas a preocupação de Beauvoir sempre foi com a condição de alteridade entendida em termos amplos. Essa preocupação aparece em formulações originais desde seus diários de estudante de filosofia (SIMONS, 1999) e de seu primeiro livro publicado, o romance *A convidada* (FULLBROOK &

⁸ Situação é apenas um dos conceitos em que se dá esse afastamento. Kruks (2001), por exemplo, aponta como a visão beauvoiriana de liberdade, já presente nos primeiros escritos da autora, não só se contrapunha à de Sartre como foi tardiamente assumida por ele. Para Kruks e outras pesquisadoras, Beauvoir nunca adotou a perspectiva sartreana de uma liberdade ilimitada e absoluta do sujeito e, ao contrário de Sartre, incorporou desde muito cedo em seus textos uma das questões essenciais do pensamento sociológico que é a preocupação em como articular a possibilidade de agência do sujeito e as limitações das estruturas sociais. Beauvoir é, nesse sentido, uma autora fundamental para pensar a constituição da subjetividade e da ação.

⁹ Em Beauvoir, o social e o histórico são constitutivos da situação, mas não a abarcam por completo. A experiência das relações de poder e reciprocidade também contribuem para configurar a situação do indivíduo.

FULLBROOK, 2008)¹⁰. Inicialmente marcada por um viés metafísico, a atenção que Beauvoir dá à alteridade se torna cada vez mais concreta ao longo de sua trajetória. Se Beauvoir se deteve mais longamente à condição de alteridade das mulheres, isso se deve a uma confluência de fatores, como sua perspectiva existencialista e fenomenológica, o sucesso de *O segundo sexo*, as constantes solicitações para que ela retornasse ao debate dessa questão, suas escolhas e interesses pessoais, a própria identidade como mulher e sua identificação com o feminismo.

Antes mesmo de *O segundo sexo*, Beauvoir já havia investigado o tema da alteridade em sua peça *Les bouches inutiles* (1945) – em que aborda as relações entre família, gênero, idade e poder – e em seu ensaio sobre sua visão da cultura estadunidense, *A América dia a dia* (1948), em que reflete, entre outras coisas, sobre a opressão racial. Depois de *O segundo sexo*, essa investigação continua, por exemplo, na discussão sobre a convergência entre o poder de classe e de dominação sexual em “Deve-se queimar Sade?” (1955) e nas reflexões sobre colonialismo, racismo e gênero em seus artigos sobre a militante argelina Djamilia Boupacha (1962). O tema da alteridade perpassa ainda sua discussão sobre o Holocausto, em seus prefácios ao roteiro do filme *Shoah* (dirigido por Claude Lanzmann, 1985) e ao livro *Treblinka* (de Jean François Steiner, de 1966), sobre o envelhecimento em *A velhice* (1970), sobre as diferentes experiências das mulheres em textos feministas publicados em jornais e revistas e nas reflexões sobre a infância e as diferenças de classe e gênero na socialização em capítulos inéditos de *A convidada*.

Esses e outros escritos inspiraram a proposta desta tese de articular textos beauvoirianos com o paradigma da interseccionalidade, principalmente porque uma das principais críticas contemporâneas a Beauvoir é de que seu projeto intelectual já não é relevante devido à inexistência de uma abordagem interseccional em *O segundo sexo* (ver, por exemplo, Gines, 2017 e Spelman, 1998) e ao fato de que sua obra contempla apenas a visão das mulheres europeias brancas da classe média intelectualizada (Okeley, 1998).

Embora tais críticas ajudem a perceber os limites do pensamento beauvoiriano, também podem ser entendidas como parciais, não apenas por concentrarem-se em *O segundo sexo* como por desconsiderarem o processo de transformação do pensamento beauvoiriano e a

¹⁰ Tanto Simons como Fullbrook e Fullbrook consideram também que o tema da alteridade aparece na obra de Sartre sob influência de Beauvoir, inaugurando uma discussão que tem forte peso na reavaliação das contribuições de Beauvoir para a filosofia ocidental.

abordagem fenomenológica de Beauvoir, em que o sujeito só pode falar a partir de sua própria experiência, limitando as possibilidades de leitura do *corpus* beauvoiriano.

Assim, a hipótese central deste trabalho é de que Beauvoir enxerga a confluência de diferentes tipos de opressão e de que o conceito de situação permite a ela não apenas pensar a tessitura das opressões como refletir sobre aspectos sociais e políticos do que foi conceituado posteriormente como interseccionalidade.

A noção de situação permitiu a Beauvoir se deter em questões como a construção social de grupos oprimidos, a experiência de discriminação e o acesso a privilégios. Essas discussões a levaram a aprofundar a análise de temas centrais para a teoria feminista a respeito da política do corpo, do viés de gênero na produção literária e teórica, da condição das mulheres nas sociedades colonizadas, da posição de inferioridade reservada às mulheres nos encontros eróticos heterossexuais, da ética e da responsabilidade social dos sujeitos em relação aos outros, mas muito desse debate foi encoberto ao longo de décadas.

Estudar Beauvoir no Brasil

A intenção de realizar uma pesquisa sobre a obra de Beauvoir me acompanha há muito tempo, mas a pesquisa apresentada aqui começou a ganhar seus contornos a partir da leitura de uma de suas biografias – *Simone de Beauvoir: a Biography* (1990), de Deirdre Bair. No livro, escrito com base em entrevistas exclusivas com Beauvoir e a partir de acesso a alguns de seus documentos pessoais até então inéditos, como cartas e diários, Bair relata:

Simone de Beauvoir disse que acolheria positivamente a oportunidade de falar sobre sua vida porque ninguém antes de mim havia sugerido escrever sobre toda sua obra. Atualmente, ela continuou, apenas as mulheres queriam escrever sobre ela e estavam interessadas apenas em seu feminismo. O que era importante para ela, claro, mas ela também queria ser lembrada pelas pessoas como autora de muitos gêneros diferentes (BAIR, 1990, p. 13)¹¹.

O desejo de Beauvoir inspirou a proposta de trabalhar, então, com toda sua obra, mas ao longo da leitura dos textos, essa tarefa se revelou inviável para um único projeto de pesquisa, uma vez que ao menos um recorte temático se impunha. Delineado, então, o interesse

¹¹ No original: *Simone de Beauvoir said she would welcome the chance to talk about her life because no one before me had proposed to write about all her work. Nowadays, she continued, only women wanted to write about her and they were interested only in her feminism. This was very important to her, of course, but she did so want people to remember her as a writer of many different genres.*

principal da pesquisa, selecionei diversos textos – perpassando grande parte da produção intelectual beauvoiriana.

Foi ao longo desse processo de avaliação do tema de pesquisa que pude constatar que os estudos sobre Beauvoir no Brasil são quase inexistentes. Na área de estudos feministas e de gênero praticamente não se discute seu pensamento. Suas obras são eventualmente utilizadas como referencial teórico, em geral em estudos literários de obras de mulheres ou sobre a velhice e, fora da área de filosofia, apenas seus romances e memórias são analisados¹².

Na América Latina, e no Brasil em especial, são poucos os estudos que se aprofundam especificamente na preocupação social de Simone de Beauvoir ou mesmo que investigam a recepção de suas obras pelos feminismos locais. No Brasil, embora seja sempre citada como uma influência do movimento feminista, são poucas as pesquisas e os testemunhos que consolidam essa afirmação¹³. Alguns dados esparsos, entretanto, ajudam a traçar um brevíssimo panorama dessa questão no campo das ciências sociais.

Nos anos 1960, as pesquisadoras Heleieth Saffioti e Eva Blay fizeram leituras muito semelhantes da obra de Beauvoir. Saffioti comentou brevemente sua experiência em entrevista concedida em 2008 a Méndez (2010). Ela relatou que, apesar de conhecer *O segundo sexo* e citá-lo em sua tese de livre docência, foi mais impactada pela leitura de *A mística feminina*, de Betty Friedan. Esse impacto, reconheceu ela então, a levou a um equívoco. Saffioti diz ter atribuído a Friedan muitas ideias que foram apresentadas originalmente por Beauvoir, mas apropriadas pela autora estadunidense sem o devido crédito.

O relato de Eva Blay é bastante semelhante. Em uma entrevista concedida à revista *Pesquisa Fapesp* em 2012 (MARQUES, 2012, p. 43), Blay relatou que *O segundo sexo* circulou no País nos anos 1950, “mas não teve a repercussão que hoje se diz” e que, no seu caso, foi a leitura de Betty Friedan em 1964 (e em francês) que a influenciou a seguir a trajetória dos estudos feministas.

¹² Um relato mais detalhado da distribuição dos estudos sobre Beauvoir no Brasil é apresentado no Apêndice B, ao final deste trabalho.

¹³ Preencher essa lacuna pode ser fundamental para compreendermos historicamente a relação dos estudos feministas e de gênero produzidos aqui com as teorias vindas dos Estados Unidos e da Europa, mas trata-se de um esforço que dependeria de várias pesquisadoras e de uma maior consolidação dos estudos beauvoirianos no País.

Nos anos 1970, quando se intensificaram as relações entre os feminismos do Brasil e da França, *O segundo sexo* se tornou uma leitura mais frequente entre as feministas brasileiras no exílio e as militantes das classes médias – em especial entre as feministas marxistas do grupo clandestino *Debate* e entre as integrantes dos jornais *Nós Mulheres* e *Brasil Mulher*. Esse, entretanto, é um momento politicamente conturbado, de resistência à ditadura e, como lembra Quartim de Moraes (1996), nesse contexto político, embora inspiradas em Beauvoir e também em Alexandra Kollontai, as feministas tinham o desafio de articular temas como a opressão social e a subjetividade da mulher, questões que também incluíam um diálogo com a psicanálise, que é criticada em *O segundo sexo*.

Borges (2008) aponta que muitas leitoras, apesar de atualmente reconhecerem a importância de Beauvoir, na época consideraram *O segundo sexo* um texto de difícil apreensão e leitura, não apenas por seu conteúdo, mas pela forma como é apresentado, com o uso contínuo do paradoxo na argumentação, comentários críticos e uma metodologia incomum. Muitas feministas reconheceram que não chegaram a ler o texto na época de seu lançamento ou circulação no Brasil e que apenas mais tarde, após seu próprio amadurecimento intelectual e a expansão do feminismo, se dedicaram ao texto. Nesse sentido, a personalidade de Beauvoir, sua atitude libertária, seu estilo de vida incomum e o alvoroço midiático em torno dela foram os elementos que, mais do que sua obra, a transformaram em uma figura inspiradora para as feministas das classes médias.

Em países como Argentina, Chile, México e Uruguai, segundo André (2001), o texto beauvoiriano também influenciou mais as feministas das classes médias e altas por sua mensagem não conformista em relação à maternidade e ao casamento e por sua teoria sobre o Outro. Mas André (2001, p. 11, nota 5) aponta para uma especificidade importante da recepção de *O segundo sexo* na América Latina: ao contrário das leitoras estadunidenses e europeias, as latino-americanas não enxergaram na obra o ponto de vista masculinista, individualista e avesso às soluções coletivas para os problemas das mulheres que os feminismos anglo-americanos e franceses tanto criticaram. Essa observação é relevante para pensarmos as interpretações situadas no momento de recepção e as interpretações “importadas” por meio da entrada das teorias anglo-americanas e europeias de gênero na América Latina, uma questão que já aparece nos testemunhos de Blay e Saffioti.

A diferença, no caso brasileiro (que não aparece destacada nas análises de Borges e de André), é que Beauvoir esteve no Brasil em 1960, por um período de aproximadamente

dois meses: circulou pelos meios intelectuais, fez algumas conferências, concedeu entrevistas a jornais. Embora o impacto desse acontecimento só possa ser avaliado em um estudo específico, o que os registros jornalísticos dessa viagem mostram é que Beauvoir era tratada como autora de obras de ficção e como a “esposa” de Jean-Paul Sartre. Em um registro fotográfico famoso da época, Beauvoir aparece cercada de leitoras que estendem a ela livros para autógrafos: alguns dos livros são edições brasileiras de *Com a morte na alma*, um dos títulos da trilogia “Os caminhos da liberdade”, de Sartre. Uma imagem que ilustra bem a ideia de que Beauvoir ainda era vista como uma discípula do companheiro mesmo por aqui e que se atribuía sua empreitada teórica e literária a uma espécie de dedicada submissão a ele – ou seja, nessa visão, o afetivo predominava sobre o intelectual, numa reprodução da relação tradicional mestre-aprendiz analisada por Le Dœuff (1989).

A relativa fragilidade das informações a respeito das relações das primeiras feministas brasileiras com obra beauvoiriana e a quase inexistência de estudos feministas e de gênero contemporâneos sobre Beauvoir demonstram que existe uma lacuna acadêmica em relação à pesquisa sobre seu pensamento no Brasil.

Percurso de pesquisa

A realização deste estudo no campo das ciências sociais se justifica, inicialmente, pelo fato de a sociedade e as relações entre indivíduo e coletividade serem centrais no pensamento beauvoiriano.

Além disso, hoje, Beauvoir pode ser lida não apenas como precursora dos estudos feministas e de gênero, como tem sido ao longo das últimas décadas, mas como uma pensadora relevante para uma infinidade de debates no campo das ciências sociais, como demonstram alguns estudos contemporâneos. Entre eles, é possível destacar a investigação de como as ideias de Beauvoir podem ser úteis na investigação da história da clínica de pessoas trans (ANTONOPOULOS, 2017), de questões éticas da teoria queer (HENGEHOLD, 2017b), da violência sexual em conflitos armados e da degradação de trabalhadoras sexuais (BERGOFFEN, 2017), da discussão política da produção cinematográfica (MARSO, 2017b). A instrumentalização empírica dos conceitos e ideias apresentados por Beauvoir, entretanto, é um processo que decorre do debate teórico sobre seu pensamento.

Enxergo como objetivo geral deste trabalho produzir uma contribuição para esse debate. Além disso, em termos específicos, pretendo demonstrar a relação do pensamento

beauvoiriano com o paradigma da interseccionalidade, de modo a sugerir um ponto de articulação entre suas ideias e futuras pesquisas empíricas.

Penso também que é interessante pensarmos nos estudos sobre sua trajetória e sobre o tratamento recebido por sua obra no campo intelectual como a análise de um caso revelador sobre como se dá culturalmente no campo das ciências humanas em sociedades ocidentais a recepção, a apropriação e a problematização das obras de mulheres. O caso de Beauvoir é extremamente relevante devido ao movimento dialético que podemos perceber no processo de recepção de sua obra, em que seu nome se torna extremamente conhecido, mas seu pensamento é relativamente pouco estudado, em que suas ideias são consideradas ultrapassadas, mas plagiadas e apropriadas sem crédito (cf. BURAWOY, 2010), em que sua famosa frase sobre se tornar mulher é infinitamente repetida e reproduzida, mas o restante da obra é mantido na sombra.

Como mulher em um grupo intelectual reconhecido em meados do século XX, Beauvoir tem muito a nos revelar sobre o papel, as limitações, as complicitades, as revoluções e a ambiguidade da condição das mulheres no campo intelectual, tanto em sua época como hoje, quase oitenta anos depois (considerando que ela iniciou sua atividade como intelectual pública no início dos anos 1940). Pesquisadoras de sua obra (SIMONS, 1999; ALEXANDER, 2003; KRUKS, 2005) demonstraram que houve um silenciamento de Simone de Beauvoir na filosofia e no campo de estudos de gênero.

A partir da necessidade de investigar em profundidade a obra de Beauvoir, é sobretudo com pensadoras feministas dedicadas exclusivamente ao seu pensamento que se constitui a principal dívida deste trabalho. As pensadoras mais influentes no processo de pesquisa – do projeto à conclusão – foram certamente Margaret Simons, Sonia Kruks, Sylvie Chaperon, Michèle Le Dœuff, Christine Daigle, Ursula Tidd, Debra Bergoffen que adotam uma postura crítica em relação à leitura pós-estruturalista de Simone de Beauvoir. Na busca de uma visão mais ampla do diálogo dos feminismos contemporâneos com a obra da autora, entretanto, também recorri a pesquisadoras que produzem uma crítica pós-estruturalista de seu pensamento, entre elas Wendy Brown, Judith Okely, Mary Evans, Elizabeth Spelman e Toril Moi, devido à grande contribuição dessas autoras para os chamados estudos beauvoirianos.

Apesar de existirem entre todas as pensadoras citadas diferenças filosóficas profundas, que vão além da crítica ou do alinhamento com o pós-estruturalismo, todas elas concordam que a obra beauvoiriana precisa ser reinterpretada devido às lacunas que resultaram

do processo de recepção inicial de seus textos e têm se dedicado intensivamente a esse trabalho¹⁴.

Nesta pesquisa, ao contrário de abordar o tema a partir da perspectiva de que “a vida explica a obra” de uma pensadora, parto de outro ponto de vista. A pensadora, também feminista, também militante, Susan Sontag (1933-2004), diz: “Não se pode interpretar a obra a partir da vida. Mas pode-se, a partir da obra, interpretar a vida”. Essa proposição sugere algo muito além do procedimento comum que consiste em encontrar na vida de uma autora o centro do qual emana toda uma obra. A sugestão passa a ser colocar a obra no centro, e com ela, as relações intelectuais, ideias e premissas que problematizam o contexto social, político, histórico e intelectual em que se produz a obra. Sontag escreveu aquelas palavras em um ensaio sobre Walter Benjamin (“Sob o signo de Saturno”, 1978) em que demonstra como os temas predominantes nos escritos dele (por exemplo, a solidão, a melancolia, o *flâneur*) são abordados por meio de instrumentos e conceitos filosóficos em um movimento intelectual que vai contra a própria filosofia e resvala para a experiência vivida. Na busca por tais temas, Benjamin, em certo sentido, reformula os movimentos de existir para experimentá-los.

Mais uma vez, inspiro-me em Sontag para pensar os textos de Beauvoir não como emanções diretas das experiências vividas por ela, mas o inverso: tais obras foram necessárias para que suas experiências tenham se configurado de determinada maneira. Isso não significa aqui excluir qualquer relação cronológica entre a obra e a vida, mas sobretudo pensar que, mais do que escrever algo porque viveu aquela experiência, a autora vive determinadas experiências porque as transforma em obra.

No caso de Beauvoir, isso acontece principalmente por meio da criação ficcional, do trabalho de arqueologia das obras memorialísticas em que recordar é recontar-se e também de um trabalho de reflexão teórica, que é privilegiado neste trabalho. Essa abordagem permite que eu concentre minha atenção em seus textos, sem precisar recontar sua história de vida – na

¹⁴ Por considerar que uma discussão sobre as diferenças mais profundas entre essas autoras extrapolaria o objetivo e o campo de estudos deste trabalho, não me ative a uma análise dessa questão. Outra questão que não explorei, pelo mesmo motivo, foi o debate sobre a crítica de Judith Butler ao trabalho de Beauvoir. Decidi não abordar aqui esta questão porque a leitura que Butler faz de Simone de Beauvoir exige certamente uma análise particular, uma vez que são pelo menos cinco (BUTLER, 1986; 1987; 1989; 2003; 2006) os textos em que a autora estadunidense se atém a textos de Simone de Beauvoir e sua interpretação se transforma ao longo do tempo. Além disso, sua crítica se baseia em uma leitura sartreana dos conceitos utilizados por Beauvoir, localizando-se fora da abordagem adotada neste trabalho.

verdade, já amplamente conhecida – e, principalmente, sem precisar explicar Simone de Beauvoir ou sua vida.

Acredito, aliás, que Beauvoir ultrapassa qualquer tentativa de explicação, não apenas pela mulher que foi, mas porque todas nós, leitoras de sua obra, trazemos em nosso imaginário uma visão particular. Beauvoir pode ter sido a mulher libertária ou a mulher submissa, a mulher revolucionária ou a “mulher álibi”, pode ter sido a mulher de muitos amores heterossexuais ou a mulher de muitos amores homossexuais, ou apenas uma mulher de muitos amores, pode ser a intelectual ou a literata, a militante política da Resistência Francesa ou do feminismo francês, ou apenas uma escritora que colocava sua pena a serviço de ideias, sem de fato militar para ver tais ideias concretizadas, pode ter sido a mulher depressiva e a mulher que amava a vida.

Quaisquer que sejam as imagens que temos de Beauvoir – e por mais que essas imagens influenciem o modo como cada uma de nós, suas leitoras, interpretamos sua obra –, nenhuma delas nos dará acesso “à verdadeira” Simone de Beauvoir. É muito provável, aliás, que todas essas imagens não correspondam a nada além de peças de um quebra-cabeças que todas desejamos completar ao ler seus textos, mas nenhuma delas se encaixa, porque há mais peças ausentes do que disponíveis.

As inúmeras imagens que as leitoras têm de Beauvoir esbarram em um ponto em comum: ela era uma mulher que escrevia. Devido à diversidade dos gêneros de escrita explorados pela autora, dos temas abordados e das áreas de conhecimento implicadas em seu pensamento, a escolha por analisar sua produção intelectual exige a interlocução com outras disciplinas. *O segundo sexo* e *A velhice*, por exemplo, são trabalhos lidos, comentados e apropriados por diversas áreas do conhecimento, da filosofia à literatura, da gerontologia ao serviço social, da enfermagem ao estudo do design e das novas tecnologias (cf. Apêndice B).

Minha intenção nesta pesquisa não é percorrer caminhos tão diversos e distantes, mas trazer de algumas outras disciplinas elementos necessários à compreensão dos textos beauvoirianos, do contexto de sua recepção e interpretação ao longo das décadas, a fim de complementar com algumas informações aquilo que o campo das ciências sociais pode nos dizer sobre ela: as relações a partir das quais se construiu seu lugar no campo intelectual, os temas de teoria social que perpassam seu pensamento, o modo como suas ideias se inserem no contexto das relações de gênero, de poder e de hierarquias de sua época, por exemplo.

Esta pesquisa se iniciou com a leitura de suas memórias (ou autobiografias), cartas e diários. Esse mergulho inicial na narrativa que Beauvoir constrói sobre si mesma não teve a intenção de buscar explicações sobre sua vida nem dados inquestionáveis – até porque, como lembra Simons (2010), lidar com os textos memorialísticos de Beauvoir como fontes exige das pesquisadoras uma atitude de suspeita constante. O que busquei ali foi uma perspectiva geral de sua produção intelectual: a cronologia de suas obras, os temas e preocupações que esses textos abordavam, a relação de Beauvoir com o seu tempo histórico e com os diferentes tempos da escrita de si, aspectos de sua situação¹⁵. A partir daí, defini os textos que poderiam ter especial interesse para os objetivos da pesquisa.

Após essa leitura exploratória, iniciei o trabalho de leitura e releitura dos textos, que foi orientado pela perspectiva hermenêutica de Paul Ricœur. A hermenêutica crítica de Ricœur é, a um só tempo, uma abordagem filosófica e um modelo metodológico para as ciências humanas, a literatura e as ciências sociais. É nesse último sentido que busco nele o referencial para este trabalho.

Como propõe Paul Ricœur (1989 e 1990), a abordagem hermenêutica exige um distanciamento em relação às intencionalidades originais da autora estudada. Na perspectiva de Ricœur, esse distanciamento dota o texto de uma autonomia que possibilita sua leitura e sua interpretação para além do contexto de produção da obra e abre a possibilidade para uma série de novas interpretações e para a nova contextualização por quem o lê no momento em que o lê (sendo que essa leitura é sempre situada).

Outro aspecto da perspectiva de Ricœur que foi fundamental para a reflexão sobre os textos selecionados foi a ideia de que a leitura interpretativa se dá por meio de um processo dialético entre explicação (uma tarefa analítica que busca evidenciar as implicações do texto) e compreensão (uma tarefa de síntese, de reconfiguração de sentidos), sendo que a tarefa de leitura busca menos desvendar sentidos ocultos nos textos e mais a propor e discutir sentidos possíveis do texto.

Essa proposição coloca o trabalho de leitura interpretativa realizado aqui em consonância com a perspectiva feminista deste trabalho, que não tem pretensões de objetividade, neutralidade ou verdade, mas se coloca como uma interpretação que é atravessada

¹⁵ O aspecto das temporalidades diversas de escrita e reescrita da própria vida nos escritos íntimos e memorialísticos de Beauvoir é explorado por Martin-Golay (2013).

por um “ponto de vista” – de gênero, identidade étnico-racial, classe social, posição geográfica e acadêmica – a partir do qual escrevo.

Para um trabalho de discussão teórica, como este, acredito ainda que o pensamento de Ricœur é útil para o processo de interpretação a partir de suas noções de prefiguração, configuração e refiguração. Para Ricœur, a produção de novos sentidos da obra se dá pela passagem de um mundo prefigurado para um mundo refigurado. Essa passagem parte dos elementos anteriores ao texto e que informam o processo de interpretação (o mundo prefigurado da linguagem, a compreensão prévia do mundo, a dimensão temporal do texto e a própria vivência da leitora), atravessa a configuração do texto (a estrutura, a “trama” do texto, seus elementos mais profundos) para chegar a uma refiguração (que é o ato da leitura em si, em que a leitora opera a recriação de sentido da obra).

O processo hermenêutico, como entendido por Ricœur, portanto, não é puramente subjetivo, tem como condição a historicidade da leitora, que se abre para o texto a partir de sua situação. No caso da leitura que se faz aqui, essa situação inclui o ponto de vista da crítica feminista e “feminina”:

a ideia de situação de leitura, para ser feminina, precisa radicalizar-se ao ponto de problematizar não só a verdade da interpretação, como também a verdade (feminina) do intérprete desta verdade. A leitura feminina é tensa; aplica e desaplica a ideia de mulher; crê e não crê na ideia (COSTA, 2014, p. 5).

Esses elementos intervêm na construção do tema, nos recortes, na experiência de leitura e de refiguração dos textos apresentados a seguir. O método que utilizo aqui não é o de apresentar uma análise exaustiva das discussões de cada uma das obras, mas a interpretação dessas discussões a partir de uma síntese centrada especificamente na questão da situação.

O primeiro capítulo desta tese traz uma revisão bibliográfica dos estudos beauvoirianos, um histórico da recepção de sua obra e uma crítica a várias interpretações que foram construídas sobre ela ao longo de décadas. O capítulo se baseia, principalmente, na ideia de campo intelectual, originária da obra de Bourdieu, mas aplicada também por outros sociólogos que, apesar de se associarem a correntes sociológicas diferentes, pensam as relações de forças conflituosas que se estabelecem entre agentes envolvidos nas atividades intelectuais, como Randall Collins.

Adoto o ponto de vista de que Beauvoir foi uma pensadora autônoma em relação a Sartre, ainda que ambos tenham se influenciado mutuamente (DAIGLE, 2017), e também uma filósofa importante para definir o existencialismo tal como essa corrente filosófica é

compreendida hoje (ARP, 2017). Entretanto, penso em Beauvoir não estritamente como uma filósofa, mas como uma pensadora que buscava superar fronteiras disciplinares e que produziu uma teoria social, ainda que não sistematizada, em que nos apresenta uma nova categoria de análise (a mulher), estabelece as diferenças sociais como relacionais, analisa conceitualmente as instituições que têm papel central na opressão de vários grupos sociais, analisa as categorias de diferenciação desses grupos e busca fornecer elementos para um projeto emancipatório de sociedade (BEAUVOIR, 2007 [1949]).

Além disso, a revisão bibliográfica apresentada, em vez de privilegiar a visão de determinadas pensadoras ou correntes de pensamento sobre Beauvoir, busca destacar as principais críticas feitas ao pensamento beauvoiriano ao longo das décadas e como essas críticas colaboraram para esse fenômeno que foi caracterizado como o silenciamento de Simone de Beauvoir, demonstrando brevemente como e por que foram construídas interpretações equivocadas sobre o pensamento beauvoiriano que levaram a uma opacidade de alguns aspectos de seu pensamento, entre eles a possível relação entre o conceito de situação em Beauvoir e a contemporânea preocupação em compreender a interseccionalidade de diferentes formas de opressão.

O Capítulo 2 é dedicado a investigar a gênese do conceito de situação em Beauvoir e como ele aparece em suas primeiras obras. Esse capítulo busca elucidar o que Beauvoir compreende conceitualmente por situação e que implicações isso tem em sua compreensão de sujeito, investigação relevante para esta pesquisa porque em nenhum momento de sua obra Beauvoir se detém em construir uma definição precisa do que entende por situação. Como o conceito de situação é compartilhado por intelectuais existencialistas, não necessariamente com o mesmo significado, é importante entender suas especificidades para Beauvoir e o modo como ela é despertada para a relevância desse conceito no contexto daquilo que chamou de sua conversão para a política.

O Capítulo 3 é dedicado à discussão de como Beauvoir aborda as situações de alteridade que são os pilares de sua discussão sobre sujeitos em situação. Início o capítulo com uma leitura de *A América dia a dia* (1947), em que Beauvoir aborda a questão racial nos Estados Unidos e antecipa alguns aspectos de seu livro sobre a situação das mulheres. Depois, discuto as obras *O segundo sexo* (1949) e *A velhice* (1970) que, embora produzidas em momentos bastante diferentes de sua trajetória intelectual, têm em comum a metodologia de análise e a

preocupação em abordar condições de alteridade nas quais Beauvoir reconhece e projeta a própria experiência vivida.

No Capítulo 4, abordo alguns textos escritos entre 1954 e 1971. São desse período seus ensaios sobre o Marquês de Sade (1955), em que aborda questões de sexualidade e poder, e também o texto sobre a imigrante argelina Djamilia Boupacha (1962), no qual ela aborda o racismo francês em relação especificamente ao povo argelino.

O quinto e último capítulo é dedicado aos textos produzidos a partir da década de 1970, quando Beauvoir intensificou a publicação de artigos marcadamente feministas. Esses textos, ao contrário dos anteriores, não se construíram apenas com base em suas ideias e postura feministas, mas em seu direto diálogo e militância no movimento feminista francês. Diferentemente de *O segundo sexo*, que foi uma obra escrita em isolamento em relação aos grupos feministas, esses textos têm um papel marcadamente militante.

Na Conclusão, retomo alguns pontos das discussões apresentadas ao longo do texto e defendo que a leitura das obras beauvoirianas, tomadas em conjunto e entendidas como um projeto intelectual amplo, com continuidades, mudanças, equívocos, reformulações e acertos, abre a possibilidade para uma relação renovada com seu pensamento, tendo em vista o paradigma da interseccionalidade.

Em 2019, completam-se 70 anos da publicação de *O segundo sexo*. Em janeiro de 2018 completaram-se 110 anos do nascimento de Simone de Beauvoir e em abril de 2018, serão lembrados os 32 anos de sua morte. Muitas décadas se passaram, muitas novas ideias foram produzidas, muitas intelectuais hoje vivas, militantes, profundamente engajadas com os feminismos e todos os seus desdobramentos, nos oferecem reflexões frescas, situadas em nosso tempo, gestadas a partir de reflexões sobre questões concretas que marcam as angústias e inseguranças, os privilégios e opressões do século XXI.

Então, por que buscar uma relação renovada com o pensamento beauvoiriano? Juntamente com Stella Sandford, acredito que uma possível e simples resposta é que o pensamento de Simone de Beauvoir pode nos ajudar a responder muitas dessas questões.

Por que a responsabilidade pela criança e outros cuidados recaem desproporcionalmente sobre as mulheres, de modo que é vivenciada como um fardo? Por que as mulheres ainda recebem menos ao realizar os mesmos trabalhos que os homens? Por que o estupro de homens contra mulheres ainda é predominante, assumindo formas novas, possibilitadas quimicamente? Por que as meninas ainda são encorajadas a sonhar como o príncipe encantado? Por que as revistas pueris, sexistas, ainda são tão populares entre os homens? Por que as mulheres concordam em aparecer

nelas? Por que as revistas para mulheres supõem que o relacionamento heterossexual é a maior prioridade de todas as mulheres? Por que tantas jovens e mulheres adultas odeiam e ferem seus corpos saudáveis? Por que o envelhecimento é visto como uma catástrofe por tantas mulheres? Até que não precisemos mais colocar essas questões, um bom conselho seria que não presumíssemos que Beauvoir não tem nada relevante a nos dizer sobre as existências de homens e mulheres hoje. (SANDFORD, 2007, p. 68)¹⁶.

¹⁶ No original: *Why does the responsibility for child and other care fall disproportionately to women, such that it is experienced as a burden? Why are women still paid less for doing the same work as men? Why is male on female rape still so prevalent, taking new, chemically facilitated forms? Why are little girls still encouraged to dream of marrying a prince? Why are puerile, sexist magazines so popular among men? Why do women consent to appear on them? Why do women's magazines presume that heterosexual partnering is the priority for all women? Why do so many girls and women hate and harm their healthy bodies? Why is ageing still seen as such a catastrophe for so many women? Until we no longer need to ask these questions, we would be well advised not to presume that Beauvoir does not have anything relevant to say about men and women's existences today.*

CAPÍTULO 1 – SOB O SIGNO DA AMBIGUIDADE

Ao longo de sua trajetória intelectual, Beauvoir adotou uma categoria que norteia todo seu pensamento, a categoria da ambiguidade. Originalmente, esse conceito, que ela persegue já desde seu primeiro romance e seu primeiro ensaio filosófico – *A convidada* e “Pirro e Cineas” (ambos de 1943) –, se inscreve na análise da relação entre o sujeito e o Outro¹⁷. A um só tempo, somos sujeitos e objetos em toda relação – sujeitos em nossa consciência individual, objetos para o Outro. A um só tempo, o Outro é sujeito e objeto, sujeito quando se opõe à nossa consciência, em certa medida reconhecendo-a, objeto quando se submete. Essa ambiguidade, subjacente a todas as relações sociais, não significa necessariamente um conflito¹⁸. No âmbito das relações sociais, dominação, generosidade e cumplicidade são atravessadas pela ambiguidade conflituosa, mas existe sempre a possibilidade do encontro e da reciprocidade, em que o outro é reconhecido também como sujeito.

Essa ideia de ambiguidade se desdobra, na obra beauvoiriana, em um tratamento mais específico em *Por uma moral da ambiguidade* (1947) e *O segundo sexo*, textos nos quais ela explora a questão do sujeito como ambíguo e situado. Esses aspectos da ambiguidade, entretanto, quase não são explorados nos estudos beauvoirianos – em parte, talvez, porque, como Beauvoir acreditava, o tratamento que ela deu à questão nos textos iniciais era abstrato demais.

Em *O segundo sexo*, a partir do estudo das relações de desigualdade entre os sexos e da opressão, a abordagem beauvoiriana da ambiguidade assume o caráter de concretude que ela buscava em sua obra teórica. Mas as condições intelectuais, políticas e sociais em que o texto foi produzido, o escândalo provocado pelo texto e as críticas hostis aos aspectos considerados imorais da obra (sexualidade, direitos reprodutivos e a “desnaturalização” da condição da mulher) acabaram encobrindo o debate sobre a ambiguidade do sujeito, prevalecendo uma interpretação binária da abordagem que Beauvoir faz da relação eu/Outro.

¹⁷ Em *Le Deuxième Sexe*, Beauvoir adota a grafia *Autre* (Outro) com maiúscula quando pretende se referir ao sujeito que não é reconhecido como sujeito, que é objetificado, e a grafia *autre* (outro) com minúscula para se referir ao sujeito reconhecido como tal nas relações de diferença, destacando assim a coexistência ética na diferença. Busco adotar aqui esta distinção.

¹⁸ No que Beauvoir difere de Sartre, para quem toda relação era conflituosa.

Essa interpretação é corroborada pelo incômodo causado pela abordagem beauvoiriana de outro par conceitual empregado em sua análise: transcendência e imanência. Para Beauvoir, entretanto, imanência e transcendência também são compreendidas de modo relacional e ambíguo, sendo a imanência a atitude de submissão às estruturas sociais sustentadas pelo discurso ideológico das abstrações, do determinismo biológico e dos mitos e a transcendência a agência do sujeito. Transcendência e imanência, entretanto, não se anulam mutuamente, mas são possibilidades presentes em todas as escolhas do sujeito.

O modo como a questão da ambiguidade fica encoberta nas análises de *O segundo sexo* – são ao menos 20 menções ao termo ao longo do livro – pode ser entendido como um dos aspectos de um fenômeno que pesquisadoras de sua obra nomearam com o termo “silenciamento”, a partir de um texto de Margaret Simons (“The Silencing of Simone de Beauvoir: Guess What is Missing from *The Second Sex*”, 1983), que aponta as diversas omissões de conceitos, referências, personagens históricas e argumentos na tradução e condensação do texto para a edição em inglês. A partir do trabalho de Simons, diversas outras análises mostraram que esse processo não se deu apenas por meio da tradução e edição de *O segundo sexo* em inglês, mas também em outros textos e em outras obras.

A compreensão de como se deu esse silenciamento envolve diretamente uma compreensão das relações de gênero no campo intelectual e cultural dos países europeus e anglo-americanos. Beauvoir era uma mulher que escrevia sobre as mulheres em textos de ficção e não ficção, estava inserida em um campo do conhecimento e em um grupo intelectual fortemente dominado por homens e, logo após a Segunda Guerra Mundial, se dedicou a discutir temas como ética, ação política, alteridade.

Nos contextos das ciências humanas e da literatura, marcados pela resistência às pensadoras e criadoras (PONTES, 2010; SARLO, 2010), desvalorizar suas ideias e seu lugar de fala (“Você pensa assim porque é uma mulher”) era uma estratégia de marginalização¹⁹.

¹⁹ O ato de “pensar” raramente é associado a uma atribuição feminina, como refletem Sarlo (2010) e Pontes (2010) sobre contextos sociais diversos. Para pensar em como isso se dá, especialmente no campo da filosofia, além da análise de Beauvoir em *O segundo sexo* e de suas memórias, é interessante a entrevista que Hannah Arendt, pensadora que não compartilhava das ideias e do círculo de Beauvoir, concedeu em 1964 ao programa alemão *Zur Person* (disponível em <http://youtu.be/dsoImQfVsO4>, acesso em 20 nov. 2015). É sintomático que Beauvoir e Arendt sejam as duas únicas pensadoras que têm volumes dedicados a seus pensamentos na prestigiada série *Cambridge Companion to Philosophy, Religion and Culture*, que tem um total de 182 títulos. A Cambridge University Press, que edita a série, anunciou que pretende editar um volume sobre Judith Butler, sem data definida de lançamento.

No caso de Simone de Beauvoir, essa resistência é ainda mais marcante porque não se tratava apenas de conferir a uma mulher o *status* de pensadora tanto das questões metafísicas quanto do social e do cultural. Ao pretender inserir as reflexões sobre as mulheres entre as questões filosóficas, pela via do existencialismo, sistema filosófico que ocupava uma posição hegemônica na França e em toda a Europa do pós-guerra, a autora desestruturava categorias relativas a “como” e “o que” pensar. Com seu projeto intelectual, Beauvoir explicitava uma crítica direta que, se não era inédita, era rara, ao pensamento que se queria neutro e universal, expondo seu caráter parcial e específico.

Ao mostrar que as relações eu/outro raramente foram pensadas pela filosofia a partir das questões de diferenciação sexual, Beauvoir expunha uma fragilidade de todo o pensamento humanista: a ausência de reflexões críticas capazes de radicalizar as implicações políticas, sociais e filosóficas de um fato que, entretanto, era fundador de uma infinidade de diferenças nas relações sociais: o fato de que a todas as pessoas é atribuído um sexo no nascimento, o que atravessará todas as suas experiências e sua relação com as instituições sociais.

No campo intelectual e no campo político, a exposição dessa fragilidade foi um movimento radical. O caso de Beauvoir certamente não é o único a testemunhar o viés de gênero que existe na recepção de textos e ideias no contexto das ciências humanas: a produção de conhecimento pelas mulheres é submetida a processos padronizados de supressão e rejeição (como analisa, não sem certa dose de sarcasmo, Joanna Russ em *How to Suppress Women's Writing*, de 1983). Entretanto, os questionamentos sobre a forma hegemônica de produzir conhecimento científico, literatura, história, sociologia, psicanálise e mesmo de sustentar os mitos operantes nas relações sociais, presente em *O segundo sexo*, faziam dela não apenas uma voz incômoda, mas desestabilizadora da tradição intelectual. Como lembra Bourdieu (2004, pp. 15-25), há questões que não podem ser colocadas no interior do campo intelectual porque desestabilizam sua base, mas é por meio dessas transgressões que se cria um novo *habitus*²⁰.

O silenciamento de Simone de Beauvoir se deu, por exemplo, pela desqualificação

²⁰ É interessante notar aqui a crítica que Burawoy (2010, p. 143) faz ao conceito de *habitus*. Ele demonstra que é a partir do momento que Bourdieu se propõe a refletir sobre a dominação masculina que esse conceito se mostra limitado para captar as ambiguidades, contradições e resistências que se produzem no interior de um campo. Uma das principais críticas que resultam dessas limitações é a dificuldade de Bourdieu em falar sobre as mulheres em situação e de reconhecer seu débito com as mulheres que pensaram a dominação masculina antes dele, Beauvoir em especial. Em certo sentido, apesar da observação, Bourdieu era um conservador em relação ao *habitus* de seu próprio ofício.

de suas ideias com críticas que a julgavam por sua afetividade, reproduzindo preconceitos de gênero que ainda hoje se infiltram no campo intelectual. Também pela descontextualização histórica de suas ideias e da supressão de trechos de todos os seus livros editados em inglês nos anos 1950.

Até meados de 1990, o pensamento da autora – dentro e fora dos feminismos – sempre foi considerado uma aplicação da teoria sartreana a questões secundárias, ligadas à esfera privada e ao cuidado com o outro. Além disso, a Beauvoir é quase sempre reservado um lugar de destaque como romancista e memorialista – num deslocamento de sua importância do núcleo do pensamento social e político para o campo “satélite” da criatividade, quase como se houvesse uma hierarquia entre esses campos, de modo que se desqualifica sua teoria por meio do elogio de sua “inventividade”. Beauvoir, na verdade, transitava constantemente entre ambos os campos²¹.

A ideia de silenciamento de Simone de Beauvoir, entretanto, carrega certa contradição, pois poucas mulheres intelectuais de sua época tiveram tanto espaço para a divulgação de suas ideias e conseguiram reverberar sua voz tão além de seu próprio grupo intelectual. Isso se deu não apenas por meio de seus livros, mas em conferências em diversos países, artigos em jornais e revistas, uma infinidade de entrevistas concedidas ao longo de sua vida e também por seu papel não apenas como escritora, mas também como editora de uma das mais influentes revistas intelectuais da Europa da Guerra Fria, criada em 1945: *Les Temps modernes*²². Além disso, a partir do momento em que Beauvoir entra em evidência no cenário intelectual – embora nem sempre por meio de suas ideias –, é difícil estabelecer concretamente os termos desse silenciamento e mesmo em que medida o “sucesso” de Beauvoir é um reflexo desse silenciamento.

Chega a ser um paradoxo pensar que uma autora tão amplamente citada, e

²¹ E, mais do que isso, como mostram desde seus diários de juventude e dos anos de guerra até alguns de seus artigos mais importantes e ignorados (*“Littérature et métaphysique”*, de 1946; os artigos sobre a literatura produzidas por mulheres publicados em 1947 em inglês, nos Estados Unidos e o texto *“Mon expérience d’écrivain”*, de 1966), Beauvoir questionava as separações hierárquicas entre esses dois campos.

²² A importância do papel de Beauvoir na publicação ainda está para ser investigado, mas cabiam a ela as atividades editoriais essenciais – e mais trabalhosas – como a leitura e seleção de originais recebidos e a tradução de textos em outros idiomas, especialmente o inglês, bem como a sugestão de alterações a autoras e autores de artigos e tarefas administrativas cotidianas. A Sartre cabia principalmente o trabalho político, os contatos e a redação dos próprios textos a serem publicados. As atividades de Sartre na revista já foram analisadas por Boschetti (1985), mas uma análise sobre Beauvoir poderia ser esclarecedora sobre a divisão do trabalho intelectual no interior da parceria estabelecida por eles e também sobre as relações de gênero no campo intelectual francês do pós-guerra.

atualmente tão popular nas redes sociais quanto foi na Paris dos anos 1950, possa ter sofrido um processo de silenciamento. Porém, se tomarmos a noção de ambiguidade de Beauvoir e a aplicarmos à análise da recepção de sua obra é possível identificar um processo de dissolução do sujeito Simone de Beauvoir, por meio da objetificação de sua afetividade e do uso que ela fazia de suas ideias, transformando-a na “*femme-alibi*” (BEAUVOIR, 1979d)²³, aquela personagem feminina que, não sendo mais do que uma exceção em determinado contexto, é usada para afirmar que ali as mulheres são acolhidas e, se não são mais numerosas, é porque não querem.

Além disso, a própria trajetória de *O segundo sexo* no campo das ciências humanas é contraditória. A frase de abertura do livro é frequentemente citada por condensar questões fundamentais do debate sobre a situação das mulheres: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (ou, em algumas versões, “Não se nasce mulher, torna-se”). Na maioria das vezes descontextualizada, a formulação é tomada como a única informação a ser retida no pensamento beauvoiriano, em um movimento que acabou por eclipsar o conjunto da obra de Simone de Beauvoir. Trata-se de uma frase parafraseada à exaustão, certamente a “mais famosa frase feminista já escrita”, como afirma Bonnie Mann (2017).

Mann e Ferrari (2017) são as editoras de uma “biografia” da frase de Simone de Beauvoir. A ideia de reunir artigos de pesquisadoras de diversas correntes a fim de contar a história de uma frase já é representativa da complexa trajetória de *O segundo sexo* no campo das ciências humanas e da “autonomia” que algumas palavras ganharam em relação à autora e ao conjunto de sua obra. Esse fato pode sugerir uma pergunta: afinal, *O segundo sexo* é um texto tão clássico quanto sugerem as inúmeras citações dessa mesma frase? A questão é mais complexa de ser respondida do que parece.

O sociólogo francês Alain Viala (1992) identifica quatro fases no processo de formação de um clássico: legitimação (o reconhecimento dos pares), emergência (destaque recebido pela obra em relação a outras igualmente legitimadas no momento de sua publicação), consagração (a distinção dada à obra, em geral na forma de prêmios) e perpetuação (a incorporação da obra em bibliografias de estudo, dicionários, etc.). Pelos parâmetros de Vialla, é difícil reconhecer o texto beauvoiriano como um clássico. Das quatro etapas listadas, a história

²³ Beauvoir reconheceu ter exercido esse papel e se conscientizado posteriormente disso em sua apresentação ao dossiê feminista publicado na edição de abril-maio de 1974 de *Les Temps modernes*.

da recepção de *O segundo sexo* mostra que ele cumpre, talvez, apenas a última, já que a obra não é referenciada tão frequentemente em publicações das áreas de estudos de gênero e teoria feminista.

Mas, se o texto não é um clássico, porque a frase é tão repetida? A repetição da ideia de que não se nasce mulher funciona, ao mesmo tempo, como uma evocação da figura de autoridade de Simone de Beauvoir como “mãe” do feminismo teórico e como um reducionismo de seu pensamento. Beauvoir encontra-se, assim, enredada na condição de ambiguidade em que é objetificada na forma de uma referência ou uma citação, mas tem sua voz negada. Todo o debate do primeiro volume do livro é ocultado e tudo o que se segue após a introdução do segundo volume também, como se nada mais houvesse a ser retido de sua obra exceto aquela frase, situada exatamente na transição entre um volume e outro.

A partir do conceito de clássico formulado por Italo Calvino (2002, pp. 7-13), é possível pensar também outros aspectos da trajetória de *O segundo sexo* (e, com ele, do pensamento beauvoiriano) nas ciências humanas. Calvino enumera várias definições de texto clássico, entre elas a de que um clássico é um texto que está sempre sendo relido (mesmo quando é lido pela primeira vez), em parte porque não é fácil admitir, dentro de um contexto de “grandes leitores” (ou de leitores especializados, como acontece nos campos de estudos acadêmicos) que aquela obra não foi lida. E também porque os clássicos são livros que se “ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”, pois são sempre citados, reproduzidos e repensados em outros textos e, por isso, se tornam obras que “pensamos conhecer por ouvir dizer”. Como diz Calvino, o clássico é um texto que “provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si”.

Tal definição parece se aplicar perfeitamente a *O segundo sexo*, embora essa nuvem de discursos seja carregada quase sempre de críticas: um clássico ofuscado. A citação recorrente e a incessante crítica são dois aspectos fundamentais da complexa trajetória desse texto que é, ainda, marcada pelo plágio e pelo empréstimo desde seu lançamento. Como lembra Burawoy, um dos incômodos provocados pelo texto é que, diante de suas denúncias, todos eram culpados ou cúmplices:

Todo mundo parecia incriminado naquela implacável acusação da opressão sobre as mulheres. Com frequência, as feministas têm demonstrado desagrado ao se referir aos trabalhos de Beauvoir – pouco importando o quanto o feminismo deve a eles. *O segundo sexo* tornou-se um trabalho sacrílego, com indesejáveis revelações, cuja leitura só se fazia debaixo do cobertor. Plagiá-lo, tudo bem; mas considerá-lo seriamente significaria manchar sua própria reputação como intelectual e/ou feminista (BURAWOY, 2010, p. 133).

Plágio, repetição à exaustão, nuvem de críticas: que lugar restou efetivamente a *O segundo sexo* no campo dos estudos feministas e de gênero? A repetição de uma citação não indica necessariamente que o livro tenha sido estudado, mas que citá-lo é uma forma de se inserir em determinado campo de estudos – *como se* o livro tivesse sido estudado. Mas a obra está de tal forma oculta na nuvem de discursos sobre ele que já não basta estudá-lo simplesmente.

Sylvie Chaperon (2000b) sugere que atualmente existem três linhas principais de investigação para compreendermos a relação dos feminismos com o livro: as interpretações feministas da obra, as análises sobre as origens do texto e os estudos de sua recepção.

A discussão que se segue pretende atravessar brevemente esses três temas, abordando esse processo de silenciamento a partir das principais críticas feitas ao pensamento de Beauvoir, em especial a *O segundo sexo*. O objetivo é refletir sobre o lugar reservado à autora no campo intelectual e apresentar as ideias das principais autoras que estudam seu pensamento hoje. Ao fim da discussão, espero ter conseguido explicitar como a ideia de silenciamento de Beauvoir pode ser pensada como uma profunda limitação das possibilidades de discussão de suas ideias pelos feminismos contemporâneos.

Acredito que seja possível afirmar até que grande parte das críticas a Beauvoir e a *O segundo sexo*, especialmente aquelas produzidas no contexto anglo-americano, parecem ter sido produzidas a fim de sustentar ideologicamente que Beauvoir rejeitava as mulheres e os feminismos e que demonstrava, por meio de sua argumentação, certa inépcia para teorizar em termos feministas.

1.1 – Francesa à moda estadunidense

No texto em que analisa a tradução de *O segundo sexo* para o inglês, Margaret Simons (1983) afirma que de 10% a 12% do texto original foram suprimidos. Os números podem parecer irrelevantes, mas o que Simons demonstra é que a seletividade desses cortes fez com que muito da argumentação de Beauvoir tenha sido apagada.

A obra foi publicada nos Estados Unidos como um “manual de sexo para as mulheres” (SIMONS, 1999) e traduzida por Howard M. Parshley, professor de zoologia da Smith College, uma faculdade voltada para a formação científica de mulheres. Cientista dedicado aos estudos evolutivos, sem conhecimentos de filosofia, o tradutor, além dos cortes, realizou supressões, adaptações e simplificações. Uma delas foi a substituição da expressão

réalité humaine – um conceito heideggeriano que poderia ser extremamente resumido na ideia de que a existência precede a essência (ALEXANDER, 1997, p. 114) – por *the nature of man* (a natureza do homem), que além do sentido completamente oposto, apaga o termo “humano”, substituindo-o pela suposta neutralidade do termo “homem”. O erro acaba por transmitir a ideia de que Beauvoir acreditava em uma “essência” humana²⁴.

O próprio conceito de situação, fundamental no texto beauvoiriano, é apagado na tradução. Por exemplo, quando Beauvoir (1976 [1949], p. 13) escreve, em *Le deuxième sexe* “tout être humain concret est toujours singulièrement situé”, a tradução de Parshley registra “every concret human being is always a singular, separate individual” (BEAUVOIR, 1956, p. xx). O conceito de situação não se refere à singularidade dos indivíduos, mas à sua situação específica.

Na visão de Anna Alexander, a tradução deu origem a um “outro *O segundo sexo*”, não apenas no sentido de que *The second sex* é uma obra diferente, mas no sentido de que se tornou uma obra “estranha”, um texto constituído *em oposição* ao original (ALEXANDER, 1997), já que as supressões corresponderam a interesses específicos editoriais e ideológicos do momento histórico norte-americano²⁵.

De acordo com Simons (1999), o texto também perdeu as referências a mulheres que tiveram papéis importantes ao longo da história. A extensiva pesquisa de Simone de Beauvoir para mostrar, no primeiro volume, as realizações das mulheres nas artes, no pensamento e na ciência, da Grécia Antiga ao início do século XX, foi substituída por algumas poucas referências. Desapareceram do texto mulheres que comandaram grupos militares na

²⁴ Outras escolhas de tradução de *O segundo sexo* que alteram o sentido das palavras da autora, de acordo com Moi (2008), Simons (1999) e Flotow (2000): a palavra “*aliénation*” usada por Beauvoir em sua acepção filosófica, é traduzida de várias formas diferentes, o que impede que se identifique que ela se refere ao mesmo processo; a expressão “*expérience vécue*”, experiência vivida, é traduzida como “*woman’s life today*”, a vida da mulher na atualidade, generalizando a experiência das mulheres, algo que rendeu muitas críticas a Beauvoir que, ao contrário, pensava a experiência como específica de cada sujeito.

²⁵ Há uma vasta bibliografia, sintetizada por Flotow (2000, p. 32, nota 9), destacando as dificuldades de tradução de textos franceses para o inglês. As dificuldades não são apenas linguísticas, mas envolvem desde questões de terminologia nas diversas áreas de pesquisa até questões como a predominância do catolicismo em uma cultura e do protestantismo em outra e como isso altera os recursos linguísticos disponíveis em cada idioma.

Renascença, escritoras, teóricas, poetas, pintoras, militantes²⁶. No capítulo sobre o casamento, a análise que Beauvoir apresenta, a partir dos diários de Sophia Tolstoi, também desapareceu. Referências a Flora Tristan e às relações entre feminismo e socialismo foram cortadas²⁷, no total, 70 menções a mulheres de importância histórica foram suprimidas. O quanto isso influi na concepção de *O segundo sexo* como um livro sobre homens é difícil de mensurar, mas não é difícil de imaginar.

Além disso, a questão é provavelmente menos quantitativa do que qualitativa. Muitas das exposições suprimidas do texto tinham como objetivo descrever os mitos acerca do que “é” uma mulher e registrar a diversidade das “experiências vividas” das mulheres nas artes, na vida amorosa, nos relacionamentos sexuais e na política, evidenciando as marcas deixadas pela opressão. Por isso, as supressões não são simplesmente cortes de nomes ou conceitos que apagariam possíveis intencionalidades de Beauvoir. Na verdade, são resultado de um processo que oculta grande parte da carga política do texto e desloca Beauvoir do núcleo para a periferia do campo intelectual na experiência de leitura.

As supressões podem destruir a continuidade do pensamento de uma autora, como acontece na parte “História” de *O segundo sexo*, ou mascarar seu débito com outros autores e as obras deles, como nos cortes em massa do volume dois, que obscurecem a influência, sobre Beauvoir, de escritores como Hegel, Kierkegaard, Colette, Virginia Woolf, Colette Audry, Bachelard e Violette Leduc. Mas as traduções imprecisas e inconsistentes da terminologia filosófica podem causar danos tão grandes, se não maiores, à autora, ao distorcer suas ideias e obscurecer suas ligações com uma tradição filosófica (SIMONS, 1999, pp. 68-69)²⁸.

O trabalho de Simons coloca sobre o tradutor toda a responsabilidade pela alteração

²⁶ A tradução em inglês suprime, por exemplo, o nome de uma das sufragistas pioneiras na França, Hubertine Auclert (1848-1914), mas mantém o nome de um dos homens que apoiava o movimento, Léon Richier (1824-1911). Citações de prosa e poesia escritas por mulheres, algumas com referências a relações homoafetivas, também foram editadas ou suprimidas. Isso mostra que o livro, que deveria ser vendido como manual de sexo para mulheres, também foi editado a fim de refletir uma visão heteronormativa da sexualidade feminina. Beauvoir também foi criticada por enxergar a sexualidade feminina apenas do ponto de vista da heterossexualidade.

²⁷ Os comentários de Simons não especificam a relação, mas é interessante notar que a tradução, feita nos Estados Unidos, tenha suprimido referências à cultura russa e ao socialismo, porque a tradução e a publicação aconteceram no cenário internacional da Guerra Fria e no contexto político interno do Macartismo. Dado o viés marxista do texto de Beauvoir, a supressão de sua carga política se dá também nesse aspecto. O incômodo causado pela obra entre as leitoras estadunidenses e a necessidade de criticá-la, desmerecendo seu caráter teórico e a seriedade do debate proposto, também poderiam ser investigados levando-se esse aspecto histórico em consideração.

²⁸ No original: *Deletions can destroy the continuity of an author's thought, as they do in the history chapter of The Second Sex, or mask an author's debt to other writers and their works, as the massive cuts from volume two obscure the influence on Beauvoir of writers such as Hegel, Kierkegaard, Colette, Virginia Woolf, Colette Audry, Bachelard e Violette Leduc. But inaccurate or inconsistent translations of key philosophical terminology can do as much, if not more, damage to an author by misrepresenting her ideas and obscuring her links to a philosophical tradition.*

do texto beauvoiriano. Mas Anna Bogic (2009) mostra, a partir das cartas trocadas entre o tradutor e o editor Alfred A. Knopf, da editora que levava seu nome, que os cortes e erros não se devem apenas ao tradutor, e é nesse aspecto que a teoria de Venuti (1995), ao pensar a ação tradutória como condicionada por inúmeros fatores e agentes, torna-se útil. Knopf adquiriu os direitos de publicação do texto beauvoiriano em inglês e não tinha interesse em uma obra filosófica e política, distante das preocupações que ele julgava serem cotidianas das leitoras nos Estados Unidos. Segundo Bogic, Knopf listou os trechos que o tradutor deveria suprimir, em especial nas partes que tratam dos mitos em torno da mulher e da história.

A investigação sócio-histórica do caso demonstra que a tradução de 1953 teve diversos fatores complicadores: a falta de conhecimento filosófico do tradutor, as solicitações do editor para cortar e simplificar o texto, a intenção da editora de enfatizar o caráter científico do livro, e a falta de cooperação de Beauvoir (BOGIC, 2009, p. ii)²⁹.

Assim, os cortes e erros de tradução listados por Simons se inserem entre múltiplos fatores. Beauvoir havia visitado os Estados Unidos em 1947 para uma série de conferências e tornou-se relativamente conhecida no país, em especial nas universidades que visitou. Knopf quis explorar comercialmente essa popularidade, mas fez o possível para enfatizar, no texto traduzido, a questão da sexualidade como fato biológico, que não era sequer o argumento de Beauvoir. Segundo Bogic (2009, p. 26), Knopf também acreditava que o existencialismo era muito complexo para o público dos Estados Unidos e insistiu para que o texto beauvoiriano fosse simplificado³⁰.

Na época da tradução, Beauvoir não estava à disposição para todos os esclarecimentos. Seu projeto intelectual, no momento, era seu romance *Os mandarins* (1954). Como documenta Bair (1990), a autora deu pouca atenção à correspondência do tradutor solicitando esclarecimentos sobre alguns termos filosóficos. A editora nos Estados Unidos não quis intermediar esses contatos e também se recusou a publicar um prefácio do tradutor, que ele insistia em escrever, para explicar em detalhes o existencialismo.

²⁹ No original: *The sociohistorical investigation of the case study demonstrates that the 1953 translation was complicated by several factors: the translator's lack of philosophical knowledge, the editor's demands to cut and simplify the text, the publisher's intention to emphasize the book's scientific cachet, and Beauvoir's lack of cooperation.*

³⁰ De acordo com Claudia Card, em sua introdução ao volume dedicado a Simone de Beauvoir na coleção *Cambridge Companion*, o público de língua inglesa dos anos 1950 realmente não dispunha do “embasamento filosófico para ler Beauvoir”, o que incluía, na opinião de Card, conhecimentos básicos de filosofia francesa e da fenomenologia alemã (CARD, 2006, p. 3).

Embora ciente de que haveria cortes para que, na versão em inglês, o livro tivesse um só volume, Beauvoir fez restrições a algumas passagens que ela não aceitaria que fossem suprimidas, mas não acompanhou o processo de edição. Já o editor não se preocupou em suprimir trechos longos, mesmo sabendo que poderia ter problemas legais com a autora³¹.

Judith Okely (1998), em um interessante trabalho, compara duas de suas leituras do texto beauvoiriano – na versão traduzida de Parshley nos tempos de jovem estudante, e no texto original em francês, já como antropóloga reconhecida no meio acadêmico. Nessa comparação, em que ela mostra também, de modo não intencional talvez, como as próprias interpretações são situadas (ou seja, marcadas pela idade, o gênero, a classe, a etnia e a cultura de quem lê), Okely chama a atenção para um aspecto importante dos cortes promovidos pela tradução de Parshley. Ao mesmo tempo em que mantém as reflexões beauvoirianas sobre a psicanálise, *The second sex* suprime grande parte da análise de Beauvoir sobre a representação das mulheres na literatura. Isso tem consequências para as interpretações posteriores do texto beauvoiriano pelos feminismos.

Uma dessas consequências é que, ao retirar do livro um de seus pontos mais inovadores, o esforço de produção de uma teoria literária feminista, o texto em inglês oculta o ineditismo, em termos metodológicos e analíticos, da obra. Além disso, a versão em inglês cria um texto com uma ênfase na psicanálise, o que acaba por ocultar o debate sobre a biologia e o materialismo histórico.

Há ainda a questão do ocultamento da ambiguidade retórica adotada por Beauvoir³². A autora se apropria, em certo sentido, do discurso sexista que pretende denunciar e reproduz esse discurso a fim de demonstrar como o saber é localizado e como, de determinado ponto de vista (sexista), determinadas visões parecem evidentes e “neutras”. Porém, seu tom é crítico, deslegitimando o discurso. Embora esse recurso seja bastante claro no original, não foi percebido pelas leitoras da tradução em inglês – ao menos não a ponto de ser discutido.

³¹ Beauvoir só descobriu a extensão dos cortes quando recebeu suas cópias do livro em inglês e sua reação foi quebrar o contrato com a editora.

³² Em uma detalhada análise dos recursos retóricos utilizados por Beauvoir, Crawford (2013) destaca como essa ambiguidade se materializa em várias obras beauvoirianas, particularmente *O segundo sexo*, por meio da pontuação. Ao reproduzir o discurso masculino, Beauvoir adota uma pontuação que enfatiza sua crítica a esse discurso. *Beauvoir correctly realizes her language position in Phallogocentrism, but rather than creating a new experimental feminine language as a way to remove herself from the compromise of a feminist masculine language position, she decides to work within her constraints and reinterpret masculine language through punctuation* (CRAWFORD, 2013, p. 64).

Okely chama a atenção ainda para o fato de que o livro de Beauvoir não é fácil de ser lido porque a autora se serve da ironia em muitos trechos, especialmente quando expõe argumentos e lugares-comuns sexistas a fim de torná-los conscientes. Esse estilo de escrita, segundo ela, entra em choque com o modo como os cortes realizados a partir da tradução são situados culturalmente, excluindo aspectos da visão de mundo de Beauvoir que não corresponderiam a uma visão estadunidense do mundo. Isso cria um conflito interno no texto em inglês que enuvia a ironia beauvoiriana e faz com que muitos trechos em que ela faz uma crítica do sexismo sejam lidos como opiniões sexistas adotadas por Beauvoir.

Como antropóloga, Okely também observa que os exemplos de rituais e tabus relativos ao corpo da mulher e ao processo de reprodução citados por Beauvoir no original foram excluídos da versão em inglês. Esse aspecto faz com que muitos leiam a obra como apenas uma representação de uma determinada experiência cultural do corpo – europeia, branca e burguesa. Para Okely, embora haja problemas, em termos da teoria antropológica do fim dos anos 1990, nas interpretações que Beauvoir apresenta de outras culturas, ao incluir essas descrições em seu texto a pensadora francesa revelaria sua preocupação em ir além de seus limites culturais em um momento em que isso não se colocava como problema na compreensão das mulheres, pois não se produzia, então, antropologia feminista.

Todos esses fatores ajudam a explicar por que *O segundo sexo*, em inglês, é um texto “outro”, como destaca Alexander (1997), cuja leitura inviabiliza a compreensão do pensamento de Beauvoir. E também por que as interpretações hegemônicas da obra beauvoiriana, que são anglo-americanas em sua maioria, são tão hostis a Beauvoir.

Considerando-se o fato de que o inglês é a língua dominante da ciência e das publicações acadêmicas em geral e da área de estudos de gênero em particular (DESCARRIES, 2014)³³, é possível compreender que as interpretações anglo-americanas, baseadas na tradução de Parshley, têm forte influência no modo como o texto é lido e interpretado. Além disso, Descarries destaca ainda o monolinguismo acadêmico estadunidense – nome que ela dá à tendência de estudiosas e estudiosos no país recorrerem raramente a trabalhos publicados em outros idiomas.

³³ Levantamento de Descarries (2014), baseado em dados de 2011, apontou a existência de 203 periódicos da área de estudos de gênero listados no *Journal Citation Report*, dos quais 191 são em língua inglesa. O *Journal Citation Report* reúne os principais e mais citados periódicos em cada área de estudos em todo o mundo.

A tradução proposta por Parshley, entretanto, é típica do contexto estadunidense do pós-guerra, uma tradução etnocêntrica, como qualifica Antoine Berman (2007), em que a deformação do texto original tem como função excluir qualquer elemento que lembre ao leitor que o texto é estrangeiro, suprimindo termos e ideias do texto de origem que não são fáceis, comuns e cotidianos na língua de chegada, sendo refratária a qualquer forma estrangeira de simbolizar a experiência e o conhecimento. Esse fenômeno é definido por Lawrence Venuti (1995) como a “invisibilidade do tradutor”, em que as condições históricas e a própria concepção de autoria no interior da cultura alvo da tradução atuam no sentido de produzir uma ilusão de obra transparente ao leitor, no sentido de que a leitura do texto traduzido é entendida como um contato direto com o que o autor ou a autora quis dizer. Essa ilusão permite que se leia *The Second Sex* (ou *O segundo sexo*, já que no Brasil também há essa noção romântica de autoria propícia à invisibilidade do tradutor) como a manifestação concreta da intenção “original” da autora. Como se Beauvoir tivesse escrito *Le deuxième sexe* em inglês (ou português).

Ainda que as interpretações históricas de *The Second Sex* possam ser válidas, no sentido de serem construções baseadas em um texto outro e que se produzem dentro de contextos históricos que as possibilitam, é importante ter em mente que são baseadas também em uma invisibilidade de todo o processo de transformação pelo qual passou o texto (cortes e tradução), do tradutor como autor do texto e das concepções filosóficas em que Beauvoir sustenta sua argumentação. Esse fato, combinado com a ampla divulgação dos comentários à obra baseados na versão em inglês acabaram por sedimentar interpretações que decorrem de uma leitura que busca, lá onde a autora não disse aquilo que ela quis dizer.

O desafio que parece se impor às pesquisadoras das áreas de teoria feminista e de estudos de gênero é, em vez de ler *O segundo sexo* como um texto ultrapassado, olhar para as interpretações dadas à obra como formas de simbolizar Beauvoir como autora de um texto que não escreveu. Um texto que corresponde à forma como uma cultura dominante recebe, se apropria, transforma e dissemina significados sobre uma obra de outra cultura. No caso específico do texto beauvoiriano, a dominação da cultura estadunidense sobre a francesa se exerceu no contexto do pós-guerra e da Guerra Fria, um momento em que Estados Unidos e França, embora ambos vitoriosos, viviam uma relação desigual de forças.

Além disso, a tradução consiste em uma apropriação política do texto: a pretensão de fazer desse outro texto um manual (ou seja, um padronizador de práticas, ideias e

conhecimento) da sexualidade para mulheres, de reproduzir uma visão heteronormativa dessa sexualidade, de retirar de um texto filosófico um tratado científico, de torná-lo mais fácil para a suposta capacidade de compreensão e interesse do público³⁴ ecoou na produção feminista e de gênero nos Estados Unidos, que passou depois a exportar essa “outra” obra. Da França – onde a categoria gênero ainda é recebida com resistência devido a questões semânticas e também políticas – ao Brasil, onde o livro foi traduzido sem cortes e diretamente do original³⁵, a adoção de interpretações da obra gestadas a partir da leitura de Beauvoir na tradução em inglês acontece sem problematizações, assim como não é problematizada a questão da interpretação de sua obra como reprodução do texto sartreano.

As leituras e interpretações que ganharam espaço na teoria feminista, principalmente a partir da década de 1980, como destacam Pilardi (1999) e Kruks (2005), consideram Beauvoir essencialista e acusam sua filosofia de ser misógina e universalizar a mulher. Mas em que medida essas interpretações se confirmam porque esse outro texto que é *The Second Sex* foi produzido como uma versão misógina, essencialista e universalista de *Le Deuxième Sexe*? A tradução da Knopf ganhou várias edições e foi a única a circular em países de língua inglesa por 60 anos. Uma nova tradução, sem cortes e produzida por pesquisadoras familiarizadas com a teoria de Beauvoir, foi publicada em 2010 e hoje constitui um motivo para a renovação dos debates sobre o pensamento beauvoiriano.

Compreender em que medida uma obra que se apresenta dessa forma conduz a interpretações de Simone de Beauvoir que influenciam o modo como este e outros textos beauvoirianos são incluídos (ou excluídos) dos currículos acadêmicos e das pesquisas contemporâneas é um trabalho a ser feito. É possível apontar, entretanto, que os fatos relacionados à tradução de *O segundo sexo* refletem um ocultamento de diversos aspectos do pensamento de Beauvoir.

Não se trata, portanto, de pensar em uma tradução como meramente “traidora”, como toda tradução é, no sentido linguístico: uma operação textual para transpor ideias e frases originais em uma língua para outra, o que implica em alterar o original. No caso da tradução de

³⁴ É interessante que essa capacidade tenha sido subestimada tendo em vista que “o público” seria composto, principalmente, por mulheres.

³⁵ Um cotejo realizado durante esta pesquisa mostrou que a primeira edição, em dois volumes, trazia alguns erros de tradução, principalmente em relação aos pronomes. As novas edições, publicadas a partir de 2008, uma delas em volume único e outra em dois volumes, foram revisadas e corrigiram esses erros. Os termos filosóficos foram traduzidos com os mesmos termos usados em traduções de obras de Sartre.

O segundo sexo, claramente houve uma opção por produzir um novo texto, que correspondesse à configuração das relações de forças nos campos cultural, intelectual, econômico e político do contexto estadunidense do início dos anos 1950. Essas relações contribuíram para determinar interpretações hegemônicas de Beauvoir produzidas dentro do campo acadêmico que posteriormente se disseminaram – pela via da constituição formal da área dos estudos de gênero – para além das fronteiras da produção de conhecimento nos Estados Unidos³⁶.

A questão mais complexa, portanto, é a atitude que prevalece em todo um campo de estudos em ignorar ou minimizar o efeito da recepção dessa tradução, uma espécie de efeito em cadeia, que resulta da impossibilidade de dissociar o processo linguístico do contexto cultural, das pressões mercadológicas, das ideologias políticas dominantes. Sherry Simon (1996, p. 90) destaca, entre outros aspectos, que a atitude de ignorar os efeitos de uma tradução estaria ligada a uma insensibilidade à tradução que ela considera típica de pessoas que fazem parte de culturas imperialistas.

A crítica expressa na formulação de Sherry Simon nos sugere duas breves observações. A primeira é que a tradução funcionaria, em alguns casos, entre os quais considero o de Beauvoir um exemplo, como uma forma de expandir a influência de ideias dominantes e até evitar a produção de interpretações que escapem ao conjunto dessas ideias. A tradução é um processo de criar significados e fazê-los circular no interior de determinadas comunidades e tipos de discursos. A segunda observação é que, como pesquisadoras de culturas predominantemente receptoras de traduções e de interpretações provenientes do que Sherry Simon chama de culturas imperialistas, é importante atentar para os efeitos em cadeia das traduções, inclusive em nosso idioma, não apenas como uma questão para linguistas e tradutoras, mas como uma questão sociológica, no sentido de que as traduções são processos sociais mediados por uma infinidade de agentes, processos definidos por interesses históricos e econômicos muito específicos.

Luise Von Flotow (2000), que analisou traduções de várias obras de Beauvoir para o inglês, levanta algumas questões importantes para compreender sociologicamente os “efeitos da tradução”. Entre essas questões, ela aponta: há relevância no fato de as obras de Beauvoir terem sido traduzidas para o inglês predominantemente por homens? Segundo sua análise, sim.

³⁶ Um exemplo importante a ser citado é a produção teórica de Judith Butler sobre Beauvoir, que cita, sem problematizar, a tradução de Parshley. Além disso, é relevante lembrar que alguns países, como a Noruega, tiveram suas primeiras traduções do texto feitas a partir da edição da Knopf.

Flotow elenca uma série de intervenções nas traduções de *The second sex*, *The woman destroyed* e *The Mandarins* que alteraram, consciente ou inconscientemente, a voz e a perspectiva dos textos, produzindo traduções que refletem o imaginário centrado no gênero masculino, entre elas a inclusão de “várias referências aos órgãos sexuais masculinos” e “de referências depreciativas e desinformadas às mulheres” (FLOTOW, 2000, p. 18). Ela também observou que algumas cenas de relações sexuais e discussões centrais sobre aborto, métodos contraceptivos, desejo e sexualidade feminina foram cortadas, deturpadas ou tratadas com eufemismos. Nesses casos, Flotow destaca que não se trata apenas de opções do tradutor, mas de intervenções determinadas por decisões editoriais no sentido de ignorar esses temas, que eram polêmicos nos Estados Unidos dos anos 1950.

Ao mesmo tempo, ela destaca uma tendência de tornar a linguagem beauvoiriana mais elegante e poética em *O segundo sexo* e de tornar a linguagem de suas personagens femininas, nos textos de ficção, mais vulgar e rude. Quando o tradutor é britânico e não estadunidense, trechos que são construídos no original em francês com referências indiretas e subentendidas à sexualidade se tornam mais diretos e claros, mas com linguagem misógina. Outra questão abordada por Flotow (2000) é a representação da agência feminina diante do casamento e da gravidez que, mesmo quando enfatizada (não apenas citada) em trechos originais de *Le deuxième sexe* por Beauvoir, é removida na tradução em inglês. É possível apreender daí que essas alterações na linguagem podem reforçar estereótipos sexistas quanto à mulher intelectual “cultu” e quanto à representação depreciativa de mulheres que se preocupam ou falam de sexualidade.

Os cortes editoriais são frequentes em edições em inglês dos textos beauvoirianos. A primeira edição de seu diário de guerra e de suas cartas a Sartre foram reduzidas a dois terços do original. Segundo Margaret Simons (2008, p. 28), foram suprimidos especialmente trechos com reflexões filosóficas. A primeira tradução do texto de *L'Amérique au jour le jour*, intitulada *America day by day* e publicada em 1953, omite pelo menos 15 trechos em que Beauvoir analisa aspectos das relações étnico-raciais nos Estados Unidos. Os trechos suprimidos tratam de afirmações sobre a cultura negra por parte de intelectuais homens negros e brancos, estadunidenses e franceses, ao longo das conversas que Beauvoir travou durante sua visita ao país. Também foi suprimido seu relato sobre a visita a uma igreja cristã em uma comunidade negra com o escritor Richard Wright e discussões sobre o tratamento recebido por trabalhadores e trabalhadoras de origem africana em indústrias têxteis do sul dos Estados Unidos, além de comentários sobre as relações trabalhistas em geral e a política externa estadunidense do pós-

guerra. Isso transformou o texto em um inocente relato de viagem, como afirma Barber (2001).

Assim como no caso de *O segundo sexo* e das cartas a Sartre, aparentemente as primeiras edições em inglês – circulando em todos os países de língua inglesa e só substituídas por versões integrais e com traduções cuidadosas recentemente – tinham a função deliberada de eliminar o caráter político e as discussões filosóficas dos textos de Beauvoir, principalmente quando as reflexões exprimiam críticas ao capitalismo e às antinomias das democracias ocidentais, à tradição protestante estadunidense e ao modo como, por meio dessa tradição, a forte ideologia do bem leva à prática de censura, a conflitos, guerras e perseguições.

O problema que a tradução de *Le deuxième sexe* para o inglês coloca para os estudos de gênero transcende os limites da leitura da obra e se associa ao modo como as interpretações do texto, quando sedimentadas num campo de estudo, produzem a “importação” de interesses ideológicos específicos de um contexto histórico, cultural e político historicamente determinado para outro. Assim como *Le deuxième sexe* foi mal recebido na França, por tocar em temas que o campo intelectual na época não estava disposto a enfrentar, *The second sex* foi um texto produzido para dizer ao público estadunidense, especificamente às mulheres que estavam dentro das universidades, mas fora do campo intelectual³⁷, aquilo que os editores consideravam que elas desejavam ler, *conseguiriam* compreender e, principalmente, comprariam. As gerações que vieram depois manifestaram a discordância, a crítica e a desvalorização do conteúdo do livro dirigindo suas críticas a Beauvoir, mas a obra não exprimia as suas ideias.

A reflexão sobre a tradução de *O segundo sexo* para o inglês é relevante como pano de fundo para a compreensão das condições em que o pensamento beauvoiriano é recebido por intelectuais e militantes feministas nos países de língua inglesa – mas não só, uma vez que, como lembra Hengehold (2017, p. 27), muitas das quarenta traduções da obra se basearam na versão de Parshley. Além disso, grande parte dos estudos beauvoirianos até 2010 foram baseados na tradução em inglês feita por Parshley, devido à predominância desse idioma entre as principais estudiosas de sua obra e ao fato de que apenas essa tradução estava disponível³⁸.

³⁷ Sobre essa diferença é interessante a descrição que Beauvoir faz em *A América dia a dia* de seu encontro com as jovens estudantes universitárias que conheceu durante sua turnê de conferências nas universidades estadunidenses em 1947. O curso universitário não correspondia, para a maioria das estudantes, a uma etapa de formação profissional ou intelectual, mas ao preparo para serem esposas, mães e donas de casa esclarecidas.

³⁸ A tradução publicada em 2010, realizada por Constance Borde e Sheila Malovany-Chevallier, foi adotada como padrão para apenas uma obra, até o momento, que reúne pesquisadoras da obra de Simone de Beauvoir: Hengehold e Bauer (2017).

1.2 – Uma mulher que questiona a maternidade

Pensar no contexto da produção filosófica na Europa entre as duas guerras mundiais e após a Segunda Guerra é pensar em um campo predominantemente masculino. A própria Beauvoir descreve como se dava sua inserção entre os intelectuais hegemônicos do pós-guerra na França:

Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir homens dizerem a mim: “Você pensa assim porque é uma mulher”. Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “penso-o porque é verdadeiro”, eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: “E você pensa o contrário porque é um homem”, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade [...] (BEAUVOIR, 2009 [1949], p. 16)

O relato pessoal que Beauvoir inclui na introdução do primeiro volume de *O segundo sexo* é menos um testemunho de si do que um registro histórico de como sua presença (e a de outras mulheres) no campo intelectual francês do pós-guerra era incômoda. Ao abandonar a filosofia abstrata (como ela qualifica, em entrevista a Bair, 1990) que caracteriza seus ensaios anteriores a *O segundo sexo* – especialmente *Por uma moral da ambiguidade* e “Pirro e Cineas” – para produzir um trabalho de metodologia fenomenológica baseado na experiência vivida das mulheres, Beauvoir será deslocada ainda mais para uma posição marginal à filosofia.

As mulheres francesas obtiveram o direito de voto em 1944, mas esse direito não era um consenso social. A partir da análise de Chaperon (2000a), é possível compreender que o direito ao voto foi “concedido” às mulheres em resposta à atuação que tiveram no mercado de trabalho e na Resistência durante a guerra, uma espécie de quitação de dívida. Mas a forte mídia católica e também a mídia de esquerda, comunista ou socialista, rechaçavam a medida, pois temiam, com base em visões estereotipadas das mulheres, as consequências do voto feminino. No primeiro caso, atribuía-se à participação política das mulheres um desvio de suas funções e preocupações “essenciais”; no segundo caso, havia o temor de que as mulheres mais velhas e as católicas, consideradas anticomunistas, tivessem peso decisivo nas votações.

Economicamente, havia também uma pressão negativa contra as mulheres. Após a conquista do direito de voto, houve manifestações para que as mulheres ocupassem cargos na magistratura e recebessem salários iguais ao exercer as mesmas funções que os homens. Os salários iguais, uma medida adotada durante a guerra em algumas categorias profissionais, entretanto, foram reduzidos em 20% a 30% para as mulheres após a guerra. O esforço era para que as mulheres voltassem ao lar e, para isso, a partir de 1947, o governo francês também passou

a remunerar as mães que tivessem dois ou mais filhos com o salário médio de uma operária³⁹.

Entre 1947 e 1955, afirma Chaperon (2000a), a Guerra Fria teve consequências na política interna francesa, constituindo duas forças opostas que reproduziam no ambiente político interno a polarização da política externa: católicos e comunistas. Os dois lados – diante das tensões impostas pela possibilidade de um novo conflito – reforçavam a importância de uma educação para a paz e atribuíam às mulheres um papel importante na promoção do pacifismo e na criação de filhos pacifistas.

Mesmo no interior dos movimentos pelos direitos das mulheres – que também eram, em sua maioria, ligados ou a grupos católicos ou a partidos políticos de esquerda – havia um discurso que reforçava esse interesse econômico e político de que as mulheres abandonassem o mercado de trabalho e retornassem ao lar, com a defesa do papel das mães na educação dos filhos. As feministas católicas abraçavam esse discurso acusando as comunistas de quererem destruir a família; o discurso comunista era de que a luta das mulheres não seria necessária em um sistema socialista.

Assim que *O segundo sexo* foi publicado, as duas correntes reagiram. Grupos católicos interpretaram a obra como uma valorização do hedonismo e do individualismo bem como um ataque à moral cristã. Grupos comunistas, interessados em enfraquecer o existencialismo sartreano, que não se alinhava às suas propostas, acusaram o texto de ser a invenção de uma reacionária burguesa aliada dos Estados Unidos para distrair as mulheres da verdadeira luta política, a luta de classes. E afirmavam, ainda, que só uma vida de luxo e ociosidade explicaria as preocupações das mulheres com a sexualidade, reproduzindo, em novos termos, a crítica de hedonismo dos católicos⁴⁰. Chaperon destaca ainda que, curiosamente, as poucas pessoas que aprovavam o texto consideravam o debate sobre a sexualidade seu ponto mais relevante, colocando o feminismo em segundo plano. Se, para os

³⁹ O trabalho doméstico da mulher passa, assim, a ser remunerado, mas como uma espécie de incentivo a seu retorno ao papel exclusivo de mãe. Havia na França uma forte preocupação demográfica, na guerra e após a guerra a população francesa foi reduzida não só pelas mortes, mas pela queda na taxa de natalidade. As estatísticas indicavam que a média de filhos de mulheres que trabalhavam fora era de 1,79 e a das que permaneciam em casa era de 2,25.

⁴⁰ É importante ressaltar o peso que termos como hedonismo, luxo e ociosidade tinham na França do pós-guerra. É interessante destacar, também, como essas críticas, lidas em retrospectiva, guardam semelhanças com as críticas feministas de que Beauvoir só discutia as experiências de mulheres brancas burguesas.

polos comunista e católico, Beauvoir era a “sufragete da sexualidade”⁴¹, para a minoria a seu favor, em certa medida, também⁴². Dado que o texto carregava um conteúdo político e uma análise histórica tão ou mais fortes do que a investigação sobre a sexualidade feminina, fica claro que o incômodo maior – à direita e à esquerda, entre intelectuais e mídia popular – era a questão da sexualidade⁴³.

Essa reação dos dois lados no ambiente polarizado da Guerra Fria revelava a Beauvoir uma realidade interessante: a opressão da mulher tinha a participação direta ou por cumplicidade ou, ainda, por omissão, de todos e cada lado tinha interesses particulares em se isentar dessa responsabilidade.

As publicações feministas católicas se calaram a respeito do livro para evitar falar em erotismo, sexualidade e aborto; as comunistas consideraram esses temas uma questão de cultura, portanto secundária à política. Já as feministas independentes, que não estariam ligadas a nenhuma das duas correntes, não se interessam em discutir o texto porque a pauta política do feminismo, então, estava ligada a questões jurídicas. Apenas alguns jornais feministas ligados ao protestantismo (CHAPERON, 2000a) resenharam o livro sem criticá-lo, em parte porque sua ética mais individualista e voltada a uma ideia de engajamento encontrava ressonância na visão existencialista de Beauvoir.

Na época do lançamento de *O segundo sexo*, todas essas forças políticas instrumentalizavam politicamente a figura da mãe. Os católicos exaltavam a mãe amorosa, que sacrifica seus interesses, desejos, ambições e necessidades por amor aos filhos. Os comunistas

⁴¹ Chaperon (2000a, pp. 187-188) registra que Beauvoir comentou esse “título” em uma entrevista de novembro de 1949 à radialista Claudine Chonez, denunciando que utilizar as palavras “sufragete” e “feminista” como insultos constituía uma reação sexista. Nesta entrevista, Beauvoir destacou a importância da luta das sufragetes e teria assumido os dois títulos – declarando-se, assim, feminista bem antes dos anos 1970. Essa questão do momento em que Beauvoir se assume feminista é controversa, mas certamente isso ocorreu antes de 1970. Em 1965, em entrevista a Francis Jeanson (2012), Beauvoir declarou: “Sou radicalmente feminista”.

⁴² Chaperon (2000a, p. 188) destaca: *Au début des années 1950, celles et ceux, minoritaires, qui approuvent l'ouvrage parlent essentiellement de la nécessaire libéralisation de la sexualité et se gardent bien de déployer l'étendard féministe. (...) Ce n'est plus le droit qui est pris comme révélateur des écarts, mais les comportements des individus eux-mêmes, notamment sur le terrain de la sexualité. C'est précisément ce dernier point qui éloigne les anciennes générations du Deuxième Sexe.*

⁴³ É interessante destacar a observação de Chaperon (2000a) de que essa reação não se dá apenas dentro, mas também fora da França. Com a inclusão do livro no Index do Vaticano, *O segundo sexo* se tornou leitura clandestina em muitos países católicos. O mesmo acontecia em países do eixo comunista, onde a censura também proibia a circulação do texto como propaganda burguesa. Essa trajetória do livro como obra proibida nos diz também muito sobre estratégias de silenciamento das mulheres (não apenas de Beauvoir) como pensadoras e como sujeitos.

exaltavam a mãe corajosa, instintiva, que enfrenta perigos e hostilidades políticas por um futuro melhor para os filhos. Na interpretação de Joan Scott (2002), essa defesa da maternidade era carregada de interesses imediatistas: entre a militância comunista, por exemplo, havia o interesse em atrair os votos das mulheres e defender a maternidade era uma estratégia para neutralizar o discurso católico que representava o comunismo como uma ameaça a valores e costumes tradicionais, particularmente a família.

O cenário era tal que surgiram, entre as feministas comunistas, concursos de beleza para bebês, que eram indiretamente elogios às boas mães que mantinham suas crianças bonitas e saudáveis. Nas diversas tendências midiáticas, reproduziam-se textos sobre uma nova conquista da medicina: o parto com anestesia. Na época, não apenas o aborto como a contracepção eram ilegais na França⁴⁴, levavam a punições severas e se transformaram em temas proibidos. O prazer sexual era um assunto tabu (muito provavelmente em um contexto menos repressor da sexualidade do que da ideia de prazer individual). Assim, com *O segundo sexo*, Beauvoir se inseria em um debate muito presente na sociedade francesa, mas sua abordagem provocava um escândalo moral.

Mais do que isso, entretanto, é possível perceber, retomando a ideia de autonomia do campo de Bourdieu, que o texto ia além da “imoralidade”. Beauvoir também denunciava, através de *O segundo sexo*, que o campo intelectual não se constituía – naquele momento histórico específico – como autônomo da política, da economia e da religião. Certa concepção de mãe e de maternidade era instrumental para as forças políticas e o campo intelectual – até mesmo porque “a mulher” não era uma questão – se abstinha de apontar isso.

Assim, a leitura da descrição da maternidade feita por Beauvoir em *O segundo sexo* como um retrato “negativo”, como tem sido lida insistentemente por quase todas as intérpretes de sua obra, se mostra bastante simplista. Contextualizada política e historicamente, a descrição que Beauvoir faz do parto, das atividades da mãe para cuidar do bebê, do mito do amor materno,

⁴⁴ É interessante destacar que, no contexto do feminismo anglo-americano, a visão de maternidade de Beauvoir foi (e continua sendo) criticada desde a publicação da tradução. Entretanto, as comentadoras que produziram essas críticas, e também suas leitoras, viviam em um contexto social em que o acesso a métodos contraceptivos como diafragmas e espermicidas era legal e a maternidade e o número de filhos eram, ao menos nominalmente (desconsiderando as pressões sociais e a ideologia predominante), escolhas possíveis para as mulheres desde a década de 1930. Quanto ao aborto, a legalização aconteceu nos dois países na primeira metade dos anos 1970, mais precisamente em 1973, nos Estados Unidos (em Nova York, em 1970) e em 1975 na França. Nesse sentido, talvez seja possível pensar que, se Beauvoir chocava a sociedade francesa como um todo por ousar defender a contracepção, ela chocava as feministas anglo-americanas por insistir na maternidade como uma imposição, experiência que elas já haviam superado.

está longe de se justificar por uma aversão pessoal à maternidade.

Sem esquecer que o debate sobre maternidade se faz no momento em que Beauvoir descreve experiências vividas das mulheres, ela estava não apenas expressando uma reação crítica e consciente a todos os discursos que idealizavam a função de mãe, de modo a explicitá-los e evidenciar suas fragilidades, como expondo a ideologia que naturaliza a maternidade como resultado de uma rede de interesses políticos que não levavam em consideração a experiência das próprias mães. O discurso de Beauvoir sobre a maternidade não é uma condenação à opção das mulheres por serem ou não mães e revestirem essa experiência de laços afetivos, trata-se da exposição de uma questão política – que ela acredita ser relevante para todas as mulheres: o questionamento da apropriação do corpo e das emoções das mulheres para além de sua consciência e de seu desejo, para além de sua consciência do próprio desejo e de suas possibilidades. Por meio desse debate ela coloca que xequê o fato de que, na esfera pública, na esfera privada e no espaço em que ambas se confundem, o discurso intelectual operava de modo a reforçar o discurso governamental normatizador, definido por interesses econômicos. É uma visão mais complexa que, em grande parte, antecipa algumas análises sobre biopoder⁴⁵.

No primeiro volume de *História da Sexualidade*, lançado em 1976 (mais de 15 anos depois do livro de Beauvoir), Foucault reflete sobre como a sexualidade se tornou uma das tecnologias biopolíticas determinantes dos séculos XIX e XX e como o discurso médico sobre a diferença sexual, produzido sobretudo no século XIX, irá desempenhar um papel importante no exercício do biopoder pelos Estados e as instituições.

Da mesma forma, ainda que com uma visão conceitual diferente, Beauvoir nos alerta em seu texto sobre a maternidade para os efeitos desse discurso na experiência das mulheres: todos os aspectos da subjetividade da mulher que ele encobre e o modo como justifica o domínio biopolítico sobre o corpo da mulher. Assim, seu texto não nos fala contra a experiência da maternidade, mas contra o aspecto biopolítico do discurso acerca dessa experiência.

Compreender a abordagem que a autora faz da maternidade como mera questão individual – ter ou não ter sido mãe – é não só reforçar leituras embasadas em condicionantes

⁴⁵ Essa preocupação acompanhava Beauvoir há anos. Em maio de 1934 ela foi denunciada por uma comissão responsável pela política de natalidade e de infância de Rouen por “ensino contra a propaganda natalista” durante suas aulas no Liceu Jeanne D’Arc. Ver Lecarme-Tabone e Jeanelle (2012, pp. 86-89).

sociais de gênero que perpassam o campo intelectual (“você pensa isso porque é uma mulher”), como também reforçar a ideia de um instinto materno como determinante da existência feminina e da vida das mulheres. Essas leituras encobrem o caráter desafiador do texto às forças ideológicas predominantes em uma sociedade em que as mortes das mães no momento do parto não eram incomuns, em que ser mãe sem ter um parceiro – e mais do que isso, um casamento – era um estigma.

Ao pensar contra o discurso que enaltece a maternidade, Beauvoir pensou contra duas correntes de pensamento influentes de então, o catolicismo e o comunismo, contra as próprias políticas institucionalizadas do governo que pretendiam dispor da vida e do corpo da mulher para fins demográficos e políticos. Além disso, ela expôs as experiências das mulheres e mostrou como uma série de mitos foi retomada e colocada em operação com fins políticos e ideológicos. Beauvoir pensou a possibilidade de que as mulheres determinassem o modo como o próprio corpo seria representado e definissem o significado que queriam dar à experiência da maternidade. Se quisermos utilizar uma referência foucaultiana, Beauvoir pensou também, por meio da questão da maternidade, como a biopolítica opera em relação ao corpo feminino e como se dá a politização do privado por meio dos discursos, das ideologias, dos mitos e da ação do Estado.

Beauvoir reconhecia o desejo e o direito à maternidade. Sua questão não é em relação à mulher mãe, mas em relação a como essa figura é idealizada para normatizar o corpo, o comportamento e a ação das mulheres. Suas descrições das dores e dificuldades dessa condição buscam trazer à consciência o que fica encoberto na idealização do papel de mãe.

Assim que o texto foi publicado, a interpretação (produzida em sua maioria por homens em um campo dominado por homens⁴⁶) de que “Beauvoir tem horror à maternidade” foi disseminada e se cristalizou. Em muitas pesquisas, ainda se reproduz essa interpretação, mas sem que seja levado em consideração o tipo de maternidade sobre o qual Beauvoir está falando – certamente não a maternidade das mulheres de classes privilegiadas que, para cuidar dos filhos, dispunham de ajuda (de outras mulheres que não podiam cuidar de seus próprios filhos).

É possível pensar, então, que a leitura que diz que “Beauvoir tem horror à maternidade” opera também no sentido de ocultar parte do pensamento beauvoiriano: seu engajamento político, sua percepção de processos que posteriormente Foucault (sem considerar

⁴⁶ Chaperon (2000a) faz um levantamento dos nomes dos autores e das autoras a resenharem o livro.

as especificidades das experiências das mulheres) nomeou como biopolítica e a capacidade de Beauvoir de questionar as alianças do campo intelectual com forças políticas normativas. Ao desconsiderarem esse fato, muitas feministas, estadunidenses em especial, acabaram por produzir uma crítica hostil ao texto beauvoiriano.

Ao escolher iniciar sua reflexão sobre o tema da maternidade em *O segundo sexo* com uma discussão sobre direitos reprodutivos das mulheres, Beauvoir certamente escolhia uma via polêmica e claramente destinada a afetar visões mais conservadoras. Embora seja evidente, na descrição que Beauvoir faz da experiência da maternidade, o recurso retórico de destacar e até mesmo amplificar seus aspectos negativos, Beauvoir declarou várias vezes que considerava a opção consciente pela maternidade uma escolha legítima para as mulheres. Mas ela também enfatizava que, em sua opinião, as mulheres não deveriam se identificar exclusivamente com o papel de mãe e deveriam buscar exercer atividades políticas e econômicas autônomas.

Além disso, por mais que o tom de Beauvoir nesse debate possa ser considerado incômodo, a crescente força de movimentos que buscam tornar o aborto ilegal – em países onde é legalizado ou descriminalizado em alguns casos – demonstra que o debate proposto por Beauvoir não é ultrapassado. Brasil, Estados Unidos e Espanha exemplificam como os direitos reprodutivos das mulheres não são uma conquista garantida nas sociedades contemporâneas.

1.3 – Filósofa e (ou) memorialista?

Simone de Beauvoir se tornou efetivamente referência para a teoria feminista, entre os anos 1960 e 1970, influenciando, primeiro, mas sem reconhecimento⁴⁷, nos Estados Unidos, autoras como Betty Friedan e Kate Millet. Posteriormente, feministas como bell hooks (a autora adota a grafia de seu nome em minúsculas como ação de subversão da linguagem) e Shulamith Firestone reconheceram seu texto como clássico. Mas é importante destacar que o texto se tornou clássico em um terreno de estudos desvalorizado, a teoria feminista. Além disso, como lembram Kruks (1992, 2005), Pilardi (1999) e Vintges (1999), nesse período Beauvoir influenciaria o feminismo mais como ícone – por sua figura, seu estilo de vida, suas posições políticas e por meio de suas memórias – do que como autora de *O segundo sexo*.

⁴⁷ Ver Pilardi (1999).

Nesse sentido, um momento importante foi a publicação da obra *Memórias de uma moça bem-comportada* (LECARME-TABONE, 2000). Lançado em 1958 na França, o texto recebeu aprovação da crítica e do público (FRANCIS e GONTIER, 1979, p. 67). As resenhas publicadas após o lançamento do livro destacavam o talento, a honestidade e a inteligência da autora, como revela Marion Chapuis (2010). A boa recepção da obra se explica pelo uso das técnicas tradicionais da autobiografia, relatando fatos e recordações comuns a toda uma geração, e pelo tom otimista e quase romanceado do texto, que termina com o “final feliz” do encontro amoroso. A principal crítica que se fazia ao texto, então, especificamente em resenhas do grupo intelectual católico, era sobre o relato de Beauvoir de sua perda de fé religiosa. As críticas atribuíam o ateísmo de Beauvoir ao ambiente católico “mediocre” em que foi criada (CHAPUIS, 2010, p. 91).

Em 1959 foi publicada a edição em inglês que, segundo Eliane Lecarme-Tabone (2000, p. 189), foi fundamental para que Beauvoir passasse a ser lida por feministas estadunidenses e inglesas nos anos 1960. Mas, ao se voltarem para esse texto de Beauvoir, as feministas anglo-americanas “inaugurariam a abdicação de Simone de Beauvoir como filósofa criativa e simbolizariam a dificuldade que as mulheres encontram em se afirmarem nessa disciplina”⁴⁸. Por outro lado, o texto trazia muito mais possibilidades para o uso político. O arcabouço filosófico de *O segundo sexo* dá lugar, nas memórias, a uma narrativa memorialística e baseada em experiências comuns às mulheres. O sentido político do relato que Beauvoir faz de suas experiências vividas foi prontamente reconhecido pelas leitoras.

É curioso notar que o livro foi elogiado pela crítica justamente em termos que se opõem àqueles que foram usados nas interpretações de *O segundo sexo*. É possível sugerir que, ao falar de sua vida nesse primeiro volume de suas memórias, Beauvoir, de certo modo, retoma o papel esperado de uma autora, que é o de não reivindicar a autoridade de intelectual, mas de descrever as questões íntimas, sensíveis, da vida. Além disso, no fim do livro, Beauvoir reconhece seu encontro com Sartre como uma realização o que, de acordo com algumas interpretações, restitui a supremacia do masculino, uma vez que, no primeiro volume de suas memórias, a autora pouco entra em choque com as normas do campo intelectual. Essas críticas parecem ter perdido a dimensão feminista do texto, principalmente no sentido em que a narrativa reconstitui a formação de Beauvoir como sujeito que constrói sua autonomia em

⁴⁸ No original: *inaugurerait l'abdication de Simone de Beauvoir comme philosophe créatrice et symboliserait la difficulté que rencontrent les femmes à s'affirmer dans cette discipline.*

relação à prevalência do catolicismo não apenas na vida cotidiana, mas no campo intelectual⁴⁹ e aos valores burgueses, em especial a família monogâmica, heterossexual e patriarcal. Sem esse reconhecimento, sua voz como pensadora da cultura e questionadora das relações sociais é minimizada.

Um aspecto marcante das memórias de Beauvoir frequentemente esquecido é que elas são escritas de um ponto de vista existencialista e, nesse sentido, dão concretude a um sujeito entendido como agente de suas escolhas e à ideia de que “a existência precede a essência”. Assim, as memórias de Beauvoir não são apenas um projeto de “contar-se” ao mundo, mas a criação de uma narrativa de si que busca construir, para Beauvoir e para as leitoras, a reflexão sobre a mulher como sujeito de liberdade que, ao assumir essa condição, pode fazer as escolhas que a levarão a transcender a condição de opressão. O impacto dessa reflexão, colocada do ponto de vista de um relato em primeira pessoa, está no fato de dar concretude à ideia de superação de condicionantes, à ideia de libertação.

A recepção desse texto de Beauvoir se insere em um contexto de transformações no campo intelectual. Nos anos 1950, como lembra Bourdieu (2004, pp. 15-17), a filosofia de orientação fenomenológico-existencialista – representada principalmente por Sartre, Beauvoir e Merleau-Ponty – está em seu auge e há, no campo intelectual francês, sobretudo nas universidades, um desprezo pelas ciências sociais, entendidas como tentativas vãs dos “filósofos sem vocação” de produzirem conhecimento sem o “rigor” filosófico.

Assim, quando Beauvoir publica o primeiro volume de suas memórias, a obra não é recebida como um texto de caráter intelectual. Baert (2011) mostra que no período de ascensão do existencialismo na França, os campos cultural e acadêmico – representados respectivamente pela literatura e pela filosofia – viviam um momento de forte confluência, resultado de um processo de aproximação que começou no início do século XX. Entretanto, nesse contexto e nesse período, as memórias não eram tidas como escritos à altura dos textos literários ou filosóficos (MARTIN-GOLAY, 2013) e, na verdade, eram um gênero desvalorizado.

Em certa medida, é possível dizer que ao escrever suas memórias, Beauvoir realiza dois movimentos. O primeiro, é que ela *parece* retornar ao lugar de fala esperado para uma mulher – um lugar marginal. O segundo é que, ao dar às suas memórias um tratamento tanto

⁴⁹ Esse é um aspecto que talvez fique muito mais evidente nos *Cahiers de jeunesse* (1926-1930), que serviram de base a Beauvoir para a produção desse primeiro volume de suas memórias.

literário, por meio da técnica narrativa e da linguagem poética, quanto filosófico, no método fenomenológico e na interpretação existencialista de sua experiência vivida, ela colabora não só para a valorização como também para a renovação do gênero. Por meio da escolha do gênero memorialístico Beauvoir consegue suprimir as separações didáticas e artificiais entre sujeito e objeto, mergulhar na ambiguidade entre esses dois termos, demonstrando que não constituem dois elementos de uma oposição, mas um mesmo fenômeno observado de pontos de vista diferentes.

O lançamento de *Memórias de uma moça bem-comportada*, entretanto, coincide com outro processo de transformação no campo intelectual. De acordo com Bourdieu (2004, p. 19), ao longo dos anos 1960, o estruturalismo, a partir de Claude Lévi-Strauss⁵⁰, se consolidou e conferiu prestígio às ciências sociais sem ameaçar a posição da filosofia, mas questionando a perspectiva humanista, a valorização da experiência vivida e o conceito de liberdade, questões fundamentais do existencialismo. Por outro lado, a corrente pós-estruturalista, que recusa algumas premissas estruturalistas e existencialistas ao mesmo tempo, ganha força a partir de 1968. Durante os episódios de Maio de 1968, a demora de Sartre em apoiar o movimento não colaborou para a popularidade do existencialismo. Nos anos 1970, alguns dos principais nomes associados ao pós-estruturalismo (Michel Foucault, Julia Kristeva, Jacques Derrida) passam a lecionar nos Estados Unidos (PERRONE-MOISÉS, 2004, p. 218), dando continuidade a um diálogo binacional que havia se intensificado na geração de Beauvoir, Sartre e Lévi-Strauss, com intercâmbio de ideias e projetos.

Na França, o que estava em questão, principalmente, era a visão de sujeito de Sartre (KRUKS, 1992 e 2005; ALEXANDER, 2003), da qual Beauvoir não compartilhava plenamente, mas essa diferença não era sequer considerada, porque diante dos interesses políticos de conquista de hegemonia no campo intelectual, a questão teórica era secundária. As críticas que se voltam a Beauvoir têm o intuito de enfraquecer a figura de autoridade de Sartre e a hegemonia de sua versão do existencialismo (CHAPERON, 1999).

Assim, ao mesmo tempo em que Beauvoir é reverenciada nos Estados Unidos e aclamada como autora na França por suas memórias, seus textos teóricos, em especial *O*

⁵⁰ O livro *As estruturas elementares do parentesco*, resenhado em tom positivo por Beauvoir em *Les Temps Modernes*, foi publicado em 1949, mesmo ano da publicação de *O segundo sexo*. Esse dado é interessante para pensarmos o processo que levou o estruturalismo a se constituir no campo intelectual francês como hegemônico e também para pensar o quanto o texto de Lévi-Strauss influenciou Beauvoir para além das referências dos estudos de etnologia que ela cita em seu livro. Bahovec (2017) aborda em parte essa questão.

segundo sexo e seus ensaios anteriores e posteriores, são criticados pela visão existencialista. Como destacam Moi (1990) e Cyfer (2015), a importância de Beauvoir como pensadora passa a ser subestimada a partir da influência do estruturalismo e do pós-estruturalismo nas correntes feministas e, a partir da década de 1980, o estudo do pensamento beauvoiriano migra quase que completamente para os Estados Unidos⁵¹.

No interior das correntes feministas francesas, a argelina Hélène Cixous, a búlgara Julia Kristeva, a belga Luce Irigaray e as francesas Antoinette Fouque e Monique Wittig⁵² são algumas das pensadoras que passam a dialogar com as ideias beauvoirianas a partir da psicanálise na França. Algumas dessas autoras tiveram seus artigos traduzidos em revistas estadunidenses e acabaram sendo associadas ao “feminismo francês” ou “feminismo da diferença” – termos que, assim como “pós-estruturalismo”, são criados no contexto estadunidense para falar da intelectualidade francesa, como lembra Perrone-Moisés (2004).

O termo “feminismo da diferença” é pensado diretamente em oposição ao “feminismo da igualdade” representado por Beauvoir.

As feministas pós-estruturalistas, na década de 70, concentraram-se na importância política do conceito de diferença e questionaram a relevância da igualdade defendida por Simone de Beauvoir. Antiessencialista, Beauvoir considera que ninguém nasce mulher: torna-se mulher. As protagonistas da *écriture féminine*, pelo contrário, são conotadas como essencialistas. Nasce-se, é-se mulher (GEIRINHAS DOS SANTOS, 2008, p. 10).

A percepção de que todas as feministas pós-estruturalistas estavam em choque com Beauvoir, entretanto, não corresponde ao que se passava na teoria feminista, como lembram Chaperon (2000a) e Bahovec (2001): embora reunidas sob a mesma rubrica, essas pensadoras têm muitas diferenças entre si, uma vez que não existe um discurso homogêneo nem um corpo teórico formalizado e comum às feministas francesas. O que existem são comentários de intelectuais anglo-americanas sobre alguns textos e algumas citações que são aproximados na construção de um amálgama que foi chamado de “feminismo francês”. Como resume Christine Delphy (2000), “um conteúdo ideológico foi atribuído a um contexto geográfico”, o que ela

⁵¹ Na década de 1980, aponta Moi (1990, p. 25), de treze livros publicados sobre Simone de Beauvoir, dez foram escritos e editados nos Estados Unidos.

⁵² Em geral, vinculadas ao conceito de *écriture féminine*. “*Écriture féminine* é um conceito do século XX que coloca a questão das práticas culturais e artísticas dentro da problemática da diferença, ligando-as ao sentir sexual. Para o núcleo duro do feminismo francês, também designado como ‘feminismo da diferença’ – Luce Irigaray, Julia Kristeva, Hélène Cixous e Monique Wittig – o entendimento da diferença, faz com que homens e mulheres deixem de ser considerados como entidades separadas (ou produtos), e passem a termos que necessitam um do outro, elementos que funcionam diacriticamente” (GEIRINHAS DOS SANTOS, 2008, p. 4).

enxerga como um processo de criação de fronteiras nacionais e, principalmente, um apagamento das condições de diversidade de produção do pensamento feminista e do que as múltiplas vozes desse pensamento têm de subversivo. Delphy enxerga nesse processo a reabilitação do essencialismo e a manifestação do imperialismo cultural dos Estados Unidos, uma vez que partiria dali a definição de quem seriam as “feministas francesas” importantes.

No interior das ações e teorias feministas na França, entretanto, o que ocorre é um diálogo entre essas diversas correntes e o movimento feminista francês que era, nos anos 1970, uma mistura de diversos grupos, com diversos interesses e correntes, que se reuniam sob a sigla MLF (Mouvement de Libération des Femmes). Chaperon (2000a) mostra que esses grupos realizavam atividades autônomas, mas se reuniam a fim de organizar ações e agendas de interesse comum. A sigla do MLF foi dominada por uma dessas correntes, o grupo *Psychanalyse et Politique – Psych et Po –*, liderado por Antoinette Fouque e contrário a Beauvoir⁵³. *Psych et Po* registrou a sigla como marca, impedindo os demais grupos de usá-la⁵⁴. Essa corrente feminista interpreta a obra de Beauvoir principalmente a partir de suas descrições da maternidade e enxerga nelas uma hostilidade (interpretada como masculinista principalmente por Luce Irigaray, Hélène Cixous e Julia Kristeva, na corrente europeia, e por Elizabeth Spelman na corrente anglo-americana) com as especificidades da experiência das mulheres. Criticam também o fato de o feminismo beauvoiriano ser urbano e letrado, ainda que o próprio feminismo que produzissem pudesse ser qualificado assim (MOSES, 1998). Entretanto, como visto acima, essa leitura não é exatamente autônoma do campo intelectual, nem da teoria feminista em seu interior, uma vez que a questão da maternidade se insere de modo complexo, como catalisadora de interesses políticos e econômicos, na tradição cultural francesa. Essa interpretação reproduz a imagem da mulher construída politicamente no pós-guerra como aquela cujo desejo deve ser devotar-se ao lar, à família. Ursula Tidd (2004, p. 115) considera essa visão uma das responsáveis pelo fato de o “conceito inovador de ‘situação’” de Beauvoir ter sido negligenciado pelas teorias feministas, especialmente as pós-estruturalistas, que assim

⁵³ Em 1984, Beauvoir publicou em uma antologia feminista editada nos Estados Unidos sua avaliação de como o movimento feminista francês era diversificado, com mais de 200 grupos, e avaliou a posição do *Psych et Po* uma ameaça ao feminismo no país.

⁵⁴ Beauvoir dá seu testemunho sobre esse episódio em Wenzel (1986), e atribui a ele um caráter menor, talvez pelo distanciamento do fato, mas tece fortes críticas à concepção de *écriture féminine*.

falham em reconhecer a relevância de Beauvoir⁵⁵.

Beauvoir e Fouque representavam então duas das várias vertentes do feminismo na França dos anos 1970, as duas em mais violenta oposição teórica (marcada por animosidades pessoais⁵⁶): o primeiro representando um feminismo igualitarista, que minimiza a importância da biologia e que aposta em um ideal de sociedade em que as diferenças biológicas não representariam aspectos determinantes da opressão e o segundo representando um feminismo essencialista em que a biologia determina os destinos e a igualdade não é um ideal, e sim a valorização das diferenças. O grupo *Psych et Po* – marcado pelo essencialismo de Fouque – acabou por ser identificado no contexto anglo-americano como “feminismo francês”. Ao dominar a sigla MLF, o grupo conseguiu forjar sua hegemonia na França – enfraquecendo simbolicamente grupos como o *Féministes Révolutionnaires*, de orientação materialista, ao qual Beauvoir estava associada – e fora da França, forjando a ideia de homogeneidade teórica e política do “feminismo francês”.

A predominância do *Psych et Po* fortaleceu o pós-estruturalismo e a psicanálise em seu embate contra o existencialismo. A interpretação de Beauvoir que se tornou hegemônica é de que seu texto e seu estilo de feminismo e de escrita (então voltada para os relatos memorialísticos após uma sucessão de romances com fortes referências autobiográficas) são ultrapassados e com características masculinistas⁵⁷. Sua associação com Sartre é exacerbada e suas contribuições criativas para o feminismo, minimizadas tendo como alvo a visão de sujeito de Sartre. (Propagava-se que a visão existencialista de sujeito considerava a escolha uma capacidade inata do ser humano quando o existencialismo advogava que essa capacidade é resultado de um aprendizado, de uma busca.)

⁵⁵ Tidd (2004, pp. 116-117) destaca que a visão de Beauvoir como masculinista é consequência de uma leitura que toma a visão de sujeito de Beauvoir como cartesiana. Nessa interpretação, o sujeito beauvoiriano seria definido por atributos como autonomia e racionalidade e a diferença de gênero pela oposição eu/Outro. Porém, como argumenta Kruks (2012), é justamente pelos conceitos de ambiguidade e de situação que Beauvoir subverte a ideia cartesiana de sujeito, mostrando uma visão da subjetividade como algo que se constitui – em situação – como intersubjetividade.

⁵⁶ Rodgers (2000, p. 747) analisa as relações pessoais difíceis entre Beauvoir e Fouque, além de uma oposição teórica clara. Enquanto Fouque abraça a psicanálise e a universalidade da supremacia do falo, Beauvoir a limita às sociedades patriarcais.

⁵⁷ No jogo de linguagem que explicita o modo como se constitui o poder simbólico no interior dos campos, como analisa Bourdieu (2010), há termos que assumem significados negativos, no sentido de serem usados menos como ferramentas de reflexão do que de desqualificação do outro e de insulto. É o caso do termo masculinismo, ao lado de outros como humanismo, liberdade, universalismo, essencialismo, antiessencialismo são alguns deles. É curioso perceber que, em relação a Beauvoir, esses termos, muitas vezes de significados opostos, são todos aplicados.

As críticas a Beauvoir na França atravessam o Atlântico e chegam aos Estados Unidos a partir, principalmente, de Wittig, Irigaray e Kristeva, que lá lecionaram, viveram ou publicaram textos. Esse processo de recepção, nos Estados Unidos, das ideias feministas produzidas na França é quase uma projeção. Diversas feministas descreveram essa dinâmica, que também não escapou à percepção das intelectuais francesas, entre elas Christine Delphy, Claire Moses e Eliane Viennot. Michelle Perrot, em entrevista a Galster (2003), diz que as feministas estadunidenses encontraram no “feminismo francês” aquilo “que tinham vontade de encontrar: (...) uma expressão radical, suscetível de fundar uma separação de gênero” (GALSTER, 2003, p. 517), atribuindo às autoras francesas ideias que elas não haviam exatamente defendido. Ao mesmo tempo, é possível pensar que, no contexto estadunidense, era muito mais fácil se identificar com essa corrente dos feminismos da França, por pelo menos dois motivos: outras feministas francesas, como as materialistas, partiam de pressupostos teóricos dissonantes em relação aos interesses da pauta feminista nos Estados Unidos e, além disso, como diz Perrot, essas mesmas feministas e toda a tradição de esquerda francesa eram marcadas pelo “antiamericanismo” que interessava às estadunidenses combater (GALSTER, 2003, p. 518).

Nos anos 1980, o debate em torno do essencialismo e do antiessencialismo, e a utilização cada vez mais ampla do conceito de gênero no interior da teoria feminista nos Estados Unidos (SCOTT, 1986) levaram à intensificação dos debates sobre *O segundo sexo* devido à importância dada, no texto, à produção da experiência sexuada. Mas, ao mesmo tempo, esse retorno se dá em meio a um ambiente intelectual dominado pelo pós-estruturalismo que enxergava nas ideias beauvoirianas uma proposta de igualdade que suprimia as diferenças e priorizava os termos masculinos de existência. Valorizando a leitura psicanalítica das relações, os debates recorreriam à produção teórica da *écriture féminine* para criticar Beauvoir, herdando o clichê argumentativo de que ela simplesmente aplicara as ideias de Sartre e nada propunha de novo, o que influenciou fortemente obras de diversas pensadoras das questões de gênero.

Como destacam Sara Heinämaa (1997) e Emily Anne Parker (2017), Butler, entre outras pensadoras anglo-americanas, interpretou *O segundo sexo* como uma teoria da relação sexo/gênero devido à desnaturalização das diferenças sexuais por Beauvoir. Mas, para Beauvoir, as diferenças na experiência vivida do corpo como sexuado vão sempre existir, não são apenas atravessadas pelos discursos.

A disputa política no interior do campo intelectual contribuiu para uma redução do

pensamento beauvoiriano às ideias de Sartre. Para o feminismo pós-estruturalista, se diferenciar de Beauvoir era fundamental inclusive para se afirmar dentro do campo intelectual, em um contexto em que o existencialismo perdia hegemonia. Como lembra Randall Collins (1998, p. 29) em sua análise que privilegia os grupos intelectuais em conflito, a contraposição de ideias faz parte da própria cadeia de interação ritual do campo intelectual, é o que coloca o campo em movimento.

Faz parte do processo de produção de conhecimento a contestação das ideias hegemônicas e a construção de uma nova hegemonia e, na busca de reconhecimento no campo intelectual, para o feminismo “da diferença” contestar Beauvoir era a base para a reafirmação de seus interesses. Como Sartre encarnava o “Outro” (o existencialismo) para as novas correntes, operando como a figura “contra a qual” se posicionar, um feminismo que combatesse as ideias de Beauvoir se tornava instrumental na construção dessa nova hegemonia. Mas, como destaca Kruks (2001), nesse processo de recusa e resistência, as feministas pós-estruturalistas não só produziram uma caricatura de Beauvoir como distorceram ou encobriram o quanto seu próprio pensamento estava enraizado nas ideias beauvoirianas, além de ocultar em que medida o pensamento de Beauvoir as antecipava, de certo modo retrocedendo a um pensamento que nega a agência do sujeito, atribuindo-a exclusivamente às estruturas discursivas⁵⁸. E é possível pensar que, nesse processo, as feministas pós-estruturalistas colocavam seu esforço intelectual mais a favor do pós-estruturalismo (de resto uma corrente que tinha as figuras masculinas como tão centrais quanto todas as demais correntes filosóficas) do que a favor do feminismo.

Os anos 1950 e 1960 também testemunharam uma produção intelectual no campo das ciências humanas muito marcada pela questão socioeconômica, uma das grandes questões do pós-guerra. Assim, temas como etnicidade e gênero eram ainda mais marginais, em especial na teoria sociológica, o que culminou em uma crise que, no fim dos anos 1960 e início dos 1970, levou ao crescimento dos estudos raciais e étnicos, em especial nos Estados Unidos, deixando de lado os estudos que davam maior atenção aos grupos privilegiados. Esse processo, descrito por Reed (2006, p. 94) tem um impacto na interpretação da obra beauvoiriana no campo das ciências sociais em particular, porque ela não estava tão atenta à questão socioeconômica que se tornaria central nas décadas subsequentes. Apesar de sua abordagem de viés marxista,

⁵⁸ Sawicki (2005, p. 832) sugere que uma análise que coloque o pensamento beauvoiriano e o pensamento foucaultiano tardio, em que Foucault relativiza de certa forma sua visão da inexistência de uma agência transformadora do sujeito, pode explicitar as continuidades entre existencialismo e pós-estruturalismo.

Beauvoir associava a libertação da mulher à atividade profissional remunerada, mas de fato foi apenas nos anos 1970 que ela pensou as implicações disso (como a dupla jornada que recai sobre as mulheres inseridas no mercado de trabalho). Mas é possível também lembrar que, da mesma forma, as ciências sociais não estavam preparadas para receber suas ideias sobre as mulheres e as ignoraram, em parte porque, como defende Bahovec:

(...) Beauvoir deve ser colocada no cruzamento entre existencialismo (em sua relação com a fenomenologia) com o estruturalismo emergente (e não em oposição a eles, como Foucault gostaria que fosse – não em relação a Beauvoir, é claro), ao se estudar a fundo sua maneira particular de transgredir essa mera oposição e sua elaboração particular da ruptura entre os dois, posicionando a diferença sexual precisamente no centro do problema da opressão das mulheres bem como no centro da filosofia (BAHOVEC, 2002, p. 145, nota 9)⁵⁹.

Em certo sentido, é possível perceber também que a obra de Beauvoir acaba por ser criticada e ocultada, em grande parte, como resultado dos processos intrínsecos aos campos intelectuais anglo-americano e francês. No momento em que Beauvoir lança *O segundo sexo*, a obra encontra cenários intelectuais bem específicos e conflitantes nos dois países. Enquanto os Estados Unidos estavam mergulhados em uma tendência mais humanista e iluminista, a Europa vivia o questionamento do humanismo. Seu texto, que busca explorar a ambiguidade entre esses dois projetos de pensamento, não se encaixa em nenhum deles e incomoda a ambos.

Na medida em que o “feminismo francês” existe como uma espécie de espelho do “feminismo anglo-americano”, para além da oposição que se estabelece entre ambos há também uma apropriação de um pelo outro e uma tensão subjacente aos paradigmas da diferença e da igualdade no interior das duas “tendências”. Essa é mais uma questão de confronto político por hegemonia no campo intelectual e também na militância⁶⁰.

Aliado aos problemas relativos à edição em inglês de *O segundo sexo*, esse processo contribui para uma interpretação de Beauvoir que Kruks descreve assim:

⁵⁹ No original: [...] Beauvoir has to be put at the crossroads between existentialism (in its relation to phenomenology) and the emerging structuralism (and not in their opposition, as Foucault would like to have it – not in relation to Beauvoir, of course), by studying thoroughly her own way of transgressing the very opposition and her own elaboration of the epistemological break between the two, precisely, positioning sexual difference at the very heart of the problem of women’s oppression as well as at the very heart of philosophy.

⁶⁰ Esse processo também poderia ser estudado do ponto de vista das rotulações atribuídas aos vários feminismos e suas metáforas. Assim como a metáfora das ondas – feminismo de “primeira onda”, “segunda onda”, “terceira onda” – opera no sentido de colocar as gerações mais novas em oposição às mais velhas, outros rótulos como “feminismo francês”, “feminismo anglo-americano”, “pós-feminismo”, “feminismo pós-estruturalista”, “feminismo radical”, “feminismo interseccional” nem sempre têm sentido descritivo, mas ideológico, servindo não apenas para naturalizar conflitos e discordâncias, mas também para justificar embates de poder.

Quando a teoria feminista emergiu, nos anos 1980, *O segundo sexo* era amplamente discutido, embora com frequência para ser rejeitado como metodologicamente ingênuo e internamente contraditório. Com zelo, as críticas feministas buscavam revelar o que Penelope Deutscher chamou “as contradições notórias de Simone de Beauvoir”. Beauvoir era considerada essencialista, apresentando as mulheres como as desafortunadas vítimas de sua biologia, mas ainda assim uma construtivista social radical, para quem a opressão das mulheres era inteiramente cultural. Dizia-se que ela alegava que as mulheres eram tanto brinquedos inertes do patriarcado como agentes livres, responsáveis por sua própria opressão. Além disso, reforçava-se que Beauvoir se identificava profundamente com o masculino ao atribuir maior liberdade aos homens na esfera pública do que às mulheres na esfera privada, misógina em seu desprezo à maior parte da vida das mulheres, heterossexista e possivelmente racista (KRUKS, 2005, p. 288)⁶¹.

1.4 – Um método fora dos padrões

A citação de Kruks revela também as dificuldades que o método e a escrita de Beauvoir impõem às leitoras e intérpretes. Uma das práticas hegemônicas da filosofia, especificamente, é a construção de sistemas explicativos, as chamadas grandes narrativas, a partir das quais todas as questões podem ser analisadas ou às quais podem ser associadas. Beauvoir tinha sólida formação filosófica e não era alheia a essa prática, porém não se alinhava completamente a esse método clássico que explica o mundo de modo fechado e estruturado, pouco permeável a ambiguidades e a “pontos fora da curva”. Por isso, as interpretações de seus textos, não só de *O segundo sexo*, precisam levar em consideração o modo radical como ela se desloca para fora dos sistemas. Beauvoir constrói o primeiro volume de sua obra mais conhecida a partir da crítica dos principais sistemas de explicação totalizante de sua época: a biologia (por meio da ideia de determinismo biológico), a psicanálise e o materialismo histórico (representado por Engels), de certo modo antecipando as críticas posteriores às “grandes narrativas”.

Desde os tempos de estudante universitária, Beauvoir concebia a atividade intelectual como uma tensão entre os objetivos da filosofia e da literatura. Um exemplo de como essa tensão opera é o modo como sua argumentação, em *O segundo sexo*, se sustenta pela

⁶¹ No original: *As feminist theorizing exploded in the 1980s, The Second Sex was extensively discussed, yet often only to be dismissed as methodologically naive and self-contradictory. Feminist critics zealously sought to reveal what Penelope Deutscher has called "the notorious contradictions of Simone de Beauvoir." Beauvoir was said to be an essentialist, positing women as the hapless victims of their biology, and yet also a radical social constructionist for whom women's oppression was entirely cultural. She was said both to claim that women were helpless playthings of the patriarchy and that they were free agents, responsible for their own oppression. Moreover, it was asserted, Beauvoir was profoundly male-identified in attributing greater freedom to men's public activities than to women's private ones, misogynist in her contempt for most women's lives, heterosexist, and possibly racist.*

análise de como as mulheres são retratadas na literatura. As obras literárias constituem a fonte básica – e são extensivamente citadas – na terceira parte do primeiro volume do livro, “Mitos”. Beauvoir recorre às narrativas ficcionais para confirmar suas conclusões, o que pode ter soado ingênuo para suas intérpretes, mas era, na verdade, uma abordagem inovadora de ler a literatura como uma reflexão social.

Ao se mover no sentido de abandonar métodos de reflexão generalizantes, abstratos e racionalistas para adotar a via da contextualização, do reconhecimento das diferenças, das especificidades e da experiência situada, Beauvoir está metodologicamente questionando o próprio modo “neutro” (isto é, masculino) de produzir conhecimento. Para Beauvoir, é possível fazer esse questionamento por meio da literatura porque em sua compreensão, mesmo que se argumente que as histórias literárias são fictícias, as questões que elas refletem são as mesmas investigadas pela filosofia.

Uma observação de Jo-Ann Pilardi permite pensar que esta é uma característica que dá originalidade ao método beauvoiriano. Pilardi (1999) destaca o isolamento intelectual de Beauvoir em relação às mulheres no momento em que escrevia *O segundo sexo*. Integrando o existencialismo francês, majoritariamente composto por homens, e escrevendo em um contexto intelectual sem tradição feminista, Beauvoir não tinha muitas interlocutoras com quem discutir seu projeto teórico. Ela também não se relacionava com as feministas francesas que, na época, compunham um grupo ainda incipiente. Além disso, dispunha de um material de pesquisa sobre as mulheres que era produzido quase exclusivamente por homens.

Ela encontrou, então, no diálogo com as mulheres que conhecia – jovens estudantes que buscavam se aproximar de seu círculo, as mulheres de sua família, as escritoras de quem era mais próxima (Violette Leduc e Collete Audry, por exemplo), mulheres que ela conheceu em sua viagem aos Estados Unidos – e na própria experiência as fontes primárias de material para seu livro. Mas o material desse diálogo não era rigorosamente sistematizado. A literatura entrava nesse contexto como fonte de referências clássicas, para suporte, exemplificação e comparação com o que ela ouvia, lia, observava e vivia. Por isso, Beauvoir recorreu incessantemente à autoridade das mulheres por meio de seus escritos, especialmente aqueles em que elas falavam por si mesmas e sobre si mesmas⁶² em cartas, diários, registros pessoais,

⁶² Uma escolha interessante para um livro que foi escrito a partir dos desdobramentos do desejo de Beauvoir de escrever sobre si mesma.

autobiografias e ensaios.

Tal escolha metodológica para um livro teórico é, por si só, uma ação política. Por meio dela, Beauvoir se deslocava do método hegemônico de produção e divulgação do pensamento de sua época. Acredito que, por esse método que mescla análise filosófica, crítica literária, estudo de testemunhos (como diários e cartas), conversas e relatos, além do ensaio político, ela se aproximava das ciências sociais – privilegiando a observação das interações sociais, os estudos de caso, os relatos e entrevistas (informais) – e afastava-se da filosofia. Em certo sentido, Beauvoir se antecipava ao fenômeno de valorização das ciências sociais, que Bourdieu irá associar a Lévi-Strauss nos anos 1960.

Esse caminho foi perseguido por Beauvoir não só em *O segundo sexo*, mas na forma como nos apresentou seu pensamento em todas as suas obras, optando por diversos gêneros literários que questionam as noções de neutralidade e objetividade do fazer intelectual: ensaios, memórias, relatos, artigos. Todos eles gêneros “menores” em relação ao texto filosófico.

A esse método “particular”, Beauvoir combinou a metodologia fenomenológica, que consiste em explorar uma questão, uma interrogação – no caso de *O segundo sexo*: “o que é uma mulher?” –, privilegiando descrições de experiências de sujeitos envolvidos. A intenção, portanto, não é exatamente encontrar uma resposta, mas compreender que fenômenos estão ligados à interrogação central.

Esse método servia à multiplicidade de interesses e de possibilidades de expressão que Beauvoir estava interessada em explorar. Acredito que é nessa multiplicidade, na exploração do potencial de cada gênero textual – permitindo atingir públicos diversos, usar retóricas diversas e expressar de diferentes formas as ideias mais relevantes – que se constitui a trama da obra de Beauvoir.

Nesse sentido, talvez, a insistência de Beauvoir em não se classificar como filósofa possa ser associada a um desejo de não ficar limitada às possibilidades oferecidas pela filosofia, ao reconhecimento do impacto do viés de gênero na definição do que é filosofia e ao modo como a categoria mulher é ignorada nessa área. Menos do que rejeitar a si mesma a condição de filósofa, é possível que ela rejeitasse as limitações que o método filosófico – com suas sistematizações totalizantes, a-históricas e universalistas – impunha ao seu pensamento, sobretudo por seu interesse em investigar a ambiguidade como condição central da existência

humana⁶³. O que talvez possa ser contestado, considerando-se esta hipótese, é que essa postura representa ainda uma atitude filosófica radical, que permitia a ela usar a filosofia contra a própria filosofia. Dessa forma, pensando em termos foucaultianos, o que Beauvoir estaria questionando – talvez não abertamente e teoricamente, mas com sua atitude –, esteja relacionado ao modo como a associação saber/poder permeia as relações sociais, em especial as relações de desigualdade e dominação. Essa recusa do universal a dota da percepção de que há pessoas que só encontram lugar nas relações sociais por meio de alguma forma de desigualdade: exclusão, opressão ou alienação. Se existe algo de universalista na utopia beauvoiriana é seu projeto emancipatório que toma como base a ideia de que, enquanto houver uma pessoa submetida a qualquer forma de dominação social, ninguém estará livre.

É compreensível que as teóricas feministas tivessem dificuldades em lidar com o método beauvoiriano. Elas buscavam respostas onde Beauvoir apresentava perguntas; elas encontravam afirmações onde Beauvoir apresentava descrições numa perspectiva crítica e, muitas vezes, irônica; liam como reprodução de discursos sexistas aquilo que Beauvoir pensava como apropriação desses discursos a fim de expor uma crítica ácida sobre eles⁶⁴. Assim, a ideia de um conhecimento situado, que Simone de Beauvoir adota ao privilegiar experiências de mulheres, entre elas a sua, se perde em certas interpretações feministas. Como afirma Kruks:

[...] nos anos 1980, as leituras feministas de Beauvoir frequentemente desmereciam seu trabalho reduzindo-o a uma expressão de seu relacionamento com Sartre, a seus medos pessoais, hostilidades, preconceitos e outras fragilidades. Ela pode ser a mãe do feminismo da segunda onda, mas era uma mãe que as filhas sentiam que as havia decepcionado e, por não poderem ignorar seus laços com ela, passaram a expressar aos gritos seu desapontamento e sua hostilidade (KRUKS, 2005, p. 289)⁶⁵.

⁶³ Essa possibilidade é sugerida aqui a partir da leitura dos *Cahiers de jeunesse* em que a estudante de filosofia e aspirante a escritora Simone de Beauvoir discute longamente, em um monólogo interior constante ao longo dos anos de formação, sobre os limites e as vantagens da filosofia sobre a literatura e vice-versa. Nessas reflexões de seu diário Beauvoir opta frequentemente pelas vantagens da literatura.

⁶⁴ Na verdade, uma prática que se consolidou a partir dos feminismos, em que vários movimentos se apropriam dessa lógica, como demonstra, por exemplo, a “Marcha das Vadias” ou a apropriação das feministas contemporâneas do adjetivo “feminazi”.

⁶⁵ No original: [...] in the 1980s, feminist readings of Beauvoir frequently dismissed her work by reducing it to an expression of her relationship with Sartre, to her personal fears, hostilities, prejudices, and other failings. She might be the Mother of Second Wave feminism, but she was a mother whose daughters felt she had let them down-and because they could not ignore their ties to her they proceeded loudly to express their disappointment and hostility.

1.5 – Pensando com Sartre contra Sartre

O estudo da obra beauvoiriana tem sido há muito tempo colocado em segundo plano devido a uma espécie de obsessão em relação à sua vida pessoal e amorosa, não no sentido de contribuir para a compreensão de suas ideias, mas sim de evitar uma análise mais aprofundada de seu pensamento. Mas as análises que se apoiam nessa abordagem, em geral centrada em seus relacionamentos amorosos, apagam não só sua bissexualidade como alguns desses mesmos relacionamentos (com Jacques Laurent-Bost, Claude Lanzmann e Sylvie Le Bon, principalmente), de modo a construir a imagem de uma mulher submissa em relação aos homens (Sartre e Nelson Algren, em especial, não por acaso aqueles que encarnavam mais claramente a masculinidade dominante) e, assim, desautorizá-la como pensadora feminista. Nesse tipo de análise, o relacionamento com Sartre tem papel central porque, desde muito cedo, as relações que se estabelecem entre ambos são fortemente pautadas pela colaboração intelectual.

Por meio de comparações, opiniões, julgamentos morais, projeções – ou, como afirma Simons (1999, p. 19), distorções produzidas no meio acadêmico estadunidense e na mídia – o pensamento beauvoiriano passou a ser considerado menos relevante e também um resultado de uma relação entendida como definida pela dependência intelectual e afetiva. Assim, muito das sofisticadas concepções beauvoirianas e das diferenças e nuances de seus conceitos em relação aos de Sartre se perderam em interpretações que a tomam por uma discípula dele. Essa compreensão reproduz um padrão destacado por Le Dœuff (1989): na filosofia, a mulher é aceita apenas como discípula ou amadora.

Sartre e Beauvoir compartilhavam formação, origem social, ideias e um mesmo vocabulário (consciência, transcendência, liberdade, situação). Além disso, ambos compartilhavam alguns pressupostos como a inexistência de natureza humana, de valores universais, de leis divinas. Mas o pensamento beauvoiriano também trazia um vocabulário original (reciprocidade, ambiguidade), além de dar um sentido particular aos conceitos e pressupostos existencialistas que, em determinados momentos, se contrapõe ao pensamento sartreano, em especial em relação à liberdade e à situação (KRUKS, 1995; VINTGES, 1995; SIMONS, 2012 [1981]).

A relação afetiva e intelectual que se estabeleceu entre Beauvoir e Sartre sempre teve um exagerado peso na construção da imagem de Beauvoir. Como lembra Simons (1999), ainda que esse relacionamento tenha certamente tido um papel importante na vida e na trajetória

intelectual de Beauvoir, o modo como ele tem sido interpretado e retratado é predominantemente resultado de um “preconceito falocêntrico”. A expressão é usada pela própria Beauvoir em entrevista concedida a Simons em 1979 e reflete o modo como Beauvoir enxergava a representação de sua parceria com Sartre na época (uma representação que permanece até os dias atuais), em que ela é subestimada como mulher e pensadora autônoma.

Além disso, interpretações e representações do relacionamento entre Sartre e Beauvoir reproduzem, na maioria das vezes, a visão tradicional heteronormativa do “casal”. Essa visão oculta a bissexualidade de Beauvoir e as diversas relações amorosas que ela viveu, ao mesmo tempo em que destaca os múltiplos relacionamentos vividos por ele, em um corolário da leitura sexista de que nos relacionamentos a mulher é subordinada ao homem. As diversas relações vividas por Beauvoir, quando mencionadas, são tratadas como pouco importantes, como reações dela às relações de Sartre com outras mulheres (em uma projeção, sobre um relacionamento consensualmente marcado pela não exclusividade, do modelo monogâmico e heteronormativo das relações amorosas tradicionais) ou, ainda, como meras tentativas de Beauvoir de atrair para o interior do relacionamento mulheres jovens com que ambos poderiam se relacionar. Mais importante do que isso, essa interpretação é a base de uma representação de Beauvoir como uma mulher afetivamente dependente, submissa, inferior, descontente e ressentida. Ao mesmo tempo, colabora para reforçar, no plano intelectual, a imagem de que intelectualmente Beauvoir era uma pensadora sem criatividade cujas principais obras eram, quando muito, esclarecimentos de aspectos do pensamento sartreano nos quais ele não se deteve (como os primeiros ensaios de Beauvoir sobre ética existencialista) ou aplicações do sistema sartreano. Tal leitura não se sustenta após a publicação da correspondência entre eles.

É importante destacar que a insistência em uma submissão afetiva de Beauvoir em relação a Sartre não é resultado de mera curiosidade sobre a dinâmica do relacionamento que estabeleceram (uma experiência considerada radicalmente inovadora). A representação dos laços afetivos entre Beauvoir e Sartre é o alicerce de sua representação como inferior intelectualmente porque, em uma suposta hierarquia entre o intelectual e o afetivo, as mulheres seriam dotadas mais de afetividade, característica tida como inferior ao cultivo da intelectualidade. Assim, essa visão se sustenta pelo modo como socialmente as mulheres são interpretadas por suas emoções – sempre insatisfeitas e carentes e, por isso, dispostas a sacrificar qualquer outro aspecto da vida pela relação amorosa. Essa visão, aplicada a Beauvoir ao longo de décadas – inclusive por muitas intérpretes feministas – serviu para ocultar não apenas a pensadora que foi como a influência que teve nas ideias, projetos e transformações do

existencialismo (ARP, 2017).

Muitas estudiosas da obra de Beauvoir (entre as quais destaco Margaret Simons, Christine Daigle e Toril Moi) falharam em lidar com essa questão. Simons (1999), por exemplo, determinada a buscar nas palavras da própria Beauvoir a afirmação de sua autonomia, entrevistou-a diversas vezes tentando forçá-la a reconhecer-se como uma filósofa autônoma e, diante das respostas de Beauvoir (que não se reconhecia como filósofa e que reforçava a condição de Sartre como filósofo), atribuiu a Beauvoir a responsabilidade por essa representação do relacionamento entre ambos. Daigle (2006), na mesma linha de Simons, insiste que, ao sustentar que Sartre era filósofo e ela não, Beauvoir contribuiu para essa representação. Já Toril Moi (2008) esforçou-se por interpretar toda a trajetória de Beauvoir a partir de um único episódio de sua vida – a famosa conversa entre Beauvoir e Sartre nos Jardins do Luxemburgo, em 1929, em que ambos tentam elaborar sistemas filosóficos e em que Beauvoir se rende aos argumentos de Sartre, desistindo de sua própria teoria – como uma prova de que ela se subordinou a ele intelectual e afetivamente ao longo de todo o período em que conviveram⁶⁶.

Sendo Simons, Daigle e Moi três das pesquisadoras contemporâneas que mais se dedicaram aos estudos beauvoirianos, esses aspectos de seus trabalhos são interessantes para destacar como, ainda hoje, é difícil para as mulheres intelectuais estabelecerem sua autonomia e obterem uma avaliação precisa de sua produção intelectual. Colocando a questão de forma direta e comparativa: o que se exige de Beauvoir – que ela prove por declarações sua autonomia e que toda sua trajetória intelectual se defina a partir de um único episódio acontecido quando ela tinha 21 anos – nunca foi exigido de Sartre. Em nenhum momento sua autonomia intelectual e afetiva é questionada, mesmo quando, na fase intermediária de sua trajetória, ele adota concepções de liberdade e situação claramente influenciadas pelo pensamento beauvoiriano (como mostra Kruks, 1995).

Após a publicação de *O segundo sexo*, muitas resenhas, artigos, cartas e livros, segundo Chaperon (2000a, p. 152 nota 3), destacavam um ponto da obra: a noção de sujeito em situação de Beauvoir se afasta sensivelmente do existencialismo de Sartre em *O ser e o nada*⁶⁷.

⁶⁶ O episódio é narrado por Beauvoir em suas memórias e, desde então, apontado em diversas interpretações como um atestado da submissão intelectual e afetiva de Beauvoir a Sartre.

⁶⁷ Como obra mais importante a indicar isso ela aponta o livro da feminista Françoise d'Eaubonne, *Le Complexe de Diane* (Paris: Julliard, 1951), que apontava uma dissidência de Beauvoir em relação a Sartre no texto.

Como Sartre, Beauvoir considera a dimensão existencial do sujeito e compartilha com ele certo vocabulário: os verbos que definiriam a identidade do sujeito seriam agir e fazer, não a essência implicada no conceito de ser. Porém, ao contrário de Sartre, Beauvoir leva em consideração as restrições à ação impostas por normas sociais e também o movimento que existe em termos sociais de reinstituir normas ali onde elas foram derrubadas como condicionantes da ação do sujeito e é nesse sentido que a ideia de situação ganha, em Beauvoir, uma relevância original. O sujeito, então, precisa ser compreendido com base nas características de sua situação específica, o que dá sentido aos verbos agir e fazer.

A percepção dessa diferença, entretanto, foi sendo apagada historicamente. Após revisar textos teóricos sobre Simone de Beauvoir por filósofas feministas estadunidenses e europeias entre 1999 e 2009, Simons (2010) concluiu que a maioria dos trabalhos interpreta Beauvoir a partir de Sartre⁶⁸, ocultando aspectos centrais e originais de sua obra. Chaperon (2000b) destaca, entre esses pontos, o fato de que Beauvoir utilizou mais intensamente o método fenomenológico, se aproximou do marxismo antes de Sartre e sempre teve uma noção do Outro como uma categoria social, não abstrata⁶⁹. Bergoffen (1997, p. 28) destaca ainda que a leitura que enfatiza a influência intelectual de Sartre sobre Beauvoir – e que justifica essa ênfase pela relação afetiva entre eles – fez com que todo o diálogo e a apropriação que Beauvoir estabelece com outros filósofos tenha ficado oculta por décadas nos estudos da obra beauvoiriana, o que seria responsável por muitos equívocos nas diversas leituras de seus textos. Isso porque, como mostra Le Dœuff (1995), ao contrário do que considera a maioria das interpretações, Beauvoir não aderiu inteiramente ao existencialismo; ao contrário, ela parte de seus pressupostos e os coloca em interlocução com um grande número de proposições teóricas, transformando-o e criando um pensamento mais independente.

Adotando uma perspectiva beauvoiriana de chamar a atenção para as questões de

⁶⁸ É recorrente, nesse período, em mais uma tentativa de sujeitar o pensamento beauvoiriano a sua vida afetiva, a referência ao encontro nos Jardins de Luxemburgo.

⁶⁹ Chaperon toma o cuidado nesse texto de destacar a polêmica de uma leitura invertida da relação intelectual entre Sartre e Beauvoir, destacando a obra de Kate e Edward Fullbrook em que Sartre aparece como um “imitador” de Beauvoir. Com base nas cartas e diários de Sartre e Beauvoir, Kate e Edward Fullbrook (1995 e 2008) afirmam que *A convidada*, de Beauvoir, é o primeiro manifesto existencialista, por ter sido escrito antes de *O ser e o nada*, de Sartre, e porque, em vários aspectos, foi a inspiração para várias discussões do tratado filosófico. Essa interpretação é controversa e não inteiramente aceita entre as estudiosas do pensamento beauvoiriano, principalmente por sugerir que Sartre conscientemente “plagiou” Beauvoir. Apesar de criticada, a proposta instala uma suspeita no campo dos estudos beauvoirianos que sugere a necessidade de aprofundamento das pesquisas sobre a autonomia de Beauvoir como intelectual.

cumplicidade nas relações de desequilíbrio de poder, Simons (2010) atribui o apagamento de aspectos cruciais do pensamento beauvoiriano, em parte, a Beauvoir, pois ela insistiu ao longo da vida em destacar que Sartre a influenciou filosoficamente ao passo que ela não o influenciou. Ainda assim, Simons tem dificuldade em encontrar uma explicação para isso, e atribui essa escolha beauvoiriana ora à autopercepção de que seus escritos não configuravam um sistema filosófico, ora ao desejo de proteger Sartre e reafirmar sua importância no pensamento francês, ora e concomitantemente, à intenção de proteger o próprio pensamento, já que seria mais fácil para leitores e críticos do contexto francês do pós-guerra admitirem que aquelas ideias eram produto de um pensamento masculino do que feminino (SIMONS, 2010, pp. 910-913).

Não é possível saber com certeza o que levou Beauvoir a rejeitar seu *status* de filósofa, mas é certo que a parceria intelectual entre ambos era sólida e que as contribuições eram mútuas, embora Beauvoir de fato reforce, sobretudo em suas memórias e em entrevistas, sua condição de escritora, cabendo a Sartre o papel de filósofo. Beauvoir era a primeira leitora e crítica das obras de Sartre e ele era o primeiro leitor e crítico das obras de Beauvoir. Frequentemente, como revelam as cartas trocadas entre ambos, liam e comentavam seus textos antes mesmo de os trabalhos estarem concluídos.

Além dos pontos levantados por Simons, cuja interpretação corre o risco de resvalar para certo sexismo, acredito ser relevante apontar que a tarefa de “explicar” por que Beauvoir não se definia como filósofa é importante para os estudos filosóficos porque “ser filósofa” é uma condição, aparentemente, para justificar estudá-la nas linhas de pesquisa de filosofia feminista. Mas essa questão também pode ser pensada como relevante no campo das ciências sociais, pois possibilita compreender o movimento do campo intelectual de enquadrar socialmente os sujeitos em áreas de especialidades, em sistemas de valores e visões de mundo (algo que parece ter particularmente desinteressado Beauvoir, uma vez que ela se dedicava a pensar a partir de ambiguidades).

Além disso, a questão sobre por que Beauvoir não se considerava uma filósofa só pode ser respondida no campo das suposições mais ou menos demonstráveis, mas não prováveis, pelo menos diante do material de pesquisa disponível hoje. Assim, no campo das suposições, há inúmeras outras possibilidades que podem ser levantadas e que não se limitam nem à submissão de Beauvoir a Sartre nem à rejeição total da filosofia por Beauvoir. Primeiro,

o projeto intelectual original de Beauvoir era o de ser uma escritora⁷⁰, e isso estava estabelecido para si antes mesmo de conhecer Sartre, como mostram seus diários de 1926 a 1928. Além disso, é possível supor que ela desejasse reforçar a importância de Sartre como o criador de um sistema filosófico, ao mesmo tempo em que afirmava que ela não se identificava plenamente com esse tipo de teoria.

Há, ainda, a questão de Beauvoir ter se dedicado intensamente a um gênero desvalorizado em sua época, as memórias. Essa escolha, entre os anos 1950 e 1980, foi muito mais criticada do que reconhecida. Mas Beauvoir não podia ignorar essas críticas. Ao embasar sua obra memorialística em um referencial filosófico, criando as bases para revalorizar o gênero a que se dedicava e o ofício da escrita das memórias como um trabalho intelectual sólido, não apenas como uma aventura introspectiva – em outras palavras, ao escrever suas memórias como uma intelectual – ela desafiava a visão tradicional de filosofia e, nesse sentido, talvez ela não desejasse se posicionar como filósofa.

É possível, então, enxergar na postura de Beauvoir uma estratégia consciente de autonomia, um posicionamento, como sujeito, de seu desejo de não pertencer a determinado grupo ou, talvez, um desejo de demonstrar seu reconhecimento à obra de Sartre, com quem e contra quem ela muitas vezes lapidou seu próprio pensamento. Beauvoir, ao não se dedicar a desenvolver todo um sistema filosófico, mas a explorar as potencialidades do existencialismo e da fenomenologia para a compreensão dos temas que mais a preocupavam, certamente não queria colocar suas ideias acima ou no mesmo nível das de Sartre, que se dedicou a criar um sistema filosófico. Ainda que isso demonstre que ela estava, sim, comprometida com uma visão mais tradicional da filosofia, que privilegia os sistemas completos, também confere à sua obra uma maior abertura ao diálogo com outras áreas do conhecimento, especialmente as ciências sociais, e é provavelmente esse aspecto que faz com que sua obra, e não a de Sartre, tenha se mostrado ao longo das décadas mais influente historicamente.

⁷⁰ Daigle (2006) lembra que, entretanto, o projeto literário de Beauvoir envolve um processo filosófico, já que faz uso do método fenomenológico. Embora mais ilustrativo do que argumentativo, esse método combina com a produção literária e – reconheça Beauvoir ou não – *O segundo sexo* e *A velhice* são textos filosóficos. Considero interessante destacar que, em seus diários de juventude (BEAUVOIR, 2008), Beauvoir tece longos comentários sobre os métodos e resultados da escrita literária e filosófica, oscila, em preferência, entre um e outro, e enxerga em cada um deles vantagens e desvantagens que a encantam e decepcionam. Visto que Beauvoir, ao longo de toda a carreira, dedicou-se a esses dois gêneros (entre outros), não considero injustificado supor que ela optou, também quanto a isso, a caminhar na fronteira entre os dois métodos e a explorar as ambiguidades dessa escolha. Por isso, não se considerar filósofa: sua atividade era mais exploratória.

Para além de todas essas suposições, entretanto, acredito que existe uma que não só não é destacada pelas estudiosas da obra de Beauvoir como tem mais força: a possibilidade de que Beauvoir rejeitasse ser uma filósofa porque o campo da filosofia não era aberto às mulheres e às questões que ela estava interessada em discutir. Ao se dedicar a essas questões, ainda que usando ferramentas da filosofia, Beauvoir sabia que se colocava fora – ou, ao menos, em uma zona de fronteira – da filosofia como definida até então (por preocupações, linguagem, pressupostos que sustentavam a hegemonia masculina).

A leitura de *O segundo sexo* como uma derivação da teoria sartreana pode ser contestada, em especial a partir dos anos 1990. Várias pesquisadoras já detalharam como a leitura das obras beauvoirianas em conjunto pode desconstruir não apenas a ideia de que Beauvoir simplesmente aplicava as ideias de Sartre como explicitar que sua visão do corpo é muito diferente da de Sartre. Sonia Kruks (1995 e 1998) mostrou como Beauvoir entende a liberdade de um modo diferente ao de Sartre e acabou por influenciá-lo. Debra Bergoffen (1997), Karen Vintges (1995) e Christine Daigle (2008), em especial, se debruçaram sobre a visão beauvoiriana de corpo e revelaram como ela se afasta da concepção sartreana.

Para Daigle, por exemplo, a principal diferença – e aquela que irá permitir a Beauvoir estabelecer sua visão da existência como uma experiência sexuada – é que, embora para ambos o corpo seja a condição para a consciência, para Sartre o corpo é uma matéria passiva que recebe as informações do mundo pelos sentidos, mas não influi no pensamento. O pensamento é pura consciência. Essa passividade se exacerbaria no corpo da mulher, que “só se completaria pela penetração” (DAIGLE, 2008, p. 149). Já para Beauvoir, o corpo é ambíguo. Enquanto a consciência é um ponto de vista sobre o mundo, o corpo é a condição para esse ponto de vista, é uma situação. O corpo insere o ser no mundo não apenas como materialidade, mas como condição social, histórica, sexual, de tal modo que consciência e corpo estão simultaneamente imbricados no pensamento. A consciência, em Beauvoir, é corporificada, encarnada, e, por isso, a percepção da experiência humana é sexuada. A cultura produziria significados dessa experiência sexuada no sentido de estabelecer as relações de forças diferenciadas.

A percepção da autonomia do pensamento beauvoiriano em suas obras mais divulgadas, *O segundo sexo* e *A velhice*, permitiu demonstrar que muitas das ideias que constituem o existencialismo sartreano teriam sido formuladas e compartilhadas por Beauvoir. Além das ideias de liberdade, corpo e sujeito, a questão da alteridade também teria uma

concepção original no pensamento beauvoiriano. Margaret Simons (1999) encontrou nos diários de Beauvoir, ainda quando estudava filosofia e não conhecia Jean-Paul Sartre, as primeiras reflexões da autora sobre o tema.

O ponto principal aqui é que, se essas diferenças não foram apontadas antes por leitoras da obra beauvoiriana isso se deve a uma submissão à interpretação hegemônica – e sexista – segundo a qual Sartre seria a origem de todas as formulações existencialistas, cabendo a Beauvoir apenas o papel de reproduzi-las e aplicá-las a temas menores. O que essa interpretação hegemônica perde é o fato de que Beauvoir introduz uma inovação radical no existencialismo – a diferença de gênero – e que a analisa a partir de uma ruptura radical com a ideia de situação de Sartre.

Além disso, essa interpretação oculta o poder intelectual e a presença política de Simone de Beauvoir, ou seja, sua influência tanto no campo intelectual quanto na esfera pública mais ampla. Como destaca Stanley (1996, p. 424), mesmo entre comentadoras do feminismo acadêmico há uma insistência em ignorar o poder intelectual de Beauvoir e em retratá-la como subserviente a Sartre. Stanley defende – com base no cotejo das cartas trocadas entre ambos, em biografias e em vários estudos⁷¹ –, que Sartre e Beauvoir alternavam-se nas posições de autonomia e subserviência intelectual.

O que fica evidente é que comentadoras e comentadores das obras de Sartre e de Beauvoir, dentro e fora do feminismo, falharam e ainda hoje falham em compreender os padrões complexos de trocas intelectuais – e afetivas, se quisermos incluir aqui autores e autoras que se dedicaram em comentar as experiências amorosas e sexuais de ambos⁷² – que existia nesta parceria. A tarefa, de qualquer modo, não é simples, devido à complexidade das duas personagens históricas e à originalidade dos laços que estabeleceram por mais de 50 anos. Mas a insistência na imagem de Beauvoir como submissa a Sartre também revela que, se houve tentativas de compreensão, elas não levaram em consideração o fato de que a interpretação

⁷¹ Entre eles, os controversos textos de Kate Fullbrook e Edward Fullbrook, que atribuem a Beauvoir a criação das ideias-chave expostas por Sartre em *O ser e o nada*.

⁷² Nessa linha, apenas a título de curiosidade, já que não é esta a questão principal deste trabalho, Stanley (1996) sugere a possibilidade de Beauvoir ter retratado a si mesma, em alguns momentos, como inferior intelectualmente e dependente emocionalmente de Sartre numa tentativa de preservar a imagem do casal heterossexual convencional, o que era útil para encobrir sua bissexualidade.

convencional dos relacionamentos heterossexuais não podia ser aplicada a esse caso⁷³.

A sugestão de Stanley para pensarmos esse relacionamento, na medida em que a questão seja relevante para a compreensão das obras deixadas por ambos, é rejeitar antecipadamente os mitos que se estabeleceram em torno deles. No caso de Beauvoir, essa é uma sugestão útil, que nos permite um encontro com uma pensadora no controle de seu desejo e de sua agência. Beauvoir certamente pensava com Sartre, mas principalmente contra Sartre, tendo nele uma espécie de interlocução, de intersubjetividade, na qual ela vivenciava a oposição, o questionamento, as forças e vulnerabilidade de suas próprias ideias.

1.6 – Um projeto intelectual original

A leitura dos processos pelos quais se deu o ocultamento de aspectos da obra de Beauvoir permite compreender que, tanto para o pensamento tradicional como para o pensamento feminista, foi difícil lidar com a especificidade do projeto intelectual beauvoiriano. Enquanto a esquerda francesa enxergava em sua proposta uma discussão que desviava a atenção das causas emancipatórias da classe trabalhadora, o pensamento feminista enxergava suas ideias como não feministas porque se alinhava a propostas emancipatórias que transcendiam a condição das mulheres, em especial as causas das classes trabalhadoras.

Para Beauvoir, tudo o que envolve a existência humana – fatos biológicos e ideológicos, políticos e íntimos, corpo e mente, a relação eu/outro, o masculino e o feminino, a transcendência e a imanência – se apresentava em relação, não em contraposição. O que o pensamento tradicional apreendia como antagonismo, na obra de Beauvoir era tratado de forma relacional, um passo além da dialética.

Do ponto de vista teórico adotado por Beauvoir, tudo o que era da ordem da existência humana apresentava, mais do que contradições e contraposições, uma relação direta e indissociável em que um elemento de um par conceitual está contido no outro. É por isso que seu sujeito se constitui e age em situação, que o corpo e a mente (a experiência física e a consciência) contribuem para o pensamento, que o íntimo tem uma dimensão social e política. Essa atenção à ambiguidade, acredito, perde muito de seu peso e de suas implicações nas interpretações dominantes de sua obra, como sugerem as críticas de que a autora seria misógina,

⁷³ A tentativa menos sexista e maniqueísta, e talvez por isso, mais bem-sucedida nesse sentido, talvez tenha sido a de Hazel Rowley em *Tête-à-tête*, uma “biografia” do relacionamento publicada originalmente em 2006.

binarista e universalista. Essas afirmações se afastam de três aspectos principais da teoria beauvoiriana: sua ideia de ambiguidade, sua visão de sujeito situado e a rejeição de todo tipo de determinismo.

Se entendidos como aspectos perpassados pela ambiguidade, o radicalismo do pensamento beauvoiriano, sua principal inovação, e sua proposta intelectual permitem ler as interpretações da obra de Beauvoir como reações que buscam, em certo sentido, “domesticar” esse elemento tão difícil de compreender. Stanley (1996) destaca, por exemplo, que quando Beauvoir começou a enviar seus primeiros manuscritos às editoras, as respostas que ela recebia eram de que seu estilo não era ruim, mas era impublicável.

Os processos de ocultamento descritos neste capítulo, espero, permitem dar uma perspectiva diferenciada às leituras de *O segundo sexo* e ao teor das críticas feitas ao livro e à autora. O que acredito ser central em todo esse processo é que, ao lidarmos com as interpretações da obra beauvoiriana e não com o texto original, incorporamos, ainda que inconscientemente, a produção de um pensamento “estranho”, nos afastamos do desafio de lidar com a questão da ambiguidade e cedemos espaço a leituras marcadas historicamente por interesses em que a originalidade de seu pensamento encontrava muita resistência.

Não se trata de propor aqui um retorno à “pureza” de *O segundo sexo*, de todo modo inexistente, já que toda obra é também aquilo que se produz a partir dela, apesar da autora. Entretanto, é possível perceber que essas interpretações e reconstruções do texto não exploram a polivalência da obra e são historicamente tão datadas quanto afirmam ser o texto beauvoiriano, contribuindo para o desmerecimento de Beauvoir e de sua obra antes mesmo que ela seja estudada (ALEXANDER, 1997, p. 112).

O texto beauvoiriano, inscrito no tempo e projetado em nossa contemporaneidade, mas também inserido no contexto das relações complexas do campo intelectual, traz continuidades e rupturas em relação ao que a autora escreveu e pensou antes e em relação ao que ela escreveu depois. Nessa contextualização, é possível perceber que seus conceitos principais ficaram encobertos, principalmente, penso, os conceitos de ambiguidade e de situação, e esse encobrimento está certamente relacionado ao fato de que as reações críticas ao trabalho de Beauvoir ao longo de décadas estiveram marcadas pelo fato de que a questão de gênero – especificamente a desvalorização da mulher intelectual – atravessa a recepção das obras. O campo intelectual é também marcado por resistências de gênero. Se o campo intelectual resiste aos estudos que se debruçam sobre as mulheres (como a própria Beauvoir

destaca na introdução de *O segundo sexo*), o caso de Beauvoir é bastante emblemático por colocar a nu outras resistências que se produzem e se reproduzem também no interior dos estudos feministas e de gênero. No jogo de forças do campo intelectual, silenciar Beauvoir era relativamente necessário talvez para manter o equilíbrio já preestabelecido das hegemonias anglo-americana, masculina, pós-estruturalista e tantas outras.

CAPÍTULO 2 – A SITUAÇÃO COMO DIMENSÃO DA EXISTÊNCIA

A experiência reflexiva de Beauvoir no período de ameaça de guerra e da Segunda Guerra Mundial foi tão intensa que, em suas memórias, esse processo é descrito como “‘conversão’ para a história”. As cartas trocadas com Sartre no período em que ele esteve mobilizado, seu diário de guerra (cujos trechos publicados correspondem ao período de setembro de 1939 a janeiro de 1941⁷⁴) e a segunda parte de *A força da idade*, segundo volume de suas memórias, publicado em 1960, constituem o testemunho dessa transformação e representam, em temporalidades diversas, o processo intelectual de Beauvoir na produção de um pensamento social e político próprio.

Os textos dos diários constituem também o primeiro registro que Beauvoir faz de suas impressões sobre a guerra e de suas preocupações teóricas, com anotações sobre os conceitos, as leituras, os recursos filosóficos que utiliza para compreender o mundo, suas transformações e para o “estudo e definição” de si mesma (BEAUVOIR, 1990a, p. 129).

Esses pensamentos são reelaborados, no mesmo dia ou em dias imediatamente subsequentes, nas cartas. Às vezes, o processo é inverso, mas entre um texto e outro há sempre supressões, omissões ou acréscimos que diferenciam um registro de outro, mas o que sobressai é sempre o trabalho de contar-se aos outros e a si mesma, que se dá entre o íntimo e o político. Já as memórias representam uma revisitação daquelas experiências quase vinte anos depois e os fatos não são apenas registrados, como nos diários e cartas, mas interpretados pela autora⁷⁵.

Devido a essas diferenças temporais, mas também de linguagem e de estilo, esses diferentes gêneros textuais deram a Beauvoir a oportunidade de pensar e repensar, registrar, anotar e recontar sua passagem de uma atitude inicial que ela descreveu como marcada pela contemplação abstrata do mundo e pela preocupação com a felicidade individual, para uma percepção do indivíduo como situado historicamente e inserido em uma constante rede de relações. Assim, mesmo os que poderiam ser considerados puramente íntimos ou banais (como quando ela relata seus encontros amorosos ou registra a lista de alimentos comprados ou as quantias de dinheiro dadas ou tomadas em empréstimo), constituem já uma obra de viés

⁷⁴ Parte desse diário foi publicada em *A força da idade* em 1960 e em um volume autônomo, intitulado *Journal de guerre*, em 1990.

⁷⁵ Esse triplo movimento entre o íntimo e o político foi analisado profundamente por Martin-Golay (2013).

político. Não são apenas anotações, registros ou relatos, mas testemunhos políticos de sua situação e reflexões filosóficas, sempre tendo em mente que alguém mais iria lê-los. No caso das cartas, Sartre; no caso dos diários, seus amigos e amigas mais íntimos (o que incluía Sartre, algumas de suas ex-alunas, com quem ela se relacionava na época, e Jacques-Laurent Bost); no caso das memórias, leitoras e leitores.

Viver a guerra e refletir sobre essa experiência configuraram uma nova relação de Beauvoir com a filosofia e a literatura. Compreendendo a experiência vivida como uma dimensão política da existência – porque implica um posicionamento e uma ação em relação aos demais sujeitos –, Beauvoir passa a enxergar a liberdade como um projeto de contornos ambíguos: na relação eu/outro se perde algo da liberdade, mas o projeto político de transformação social vislumbra o dia em que a liberdade será alcançada por todas as pessoas. Por meio de sua escrita, Beauvoir mergulha e desvela essa tensão entre o utópico e o vivido.

A escrita passou a ser vista por ela não apenas como um desejo pessoal e uma carreira almejada, mas como uma ação situada no mundo, *o texto se torna ação* e nela o íntimo e o coletivo, o pessoal e o histórico, se inter-relacionam⁷⁶. Essa ação implica também uma nova noção de subjetividade – “esta subjetividade que não se realiza senão como presença no mundo” (BEAUVOIR, 2005, p. 15).

Essa subjetividade que Beauvoir representa muito bem e que pouco tem em comum com a ideia de interioridade: subjetividade, para ela, é sinônimo de ação, se constitui nas e pelas relações sociais; portanto, é sempre intersubjetividade – o social atravessa o indivíduo assim como e ao mesmo tempo em que o indivíduo integra a sociedade. Beauvoir desenvolveu, assim, uma nova concepção do mundo e do trabalho intelectual que permeia sua obra e que a aproxima de uma perspectiva sociológica em que o sujeito não pode ser pensado abstratamente, apenas em relação às configurações de interdependência em que se situa.

Já foi observado (PENNEY, 2005; KRUKS, 1992, 1995, 1998; ARP, 2001) que o

⁷⁶ Também nos diários e cartas é possível encontrar indicações de outro processo concomitante: à medida que Beauvoir se interessa mais e mais pela política e pela história, ela descreve um desejo de imersão em si, de desvendar sua personalidade, sua intimidade, sua subjetividade. Nesse sentido, os diários e cartas poderiam também ser lidos como uma conversão estética. Se, por um lado, testemunham um movimento intelectual de exploração da zona de fronteira entre o pessoal e o político e até mesmo a supressão dessas fronteiras, por outro lado também realizam um movimento de entrega ao gênero autobiográfico ou memorialista em um momento histórico em que esse gênero é desvalorizado. Assim, Beauvoir estaria não só explorando intersecções na zona de fronteira entre o íntimo e o público, registrando também o surgimento de uma nova subjetividade, de um novo tipo de sujeito, para o qual interioridade e exterioridade não mais se opõem. E, além disso, estaria desafiando os padrões estéticos de sua época, ao assumir um gênero que era considerado feminino e pueril.

conceito de situação – e também seus desenlaces, como corporeidade situada, sujeito situado e liberdade situada – tem função central em toda a obra beauvoiriana. Mas é a partir da Segunda Guerra Mundial e das reflexões que esse momento histórico suscita que a noção de situação passa a ser adotada por ela, tendo como bases filosóficas uma série de leituras⁷⁷ e discussões com Sartre sobre a possibilidade de o ser humano transcender a natureza.

A marca beauvoiriana é incorporar à noção de situação a encarnação ou corporificação da experiência (insistindo na concretude e materialidade da situação e no fato de a experiência ser atravessada pelo corpo e pela condição que esse corpo assume nas relações sociais, que é necessariamente atravessada pelo gênero). Ao formular seu conceito de situação, Beauvoir também adota uma nova postura intelectual, marcada pelo engajamento, e constrói sua autonomia como pensadora, encontrando temas e preocupações que serão centrais em sua obra e que a levam a conclusões e métodos próprios, independentes da filosofia sartreana.

2.1 – “Eu me via incluída”

Em *A força da idade*, Beauvoir relata que, pouco antes da guerra e da ocupação nazista na França, a política começa a se fazer presente em suas conversas cotidianas, mas que suas preocupações são ainda de caráter exclusivamente individual. A palavra central de suas reflexões e ideias é liberdade e é com essa postura que, entre 1936 e 1938, Beauvoir acompanha, por jornais e relatos do pintor espanhol Fernando Gerassi (1899-1974), seu amigo, os acontecimentos da Guerra Civil Espanhola: greves, bombardeios, a fome da população, a falta de recursos para os combatentes, o reconhecimento de Franco pela Inglaterra.

Gerassi atribuía à política dita “de não intervenção” do governo francês, que chegou a interceptar um carregamento de armas destinado à Frente Popular, grande parte da responsabilidade pelo fortalecimento de Franco. As armas, dizia Gerassi, teriam permitido a vitória contra o franquismo. Ele acusava: “franceses imundos”. Em 1938, além da guerra na Espanha, a Áustria e a Alemanha entram em foco nas preocupações da intelectualidade francesa, devido à ação da Gestapo. Esses fatos provocaram o primeiro abalo nas convicções de Beauvoir: ela percebia que não era possível sustentar eticamente a postura de neutralidade política que adotava.

⁷⁷ Em particular, os textos de Edmund Husserl sobre fenomenologia (HEINÄMAA, 1999) e a discussão do autor sobre a noção de intencionalidade, bem como o conceito de ser no mundo de Heidegger.

Eu começava a compreender que minha inércia política não me conferia um diploma de inocência e agora, quando Fernando resmungava “franceses imundos”, eu me via incluída.

Mas então, diante das tragédias de além-Reno, podia eu ainda optar pela passividade? Os nazistas tinham organizado o terror na Boêmia e na Áustria. A imprensa revelou-nos a existência do campo de Dachau, em que eram internados milhares de judeus e de antifascistas. Bianca Bienenfeld recebeu a visita de um primo que conseguira fugir de Viena depois de ter passado uma noite nas mãos da Gestapo (...). Eu me envergonhava de meu egoísmo, mas obstinava-me em apostar na felicidade (BEAUVOIR, 2010a, p. 353).

Os meses se passavam e os acontecimentos políticos por toda a Europa mostravam-se cada vez mais preocupantes. Itália, Eslováquia, Polônia, Espanha, Áustria, Alemanha, Holanda, Albânia, Rússia passavam a fazer parte das conversas cotidianas que Beauvoir tinha com outros intelectuais. A França não era mais apenas seu país, mas uma força política envolvida nos conflitos internos europeus.

No início de 1939, a possibilidade de uma nova guerra e a apreensão da população francesa – ainda marcada pela memória e pelos efeitos da violência da Primeira Guerra Mundial – demonstravam que persistia entre as pessoas uma necessidade de acreditar na paz. Segundo Beauvoir, ela e Colette Audry não eram imunes a esse sentimento e ainda imaginavam que seria “pior uma França em guerra do que uma França nazificada” (BEAUVOIR, 2010a, p. 355). Sartre, imaginando principalmente os efeitos do nazismo sobre a classe operária e os intelectuais, defendia o oposto. “Ele convenceu-me. Não se podia mais evitar a guerra. Mas por que se tinha chegado a esse ponto? Eu não tinha direito de queixar-me, já que não levantara um dedo para impedi-la. Sentia-me culpada” (BEAUVOIR, 2010a, p. 355).

É esse momento, pouco anterior à guerra, que Beauvoir considera como marcante:

Não é possível designar um dia, uma semana, nem mesmo um mês para a conversão que se operou em mim. Mas é certo que a primavera de 1939 assinala um corte em minha vida. Renunciei a meu individualismo, a meu anti-humanismo. Aprendi a solidariedade (BEAUVOIR, 2010a, pp. 355-356).

A ideia de solidariedade (que em sua obra, paulatinamente, perde os contornos marcadamente cristãos e ganha uma dimensão política por meio de seus conceitos de reconhecimento, reciprocidade, generosidade e igualdade) terá um papel crucial na trajetória intelectual de Beauvoir.

Gradativamente, a filosofia deixa de ser apenas um exercício intelectual prazeroso e um referencial para justificar suas convicções individuais e se torna uma ferramenta para refletir também sobre questões políticas e as relações sociais. Beauvoir começava a observar mais de perto sua atitude perante as outras pessoas ou, como ela coloca, desenvolvia a

consciência do outro. Nesse processo, ficou evidente para ela o peso da história – como as relações de forças entre os Estados europeus influenciavam as vidas das pessoas e sua própria vida, como os poderes institucionalizados eram capazes de dispor dessas vidas⁷⁸.

A guerra levou a essa mudança.

Até então só me preocupava com enriquecer minha vida pessoal, com aprender a traduzi-la em palavras; tinha pouco a pouco renunciado a meu quase solipsismo, à ilusória soberania de meus vinte anos; adquirira o sentido da existência do outro; mas eram ainda minhas relações individuais que contavam e eu desejava asperamente a felicidade. Subitamente, a História caiu sobre mim, explodi: reencontrei-me espalhada pelos quatro cantos da Terra, presa por todas as minhas fibras a todos e a cada um. Ideias, valores, tudo foi por água abaixo... (BEAUVOIR, 2010a, pp. 367-368).

Embora ainda não tivesse publicado nenhum livro, Beauvoir tinha um manuscrito pronto – os contos entrelaçados de *Quando o espiritual domina* – e trabalhava em seu romance *A convidada* (iniciado em 1938). As ideias e valores que ela expressara nessas obras, como ela anota nos diários, já não correspondiam ao que ela pensava. No processo de desumanização que é a guerra, Beauvoir iniciava, por meio da escrita, um movimento intelectual de humanizar cada vez mais sua reflexão, seu olhar, seu pensamento. Daí sua renúncia ao anti-humanismo.

A guerra ditava também o contexto histórico em que ela interpretava e aplicava ideias filosóficas em que buscava referências para pensar o mundo, em especial de Hegel, Heidegger e Sartre. Avaliando essas filosofias à luz da vida cotidiana, de suas experiências, dos textos dos jornais e dos relatos que lhe faziam as pessoas ao seu redor, ela concordava ou discordava desses pensadores e questionava a filosofia como método.

O modo como Beauvoir criava e concebia seus textos, sua relação com seu grupo, com as forças políticas no interior da sociedade francesa (colaboracionistas, resistentes) e com o mundo, tudo passava por reflexões e impunha um sentimento de estar situada histórica e socialmente. Gradualmente, ela começava a abandonar a percepção de si como indivíduo isolado para concentrar suas observações em como se encontrava situada, inserida na história de um modo que até o íntimo ganhava uma dimensão política (aspecto que ela exploraria depois em *O segundo sexo* e nos textos sobre a Guerra de Independência da Argélia).

Kruks (1998) argumenta que Beauvoir começou a desenvolver seu conceito de situação em 1943, mas os diários e cartas mostram que sua atenção para esse conceito é anterior.

⁷⁸ Talvez seja possível investigar em suas memórias o fato de que certa noção do que Foucault designaria posteriormente como biopoder já fazia parte de suas reflexões.

Em 1939 e 1940, a noção filosófica de situação começa a aparecer em suas observações: ela avaliava como essa ideia podia ser usada para compreender as atitudes das pessoas ao seu redor, os relatos que lia, e foi a partir desse processo que ela começou a definir sua própria concepção de sujeito em situação. Em meados de abril de 1940, quando Sartre, em sua segunda licença, retornou por alguns dias a Paris, Beauvoir já tinha uma ideia clara de *seu* conceito de situação, que diferia daquele pensado por Sartre⁷⁹.

Nos dias seguintes, discutimos certos problemas particulares e, sobretudo, a relação da situação com a liberdade. Eu sustentava que, do ponto de vista da liberdade tal qual Sartre a definia – não resignação estoica, e sim superação ativa do dado –, as situações não são equivalentes: qual a superação possível para uma mulher encerrada em um harém? Mesmo essa clausuração, há diferentes maneiras de vivê-la, dizia-me Sartre. Obstinei-me durante muito tempo e só cedi superficialmente. No fundo, eu tinha razão. Mas, para defender minha posição, fora preciso abandonar o terreno da moral individualista, logo idealista, em que nos colocávamos (BEAUVOIR, 2010a, pp. 420-430)⁸⁰.

Desde o início, portanto, Beauvoir defendia uma ideia de liberdade situada, ao contrário de Sartre, que idealizava a liberdade como radical e absoluta. Esse processo de abandono da moral individualista que Beauvoir menciona foi concretizado paulatinamente em suas obras a partir de então, o que tornou possível, depois, abordar a especificidade da situação da mulher em *O segundo sexo*.

Para Beauvoir, forças externas e institucionais que delimitam a situação de cada sujeito operam de modo diferente e é por isso que as situações humanas não são equivalentes. Homens e mulheres, burgueses e operários, constituem sua subjetividade nas relações sociais e essas relações não os dotam das mesmas condições de resistência às limitações de sua ação no mundo. Beauvoir estava consciente, sobretudo, de que as relações sociais suprimem a liberdade que – de acordo com o existencialismo – existe em potência em todos os seres humanos.

Entre 1938 e 1941, Beauvoir se dedica a escrever *A convidada*. O livro romanceia a composição do trio amoroso entre Françoise, Pierre e Xavière, e a entrada de um quarto elemento nessas relações, Gerbert, explorando questões filosóficas da experiência amorosa: o ciúme e as possibilidades de um triângulo, a autenticidade das relações e o modo como a inclusão de uma terceira pessoa, com seus desejos e necessidades, a ameaça. É também uma

⁷⁹ Os aspectos filosóficos dessa diferença e o modo como Sartre, depois de 1950, passa a adotar a concepção beauvoiriana de situação são explorados em detalhes por Sonia Kruks (1995 e 1998).

⁸⁰ Curioso notar nessa citação dois elementos: o primeiro, a afirmação de Beauvoir de que ela cede apenas superficialmente às ideias de Sartre. Isso porque jamais irá adotar a noção de situação dele (KRUKS, 1995); o segundo é que Beauvoir argumentava já utilizando o exemplo da situação específica de uma mulher.

reflexão sobre a autonomia da mulher como sujeito de seu desejo e da sedução amorosa, mas ainda do ponto de vista individualista. O romance esbarra muito sutilmente na questão política, com breves menções à guerra nos capítulos finais⁸¹.

Em 21 de janeiro de 1941, já nas últimas páginas de seu diário, ela anota: “Hegel ou Heidegger? Por que, se a consciência pode se transcender, meu destino individual teria tanto valor? Não consigo decidir” (BEAUVOIR, 1990a, p. 362)⁸². A indecisão expressa nesse trecho revela uma pensadora em transformação: ela questiona, duvida, busca uma resposta que a satisfaça. Seu desejo é renunciar ao compromisso de juventude com a própria felicidade – ou com o que ela descreve, no início do mesmo mês, como “esse infinito histórico em que Hegel dilui todas as coisas com otimismo” (BEAUVOIR, 1990a, p. 361)⁸³ – para integrar em seu pensamento, mais maduro, preocupações que ela associa à obra heideggeriana, como “as relações do social com o metafísico” (BEAUVOIR, 1990a, p. 366)⁸⁴, as “relações das pessoas entre si” e “o individualismo ampliado e a passagem ao social” (BEAUVOIR, 1990a, p. 367)⁸⁵.

Em todas essas anotações, Beauvoir se refere já às primeiras ideias para seu segundo romance, *O sangue dos outros*.

Eu terminara *A convidada* durante o verão de 1941; mas já no mês de janeiro daquele ano o romance era, para mim, história antiga. Estava ansiosa por falar de questões que hoje me preocupavam. A principal continuava a ser a da minha relação com outras pessoas; mas eu compreendia melhor agora do que outrora a complexidade dela. Meu novo herói, Jean Blomart, não exigia, como Françoise, permanecer diante dos outros como um sujeito único... (BEAUVOIR, 2010a, p. 490).

O processo de conversão de Beauvoir às questões históricas, sociais e políticas é, principalmente, um processo de identificação com os outros e de desenvolvimento de uma noção da história baseada na ideia de responsabilidade pelos outros, de engajamento. Isso tem uma profunda importância em seu pensamento a partir de 1941.

⁸¹ É importante lembrar que o texto foi concluído em 1941 e publicado em 1943, durante, portanto, a ocupação nazista. Assim, é bastante possível que a quase ausência da questão política se deva não apenas à intenção narrativa de Beauvoir na obra, mas a uma tentativa de escapar à censura, já que há essa preocupação em textos posteriores de Beauvoir.

⁸² No original: *Hegel ou Heidegger? pourquoi si la conscience peut se transcender mon destin individuel aurait-il tant de prix? je n'arrive pas à décider.*

⁸³ No original: *cet infini historique où Hegel dilue toutes choses avec optimisme.*

⁸⁴ No original: *Rapport du social au métaphysique.*

⁸⁵ No original: *Individualisme élargi et passage au social.*

As obras escritas por Beauvoir entre 1941 e 1947 também nos apontam para esse processo, principalmente a mudança no modo como as mulheres passam a figurar em seus textos, passando de mulheres em busca de sua autonomia e da realização de seus desejos em termos individuais, como é o caso de *A convidada*, para sujeitos da ação política.

Esse é o tema de seus dois projetos literários seguintes, bem como de seus ensaios filosóficos e artigos anteriores a *O segundo sexo*. Em 1944, Beauvoir se dedica a dois novos projetos: sua primeira (e única) peça de teatro, *Les bouches inutiles*, e seu segundo romance, *O sangue dos outros*.

As duas obras divergem completamente em temas e objetivos de seu romance de estreia: tanto em *Les bouches inutiles* como no romance *O sangue dos outros*, as personagens femininas passam por processos de “conversão” política e se tornam agentes de mudança e de resistência. A publicação dessas duas obras é quase simultânea e ocorre em um momento crucial para a população não só francesa, mas de toda a Europa.

2.2 – Sujeito em situação

A guerra foi, assim, um momento de inflexão na trajetória de Beauvoir. É a partir desse processo de conversão que se forma a intelectual autônoma em busca de suas próprias questões e embasamentos conceituais, inclusive no diálogo com Sartre. A concepção beauvoiriana de política se constrói em uma condição de exceção, a guerra, e refletir sobre essa condição, escrever sobre como os poderes estabelecidos, o Estado e a burocracia passam a controlar as várias dimensões da vida cotidiana é uma questão quase de sobrevivência.

No caso da França, o Estado de exceção se instaura por meio da ocupação, o que torna a questão ainda mais complexa, uma vez que a suspensão do Estado de direito se faz por meio da imposição da força do Estado alemão. E Beauvoir, em sua condição de francesa burguesa e católica, se vê confrontada com questões éticas das mais relevantes (como quando aquiesce em assinar uma declaração de que não era judia, exigida pelas autoridades para que pudesse se deslocar pelo país).

Do ponto de vista político, essa experiência permitiu que ela refletisse sobre os dispositivos de controle dos corpos, das vidas e das subjetividades já em obras anteriores a *O segundo sexo*, como *O sangue dos outros* (em que ela toma a visão da separação de uma mãe judia e de sua filha ainda criança pelos nazistas como um momento de conversão da personagem

Hélène da “neutralidade” política para o engajamento na resistência) e *Les bouches inutiles* (quando, diante da fome resultante do estado de guerra, os magistrados decidem pela morte das “bocas inúteis” incapazes de trabalhar ou guerrear – mulheres, crianças, idosos e doentes). Do ponto de vista pessoal, seus projetos individuais passaram a se articular a essa atenção ao social, exigindo um movimento de combate ao caráter opressivo dos poderes estabelecidos⁸⁶.

Nessa visão de política, o conceito de situação tem especial importância. Para Beauvoir, o sujeito em situação é atravessado pelas relações sociais e as várias formas dos poderes estabelecidos não se inscrevem nos corpos da mesma forma, ao contrário, se baseiam em especificidades produzidas socialmente, às vezes com sustentação em fatos biológicos (que são, eles mesmos resultado da concepção cultural de ciência – como o gênero, a cor da pele, os traços étnicos, a origem geográfica, a idade⁸⁷ – ou não, como a história, a condição social e econômica) para produzir tipos diferentes de privilégio e de opressão, enfatizando e restringindo as possibilidades de cada existência de modos específicos. Nessas especificidades, é importante destacar, o corpo tem grande importância porque ele é, em si mesmo, uma situação, uma materialização de diversos elementos que produzem a diferença e é por meio dele que a experiência se faz subjetividade.

A situação, portanto, não é exterior ao sujeito nem meramente seu contexto (social, político, econômico). Como define Tidd (2004, p. 30): “Minha ‘situação’ não é algo que me é externo ou que me circunda, e sim o fator unificador que vincula minha liberdade à minha facticidade”⁸⁸. A facticidade são os aspectos da existência que não constituem escolhas do indivíduo: a finitude da vida, as condições de nascimento, a existência de outras pessoas. Por isso – e nas condições estabelecidas pela sociedade caracterizada pela dominação masculina – podemos compreender como a situação é sempre atravessada por múltiplos fatores, muitos deles limitantes e inalteráveis.

Embora o conceito de situação seja discutido em uma obra existencialista pela

⁸⁶ Nesse sentido, os diários, cartas e memórias também testemunham a agência individual de Beauvoir diante do poder estabelecido, que se concretizava em ações mínimas e cotidianas como mentir para as autoridades para obter documentos, utilizar os formulários alemães obrigatórios para envio de cartas para trocar mensagens cifradas com Sartre etc.

⁸⁷ É relevante destacar a preocupação beauvoiriana com as questões da infância e da velhice, ausentes em Sartre. A infância só é introduzida como questão na obra sartreana no fim da década de 1960, por influência de Beauvoir, como ela admitiu em entrevista concedida a Simons em 1979 (SIMONS, 1999, p. 19).

⁸⁸ No original: *My ‘situation’ is not something outside or around me, but the glue which binds my freedom and my facticity together.*

primeira vez em *O ser e o nada*, de Sartre, Beauvoir já o adotava em seus diários e cartas. A leitura das cartas trocadas por Beauvoir e Sartre nos primeiros anos da Segunda Guerra mostra que é Beauvoir a primeira a chamar a atenção para esse conceito. E é ela, também, que irá aprofundá-lo e torná-lo uma categoria essencial para articular as discussões entre condicionantes sociais e liberdade, ou estrutura e agência. Tidd esclarece que:

A noção de “situação” ou o fato inevitável de estar situado no tempo, no espaço e na relação com os outros (entre outros fatores) foi apresentado por Sartre em *O ser e o nada*. Beauvoir afirma em *A força da idade* que, no que diz respeito à liberdade, “as possibilidades concretas que se abrem às pessoas são desiguais” (TIDD, 2004, p. 22)⁸⁹.

Na obra de Beauvoir, situação é um conceito que se transforma e se torna cada vez mais refinado, mais complexo, incluindo mais elementos da experiência vivida e da ambiguidade intrínseca à condição de sujeito. Beauvoir reconhece uma hierarquia das diferentes situações, já que as possibilidades de liberdade variam de pessoa para pessoa.

Em seu primeiro texto publicado, o romance *A convidada*, Beauvoir já aborda o tema da situação, porém de modo literário. Sua intenção não é discutir a noção, mas explorar as atitudes existenciais de seus personagens e a consciência de si e dos outros diante de suas situações particulares, bem como descrever os elementos dessa situação que possibilitam às leitoras e leitores compreendê-las. Nessa obra, escrita em grande parte antes de sua “conversão” para a história, é na ação dos personagens que se dá a representação do sujeito em situação.

As primeiras obras em que Beauvoir discute filosoficamente a noção de situação são “Pirro e Cineas” (1944) e *Por uma moral da ambiguidade* (1947) e, embora ela cite constantemente Sartre, é já um conceito diferente de situação que ela apresenta, porque é totalmente sustentado nas relações sociais. Entretanto, nessas obras a situação não é o tema principal, e sim uma noção que sustenta parte da argumentação. A discussão filosófica dessas duas obras é bastante complexa, idealista e abstrata, como Beauvoir reconhece em *A força da idade*. Por isso, mais do que buscar analisá-las detalhadamente, tento lê-las como as primeiras aplicações do conceito de situação por Beauvoir, a fim de demonstrar como este se transforma até *O segundo sexo*. Essas obras são um diálogo direto de Beauvoir com as questões do pós-guerra e grande parte da argumentação pode parecer distante do tema da situação.

⁸⁹ No original: *The notion of ‘situation’ or the unavoidable fact of being positioned in time, space and in relation to others (among other factors) was introduced by Sartre in L’Être et le néant. Beauvoir argues in La Force de l’âge that as far as freedom is concerned, ‘les possibilités concrètes qui s’ouvrent aux gens sont inégales.*

Nessas primeiras reflexões, Beauvoir ainda não se debruça sobre a questão da mulher como uma preocupação específica – embora ela aborde esse tema em seus romances e artigos da mesma época. É como se a abstração característica do pensamento filosófico clássico ainda resistisse a suas preocupações mais concretas.

Mas a categoria “mulher” já aparece nos diários e cartas, ainda que de modo difuso, muito antes. Ela observa as mulheres ao seu redor, se observa como mulher e demonstra um desejo de teorizar a esse respeito. Seriam essas as primeiras reflexões que, posteriormente, seriam discutidas em especificidade em seu “livro sobre a mulher” (como ela se referiria a *O segundo sexo*, enquanto trabalhava na pesquisa e no texto).

2.3 – “Pirro e Cineas” e *Por uma moral da ambiguidade*

Primeiro ensaio filosófico publicado por Beauvoir em 1944, após o fim da ocupação nazista, “Pirro e Cineas” parte de uma discussão sobre a ação. O texto se inicia com a conversa imaginária entre o rei de Epiro e seu conselheiro, em que cada um assume uma posição oposta. Cineas questiona Pirro sobre seu projeto de conquistar o mundo, e quer saber do rei o que ele fará após conquistar o último de todos os territórios. “Ah, eu descansarei”, responde Pirro. E Cineas, então, pergunta: “Por que não descansar imediatamente?” (BEAUVOIR, 2005, p. 133).

A resposta à questão não cabe a Pirro, mas a Beauvoir. Por meio da pergunta, Beauvoir abre a possibilidade de discutir a questão do sujeito diante da ação. O pensamento pragmático de Cineas parece sensato porque a todo sujeito já ocorreu a pergunta “por que agir?”. Mas, para Beauvoir, essa é uma falsa dúvida que sustenta a ideia de que toda ação é inútil, irracional, *sem sentido*.

Em certa medida, a tentativa de justificar a ação exigiria uma explicação grandiosa, um valor absoluto, um objetivo universal. Mas Beauvoir descarta todas essas justificativas atreladas à crença em algo infinito, universal, em Deus ou na humanidade. Beauvoir rejeita o absoluto, o essencial, a religião, a humanidade, a nação e a ciência como instituições que validam os fins de uma ação porque, segundo ela, são causas estáticas em que o indivíduo não está, ele mesmo, implicado em sua relação com os outros; essas causas são formas de recusar a própria situação.

Não é possível agir, por exemplo, em nome de toda a humanidade porque esta não é uma totalidade, a mera soma de todos os seres humanos vivos. A definição de humanidade é

uma definição moral que não leva em consideração os interesses de todos os seres humanos (é possível pensarmos historicamente quantas vidas foram suprimidas porque determinados grupos eram designados como “não humanos” ou mesmo como esse conceito pode ser apropriado ideologicamente para justificar a violência).

Assim, o que Beauvoir argumenta é que entre os indivíduos há conflitos, diferentes interesses, e a ação se faz a partir de escolhas de identidades singulares e se realiza em objetivos específicos, não gerais. Ao fazermos uma escolha, estabelecemos nossos laços com sujeitos que têm os mesmos interesses, os mesmos objetivos que nós, que procuram transcender a própria situação. E nos colocamos em oposição àqueles cujos desejos são obstáculo a nosso projeto.

É ao projetar-se no mundo que um homem se situa, situando os outros homens em torno de si. Então, solidariedades se criam; mas um homem não pode se fazer solidário de todos os outros, pois eles não escolhem todos as mesmas metas uma vez que as escolhas são livres. Se sirvo ao proletariado, combato o capitalismo; o soldado só defende seu país matando seus adversários. E a classe, o país, só se definem como unidade pela unidade de sua oposição ao outro (BEAUVOIR, 2005, pp. 158-159).

Assim, a ação não é nunca objetiva no sentido de universal, ela se dá a partir de particularidades dos indivíduos e se configura na relação do indivíduo com o mundo, com o social, com o tempo, o espaço e com as outras pessoas. A escolha da ação, diz ainda Beauvoir, se faz no e para o tempo presente. É isso que constitui a liberdade do sujeito: escolher em situação. A ação se torna, assim, presença do sujeito no mundo, superação do isolamento e possibilidade de engajar a própria liberdade na relação com os outros – são eles que irão reconhecer ou negar minha ação, meu projeto. Ação e projeto são os elementos que, para Beauvoir, definem a identidade do sujeito.

Em termos da autonomia intelectual de Beauvoir, essa discussão é relevante porque é uma crítica a Sartre (TIDD, 2004) no sentido em que estabelece que o sujeito está sempre em relação – sempre em situação. Muito mais complexa do que esboçado aqui e – segundo Beauvoir, na autocrítica que faz em *A força da idade* –, individualista e marcada pelo idealismo, essa discussão é importante para a gênese do conceito de situação em Beauvoir porque nela o outro é sempre parte da minha situação e eu, parte da situação dele. Não posso agir pelos outros, nem eles por mim, mas minha ação pode produzir as condições em que o outro age, alargar as possibilidades ou impor limites à ação do outro.

Embora essa discussão sobre projetos, liberdade e ação possa parecer pouco palpável, ela confere as bases políticas e morais das experiências cotidianas do sujeito. Entretanto, em “Pirro e Cineas”, Beauvoir ainda não se detém em situações específicas, exceto

como exemplos breves (o escravo, o escritor, a criança, o adulto generoso, o proletário...), mas ela se concentra em destacar como algumas especificidades – classe e país, por exemplo – constituem a situação do sujeito.

É importante destacar que Beauvoir escreveu “Pirro e Cineas” em um contexto de guerra e de forte debate sobre questões como a resistência à ocupação nazista, a mobilização, o colaboracionismo, a ação da esquerda francesa fortemente influenciada pelo marxismo e, embora ela não aborde diretamente esses temas no texto, eles ecoam em suas reflexões. A preocupação com a ação se mostra, assim, atrelada necessariamente à transcendência de uma situação dada. É um contexto de desejo de libertação e uma postura ética que estão por trás desse debate, por isso a preocupação com a ação, a reafirmação da agência do indivíduo.

A ideia de que o sentido da ação é construído pelo indivíduo se repete em *Por uma moral da ambiguidade* (1947), mas a diferença aqui é que Beauvoir irá discutir algumas situações específicas. Segundo Sandford (2017, p. 48), nesse texto Beauvoir desvia sua ênfase da questão da liberdade para a questão da situação.

Beauvoir inicia esse debate específico destacando que, para o existencialismo, os indivíduos são pensados a partir da pluralidade e da especificidade de suas situações, “cuja particularidade é tão radical, tão irreduzível quanto a própria subjetividade” (BEAUVOIR, 2005, p. 21). Destacando que a ideia de situação é comum ao existencialismo e ao marxismo, ela acusa o marxismo de enxergar o desejo de superação da situação dada como não livre:

No momento atual do desenvolvimento do capitalismo o proletariado não pode não querer sua supressão como classe; a subjetividade se dissolve na objetividade do mundo dado; revolta, necessidade, esperança, recusa, desejo são apenas os resultados das forças externas (...)

Sabe-se que este é o ponto essencial sobre o qual a ontologia existencialista se opõe ao materialismo dialético; pensamos que o sentido da situação não se impõe à consciência de um sujeito passivo, que ele só surge pelo desvelamento operado por um sujeito livre em seu projeto (BEAUVOIR, 2005, pp. 22-23).

Beauvoir desenvolve, então, uma visão menos idealista e mais complexa da questão da liberdade: nem todos os sujeitos são livres para escolher sua ação, porque muitos são mantidos em “estado de servidão ou ignorância, não possuem nenhum meio de quebrar este teto sobre suas cabeças; como a própria criança, podem exercer sua liberdade, mas somente no seio deste universo constituído antes deles, sem eles” (BEAUVOIR, 2005, p. 37).

Para a criança, isso se dá porque, mesmo de posse de sua liberdade, seu campo de ação é reduzido e definido pelos adultos. Para os escravos e as mulheres (e então Beauvoir

esclarece duas vezes que se refere às mulheres nas sociedades ocidentais de sua época), é a condição de inconsciência sobre as possibilidades da própria liberdade, o desconhecimento da própria agência, a violência ou mesmo a falta de interesse que irão impossibilitar a ação para transcender a situação.

Beauvoir estabelece uma analogia em que fala sobre a infantilização desses grupos. É a analogia com a criança que permite, entretanto, que ela perceba que diferentes situações representam diferentes possibilidades de agência. Essa nova reflexão significa abandonar a perspectiva individualista da ação e da situação que ela adota em “Pirro e Cineas”.

É também nesse texto que Beauvoir começa a estabelecer uma visão da tessitura de condições sociais e históricas de diferença: quando discute a situação das mulheres, por exemplo, Beauvoir faz uma diferenciação entre “a mulher ocidental hoje” e a “mulher muçulmana encerrada no fundo de um harém”, situação que ela aponta como análoga à do “escravo negro do século XVIII” porque a mulher no harém e o homem escravizado não dispõem de “nenhum instrumento que lhes permita atacar, seja em pensamento, seja pelo espanto ou pela cólera, a civilização que os oprime” (BEAUVOIR, 2005, pp. 37-38).

No livro, Beauvoir recorre – como fará depois amplamente em *O segundo sexo* – à literatura como repertório de situações que ela pode analisar. Discute história, filosofia e fatos importantes do momento histórico em que ela escreve o texto (nazismo, resistência). A partir deste texto, Beauvoir também adota um vocabulário mais político para refletir sobre as situações de mulheres, comunidades negras e judaicas, populações nativas de territórios colonizados. Termos como opressão, opressor, submissão, oprimidos etc. são utilizados em sua argumentação, além dos termos marxistas “classes privilegiadas” e “proletariado”. A escolha do vocabulário localiza a discussão de Beauvoir no plano político e é por meio desses termos que ela discute a naturalização da opressão (como uma maneira de impossibilitar a revolta) e os argumentos de que a opressão existe porque é desejada pelos oprimidos.

Para Beauvoir, as situações de opressão e dominação se sustentam pela supressão da consciência do sujeito de sua possibilidade de desejar: é a esse processo que Beauvoir associa a ideia de objetificação dos outros como negação de suas condições de sujeitos. Beauvoir desenvolve uma discussão em que demonstra que a tirania, o colonialismo, a guerra e mesmo as revoluções são contextos em que a opressão adquire essa dimensão de supressão da liberdade do outro por meio da força ou da imposição de valores, da supressão da consciência sobre a liberdade. Ela desenvolve então uma análise sobre o uso legítimo da violência.

Beauvoir localiza os mecanismos de supressão da consciência do sujeito nos discursos dos opressores, dos partidos políticos, da religião cristã, da ciência. Acredito que seja possível estabelecer aqui uma relação entre Beauvoir e Agamben para compreender como Beauvoir pensa esse processo de recusa da condição de sujeitos desejantes aos “outros” (neste texto, assim como no anterior, Beauvoir não recorre à categoria do Outro).

O modo como Agamben (2005) analisa o processo de objetificação dos sujeitos contemporâneos pode remeter à discussão de Beauvoir sobre a supressão da consciência dos sujeitos por meio dos dispositivos. Agamben parte do conceito de dispositivo de Foucault em *Microfísica do Poder*, de 1979:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (Foucault, 2009 [1979], p. 244).

É nessa rede de múltiplos elementos que Agamben irá demonstrar que se dá o processo de dessubjetivação. Para ele, nas sociedades capitalistas, os dispositivos atuam menos na produção do sujeito e mais na sua dessubjetivação. A característica desse processo não é apenas privar o sujeito de sua subjetividade (objetificá-lo, como nos diz Beauvoir), mas também não dar “lugar à recomposição de um novo sujeito” (AGAMBEN, 2005, p. 15). Também para Beauvoir, a condição de opressão se sustenta por essa opacidade das possibilidades do sujeito, sua vida e seus desejos são colonizados pelos discursos normatizadores de partidos políticos, da ciência, das religiões – por dispositivos – de forma que não é só o desejo que é impossibilitado, mas a consciência de si como sujeito desejante.

Mas Beauvoir nos fala de uma sociedade em que ainda há a mobilização de resistências (a luta de classes, a resistência francesa), com certeza porque está situada em um contexto em que se posicionar é vital: o ambiente intelectual da Europa dividida entre capitalismo e socialismo no pós-guerra.

Agamben já não vislumbra, em uma fase posterior do capitalismo, essa sociedade porque o fenômeno da despolitização domina o cotidiano dos indivíduos globalmente – ou, como ele coloca, faz com que “sua saúde, seus divertimentos, suas ocupações, sua alimentação e seus desejos sejam comandados e controlados por dispositivos até os mínimos detalhes” (AGAMBEN, 2005, p. 15).

Pensada nesses termos, a ideia de objetificação do sujeito em Beauvoir e o modo

como essa objetificação compõe sua situação amplia e torna mais complexo esse conceito. Em “Pirro e Cineas” e *Por uma moral da ambiguidade*, Beauvoir também estabelece uma distância entre o político e o ético. Tanto a política quanto a ética estão relacionadas com o outro: ambas reconhecem a liberdade do outro, mas na primeira, o projeto é trazer o outro – convencê-lo – a apoiar a minha liberdade com base no fato de que eu e o outro compartilhamos a necessidade de liberdade e a responsabilidade por garantir que ela seja alcançada; na segunda, o projeto é apoiar a liberdade do outro, respeitá-lo em sua diferença, tornar-se vulnerável ao fato de que o outro deseja negar minha liberdade.

É também em *Por uma moral da ambiguidade* que Beauvoir inicia, ainda que de forma pouco desenvolvida, algumas discussões que serão ampliadas em *O segundo sexo* – a analogia entre dominação masculina e escravidão, por exemplo. Entretanto, entre esses dois textos, Beauvoir produziu uma série de trabalhos em que discute a condição da mulher, demonstrando uma preocupação feminista anterior não só a esse ensaio como a *O segundo sexo*. Entre esses textos estão artigos publicados em jornais e revistas e sua única peça de teatro, *Les bouches inutiles* (1945).

2.4 – Feminismo antes de *O segundo sexo*

Na história dos feminismos, afirma-se que Beauvoir só se declarou publicamente como feminista em 1972, em uma entrevista concedida a Alice Schwarzer publicada em *Le Nouvel Observateur* com o título “Sou feminista” (ver SCHWARZER, 1986).

A suposta demora em abraçar o feminismo é um dos motivos de mal-estar entre as feministas com sua obra. Andrea Nye (1986), por exemplo, considera que essa demora demonstraria que, por sua submissão a Sartre, Beauvoir recusava o feminismo. Margaret Simons (2015, p. 19) comenta que em uma entrevista realizada logo após ao lançamento de *O segundo sexo*, em 1949 (mencionada também em Chaperon, 2000a, pp. 187-188), Beauvoir já teria se declarado feminista. Para certo tipo de abordagem, definir o momento em que Beauvoir passa a se identificar como feminista pode ser importante para justificar interpretações de suas obras. Mas por que não buscar essa justificativa na própria obra?

É fato que antes de *O segundo sexo* Beauvoir já se dedicava a discutir as condições das mulheres. E, se quisermos traçar o momento em que esse tema aparece em seus escritos, é possível retroceder até seus diários de juventude, de 1926 a 1929, quando ela se dedicava a anotar suas reflexões sobre as imposições sociais sobre a vida das mulheres da geração de sua

mãe e de sua própria geração, às quais ela buscava escapar por meio dos estudos e do projeto de se tornar escritora. Mas essas são reflexões íntimas e ainda sem pretensão de constituírem uma obra em si.

O debate político de Beauvoir sobre a questão das mulheres começa muito depois. A partir de *Por uma moral da ambiguidade*, o tema começa a figurar nos escritos de Beauvoir, tanto os de caráter filosófico como em artigos para jornais e revistas.

Em fevereiro e março de 1947, durante sua viagem pelos Estados Unidos, ela publicou em um jornal dirigido à população francesa no país, *France-Amérique*, dois artigos: “Problems for women’s literature” e “Women of letters”⁹⁰. Também em março daquele ano, a revista *Vogue* publicou o artigo “Femininity: the trap”. Juntamente com *Les bouches inutiles* e algumas outras obras de Beauvoir, esses são textos importantes para pensar a autora, a partir da segunda metade da década de 1940, como uma feminista “em formação” e é nesse sentido que a visão da situação das mulheres que ela apresenta nesses textos se torna relevante para a compreensão da genealogia desse seu conceito.

Em “Problems for women’s literature” e “Women of letters” Beauvoir discute como a situação específica das mulheres restringe sua colaboração para a literatura. Os dois artigos funcionam como duas partes de uma mesma argumentação em que seu objetivo é questionar algumas ideias preconcebidas de que as mulheres não têm talento para a literatura. A essa ideia Beauvoir irá contrapor sua concepção da situação da mulher como uma situação de marginalização em um mundo de supremacia masculina.

O debate se inicia em “Problems for women’s literature”, em que Beauvoir afirma que séculos de associação dos sujeitos femininos com comportamentos como humildade, falta de audácia e candura desencorajam os projetos de mulheres no campo da literatura. Beauvoir discute, também, como direitos adquiridos pelas mulheres havia pouco tempo na França e a própria guerra abriram novas possibilidades para as mulheres no campo da literatura. Se a situação de autoras como Colette era muito mais restritiva, a situação da geração de Beauvoir – entre as quais ela nomeia Edith Thomas, Violette Leduc, Elsa Triolet, Colette Audry – era parcialmente menos restritiva. Nessa geração, as mulheres tiveram a oportunidade de atuar como correspondentes de guerra e escrever livros abordando questões políticas e sociais, mas:

⁹⁰ Os dois textos são ainda inéditos em francês, foram publicados em inglês em *Feminist Writings* (BEAUVOIR, 2015) com os títulos.

Ainda assim, uma obrigação externa as oprime. Devem mostrar aos homens que são capazes de explorar os campos que se abriram para elas. Assim, hoje as mulheres escrevem como os homens: sobre resistência, guerra e conflitos sociais.

Porém, não é verdade que sua condição atual já é a mesma que a de um homem. Precisamente porque suas conquistas são recentes, esse mundo no qual elas têm sido admitidas permanece um mundo de homens e é uma afirmação abstrata e teórica essa de que a singularidade de sua situação foi abolida (BEAUVOIR, 2015, p. 35).

Tanto não foi abolida, afirma Beauvoir, que uma vez que “não podem mudar sua condição do dia para a noite, as mulheres estão determinadas a, ao menos, enfrentá-la” (BEAUVOIR, 2015, p. 35)⁹¹. A ideia da agência que constitui o sujeito em situação, em especial a mulher como sujeito em situação, que aparece nessa frase, é retomada no texto seguinte.

Em “Women of letters” ela aborda como essa condição se reflete nas obras escritas por mulheres. Infância, natureza e violência são os temas que Beauvoir analisa nesses textos para demonstrar como a situação das “mulheres de letras” influencia sua subjetividade. A nostalgia pela infância, diz Beauvoir, é um dos temas recorrentes na literatura escrita por mulheres porque está associada à consciência dos sujeitos femininos de sua situação como marcada pela perda da autonomia de que desfrutavam nesse período da primeira infância. “Mais tarde, com submissão ou com revolta, ela aprendeu a dependência, e se ela encontrou ou não alguma felicidade nisso, agora tem a sensação de uma abdicação” (BEAUVOIR, 2015, p. 35)⁹².

Embora essa questão não seja desenvolvida no texto, a ideia ecoa claramente a discussão que Beauvoir fará posteriormente em *O segundo sexo* sobre a experiência de meninas e adolescentes como uma perda gradual de sua autonomia e uma influência cada vez maior de imposições sociais contra sua liberdade.

Da mesma forma, o tema da natureza é recorrente em textos femininos porque, diz Beauvoir, é nessa dimensão da existência que as mulheres são autônomas para agirem – em oposição ao mundo social em que elas só podem agir por intermédio de um homem, pai, marido, mestre.

⁹¹ Os dois trechos no original: *Still, an external obligation weighs them down. They must show men that they are capable of exploiting the fields that have just been opened to them. Thus, women today write like men: about resistance, war, and social conflicts. Yet, it is not true that their present condition is already that of a man. Precisely because their conquests are recent, this world into which they have been admitted remains a world of men, and it is abstract and theoretical to claim that the singularity of their situation has been abolished. (...) Since they cannot modify their condition overnight, women are determined to face it.*

⁹² No original: *Later on, in submission or in revolt, she learned dependence, and whether or not she found any happiness therein, she now has the feeling of a sort of abdication.*

Outro tema que se destaca nas obras literárias de mulheres de sua geração, diz Beauvoir, é o da violência, fenômeno que ela atribui ao fato de que, talvez “as mulheres desejem rejeitar as qualidades de discrição e sedução às quais elas têm sido limitadas por tanto tempo; elas desejam expor o vigor, a crueldade e a audácia” (BEAUVOIR, 2015, p. 72)⁹³.

A argumentação de Beauvoir não é de que esses temas operem como formas de escapismo. Ela só reconhece esse recurso na abordagem da violência, mas apenas em certa medida. O mais relevante para ela é que esses temas permitem que as mulheres explorem sua autonomia, dando significado à experiência de opressão e transcendendo-a. Nesse sentido, a discussão é sobre como, no campo da literatura, as mulheres encontram formas de colocar sua agência a serviço de seu projeto intelectual mesmo diante das condicionantes sociais que caracterizam sua situação. Apresenta-se assim, na obra de Beauvoir, uma reflexão sobre a agência do sujeito situado – e sobre a literatura como um mecanismo de resistência, algo em que ela acreditou durante toda sua vida.

“Femininity: the trap” é escrito em uma linguagem muito mais simples do que os ensaios filosóficos anteriores. Beauvoir adota um estilo dissertativo, mas de ampla compreensão, uma vez que o texto se destina a um público amplo, não familiarizado com a filosofia. Inicia a discussão concentrando-se especificamente na França a partir da Segunda Guerra Mundial e coloca em questão a concessão de direitos políticos formais às mulheres.

A primeira frase do texto opera no sentido de levantar uma suspeita: os franceses, diz Beauvoir, nunca foram feministas. Diante da ausência de uma tradição feminista, como pode a concessão de direitos políticos alterar a condição das mulheres? Beauvoir destaca que em determinados momentos históricos em que a necessidade de substituir os homens se impôs, as mulheres tiveram participação social relevante. Substituir os trabalhadores nas fábricas e na resistência, obter o direito de votar e se eleger, encontrar mais postos de trabalho abertos para elas, entretanto, diz Beauvoir, não mudou efetivamente a situação das mulheres.

Beauvoir questiona o quanto os direitos legais efetivamente alteram as posições e oportunidades reservadas às mulheres na sociedade francesa. Para ela, a lei não altera a concepção das relações sociais entre homens e mulheres e é nas relações que se instaura uma condição de desigualdade camuflada pelos discursos sobre a natureza feminina: as mulheres

⁹³ No original: *Perhaps women do wish to reject the qualities of discretion and charm to which they have so long been limited; they wish to display vigor, cruelty, and audacity.*

são enaltecidas por serem “intuitivas, sedutoras e sensíveis”, porém essas palavras não dizem exatamente o que parecem dizer. “Na verdade, o que os homens querem dizer quando falam em sensibilidade da mulher é falta de inteligência; tolíce quando dizem sedução; traição quando dizem capricho” (BEAUVOIR, 2015, p. 56)⁹⁴. Esse discurso, ela aponta, não é igualitário.

As palavras operam em uma chave de sentido dicotômico que acaba por colocar as mulheres em *situação de inferioridade*. E esse discurso reflete o olhar a partir do qual as meninas são socializadas, aprendendo a admirar o heroísmo encarnado sempre por figuras masculinas, sendo submetidas a um processo de educação que as ensina a se sentirem femininas, o que significa não se envolver em atividades intelectuais ou políticas, sendo incentivadas a atrofiar sua força e disposição física, sua criatividade, etc. Percebendo-se como objetos nas relações com os outros, perdem o desejo de realizar algo, se tornam tímidas, se policiam para agradar, se afastam da ação. Ao analisar a questão da mulher nesses termos, Beauvoir apresenta uma discussão que – embora não nos pareça nova hoje, porque já incorporada na lógica das argumentações feministas – pode ser lida do ponto de vista do movimento que ela opera com o conceito de situação.

Em sua argumentação, Beauvoir incorpora à sua crítica da supremacia masculina, pela primeira vez (tendo como base suas obras já publicadas) um primeiro movimento em relação à ideia de uma tessitura de opressões. Ela abandona a analogia que aparece em *Por uma moral da ambiguidade* e encontra a associação de duas formas de opressão: sobre a criança e a mulher, demonstrando como a menina que encarna essas duas condições é submetida à restrição de direitos, de prazeres, de oportunidades, de estímulo aos seus desejos.

Esse é, segundo Beauvoir, o grande obstáculo a qualquer alteração na situação das mulheres sejam quais forem seus contextos sociais e culturais, e essa ideia de opressão como uma situação de supressão da consciência do próprio desejo aproxima seu conceito de situação da condição de alteridade e do processo de alienação dos sujeitos oprimidos (nos textos abordados acima, a mulher) em relação a si mesmos.

É em uma de suas obras de ficção que essa discussão adquire contornos bastante relevantes para a compreensão do uso que Beauvoir fará posteriormente desse conceito.

⁹⁴ No original: *What men actually mean when they speak of the sensitivity of the woman is lack of intelligence, foolishness when they say charm, treachery when they say caprice.*

2.5– *Les bouches inutiles*

Les bouches inutiles é a única experiência de Simone de Beauvoir como dramaturga. Escrita em 1944 em Paris, durante a ocupação nazista, a peça estreou em novembro de 1945, pouco depois, portanto, do fim da Segunda Guerra Mundial. No período em que esteve em cartaz, o título *Les bouches inutiles* e as situações da peça imediatamente suscitaram associações com o nazismo⁹⁵.

Embora seja um texto pouquíssimo conhecido de Beauvoir (e principalmente por isso), acredito que a obra seja especialmente relevante para compreender seu conceito de situação de Beauvoir. A situação é o elemento da construção de personagens e trama da peça.

A peça antecipa, em forma dramática, alguns dos temas abordados pela autora em seu ensaio teórico sobre a situação das mulheres. Além disso, é também relevante para discussões sobre a dimensão política que esse conceito tem para Beauvoir, por isso me detenho aqui mais longamente na discussão dessa obra literária.

Les bouches inutiles conta uma história ambientada na cidade fictícia de Vaucelles, na região de Flandres, na França do século XIV⁹⁶. Conforme o desejo de seus cidadãos, Vaucelles se libertou do tirânico duque de Borgonha e instituiu um governo representativo formado por 30 conselheiros e três magistrados. Líder no processo de libertação, Louis d'Avesnes tornou-se o principal dos três magistrados do novo governo, ao lado de François Rousbourg e Jacques Van der Welde.

Após a decisão popular, o duque enviou seu exército para sitiar a cidade. No momento em que a peça se inicia, o cerco dura mais de um ano, os estoques de alimentos da cidade estão acabando e a esperança da população é que Jean-Pierre Gauthier, que há três meses foi enviado a Paris para buscar o apoio do rei da França, retorne com reforços.

Enquanto esperam, os homens da cidade constroem uma torre⁹⁷ para simbolizar a vitória e a liberdade quando o cerco acabar. Porém, Jean-Pierre retorna a Vaucelles sozinho. O

⁹⁵ O termo em alemão (*nutzlose Esser*) figurava nos discursos do comandante da SS, Heinrich Himmler, e foi mencionado por Adolf Eichmann em seu julgamento (ARENDE, 1999, p. 107).

⁹⁶ O deslocamento temporal, segundo Stanley (2001), foi uma tentativa de Beauvoir de burlar a censura nazista. Mas a peça foi ensaiada já na Paris liberada e não foi submetida aos censores.

⁹⁷ Trata-se de um tipo específico de torre medieval, a palavra usada no texto é *beffroi*.

rei prometeu ajudar a cidade, mas só enviará provisões e soldados na primavera. Seriam mais três meses de espera e, como os alimentos disponíveis só permitem alimentar a população por mais seis semanas, mortes seriam inevitáveis.

Diante da ausência de ajuda, Louis convoca o conselho da cidade que vota e aprova uma medida para economizar os alimentos disponíveis e manter a construção da torre: as bocas inúteis – todas as mulheres, todas as crianças e os homens idosos ou doentes – serão sacrificadas. A justificativa: essas pessoas não trabalham.

Quando Louis retorna para casa, após a assembleia do conselho, Catherine, sua esposa, o questiona sobre o que foi decidido. Envergonhado, Louis revela que, no dia seguinte, as bocas inúteis serão levadas para fora da cidade, abandonadas no frio sem alimentos, para que morram. Catherine inicialmente não compreende que não haverá, nessa medida, o privilégio de classe ao qual ela está acostumada: tanto ela como Clarice (filha do casal) e Jeanne (sobrinha de Catherine, irmã de Jean-Pierre e noiva do filho do casal, Georges) também devem partir.

O que se passa, então, é um drama ao mesmo tempo familiar e político em que as personagens experimentam diversos dilemas éticos⁹⁸. Nesse drama, as mulheres assumem papéis importantes. Relembrando que foi ela quem costurou a bandeira de Vaucelles e colocou a pedra fundamental da torre, Catherine tenta reclamar seu privilégio, mas por fim se conscientiza de que sua situação de mulher (logo, de subalterna) se sobrepõe a qualquer argumento.

A Clarice é dada a possibilidade de sobreviver: o magistrado Jacques – apaixonado por ela e a quem Louis a prometeu em casamento – oferece-se para escondê-la até os reforços chegarem. Mas ela considera a ideia imoral, não apenas porque isso a tornaria para sempre uma escrava de Jacques, mas por lealdade à mãe. Sua escolha é suicidar-se.

Jeanne descobre que a decisão de eliminar as bocas inúteis foi apoiada pelo magistrado François para enfraquecer o poder de Louis (o que tornaria mais fácil executar um golpe que François e Georges arquitetaram: entregar Vaucelles ao duque em troca de poder local). Ao saber que Jeanne descobriu o plano, Georges a mata e é preso.

⁹⁸ Para a relação da peça com os ensaios beauvoirianos sobre ética ver Stanley (2001).

A decisão do conselho é comunicada à população e, assim como Catherine, as mulheres se conscientizam de sua situação: veem que seus maridos acatam, às vezes com sofrimento, mas sempre inertes, a morte das companheiras. As mulheres também não se rebelam, mas tentam convencer os maridos a agirem. Sem sucesso, recorrem a Catherine.

Catherine conversa com o marido, evoca o amor entre eles e sua participação nos projetos políticos de Louis. Se ele não decidir derrubar a medida, Catherine planeja matá-lo e morrer com ele. Louis reúne novamente o conselho, mas não consegue suspender o sacrifício das bocas inúteis. Jean-Pierre invade ilegalmente a assembleia e revela o plano de golpe de François, que é destituído do cargo e preso.

Jean-Pierre assume o posto de François e uma nova medida é aprovada. Toda a população será alimentada o mais fartamente possível com os estoques disponíveis. Depois, homens, mulheres e crianças receberão armas para uma ofensiva contra os soldados que cercam a cidade. Se a investida der certo, todos sobreviverão. Se der errado, morrerão em combate e os doentes e idosos, que permanecem em Vaucelles durante a ofensiva, incendiarão a cidade, morrendo também.

As personagens femininas e masculinas centrais da peça integram um mesmo núcleo familiar e a maioria das oito cenas se passa na casa da família D'Avesnes. Louis é não só o patriarca como o líder do governo, o que faz com que, ao centrar-se nessa família, a peça aborde diretamente a relação entre poder familiar e poder político.

Catherine representa a mãe nessas duas esferas, privada e pública: além dos dois filhos, Clarice e Georges, ela criou os sobrinhos órfãos, Jeanne e Jean-Pierre. E é à sua porta que as mulheres, crianças, homens idosos e enfermos batem em busca de alimento. É a ela, também, que as mulheres recorrem quando descobrem que vão morrer, pedindo que ela use sua influência. Dentro da família, Catherine tem o papel de estabelecer novos laços familiares que são formados com vistas ao poder político, articulando o futuro das mulheres jovens. Ela é a responsável por convencer Jeanne a se casar com Georges sem que se amem. Seu objetivo é político: ela quer que o filho assuma, no futuro, o posto de magistrado ocupado pelo pai e que conte com uma esposa que – como ela – opere nos bastidores para reforçar esse poder.

Clarice é um objeto de troca tanto nas mãos de Louis como de Catherine. Ele articula o casamento da filha com Jacques, que também é magistrado, para firmar uma aliança que fortalecerá seu poder no conselho. Catherine, por sua vez, ao perceber não apenas o amor

entre Jean-Pierre e Clarice como as possibilidades desse casamento para reforçar a posição de sua família na esfera de poder, propõe claramente uma troca: caso Jean-Pierre assuma um cargo no governo, ela convencerá Louis a desistir de unir Clarice e Jacques para casá-la com Jean-Pierre. Desse modo, todos os homens da família teriam poder na cidade.

Essas articulações, que fazem parte da trama secundária da peça, determinam a situação das mulheres de Vaucelles. As jovens (Clarice e Jeanne) são elementos por meio dos quais os homens estabelecem alianças entre si. Mas também “instrumentos” das articulações políticas de Catherine que, ao atuar como uma intermediária das alianças e da reprodução do poder da família D’Avesnes no governo, ignorando os desejos de Jeanne e Clarice, reforça a opressão das mulheres mais jovens no contexto familiar e social. Ela reproduz as mesmas relações de desigualdade a que foi submetida e, inicialmente, considera que esse papel concede a ela algum poder. (Mas, como Beauvoir mostra em *O segundo sexo*, esse poder é ilusório e apenas reforça a sujeição feminina.) É apenas quando Louis lhe revela a decisão do conselho que Catherine se conscientiza que a violência que sofre é a mesma que reproduz:

Vocês não perguntaram nada. Vocês me condenaram. [...] Sou livre para aceitar? O que vocês farão se eu me recusar? Não me é permitido querer nada. Eu era uma esposa e não sou mais do que uma boca inútil. Vocês me tomaram mais do que a vida. Não me resta nada além de minha raiva (BEAUVOIR, 1945, p. 79)⁹⁹.

A cena de conscientização de Catherine é uma representação da conscientização das mulheres de sua situação de opressão. Ao comunicar a Jeanne e Clarice a decisão do conselho, Catherine aponta para os três magistrados e diz:

Aproximem-se. Observem esses homens. Eles se reuniram com trinta outros homens e disseram: nós somos o presente e o futuro, somos a cidade inteira, apenas nós existimos. Nós decidimos que as mulheres, os velhos, as crianças de Vaucelles são apenas bocas inúteis (BEAUVOIR, 1945, p. 80)¹⁰⁰.

⁹⁹ No original: *Vous ne demandez rien. Vous m’avez condamnée. [...] Suis-je libre d’accepter ? Que ferez-vous de moi si je refuse ? Il ne m’est plus permis de rien vouloir. J’étais une femme et je ne suis plus qu’une bouche inutile. Vous m’avez pris plus que la vie. Il ne me reste que ma haine.* Neste trecho, optei por traduzir “femme” como esposa e não como mulher em função do verbo no passado e pelo histórico da personagem, supondo que sua intenção fosse destacar seu papel como aliada de Louis em seus projetos políticos. Entretanto, é relevante destacar o caráter polissêmico do termo na frase. Optar por traduzi-lo como mulher reforçaria ainda mais uma leitura feminista, por permitir evidenciar como o gênero se impõe sobre o corpo para além do sexo e determina o lugar desse corpo em todas as relações de poder. O uso do termo mulher, portanto, sustentaria a leitura de como os aspectos biológicos são apropriados culturalmente para estabelecer hierarquias e lugares sociais de cada corpo. No caso da fala de Catherine, marcaria que “mulher” é uma das condições para ser considerada uma boca inútil.

¹⁰⁰ No original: *Approchez. Regardez ces hommes. Ils se sont réunis avec trente autres hommes et ils ont dit : nous sommes le présent et l’avenir, nous sommes la ville entière, nous seuls existons. Nous décidons que les femmes, les vieillards, les enfants de Vaucelles ne sont plus que des bouches inutiles.*

Como concebida na peça por Beauvoir, Vaucelles pode ser entendida como uma alegoria do projeto de um primeiro, audacioso – mas ainda imperfeito –, governo democrático¹⁰¹. A ideia de instituição de um poder representativo é central nessa alegoria. O governo é representativo, mas preserva características do poder soberano e opressor porque, na esfera decisória, é exclusivo dos homens. O consenso parte de uma lógica excludente, ao mesmo tempo resqúcio de tirania do sistema anterior e semente de opressão que caracteriza todas as formas poder.

O texto de Beauvoir permite perceber que a desigualdade de gênero institui no interior da instituição da representatividade política a própria inviabilidade desse projeto. A ideia de bocas inúteis é uma ideia que só faz sentido na lógica do poder soberano – o poder de fazer viver ou deixar morrer, na definição de Michel Foucault (2000, p. 286). Em Vaucelles, o poder soberano fará viver os homens e deixará morrer os outros¹⁰². A inação dos homens diante da decisão do conselho é a confirmação dessa soberania. O caráter soberano da lei não é questionado porque quem poderia fazer isso – os homens, que elegem os representantes também homens – é privilegiado pela decisão.

A situação autoritária e opressiva do governo de Vaucelles é denunciada por Georges. Quando descobre que todas as mulheres vão morrer, Georges revela seu desejo incestuoso pela irmã e tenta violentá-la. Louis entra na cena, confronta Georges e manda prendê-lo. No confronto, Georges é muito claro. Ele é, sim, um criminoso. Mas na nova ordem instituída pelo governo liderado por Louis, em que matar o outro é uma medida legal, o crime e a violência ganharam *status* de lei¹⁰³.

O fim dado por Beauvoir às personagens femininas representa, ao mesmo tempo, a utopia de um futuro de emancipação para as mulheres, as crianças e os idosos e o alerta de que a luta pela liberdade é permanente. Na peça, as mulheres conquistam um novo lugar social:

¹⁰¹ Essa interpretação se sustenta nas referências feitas, ao longo do texto, ao caráter inédito da decisão do povo de Vaucelles (ver BEAUVOIR, 1945, pp. 17-18 e pp. 79-81).

¹⁰² É relevante que as bocas inúteis não serão assassinadas, mas expulsas da cidade, sem alimentos e sem proteção contra o frio. É a própria definição do “deixar morrer”.

¹⁰³ Georges deseja não apenas a irmã, mas o poder do pai, como fica claro no plano descoberto por Jeanne. Seu personagem é, portanto, claramente atravessado pelo complexo de Édipo. Em uma conferência de 1946 publicada em português nos anos 1970, Sartre (1977) afirma que no teatro existencialista que ele, Beauvoir e Camus estavam interessados em produzir à época, a questão psicanalítica não se colocava, pois não se tratava de um teatro de personagens e sim de situações. Especificamente sobre a peça de Beauvoir, Sartre afirma que a questão do Édipo era irrelevante.

recebem armas e, ao lado dos homens, se tornam ativas no combate, o que representa uma nova configuração dos papéis sociais de gênero. Nesse sentido, vislumbra-se um projeto de poder representativo que inclui as mulheres, mas essa questão é tratada de modo ambíguo na peça. Embora na ordem de disposição da tropa os homens sejam os primeiros, seguidos das mulheres e das crianças, a ideia de que as mulheres atuassem no combate é formulada pela primeira vez no texto por Catherine. Mas é aprovada por um conselho ainda composto apenas por homens, é uma concessão, portanto, não uma conquista (ecoando o que Beauvoir discutiria depois em “Femininity: the trap” e em *O segundo sexo*).

Ao perceber que sua ideia se efetiva, Catherine confronta um dilema ético: a ideia que ela formulou resultaria na vitória ou na morte de toda a população de Vaucelles? Nesse sentido, o texto reforça a ideia existencialista de liberdade e emancipação como consciência e responsabilidade. Catherine adquire uma nova consciência do que é “ter” poder e, em vez de aliada da ordem estabelecida – como era antes, por meio da cumplicidade com o marido e de sua ação “nos bastidores” da política para perpetuar a família no poder – se torna uma questionadora dessa ordem, mesmo quando dela participa.

Lido sob esse prisma, o texto beauvoiriano é uma representação bastante mais complexa de aspectos específicos da noção de situação. Ao explicitar como, em um estado de exceção, a desigualdade de gênero e a diferença de idade podem denunciar a semente autoritária nos projetos de poder baseados em sistemas de representação política, Beauvoir demonstra como qualquer condição de vulnerabilidade ou privilégio diante dos poderes estabelecidos é elemento essencial das situações de desigualdade.

Nesse sentido, ela nos fala nesse texto sobre como os corpos – principalmente quando atravessados pelo gênero e a idade como marcas sociais da diferença – estão vulneráveis nos momentos de reversão dos Estados democráticos em regimes totalitários.

Aqui, o pensamento de Beauvoir pode, novamente, ser aproximado ao de Agamben quando este associa – a partir de Foucault e da ideia de fazer viver ou deixar morrer – a noção de “vida nua” à noção de exclusão da polis e à exposição ilimitada a uma violação que não pode ser denunciada como crime (algo que o personagem de Georges expõe claramente). Aqui, ainda é possível afirmar que Beauvoir vai mais além de Agamben, porque sua obra discute o gênero e a idade como elementos que convergem na constituição da vida nua.

O texto de *Les bouches inutiles* é contemporâneo do período em que Beauvoir refletia e construía seu conceito de situação em “Pirro e Cineas”, mas na peça Beauvoir ilustra o sujeito em situação como corporificado¹⁰⁴. Para Beauvoir, o corpo é em si situação, porque é atravessado por todos os demais aspectos que constituem a situação (o social, o político, o histórico, a idade, o gênero, a classe, a nacionalidade, a subjetividade etc.).

O conceito de situação representa, assim, um instrumento teórico que evita pensar indivíduo e sociedade como antagônicos, a agência como condição universal (sua universalidade é apenas potencial) e a estrutura como absoluta, ao mesmo tempo em que não permite pensar a dimensão do gênero desligada da idade, por exemplo, porque ambas caracterizam marcas de diferença nas quais os projetos antidemocráticos podem se sustentar.

Além disso, Beauvoir já apresenta no texto uma ideia que é possível representar pela metáfora da tessitura entre as opressões de gênero e de classe, sem que haja uma hierarquia fixa entre esses dois marcadores. Em um primeiro momento, aliada dos homens e do poder instituído (acomodada, assim, em seu privilégio de classe), Catherine está sujeita à mesma sentença de morte e ao mesmo silenciamento político que as outras mulheres. Ela só percebe isso quando sua cumplicidade com os interesses masculinos da família – a ambição de Louis, a articulação política para estabelecer as alianças maritais como formas de perpetuação da família no poder – se mostra irrelevante diante da decisão do governo representativo.

Entretanto, é o privilégio de classe que faz com que Catherine seja procurada pelas outras mulheres para atuar em favor de todas (e também das crianças e dos idosos), o que ela faz convencendo os homens da família (Louis e Jean-Pierre) a atuarem para revogar a decisão. É também a personagem feminina, Catherine, que encarna o projeto de transcendência da situação pensado por Beauvoir. No início da peça, ela é a cúmplice de uma sociedade de dominação masculina, atuando não em nome de seus desejos ou dos desejos das mulheres de sua família e de sua comunidade, e sim em nome dos desejos dos homens da família e de uma política feita pelos homens para os homens. O que sustenta a cumplicidade é a condição de classe de Catherine, que então faz uso dessa mesma condição para agir no sentido de reverter a situação de opressão das mulheres.

¹⁰⁴ Uso o termo corporificado como referência à ideia de que a experiência é vivida, absorvida, memorizada no corpo e pelo corpo, não apenas pela consciência. O termo seria o equivalente ao francês *incarné* e ao inglês *embodied*. Assim como corporificação, aqui, será o equivalente a *incarnation* e *embodiment*.

O que a interpretação conjunta dos textos abordados neste capítulo demonstra é o modo como o conceito de situação em Beauvoir se torna cada vez mais complexo. Ela parte das discussões abstratas sobre a ação em “Pirro e Cineas” e de analogias entre as situações de servo, criança e mulher em *Por uma moral da ambiguidade* para chegar a uma primeira problematização da situação como tessitura de opressões de gênero, classe e idade. Esse movimento, entretanto, não é linear e cronológico, mas ambíguo e submetido às potencialidades específicas de cada gênero textual explorado.

Os ensaios filosóficos são mais abstratos, os artigos mais factuais e diretos, enquanto o texto literário oferece mais possibilidades de representação da tessitura de opressões. Nesse sentido, é possível talvez, retomar a questão sobre por que Beauvoir não se considerava uma filósofa e sim uma escritora como uma disposição em explorar possibilidades de expressão mais amplas.

Abordados em conjunto, esses textos permitem compreender como a pensadora se afasta paulatinamente do quadro referencial da filosofia, mais abstrato e “neutro”, para pensar as dimensões mais palpáveis e específicas da existência. Nesse movimento, a noção de situação se torna instrumental e lapidá-la é um trabalho necessário do próprio artesanato intelectual. Trabalho necessário que não é realizado de forma linear ou “evolutiva”, mas em meio a descontinuidades e em consonância com as diferentes possibilidades que os diferentes gêneros de escrita lhe oferecem, Beauvoir acaba por colocar-se também como sujeito em situação.

Beauvoir desenvolve, assim, uma noção de situação que permite a ela teorizar a opressão das mulheres e, ao mesmo tempo, representá-la literariamente em sua complexidade, ilustrando como poderes institucionais, ideologias, estruturas sociais constituídas historicamente e a própria subjetividade do indivíduo, quando este se vê esvaziado da consciência de seus desejos e de sua agência, concorrem para sustentar a condição de desigualdade e opressão, promovendo a objetificação desse sujeito e sua alienação de si.

Seu conceito de situação é também uma teorização sobre o modo como as circunstâncias de opressão permeiam a subjetividade de alguns indivíduos e grupos reduzindo seu potencial de agência e sobre a tessitura de diversas formas de opressão (o que é possível compreender principalmente em *Les bouches inutiles*). Por se concentrarem na análise sobre a situação da mulher, esses textos podem ser lidos claramente como antecipações da discussão que Beauvoir fará posteriormente em *O segundo sexo* e da discussão foucaultiana sobre o biopoder, embora Beauvoir tenha seu foco nas relações sociais entre os sexos.

CAPÍTULO 3 – SITUAÇÕES DE ALTERIDADE

Em que medida o texto de *Les bouches inutiles* pode ser considerado uma obra “feminista” é uma questão controversa, já que, na época de produção da peça, Simone de Beauvoir não se reconhecia (ao menos abertamente) como tal. Ao mesmo tempo, a peça dá protagonismo às mulheres no processo de reversão de uma decisão política tirânica, e termina também com um questionamento da personagem principal, indicando que ela assumiu uma nova consciência política, inclusive quanto às consequências de sua ação.

Para além dessa controvérsia, o certo é que a peça antecipa pelo menos um dos aspectos da noção de situação que a autora viria a desenvolver em obras posteriores: a ideia de que as situações podem mudar em função das transformações históricas, sociais e políticas e também podem ser mudadas pela ação de sujeitos conscientes das possibilidades de exercício da própria agência, da própria liberdade.

Pensando a situação nesses termos, Beauvoir investe essa noção de um potencial crítico em relação à economia das liberdades operada pelas instituições sociais, à lógica de que a liberdade de alguns é conquistada pelo sacrifício da liberdade de outros. Essa ideia, para Beauvoir, está no centro dos processos de opressão, e ela discutirá isso em pelo menos três obras publicadas ao longo de sua trajetória intelectual: *A América dia a dia* (1947), *O segundo sexo* (1949) e *A velhice* (1970). O período de mais de vinte anos que separa esses textos indica a centralidade da categoria de situação em seu pensamento.

Nessas três obras, Beauvoir também irá abordar as marcas sociais de alteridade como situações inscritas no corpo e, por isso, justificadas pelos discursos científicos, especialmente da biologia, sobre etnia, gênero, sexualidade e idade. Em dois desses trabalhos – *O segundo sexo* e *A velhice* –, Beauvoir fala também a partir da própria situação de alteridade (como mulher e como idosa¹⁰⁵). No caso de *A América dia a dia* é a partir de sua condição de privilégio étnico e de classe que Beauvoir se verá novamente implicada em termos políticos nas situações de opressão.

¹⁰⁵ Para algumas intérpretes de sua obra, por exemplo, Margaret Simons (1999), o capítulo de *O segundo sexo* sobre a mulher lésbica pode ser entendido também como uma reflexão de Beauvoir sobre a própria experiência.

3.1 – *A América dia a dia*

O texto de *A América dia a dia* é mais do que um relato da primeira viagem da autora aos Estados Unidos em 1947. Seu objetivo é “contar dia a dia como a América se desvendou a uma consciência: a minha” (BEAUVOIR, 1963, p. 7)¹⁰⁶. Realizando uma série de conferências em universidades de todo o país, ela tem a oportunidade de conhecer algumas cidades, atravessar diversos estados de trem, carro ou ônibus, participar da vida cotidiana dos locais por onde passa em hotéis, restaurantes, saguões de estações ferroviárias. Ela faz anotações, escreve e recebe cartas, produz alguns artigos que, somados com as recordações de viagem, irão compor o “diário retrospectivo”, como ela o classifica, que mescla características de ensaio, narrativa, registro autobiográfico e reflexão teórica.

Beauvoir produz em *A América dia a dia* um texto de gênero híbrido, com muitos detalhes e sensações. Nesse processo, cria analogias e comparações e encontra significados em quase tudo o que vivencia e observa, com uma forte disposição para compreender-se como estrangeira em um país cultural e politicamente dominante, especialmente no contexto do pós-guerra, e de compreender um povo que lhe parece, ao mesmo tempo, estranho e atraente.

O texto tem importância central para compreender a noção de situação de Beauvoir porque nele a autora se debruça sobre a questão racial, adotando esse olhar estrangeiro. A obra já se inicia com a autora se colocando, deliberada e abertamente, como pensadora “em situação”, explorando as possibilidades que isso lhe confere ao ter seu ponto de vista implicado naquilo que escreve e inaugurando seu projeto intelectual de escrita de suas experiências vividas:

Como uma experiência concreta envolve ao mesmo tempo o sujeito e o objeto, não procurei eliminar-me desta narrativa: ela só poderia ser verdadeira tendo em conta as circunstâncias singulares, pessoais, em que cada descoberta se efetuou (BEAUVOIR, 1963, p. 7).

O país que Beauvoir irá conhecer é, predominantemente, o país da intelectualidade, pois passa grande parte de seu tempo entre reuniões, jantares, lançamentos de livros, exposições, e da academia, em que realiza suas palestras, campos que ela percebe como profundamente cindidos. Além disso, ela frequenta também espaços exclusivos da comunidade

¹⁰⁶ Nas citações de *A América dia a dia* modifiquei, em alguns momentos, algumas palavras da tradução de Emília Rodrigues para adaptar o texto da edição portuguesa ao português brasileiro.

negra, juntamente com o casal de amigos Richard e de Ellen Wright: bares, casas de jazz, igrejas. Em suas incursões por esses espaços, a noção de situação é seu instrumento teórico de análise social para discutir a condição das mulheres, do operariado branco, da intelectualidade. Mas é principalmente na compreensão das tensões étnico-raciais no país que Beauvoir se detém, buscando descrever a situação da população negra.

No campo intelectual, Beauvoir enxerga um mal-estar entre intelectuais estadunidenses e franceses, a resistência às ideias socialistas e comunistas e mesmo a condição de insegurança dos intelectuais de esquerda do país, o silêncio sobre as atrocidades nazistas durante a guerra, um “abstencionismo” diante de problemas sociais e políticos, o individualismo e a imprecisão de sentido que as palavras democracia e liberdade parecem assumir, exceto para os grupos privilegiados.

Já nos primeiros dias, ela se ressentia da riqueza dos Estados Unidos em comparação com a França do pós-guerra e percebe certa condescendência dos intelectuais – tanto estadunidenses quanto franceses radicados no país – em relação a ela, cobrindo-a de livros, discos, conselhos e explicações.

Todos os franceses que topo se comprazem em me explicar a América: por força a experiência deles há de servir-me. Quase todos tomam uma atitude extrema: ou odeiam a América e só aspiram a ir-se embora, ou a incensam com o excessivo zelo que os colaboracionistas manifestavam em relação à Alemanha (BEAUVOIR, 1963, p. 23).

A questão racial se coloca a Beauvoir logo no início da viagem, em 28 de janeiro de 1947. Há dois dias em Nova York, ela conversa com um intelectual francês que sugere que o servilismo é a única atitude possível para os franceses nos Estados Unidos, porque ali nenhum valor francês é reconhecido. Outro francês, um professor universitário radicado nos Estados Unidos, faz Beauvoir “prometer” que não escreverá nada sobre a questão racial no país – “é um problema doloroso e difícil sobre o qual não se pode ter opinião sem uma riqueza de informações que exigiria mais do que uma vida humana” (BEAUVOIR, 1963, p. 23).

Seis dias depois, em 3 de fevereiro, Beauvoir caminhava sozinha pelas ruas do Harlem para observar de perto esse problema. Ali, sua primeira sensação é de medo, um medo que não lhe parece seu, mas um reflexo do medo que ela havia sido advertida que iria e deveria sentir em lugares como Harlem, Bronx, Brooklyn, Queens.

Embora ninguém demonstrasse reparar em sua presença, ela se sente implicada no sistema segregacionista que testemunhava, porque mesmo como estrangeira, sem ter

participado da história e da construção daquele país, sua condição era privilegiada. “Não ousa sorrir às crianças nos jardins, não me sinto no direito de deambular por essas ruas em que a cor dos meus olhos significa injustiça e ódio” (BEAUVOIR, 1963, p. 41). Essa experiência de inadequação – que Beauvoir representa pelos olhos que tudo observam – atravessa todo o texto e chamará sua atenção de Beauvoir para o fato de que a opressão racial está presente em todos os aspectos da sociedade estadunidense.

No livro, ela confronta suas observações sobre a tensão entre a população branca e a população negra com sua análise de *An American Dilemma* (1944), de Gunnar Myrdal, *Black Boy* (1945), de Richard Wright, com as conversas com Ellen e Richard Wright e a intelectualidade negra à qual eles a apresentam.

Ao buscar compreender a situação das pessoas negras, destacando o modo como o racismo atravessa todas as relações e esferas da existência, Beauvoir irá teorizar a opressão racial nos Estados Unidos dedicando-se a destacar uma série de dimensões da vida cotidiana, política, social, jurídica e econômica da população afro-americana, aplicando claramente sua noção de situação para destacar como a objetificação desses sujeitos se conforma por meio de uma trama de todos esses aspectos, trama essa que limita profundamente sua liberdade.

Esse trabalho já ecoa o método que ela utilizará depois em *O segundo sexo*¹⁰⁷. A análise dos mitos sobre a população negra que se reproduzem nos discursos racistas é um exemplo dessa antecipação. Em seu texto, Beauvoir descreve os mitos racistas como discursos de desintegração social, objetificação dos sujeitos e naturalização do preconceito racial. Beauvoir identifica e discute brevemente vários desses mitos: o homem negro de riso fácil, o homem negro violento e bestial, o criminoso e o estuprador de mulheres brancas¹⁰⁸, as mulheres negras hipersexualizadas, excessivamente alegres e coloridas, as trabalhadoras domésticas negras preguiçosas, as mães negras negligentes com os filhos. Esses mitos, entre outros, diz Beauvoir, conformam um “sistema inteiro de racionalização” que opera para justificar as

¹⁰⁷ Quando Beauvoir inicia sua viagem, ela já havia iniciado as pesquisas para *O segundo sexo*, que interrompeu temporariamente para escrever *A América dia a dia*.

¹⁰⁸ Beauvoir (1963, p. 42) destaca que o mito do estuprador negro é justificativa para linchamentos e conflitos raciais. Como mostra Angela Davis (2016 [1981]), o mito do estuprador negro é um dos elementos mais persistentes do discurso para justificar a violência contra as comunidades negras nos Estados Unidos desde o período da escravidão. Davis relata em seu texto como o mito é a base ideológica sobre a qual se sustentam agressões racistas, diversos casos de falsas acusações de estupro, linchamentos e condenação de homens negros a longas penas de prisão.

desigualdades impostas a toda a população negra. Tal sistema de racionalização – Beauvoir não usa a palavra ideologia, mas é uma crítica da ideologia que ela opera com esse termo – também se sustenta por meio da ideia de que a abolição da escravidão estabeleceu a “igualdade na diferença” – fórmula que “afirma sempre uma recusa de igualdade” (BEAUVOIR, 1963, p. 248).

Noto, à margem de Myrdal, que é surpreendente ouvir essas mesmas opiniões de todos os opressores a propósito de todos os oprimidos: negros da África, árabes, indochineses, indianos, índios tais como os conquistadores espanhóis os viam, operários brancos dos tempos em que a classe operária era indefesa, esses defeitos “raciais” têm um aspecto curiosamente universal; a “preguiça” significa que o trabalho não tem o mesmo significado para quem recolhe os benefícios e para quem o executa (...) (BEAUVOIR, 1963, p. 243).

Além da crítica dos mitos, outro método que Beauvoir aplica em *A América dia a dia* e que será utilizado também em *O segundo sexo* é a indagação da validade dos argumentos biológicos, discutindo como a ideia de raça, investida de uma autoridade pretensamente científica, é uma forma de aprisionar as pessoas negras na esfera da natureza e, assim, justificar a opressão.

Embora não desenvolva uma discussão longa sobre a situação das mulheres negras, elas aparecem constantemente nas experiências que descreve. Como o episódio em que uma mulher negra grávida passa mal em um ônibus de viagem, segregada no fundo do veículo (único lugar reservado às pessoas negras) e não recebe ajuda de ninguém. Quando Beauvoir e a pessoa que a acompanhava na viagem tentam ajudá-la, acabam provocando ainda mais humilhação e constrangimento. Ou o momento em que uma mulher negra é hostilizada em uma casa de jazz porque se senta com amigos brancos na plateia. Naquele contexto, a plateia era reservada a brancos e a presença daquela mulher como público provocou um profundo mal-estar entre os músicos, que se sentiam humilhados por entreter uma mulher que se relacionava com brancos. O episódio contrasta com outro em que ela observa outra mulher negra, funcionária da cozinha de uma casa de jazz, que às vezes se esquivava do trabalho por alguns minutos para ouvir os músicos e dançar nos bastidores, sem nenhum protesto.

Esses episódios demonstram a condição de opressão da mulher negra entre os homens brancos e os homens negros, reforçando a tessitura entre estruturas opressivas baseadas no preconceito racial e na desigualdade de gênero que é parte da situação da mulher negra: na condição de grávida, sua maternidade não é acolhida, mas ignorada pela população branca; na condição de mulher negra, ela não pode se relacionar com homens brancos e se entreter com homens negros, como se sua “posse” tivesse sido transferida destes para aqueles; mas, na

condição de serviçal, ela pode se entreter com os músicos negros, porque está em uma condição inferior à deles. Beauvoir descreve também como as mulheres negras e pobres têm seus corpos apropriados pelos homens brancos, em uma trama das opressões de gênero, raça e classe.

Com uma má-fé mais flagrante ainda, todas as negras são, aos olhos dos brancos, mulheres lúbricas, sem virtude: mas no sul é-lhes impossível defenderem-se contra os atrevimentos sexuais dos brancos, e impossível aos homens de suas famílias protegê-las; estão à mercê dos brancos (BEAUVOIR, 1963, p. 244).

Outro aspecto do racismo que não escapa às observações da autora é que o sistema judiciário é uma das instituições que sustenta a estrutura de opressão racial do país:

O que é trágico na situação dos negros do sul, além do seu mesquinho nível de vida, que decorre da pobreza econômica do sul em geral, é que não têm nenhuma, absolutamente nenhuma garantia. O caráter democrático do sistema judiciário americano, em que os oficiais de justiça e os policiais são eleitos, pode ser uma boa coisa numa sociedade homogênea; mas torna-se um grave perigo para a democracia legal numa sociedade em que a participação política é restringida e em que uma casta oprime tradicionalmente a outra. (...) Inversamente, sabe-se com que severidade é punida a menor audácia de um negro em relação a um branco. Também aqui, a precariedade dos tribunais e a parcialidade da política criam um ciclo vicioso: o negro nem mesmo pode tentar lutar contra o estado de coisas que o oprime, porque qualquer tentativa nesse sentido lhe é imputada como delito (BEAUVOIR, 1963, p. 250).

Para Beauvoir, a sociabilidade das casas de jazz, das igrejas, das ruas das comunidades negras tem um importante caráter de resistência e de conscientização, principalmente entre a classe trabalhadora. Nesses espaços se estabelecem diálogos, trocas, discussões que caracterizam a solidariedade racial e libertam as pessoas de sua condição de objetificação, permitindo, portanto, que sua agência seja reforçada.

Ainda que esses espaços não estejam livres do efeito de desintegração social produzido pelo racismo, como demonstram as cenas que ela descreve com as mulheres negras, a sociabilidade funciona como um contraponto à objetificação (promovida por discursos midiáticos, políticas governamentais, mercado de trabalho, sistemas jurídico e educacional, ou seja, pelo “sistema de racionalização” que sustenta os discursos racistas), e ao modo como é contada a história da escravidão. A reflexão sobre a sociabilidade da classe trabalhadora negra traz, assim, uma perspectiva nova a seu conceito de situação que é o aspecto coletivo da situação e da resistência.

O modo como Beauvoir trabalha com a noção de situação em sua análise é também, de certa forma, inovador em relação aos textos anteriores, porque ela não busca apenas descrever a perspectiva da população negra. Ela se dispõe a analisar também a situação de privilégio (tema que será retomado posteriormente em outros textos). Para Beauvoir, o racismo

é consequência, também, de uma atitude das pessoas brancas não só em relação às pessoas negras, mas em relação a si mesmas: são sujeitos cindidos que projetam nas pessoas negras a própria insegurança gestada na fragilidade dos laços sociais, promovendo uma objetificação cruel que se sustenta pelo ódio, sobretudo quando compartilham com os negros a mesma classe social. É entre a classe trabalhadora e a classe média, principalmente, que ela observa como os brancos utilizam o privilégio racial para criarem para si uma posição superior na hierarquia social, racionalizando a posição dos negros como inferiores.

Para ela, o ódio racial opera como elemento da estrutura opressiva de classe entre a população branca: a superioridade de que acredita se beneficiar a classe trabalhadora branca é uma ilusão, pois enquanto está ocupada “em ‘manter os negros em seu lugar’” (BEAUVOIR, 1963, p. 249), deixa de lutar contra a própria opressão e a reproduz inconscientemente. Esse processo se sustenta ainda em outro mito, que permeia todas as relações sociais nos Estados Unidos, na avaliação de Beauvoir, que é o mito das oportunidades.

Para a autora, a força desse mito é garantir que a igualdade econômica nunca se torne real, uma vez que a ideologia da oportunidade só faz sentido no contexto de desigualdades. Tanto nas reflexões sobre sociabilidade negra como sobre o privilégio branco, Beauvoir já demonstra uma percepção da tessitura das opressões de classe e raça e, principalmente, do modo como essas opressões não se sobrepõem simplesmente, mas se sustentam mutuamente. É nesse sentido que o ódio racial contra os negros pode ser mobilizado como elemento constitutivo da estrutura opressiva inter-racial de classe.

Com base em Gunnar Myrdal e Richard Wright, Beauvoir elabora a ideia de que o “problema negro” dos Estados Unidos é um “problema branco”: foram os (homens) brancos que realizaram o tráfico de homens e mulheres da África para a escravidão, que decidiram pela abolição, que definiram o lugar da população negra na sociedade. São eles que pretendem resolver as tensões inter-raciais sem a participação da população negra. Nesse sentido, ela estabelece também a tessitura dos privilégios racial e de classe e os coloca na raiz do racismo.

Embora não use essa imagem, Beauvoir parece nos falar sobre a situação de alteridade como uma trama muito densa em que os aspectos sociais, políticos, históricos, o corpo, a subjetividade, estão entremeados como fios, sustentando uns aos outros e enredando os sujeitos. As situações de privilégio representariam, assim, uma espécie de relaxamento dessa trama, com uma menor quantidade de fios, com maior espaço entre eles. Esses espaços constituem as possibilidades de ação dos sujeitos no sentido de transformar a própria situação.

Nas situações de alteridade, esses espaços precisam ser produzidos a partir de um esgarçamento da trama, de uma ação consciente e coletiva contra a opressão. Mas é justamente a trama da situação que impossibilita esse passo.

Ao abordar a opressão racial por meio da situação do oprimido e da situação do opressor, o texto de *A América dia a dia* permite a Beauvoir realizar uma crítica da objetificação do outro que se torna mais palpável e, ao mesmo tempo, mais permeável às ambiguidades. Ela pode discutir, por exemplo, como estrutura opressiva não se manifesta apenas por meio do “mal” e da violência física, mas pelo caráter ambíguo que podem assumir as atitudes de solidariedade e generosidade de pessoas brancas com pessoas negras, que podem se transformar em elementos que perpetuam o paternalismo e a subordinação, reproduzindo a objetificação dos sujeitos, suprimindo suas escolhas.

É nesse sentido que Beauvoir questiona até que ponto ela mesma não reforça essa objetificação. Ao se colocar como observadora da sociabilidade negra em locais como igrejas – para os quais ela não foi convidada e aos quais só tem acesso por meio de uma espécie de privilégio de estrangeira com amigos negros que a levam a esses lugares e justificam seu interesse – ela percebe que sua presença, a cor de sua pele, de seus olhos, a justificativa que ela tem para estar ali diante de uma “curiosidade” carregam o peso da presença do “inimigo”. Embora ela acredite que escrever sobre o que vê é importante por levantar um debate, não deixa de enxergar sua disposição de fazer de seu testemunho um testemunho dos outros como uma atitude de cumplicidade com esse inimigo.

Patricia Hill Collins (2017) questiona por que Beauvoir teria se dedicado a discutir a questão racial tomando como paradigmas de sujeitos racializados os homens e as mulheres negras dos Estados Unidos, uma vez que ela tinha exemplos de sujeitos racializados na França colonizadora. Collins também considera que Beauvoir teve em Wright mais do que um facilitador de suas observações, mas um mentor, o que teria feito com que ela adotasse a perspectiva dele em suas reflexões, a perspectiva de um homem negro, destacando assim mais a situação dos homens negros do que das mulheres negras. Em alguns pontos, argumenta Collins, Beauvoir retrataria as mulheres negras como simples escravas dos homens negros, sem adotar uma perspectiva interseccional.

Diante das observações de Collins, minha interpretação mais positiva da abordagem racial de Beauvoir na obra precisa ser lida também como o resultado de uma leitura em situação. Uma situação que, como a de Beauvoir, é imune à experiência da estrutura opressiva racista.

Além disso, acredito que, embora o olhar que Beauvoir nos desvela no livro não seja, claro, livre de estereótipos eurocêntricos, e embora algumas das questões que ela levanta pareçam evidentes hoje, especialmente porque foram amplamente discutidas pelo movimento negro e pelo feminismo negro, *A América todo dia* é importante no contexto da obra beauvoiriana porque revela uma pensadora atenta, sim, à trama formada por diferentes formas de opressão.

Além disso, há limitações no texto beauvoiriano. Ela não relata mais do que algumas trocas de palavras com pessoas negras de fora da intelectualidade, marcadamente masculina, conta apenas com suas observações e alguma literatura, não com depoimentos, descrições e pontos de vista oferecidos pelas mulheres e pelos homens negros. Nesse sentido, seu trabalho não está livre de idealizações que formam o pano de fundo de suas observações. Mas seu texto não pretendia ser um trabalho teórico, apenas o registro de suas percepções.

A América dia a dia não nos permite pensar em Beauvoir como uma teórica da opressão racial, mas permite pensá-la como uma observadora das diversas estruturas opressivas, sensível e atenta à questão racial. Seu interesse não é pensar específica ou exclusivamente a etnicidade nas relações sociais nos Estados Unidos, o que, em uma viagem de quatro meses de duração, seria inclusive uma impostura intelectual. Entretanto, suas observações fazem com que ela aprofunde as reflexões sobre a ambiguidade das relações entre opressores e oprimidos, explorando suas tramas e complexidade política.

A América dia a dia é uma das obras menos estudadas de Beauvoir. Publicado em inglês nos Estados Unidos em 1952, também foi um dos textos beauvoirianos com problemas de edição, cortes e tradução. Da edição em inglês de 1952, foram suprimidos quinze trechos de discussões sobre a questão racial – incluindo o mais longo deles, que é o relato da visita a uma igreja da comunidade negra de Wright –, a discussão do tratamento dado aos afro-americanos na indústria algodoeira do sul e comentários sobre as relações de classe, a perseguição a comunistas, a política externa (BARBER, 2001; MCBRIDE, 2017). Esse fato ajuda a ilustrar mais um aspecto do silenciamento de Beauvoir como pensadora, por meio da despolitização de seu discurso, e pode ajudar a entender por que Beauvoir tem sido historicamente considerada uma pensadora insensível à opressão racial.

Essa questão voltará a ser abordada pela autora em outros textos, diante de outros sujeitos racializados, as mulheres argelinas durante a guerra de independência da Argélia (1954-1962). Além disso, as discussões que a autora faz nesse texto terão importante papel em sua obra seguinte, *O segundo sexo*.

3.2 – *O segundo sexo*

Em algumas¹⁰⁹ das muitas entrevistas concedidas nos anos 1970 e 1980, em que foi questionada sobre *O segundo sexo* e sua relevância, Simone de Beauvoir revelou que, entre 1946 e 1949, período em que realizou as pesquisas e a redação final do texto, concebeu a obra como um trabalho exclusivamente teórico, mas que a reação suscitada após sua publicação, inclusive entre intelectuais com os quais a autora se relacionava e a quem admirava¹¹⁰, impediu o debate a respeito da questão da mulher que ela pretendia suscitar. Ao mesmo tempo, Beauvoir reconheceu que a recepção do texto pelas mulheres de fora dos campos intelectual e acadêmico a surpreendeu e agradou, revelando a ela o caráter emancipador de seu trabalho¹¹¹.

Essa acolhida inesperada transformou o livro em sucesso de vendas, o que o afastou ainda mais do campo intelectual, onde a popularidade de uma obra é compreendida como indício de sua falta de seriedade, como destaca Bourdieu (1989).

O fato de ser um livro sobre mulheres, um tema tão “particular”, especialmente no contexto de polarização política do pós-guerra, em que questões “universais” se impunham, tornou-o alvo de críticas predominantemente negativas por todos os setores da sociedade francesa (CHAPERON, 1999). O feminismo da obra e a postura crítica em relação à literatura e à história (discursos produzidos predominantemente pelos homens), bem como a investida da autora contra o discurso dominante a respeito da maternidade e da sexualidade feminina – as palavras sexualidade e lesbianismo sequer constam das resenhas do livro (GALSTER, 2017) – foram os elementos mais rejeitados do trabalho.

¹⁰⁹ Cf. Schwarzer (1986), Wenzel (1986) e a entrevista a Jean-Louis Servan-Schreiber – programa *Questionnaire*, 6 de abril de 1975, TF1. Disponível em: <<https://youtu.be/9LYx5T1yhqU>>. Acesso em: 08 jan. 2015. As afirmações das entrevistas podem ser confirmadas pelas cartas de Simone de Beauvoir a Nelson Algren no período em que trabalhava na pesquisa e na escrita do livro (1947 a 1949).

¹¹⁰ François Mauriac propôs à época uma verdadeira cruzada anti-Beauvoir, convocando intelectuais a publicarem artigos criticando o livro. Um dos principais nomes da intelectualidade francesa de então, Mauriac atacou Beauvoir com artigos e cartas (ver CHAPERON, 1999) porque tinha aversão ao existencialismo, que ele chamava, de modo muito pouco intelectual, de “excrementalismo”. Em suas memórias, e mais intensamente em suas cartas a Nelson Algren, Beauvoir revela como a reação negativa, inclusive por parte daqueles que ela considerava que seus aliados (que não era o caso de Mauriac, mas era o de Merleau-Ponty e Albert Camus), a abalava.

¹¹¹ Algumas autoras, entre elas Lecarme-Tabone (2008) mais recentemente Altman (2017), sugerem que uma leitura de *O segundo sexo* como texto predominantemente literário pode ajudar a compreender a recepção não teórica da obra.

Porém, a maioria das críticas centrava-se menos na obra e mais na autora. Moi (2008) compara a recepção de obras de escritoras francesas populares na França do pós-guerra – Beauvoir, Marguerite Duras Nathalie Sarraute, Simone Weil e Marguerite Yourcenar. Entre esse grupo, Beauvoir foi especialmente atacada com comentários sobre sua personalidade, moralidade, aparência, vida privada e pelos termos de seu relacionamento com Sartre.

A questão, segundo Moi, não era o *status de escritora* de Beauvoir, mas sua suposta pretensão a uma posição como *mulher intelectual*. Entre as autoras comparadas, nenhuma recebeu críticas tão marcadas pelos estereótipos sexistas e pela desqualificação da personalidade e da sexualidade quanto ela, contra quem foram usados adjetivos como: frígida, imoral, emotiva nas escolhas políticas, não maternal, dessexualizada, “ingênua e epistemologicamente impostora” e “boa aluna, mas não intelectual” (MOI, 2008, p. 95-97)¹¹².

Analisando essas críticas retrospectivamente, é possível dizer que sua intensidade e seu tom sugerem que a *mulher intelectual* ameaçava o *status quo* do campo intelectual. Bourdieu (2004) lembra que os rótulos servem para inverter os sentidos em que operam as forças de poder no campo. No caso de Beauvoir, esses rótulos tinham um exacerbado apelo a sua vida pessoal, revertendo assim o esforço intelectual da autora em produzir uma teoria.

O que há de profundamente incômodo em *O segundo sexo* em todos os momentos é justamente sua teoria. A obra apresenta uma nova categoria – “mulher” – que implica não apenas uma nova forma de produzir teoria e pensar sobre as teorias existentes como altera também profundamente uma categoria até então universalizada – “homem” –, que passa a não ser mais neutra e absoluta¹¹³.

Essa “virada” teórica é sustentada por um consistente trabalho de investigação dos mitos, das origens históricas e culturais da situação da mulher. Esse trabalho foi comparado ao de Nietzsche (DAIGLE, 2008, p. 151) porque busca desvendar o processo de transformação

¹¹² Um problema a ser apontado na análise de Moi é a decisão de comparar Beauvoir com autoras que se dedicavam quase exclusivamente à literatura, não à filosofia. Embora no campo literário fossem, junto com Beauvoir, autoras relativamente populares, isso reduz a força da tese de Moi – de que a postura intelectual tornava Beauvoir mais criticada. Seria necessário comparar a reação a sua obra com outras intelectuais da mesma época para justificar que esse tratamento não se devia a outros aspectos específicos da trajetória de Beauvoir: sua maior evidência, sua associação com o existencialismo, que era muito criticado, seu comportamento autônomo, sua dedicação ao tema das mulheres, por exemplo.

¹¹³ Uma das críticas insistentes ao texto beauvoiriano é o uso do termo “homem” como sinônimo, muitas vezes, de ser humano ou de humanidade. Mas é justamente sua teoria que, em grande medida, irá investir esse questionamento de sentido.

dos conceitos e teorias ao longo do tempo e o modo como alguns sentidos se cristalizam em um pensamento generalista que tende a explicar o mundo em sua totalidade.

Hoje, grande parte do que Beauvoir nos apresenta em seu texto já foi assimilado, reprocessado, por outras teorias nas ciências humanas. E as inúmeras transformações sociais dos últimos setenta anos certamente alteraram a situação da mulher nas sociedades ocidentais de que trata Beauvoir – embora os atuais movimentos feministas demonstrem que essa mudança não foi ainda tão profunda nem segura quanto possa inicialmente parecer.

Esse breve histórico da obra indica que qualquer abordagem adotada em relação ao texto não é livre de limitações. A extensão da obra, as diversas áreas do conhecimento nele implicadas e suas transformações ao longo das décadas, as numerosas críticas já feitas e os silenciamentos de muito do que está dito no texto torna essa obra extremamente complexa para qualquer debate. Por isso, a apresentação que se faz a seguir não tem qualquer intenção de ser exhaustiva, detalhada ou conclusiva. Também não contempla a complexidade filosófica do texto e os detalhes de sua argumentação. Trata-se apenas de uma síntese extrema de seus pontos e de uma interpretação situada com o objetivo de destacar alguns aspectos relacionados à noção de situação apresentada no texto.

3.2.1 – Fatos e mitos

O primeiro volume de *O segundo sexo* tem uma função essencial de delinear os aspectos históricos, sociais e políticos da situação das mulheres nas sociedades ocidentais, especificamente europeias, no momento em que Beauvoir escreve a obra. Embora se refira em alguns momentos, ao longo do texto, a outras situações (das mulheres muçulmanas, das mulheres negras), Beauvoir não se detém em analisá-las. O que a autora busca é tentar estabelecer uma relação entre a condição de submissão das mulheres aos homens e o modo como esse processo – que não é um evento histórico definido no tempo – está ligado à alienação da mulher de sua condição de sujeito.

No primeiro volume, são os aspectos “externos” da situação que interessam à autora. Pode-se dizer que Beauvoir busca descrever e analisar que tipos de possibilidades, de futuros, de destinos estariam disponíveis para uma mulher nascida naquele contexto. Embora muitas vezes a obra seja lida como generalizante – procurando abarcar todas as mulheres – e outras vezes como limitante – centrando-se apenas na experiência de Beauvoir – a autora é bastante específica quanto aos limites de sua abordagem: ela fala sobre as mulheres nas

sociedades ocidentais em meados do século XX. Do ponto de vista de Simone de Beauvoir, os aspectos “externos” da situação dessas mulheres são perpetuados nos discursos de poder e subsistem nas estruturas sociais, restringindo especificamente sua agência.

Já na Introdução, Beauvoir realiza um primeiro movimento de explicitar a situação das mulheres como *um lugar de fala desvalorizado*. E faz isso colocando-se como uma mulher sujeito do discurso.

É significativo que eu apresente esse problema. Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade. Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: “Sou uma mulher” (BEAUVOIR, 2009a, p. 15).

De acordo com Beauvoir, o homem encarna o “tipo humano absoluto” e seu lugar de fala é considerado objetivo e universal, enquanto é sempre a partir de sua especificidade que uma mulher fala e é interpelada: “Você pensa assim porque é uma mulher” (BEAUVOIR, 2009a, p. 16). Mas, a autora pergunta, o que é uma mulher?

Beauvoir inicia a investigação dessa questão reproduzindo o discurso masculino que – ocupando o lugar da objetividade ao longo dos séculos – delimitou qual o sentido do termo. Ela reproduz esse discurso não porque acredite nele, mas para questioná-lo e colocar em dúvida o lugar da fala masculina:

A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. (...) Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 2009a, pp. 16-17).

A mulher do discurso masculino é a fêmea da espécie humana, cuja subjetividade e a corporeidade¹¹⁴ são submetidas ao “fato” biológico (glândulas, sexo), o que condiciona sua relação com o mundo. A situação da mulher é uma situação de alteridade radical: a mulher

¹¹⁴ Categorias que Beauvoir não entende como opostas, mas como uma e a mesma coisa: a subjetividade é inerente à corporeidade e se constrói por meio do corpo, é atravessada por ele e por suas experiências, seu ponto de vista.

encarna a figura do Outro¹¹⁵, em oposição ao homem que ocupa o lugar do Eu absoluto. É a partir dessa relação que Beauvoir delineia a situação da mulher: “Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro” (BEAUVOIR, 2009a, p. 30).

O par Eu/Outro (ou Mesmo/Outro) é elemento chave no pensamento filosófico para pensar a opressão: é por meio dessa relação que se fixam como irredutíveis as diferenças sociais (muitas delas inscritas no corpo, como o gênero, a idade, a etnia) e que se estabelecem as forças de poder que irão sustentar as desigualdades.

Ser sujeito, nos termos de Beauvoir, é colocar-se em oposição a, ou em reciprocidade com, outro sujeito, como uma liberdade autoconsciente e autodeterminada. Ser o Outro é ser colocado por outro sujeito na posição de um objeto com possibilidades fixas. Esse conceito específico de Outro é a inovação de Beauvoir. Descreve uma degradação *existencial*, uma transformação degradante do próprio *ser* do sujeito. A situação é, certamente, contraditória. Ao ser colocado na posição de Outro, o sujeito vivencia a si mesmo como um objeto, *em seu próprio ser* (SANDFORD, 2007, pp. 66-67)¹¹⁶.

Ao mobilizar a categoria do Outro¹¹⁷ para falar da situação da mulher, Beauvoir fala de um tipo específico de alteridade, a “alteridade absoluta”. A situação da mulher é análoga a outras situações de alteridade marcadas pela opressão: a da população negra, a dos povos colonizados, a do povo judeu. Esses grupos são constituídos como Outros nas relações sociais, submetidos a condições de desigualdade, objetificados e alienados de sua subjetividade. Porém, há diferenças entre essas existências na alteridade. Em todas essas situações, a formação de coletividades opera no sentido de reforçar a agência desses sujeitos e dotá-los de condições de

¹¹⁵ Ao apresentar essa categoria, Beauvoir dialoga diretamente com Emmanuel Levinas, que ela critica por falar dessa categoria a partir do ponto de vista masculino, o que o previne “assinalar a reciprocidade entre sujeito e objeto” e de afirmar o “privilegio masculino” (BEAUVOIR, 2009a, p. 17, nota 3).

¹¹⁶ No original: *To be a subject, in Beauvoir's terms, is to posit oneself in opposition to, or in reciprocity with, another subject, as a self-conscious and self-determining freedom. To be the Other is to be posited by another subject as an object with fixed possibilities. This specific concept of the Other is Beauvoir's innovation. (...) It describes an existential degradation, a degrading transformation of the very being of the subject. The situation is, to be sure, contradictory. In being posited as Other the subject experiences itself as being, in its very being, an object.*

¹¹⁷ Eu e Outro formam um par relacional, não uma oposição, uma vez que os dois elementos se encontram e existem na esfera social por meio de conflitos, trocas, solidariedades que “tiram o sentido absoluto da ideia de Outro e descobrem-lhe a relatividade; por bem ou por mal os indivíduos e os grupos são obrigados a reconhecer a reciprocidade de suas relações” (BEAUVOIR, 2009a, p. 18). Para Beauvoir, a relação Eu/Outro apresenta nuances e é a condição da construção da identidade e das relações de reciprocidade, em particular a amizade. O que delimitará a diferença é o processo de reconhecimento da condição de sujeito ou a objetificação do outro nas relações sociais.

resistência à objetificação e à opressão. Em todas, exceto na situação das mulheres, porque elas não formam uma coletividade (o que, para Beauvoir, é a condição para superar a própria alienação e transcender a situação).

Beauvoir enxerga a situação das mulheres como um processo em que elas são constantemente reduzidas a seus corpos, reduzidas ao papel de reprodutoras, privadas de exercer livremente sua sexualidade, sua autonomia. Nessa condição, seu isolamento em relação a outras mulheres que não sejam de sua família ou seu meio social é tal que, para usar seus termos (BEAUVOIR, 2009a, p. 20), as burguesas aliam-se aos burgueses e não às mulheres proletárias, as mulheres brancas aos homens brancos, não às mulheres negras. Isso produz uma condição de cumplicidade com o sistema de opressão das mulheres¹¹⁸. Essa cumplicidade é forjada, principalmente, na família de modelo monogâmico e heterossexual. A instituição tem um caráter normativo que opera sobre o corpo, os desejos e a capacidade produtiva da mulher, reproduzindo sua dependência afetiva, sexual, econômica e social dos homens.

É para compreender esse processo que a autora busca, então, investigar os discursos da biologia, da psicanálise e do marxismo acerca das mulheres a fim de compreender por que a mulher é esse Outro, radicalmente privado de sua subjetividade.

A autora inicia a investigação por uma extensa análise dos dados da biologia de sua época para mostrar que, ainda que as diferenças biológicas entre homens e mulheres existam, não são elas que instituem a diferença sexual como uma condição de desigualdade social e opressão, portanto, não é no conhecimento sobre a natureza que se explica a mulher como Outro. Os dados da biologia sobre os corpos femininos não explicam como se dá essa passagem da diferença para a desigualdade, mas são apropriados pelos discursos masculinos para naturalizar as desigualdades e justificá-las, uma vez que, como lembra Beauvoir, contra a natureza não há revolta. Os dados da biologia

desempenham na história da mulher um papel de primeiro plano, *são um elemento essencial de sua situação*. (...) Pois, sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra. (...) Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não

¹¹⁸ É importante destacar que, quando fala em cumplicidade, a autora não está destacando um ato de vontade, mas justamente o fato de que o sistema de opressão funciona pelo apagamento da agência da mulher como sujeito que, nessa alienação, atua mesmo em favor das forças que a subjugam e que subjugam outras mulheres. O processo de alienação é tal que as mulheres não se identificam com outras mulheres. Para Beauvoir, o isolamento só se desfaz a partir de uma relação eu/outro em que os indivíduos ou grupos – no caso, as mulheres – reconhecem-se mutuamente como sujeitos, não pretendendo objetificar o outro. Essa relação é o modelo beauvoiriano de amizade.

explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada (BEAUVOIR, 2009a, p. 65, grifos meus).

Um avanço em relação à biologia, segundo Beauvoir, é o discurso psicanalítico. Isso porque, segundo Beauvoir, a psicanálise sai da concepção do corpo como um objeto natural, característica do discurso da biologia que conhece o corpo a partir das células, glândulas, hormônios etc., para tomá-lo como uma experiência. A mulher vista pela psicanálise é a mulher investida de seus desejos.

Há dados biológicos essenciais e que não pertencem à situação vivida. Assim é que a estrutura do óvulo nela [mulher] não se reflete; ao contrário, um órgão sem grande importância biológica, como o clitóris, nela desempenha um papel de primeiro plano. Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade (BEAUVOIR, 2009a, p. 71).

Beauvoir reconhece, assim, a psicanálise como uma ferramenta importante para pensar a situação da mulher e irá aplicá-la posteriormente em suas discussões sobre a socialização das meninas, o lesbianismo, a maternidade, o narcisismo. Porém, a autora recusa algumas noções da psicanálise de sua época – a centralidade de sua abordagem na libido masculina e a ideia de uma “evolução” da sexualidade da mulher na passagem do erotismo clitoridiano ao vaginal.

No materialismo histórico, Beauvoir busca uma explicação para a dependência econômica das mulheres. Recorre particularmente a Engels e suas reflexões sobre a família, a propriedade privada e o Estado. Engels argumenta, com base nas fontes históricas e antropológicas disponíveis quando escreve, que em sociedades sem propriedade privada, homens e mulheres eram iguais e a divisão sexual do trabalho não implicava em uma desvalorização do trabalho realizado pelas mulheres. Porém, com o desenvolvimento técnico, tornou-se possível aos homens escravizarem outros homens que ofereciam uma mão de obra mais forte do que a das mulheres. Esse seria o momento histórico de origem da propriedade privada e da submissão das mulheres, transformadas em propriedade dos homens e dependentes economicamente deles. Beauvoir rejeita essa explicação por reduzir homens e mulheres a seres econômicos e por falhar em explicar o papel da mulher na reprodução e no erotismo.

Assim, recusamos pela mesma razão o monismo sexual de Freud e o monismo econômico de Engels. Um psicanalista interpretará todas as reivindicações sociais da mulher como um fenômeno de “protesto viril”. Ao contrário, para o marxista, sua sexualidade não faz senão exprimir por desvios mais ou menos complexos sua situação econômica; mas as categorias “clitoridiana” ou “vaginal”, tal qual as categorias “burguesa” ou “proletária”, são igualmente impotentes para encerrar uma mulher concreta (BEAUVOIR, 2009a, p. 94).

O que Beauvoir critica nessas teorias, sobretudo, é que elas seriam parciais, destacando não tanto seus possíveis equívocos, mas sua incapacidade de pensar as mulheres. Tanto a biologia como a psicanálise e o marxismo estão já atravessados por uma compreensão da mulher que é insuficiente para reconhecer e explicar sua condição de Outro e muitas vezes apenas reproduzem essa ideia, porque são também narrativas forjadas sob pontos de vista masculinos.

Por baixo dos dramas individuais como da história econômica da humanidade, há uma infraestrutura existencial que permite, somente ela, compreender em sua unidade essa forma singular que é uma vida. O valor do freudismo provém do fato de o existente ser um corpo. A maneira pela qual se sente como corpo diante de outros corpos traduz concretamente sua situação existencial. Do mesmo modo, o que é verdadeiro na tese marxista é que as pretensões ontológicas do existente assumem uma forma concreta segundo as possibilidades materiais que se lhe oferecem, e em particular as que as técnicas lhe proporcionam. Não integradas, porém, na totalidade da realidade humana, a sexualidade, a técnica não poderiam nada explicar (BEAUVOIR, 2009a, p. 94).

Nenhum desses sistemas, diz Beauvoir, é capaz de explicar a situação de alteridade radical da mulher. A autora perpassa, então, grande parte da história ocidental e dos mitos sobre a mulher para investigar a abstração da feminilidade como um aspecto dessa situação. Demonstra como o privilégio econômico e social masculino – por meio do monopólio da propriedade e da atividade produtiva – se constitui historicamente em várias épocas e em diferentes formações societárias a partir da exclusão da mulher. E revisita os mitos e a literatura para analisar como o discurso masculino sobre a mulher – que ela considera constituir parte da materialidade da condição da mulher – reproduz esses privilégios simbolicamente, ao passo que o discurso feminino é incompreendido, transformado em um mistério, dissipando-se, sendo silenciado.

Todo esse movimento de investigação realizado por Beauvoir no primeiro volume de *O segundo sexo* permite a ela já caracterizar a alteridade das mulheres como determinada por múltiplas opressões. No interior da família, a estrutura opressiva de gênero é reforçada pela estrutura opressiva de classe; a repressão da sexualidade é uma consequência dessas duas opressões. Nesse sentido, o que Beauvoir demonstra no primeiro volume de *O segundo sexo*, e que ela já havia vislumbrado em *A América dia a dia*, é que as estruturas de opressão funcionam entremeadas, compondo o que poderíamos caracterizar como uma tessitura.

O primeiro volume pode ser lido também como um exemplo metodológico de como abordar a complexidade dessa tessitura de opressões que constitui a situação de alteridade. É a partir de uma investigação dos múltiplos aspectos externos da situação – o social, o político, o

biológico, o econômico, o sexual, o simbólico –, que Beauvoir irá iniciar sua investigação das experiências vividas das mulheres no segundo volume.

3.2.2 – A experiência vivida

Uma das ênfases de Beauvoir nas críticas realizadas no primeiro volume de *O segundo sexo* é sobre a incapacidade dos sistemas explicativos de levarem em consideração o ponto de vista e as experiências das mulheres. É nesse sentido que ela constrói todo seu segundo volume. O texto pretende reconhecer as mulheres como sujeitos dos discursos sobre si mesmas e delinear como os aspectos externos da situação se tornam um aprendizado.

A autora não tem dúvidas de que as mulheres, após o fim da Segunda Guerra Mundial, haviam iniciado um processo de reafirmação de sua independência em relação ao discurso masculino, mas quer reconhecer e examinar esse processo, que não acontece sem dificuldades porque se contrapõe a uma ordem dada de privilégios e opressões enraizadas.

Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras “mulher” ou “feminino” não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: “no estado atual da educação e dos costumes.” Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular (BEAUVOIR, 2009a, p. 357).

Beauvoir inicia a discussão sobre as experiências vividas analisando a infância¹¹⁹ como fase em que esse aprendizado sobre “ser mulher” é mais intenso. É na abertura desse capítulo que ela enuncia sua famosa frase sobre “tornar-se mulher”. Sua intenção nesse primeiro capítulo do segundo volume é destacar o processo de socialização da menina e, nesse sentido, ela caminha paralelamente à psicanálise e à história, destacando alguns pontos desses sistemas.

Segundo Beauvoir, para meninos e meninas, o corpo é um instrumento de apreensão do mundo, mas é a partir da mediação dos adultos que essa apreensão se dará de modo diferenciado. A socialização investirá o menino de uma percepção de seu corpo como um privilégio e um instrumento de autonomia, ao mesmo tempo em que investirá a menina de uma

¹¹⁹ A questão da infância é retomada em momentos cruciais da obra de Simone de Beauvoir: os capítulos inéditos de *A convidada*, seu primeiro livro, publicados em Francis e Gontier (1979), seus primeiros ensaios e *O segundo sexo*. Entretanto, uma análise compreensiva desse tema que perpassasse toda sua obra ainda não veio a público.

percepção do corpo como passivo, como um objeto. O processo de socialização é, assim, um processo de reprodução de hierarquias entre meninos e meninas e, sobretudo, de supressão, na menina, do reconhecimento de sua condição de sujeito, de imposição de limitações a sua agência e às suas intenções de transgressão dessa ordem.

Já lembrei que, ao lado da autêntica reivindicação do sujeito que quer para si liberdade soberana, há no existente um desejo inautêntico de renúncia e de fuga. São as delícias da passividade, que pais e educadores, livros e mitos, mulheres e homens fazem brilhar aos olhos da menina; ensinam a ela já na primeira infância a apreciá-las; a tentação torna-se dia a dia mais insidiosa (...) (BEAUVOIR, 2009, p. 396).

Esse processo se reforça ainda mais na adolescência, em que o corpo se torna motivo de angústia para a mulher, principalmente porque suas transformações não dão mais à jovem a possibilidade de não viver o próprio corpo como uma limitação. Uma limitação análoga se verifica também em seus projetos. A condição de objeto sexual se impõe e a jovem compreende que, em termos sociais, sua existência só ganha sentido na relação com o homem.

Beauvoir inclui nessa primeira parte do segundo volume, destinada a discutir a formação da menina e da jovem em mulheres, o debate sobre a lésbica, para destacar como a homossexualidade se configura, para a mulher, como uma recusa a esse destino de certo modo traçado desde seu nascimento, uma escolha cujas implicações não se resumem à sexualidade, mas que acarretam à mulher uma série de responsabilidades para as quais ela não é preparada.

A análise que Beauvoir faz desse período inicial da vida da mulher destaca não só o processo de produção social da mulher como um ser marcado pelo seu sexo e sua sexualidade, como o modo como o processo de socialização e a opressão de gênero convergem para docilizar as futuras mulheres. Uma docilização que se dá tanto no sentido disciplinar que Foucault (1987) dá ao termo (embora o foco de Foucault recaia sobre os corpos dos meninos, tomo emprestada aqui sua expressão) como no sentido de dotar a futura mulher de uma docilidade que é apreciada como *traço essencial da feminilidade*. Além disso, Beauvoir pensa o processo de socialização das meninas a partir de uma tessitura de opressões de gênero, de classe, de idade e da sexualidade pela imposição heteronormativa.

Na parte seguinte do texto, “Situação”, Beauvoir irá analisar as experiências das mulheres adultas. É, talvez, o trecho mais controverso de *O segundo sexo*, considerado uma descrição hostil do corpo feminino. Mas o trecho pode ser lido também como uma crítica aos reiterados discursos romantizados sobre a feminilidade e a maternidade, que não correspondem às experiências que atravessam os corpos e a subjetividade das mulheres. Bauer (2001b) resume

bem essa discussão ao destacar que nessas páginas Beauvoir contrapõe a visão idealizada sobre como devem ser os relacionamentos das mulheres com as crianças e os homens e como é a experiência que as mulheres descrevem desses relacionamentos, uma experiência de esforço.

Beauvoir leva às últimas consequências essa ideia do peso e das limitações que as mulheres vivenciam na fase adulta. Destaca principalmente o caráter repetitivo das atividades como o trabalho doméstico, as compras, o cuidado com o outro, que acabam favorecendo uma fuga da reflexão – uma condição que podemos aproximar teoricamente tanto do conceito de labor discutido por Arendt em *A condição humana* como o processo cíclico de manutenção da vida quanto, possivelmente, da neurose caracterizada por Freud, para pensarmos a materialidade e o caráter psíquico das estruturas opressivas que condicionam os poderes, as tensões e as afetividades das mulheres.

Beauvoir nos mostra como, na condição de esposas e trabalhadoras do sexo, as mulheres são frequentemente submetidas ao papel de objetos sexuais, que precisam se manter desejáveis apesar de não terem direito ao próprio prazer. Na condição de mães, cuidadoras dedicadas e sacrificadas à família, são guardiãs de valores morais que esperam receber o reconhecimento de uma sociedade que dá a elas poucas opções de fugir disso. Como relata Le Dœuff, esse trabalho descritivo é profundamente importante para caracterizar o modo como as mulheres vivem a opressão:

Quando Simone de Beauvoir descreve o caráter repetitivo do trabalho doméstico, quando ela analisa o tratamento reprovador da agressividade das meninas, quando ela expõe as noções de frigidez feminina, quando ela examina o conceito vigente de que os salários das mulheres são “salários secundários” que suplementam os ganhos do marido, ela apresenta elementos essenciais de uma consciência *pormenorizada e precisa* da opressão das mulheres. E essa atenção aos pormenores é, certamente, o que dá ao livro sua grande utilidade porque a opressão sempre existiu igualmente onde é menos esperada e onde há o perigo de que sequer seja notada (LE DŒUFF, 1980, p. 277)¹²⁰.

Particularmente em relação à maternidade, a crítica de Beauvoir é principalmente quanto à imposição dessa experiência à mulher, e não quanto a uma escolha consciente da mulher, um desejo. Mas até que ponto a maternidade é, para a mulher, uma escolha? Ao iniciar

¹²⁰ No original: *When Simone de Beauvoir describes the repetitive nature of housework, when she analyses the censorious treatment of aggressiveness in little girls, when she sets out notions of female frigidity, when she examines the prevailing conception of women's wages as “salaire d'appoint” supplementing the husband's earnings, she provides essential elements of a detailed and precise consciousness of women's oppression. And this attention to detail is certainly what gives the book its greatest utility because oppression always also exists where it is least expected and where there is the danger that it will not even be noticed.*

o capítulo sobre a maternidade com uma discussão sobre aborto e métodos contraceptivos, antes de abordar propriamente a concepção, é possível que Beauvoir estivesse deliberadamente disposta a provocar um incômodo profundo. A autora usa esse artifício, entretanto, para argumentar que só a partir da legalização e gratuidade desses métodos (ambos proibidos na França quando escreve), as mulheres poderiam escolher a maternidade livremente¹²¹.

Beauvoir irá, então, abordar a questão detalhadamente: a gestação, trimestre a trimestre, o parto, os cuidados com o bebê recém-nascido, com a criança em seus primeiros anos de vida, na fase escolar e na adolescência. Esse percurso a leva a concluir que a maternidade não escolhida é um aspecto chave da situação de alteridade da mulher, porque coloca seu corpo à disposição de interesses outros que não os da mulher – interesses da família, das instituições, dos poderes instituídos. A ideia de uma maternidade escolhida, por outro lado, representa a supressão de grande parte das sanções e normatizações que produzem a mulher como fêmea da espécie humana e representaria uma alteração em todo o sistema de controle do corpo feminino, desde a infância.

A argumentação beauvoiriana sobre a maternidade se produz em um contexto em que contracepção e aborto eram proibidos às mulheres francesas. Essa proibição estava ligada a questões morais e religiosas, mas também à política demográfica do Estado francês, que via no aumento das taxas de natalidade uma estratégia importante para enfrentar a ameaça constante de conflitos no contexto da Guerra Fria, uma política que inclusive já havia sido adotada após a Primeira Guerra Mundial. A gravidez era frequente na vida das mulheres, não uma escolha ou um planejamento, os abortos ilegais com assistência médica eram frequentes para as mulheres que podiam pagar, e os abortos ilegais, sem assistência profissional e em condições de risco para a saúde reprodutiva e a vida eram frequentes para as mulheres que não podiam pagar (uma realidade diferente apenas no sentido de que hoje, mesmo em países onde o aborto é criminalizado, como no Brasil, o acesso a métodos contraceptivos é mais facilitado e menos moralista). Ao discutir o tema do aborto, Beauvoir discutia uma experiência compartilhada por mulheres de diferentes classes, origens sociais, formações etc. Assim, ao escrever sobre o tema da maternidade abordando a questão da contracepção, do aborto e do ponto de vista de que o corpo das mulheres era apropriado pela reprodução da espécie e, de certa forma, alienado da

¹²¹ Esse argumento soa extremamente atual hoje, quando mesmo nos países em que os direitos reprodutivos das mulheres são garantidos, estão constantemente em risco diante da ação de grupos políticos que alegam a supremacia de valores morais, religiosos, familiares, institucionais e mesmo médicos sobre a autonomia da mulher.

própria mulher, Beauvoir faz da maternidade uma porta de entrada para uma crítica social aguda, demonstrando também que uma sociedade que não garante os direitos individuais das mulheres e sua sexualidade as está reprimindo. Para conquistarem a condição de igualdade e cidadania, as mulheres precisariam ser donas de seu próprios corpos, não alienadas deles.

O relacionamento das mulheres com os outros, sejam quais forem, é atravessado assim sempre por uma desvalorização de seu papel e de sua autonomia; as mulheres se tornam secundárias, os esforços devem partir delas, sua criatividade é esvaziada, o que tem um forte impacto em sua velhice. A visão beauvoiriana da velhice é muito atrelada ao significado existencial que o sujeito pode criar por meio de atividades produtivas e, nesse sentido, as mulheres que ela analisa, privadas dessa dimensão da existência ao longo de toda a fase adulta, são enxergadas em uma situação de profunda perda de “entusiasmo, confiança, esperança, cólera que lhe permitiriam descobrir novos objetivos ao redor de si” (BEAUVOIR, 2009a, p. 778).

A longa análise da situação das mulheres nos mostra Beauvoir operando a partir de um conceito de situação bastante mais complexo do que nas obras anteriores. Ao propor que a situação da mulher é uma situação de alteridade radical, Beauvoir é levada a investigar como a alteridade é multifacetada, sustentada em vários discursos, mecanismos, lógicas, estruturas.

A partir dessa multiplicidade, a tessitura das opressões de classe e de gênero aparece já como um elemento dado nas primeiras reflexões do texto, no primeiro volume. E é sobretudo no segundo volume que ela irá tornar essa tessitura mais complexa, demonstrando como as opressões de gênero e classe impactam, juntas, na opressão de idade e na repressão da sexualidade. A situação da mulher é, assim, na visão de Beauvoir, uma situação na qual convergem as múltiplas opressões que afetam as mulheres em sua pluralidade, diversidade e especificidade.

Andrew (2006, p. 30) lembra que, na atualidade, muitas das reações à leitura de *O segundo sexo* destacam que as mulheres não têm as mesmas experiências vividas que autora descreve tão detalhadamente. Mas, para Andrew, a esse argumento escapa o aspecto principal da obra que é necessidade de olharmos para os discursos da literatura, das ciências, das grandes narrativas e das teorias sobre as mulheres com uma atitude de suspeita. Essa suspeita, no caso do olhar de Beauvoir, se dá principalmente a partir do lugar de enunciado desses discursos e de seu caráter prescritivo. Nesse sentido, *O segundo sexo* pode ser entendido como uma obra que,

como coloca Sandford (2017, p. 48), abre “o espaço conceitual no interior do qual tem sido possível propor novas questões e fazer tentativas de respondê-las”.

Uma das questões que Beauvoir propõe nesse texto é quanto ao tipo de representatividade política que as mulheres terão nas sociedades polarizadas do pós-guerra. Com *O segundo sexo* Beauvoir enraíza seu pensamento na política. Embora seus textos anteriores tragam já essa questão, é em *O segundo sexo* que Beauvoir encontra a matéria ideal da sua concepção da política, que é a experiência vivida do sujeito, e o método para abordá-la. É a partir de sua reflexão sobre as mulheres – sujeitos excluídos da esfera política representativa –, que Beauvoir realiza isso. A autora *dá um lugar de fala valorizado* às mulheres. É desse modo que Beauvoir transforma o pessoal em político – ideia que se tornará mais tarde um dos slogans do feminismo.

O fato de esse processo se dar justamente em um momento em que as mulheres começam a ganhar acesso à esfera da política representativa pela conquista do direito ao voto e à eleição para cargos públicos certamente não é acaso. Em certa medida, Beauvoir, que já era crítica do modo como se deu esse processo e de seu verdadeiro sentido em textos como “Femininity: the trap” está questionando a própria ideia de representatividade política e o modo como as mulheres irão se inserir nesse contexto. Por isso, termina seu livro invocando uma independência da mulher que, em sua opinião, começa no plano econômico. Reverberando a mesma ideia do início do livro de que as mulheres burguesas são aliadas dos homens burgueses, as mulheres brancas dos homens brancos, as trabalhadoras dos trabalhadores, ela pensa nessa independência como uma forma de mulheres representarem politicamente, em primeiro lugar, os interesses das mulheres.

Esse movimento do pensamento beauvoiriano é possibilitado diretamente por seu conceito de situação, já configurado como uma ferramenta teórica para pensar a tessitura de opressões. Retomando a imagem da tessitura que constitui as situações, a abertura do espaço político formal para as mulheres pode ser entendida como a abertura a partir da qual elas podem, como coletividade, esgarçar o tecido das várias opressões de que são alvo.

A ausência, no livro, de um debate sobre a estrutura opressiva étnico-racial – muito criticada pelos feminismos negros e interseccionais – é, de fato, sentida. Mas é pouco provável que essa ausência se deva a uma falta de sensibilidade da autora em relação ao tema, dado que anteriormente ela já havia se debruçado sobre essa questão. Acredito que tanto nesse caso como na ausência de uma abordagem mais detalhada sobre as mulheres da classe trabalhadora, são

sobretudo os testemunhos nos quais Beauvoir se baseia – relatos, diários, cartas e obras literárias de mulheres – que irão constituir essa característica da obra. Como a abordagem de Beauvoir no texto é fenomenológica, ela não teria condições de abordar as experiências das mulheres negras, por exemplo, sem dispor de fontes diretas¹²².

Uma das críticas mais detalhadas em relação à ausência de um debate aprofundado da questão étnico-racial em *O segundo sexo* é a de Gines (2017), que destaca como Simone de Beauvoir faz uso da analogia raça/gênero no livro. Beauvoir compara a situação da mulher, logo nas primeiras páginas, à situação do escravo negro. Gines argumenta que, assim, Beauvoir omite a experiência das mulheres negras, que sofrem uma dupla opressão.

Lori Jo Marso, entretanto, explica esse possível apagamento em outros termos:

O fato de que Beauvoir escolhe não especificar as mulheres negras, as mulheres hispânicas, as mulheres argelinas, por exemplo, expondo respostas previsíveis a suas situações únicas na realidade ajuda a preservar a agência individual e a imprevisibilidade em relação a tipos sistemáticos de desigualdade e opressão. Ela oferece exemplos frequentes a partir da vida de mulheres com diversas identidades, mas esses exemplos são apresentados como evidência individual, não de grupo (MARSO, 2012, p. 8)¹²³.

3.3 - *A velhice*

A questão do caráter político dos relatos de experiências vividas é também central em *A velhice* (1970). O texto é muitas vezes associado a *O segundo sexo* devido às similaridades entre as obras: o método de abordagem, a situação de exclusão dos sujeitos interpelados, o fato de a autora falar a partir de sua própria situação são algumas semelhanças entre os dois textos.

Além disso, nas duas obras – os dois maiores projetos teóricos de Beauvoir – a alteridade de gênero e a alteridade geracional são estudadas tanto a partir dos discursos científicos e intelectuais dominantes como pelo relato de experiências vividas, grande parte das quais Beauvoir busca em diários, cartas e na literatura. Beauvoir não pretende, por meio desse método, generalizar as experiências individuais, mas, como ela diz na Introdução a *A velhice*,

¹²² Um levantamento a respeito das fontes de testemunhos de mulheres de diversas etnias e condições sociais no momento em que Beauvoir escrevia seu texto pode ajudar a elucidar parte dessa questão.

¹²³ No original: *The fact that Beauvoir chooses not to designate black women, Hispanic women, French Algerian women, for instance, as exhibiting predictable responses to their unique situations actually serves to preserve individual agency and unpredictability in response to systematic kinds of inequality and oppression. She frequently offers examples from the lives of women with various identities, but these examples are given as individual, rather than group, evidence.*

quer buscar o que há de constante nessas experiências variadas, aspectos que da cultura que se repetem, se desvelando em diversas narrativas.

Em termos de recepção, o livro também teve uma trajetória semelhante a *O segundo sexo*, foi quase completamente ignorado até os anos 1990 como texto teórico, embora sem provocar a mesma polêmica. E, assim como sua obra sobre a situação das mulheres, quando os feminismos se debruçaram sobre o texto, cerca de vinte anos depois de seu lançamento, a obra foi considerada ultrapassada e criticada, entre outras coisas, por seu viés excessivamente marxista.

Tanto em *O segundo sexo* como em *A velhice*, Beauvoir também abordará as implicações políticas e éticas nas experiências vividas e o modo como estas são atravessadas pela dimensão corporal e pelas relações interpessoais. Além disso, nos dois casos Beauvoir procura desvelar as formas como a situação é também uma disciplina dos corpos, por meio da alienação e por meio da normatização: “queremos que os velhos se conformem à imagem que a sociedade faz deles. Impomos-lhes regras com relação ao vestuário, uma decência de maneiras, e um respeito às aparências” (BEAUVOIR, 1990b, p. 268).

Também na Introdução, Beauvoir se coloca como pensadora em situação ao revelar que, nos parágrafos finais de seu livro *A força das coisas* (2010b [1963]), a experiência da aproximação da velhice causou incômodo, manifestações de solidariedade e, principalmente, de crítica, entre as leitoras e os leitores da obra¹²⁴. Foi essa reação – que, de um modo ou de outro se revelava à autora como tentativas de recusa a uma experiência humana universal – que levou Beauvoir a escrever o texto. Seu objetivo, ela diz, era “quebrar a conspiração do silêncio” que há em torno da velhice.

No caso de *A velhice*, ela se propõe a investigar a invisibilidade que recai sobre as pessoas idosas. Toda a normatização que pesa sobre a mulher é substituída por uma espécie de esquecimento em relação às pessoas idosas; não que seus corpos não sejam normatizados, mas

¹²⁴ Apesar de longa, creio ser interessante retomar parte da citação: “Aos quarenta anos, um dia, pensei: “No fundo do espelho a velhice espreita; e é fatal, ela me pegará.” Ela me pegou. Muitas vezes para, espantada, diante desta coisa incrível que me serve de rosto. Compreendo a Castiglione, que quebrara todos os espelhos. Parecia-me que eu me preocupava pouco com minha aparência. As pessoas que comem bem e que têm saúde esquecem o estômago; assim também eu esquecia meu rosto enquanto podia olhar para ele sem desprazer: ele não me preocupava. Agora me preocupa. Detesto a minha imagem: papos em cima e embaixo dos olhos, rosto muito cheio, e esse ar de tristeza provocado pelas rugas em torno da boca. Talvez as pessoas que me encontram vejam simplesmente uma quinquagenária que não está nem bem nem mal: tem a idade que tem. Mas eu vejo minha cara velha, onde se instalou uma varíola da qual jamais me curarei” (BEAUVOIR, 2010b, p. 708).

o caráter dessa normatização é diferente. A velhice é, também, uma situação de alteridade radical. Mas o que define essa alteridade, para Beauvoir, é, sobretudo, uma questão de classe: a pessoa idosa é aquela que perde a capacidade de se inserir no mercado de trabalho, o que define o lugar social nas sociedades capitalistas: “a economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz” (1990b, p.13).

A questão do envelhecimento parece acompanhar a escrita de Beauvoir desde muito cedo. Em 4 de novembro de 1939, um dia depois de escrever sobre seu interesse em sua “feminilidade”, ela escreve nos diários: “Seria preciso pensar em que consiste o fato de envelhecer que sinto fortemente em mim nestes anos” (BEAUVOIR, 1990a, p. 127)¹²⁵. Pouco depois, em um de seus romances metafísicos, *Todos os homens são mortais* (1946), ela conta a história de Raymond Fosca, um homem que não envelhece e é imortal. No terceiro volume de memórias, *A força das coisas* (1963), o envelhecimento é abordado como uma condição inexorável do corpo e da existência. Em *Une mort très douce* (1964), mistura-se à resignação diante da morte do outro; em *Mal-entendido em Moscou* (1965), é retratado como uma sucessão de decepções. Depois de *A velhice*, Beauvoir ainda retorna ao tema em *Balanço final* (1972), último volume de suas memórias, e em *A cerimônia do adeus* (1981) como uma longa e cruel despedida.

3.3.1 – O ponto de vista externo

Como em *O segundo sexo*, Beauvoir inicia sua abordagem pelos aspectos externos e depois se debruça sobre a experiência vivida. E justifica seu método:

Toda situação humana pode ser encarada em exterioridade – tal como se apresenta a outrem – ou em interioridade, enquanto o sujeito a assume, ultrapassando-a. Para outrem, o velho é objeto de um saber; para si mesmo, ele tem de seu estado uma experiência vivida (BEAUVOIR, 1990b, p. 16).

Além disso, em *A velhice*, Beauvoir especifica claramente a ideia de que a situação é formada por aquilo que chamei de tessitura.

Enfim, a sociedade destina ao velho seu lugar e seu papel levando em conta sua idiossincrasia individual: sua importância, sua experiência; reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Não basta, portanto, descrever de maneira analítica os diversos aspectos da velhice: cada um deles reage sobre todos os outros e é afetado por eles; é no

¹²⁵ No original: *Il faudrait penser en quoi consiste le fait de vieillir que je sens bien fort en moi ces années-ci.*

movimento indefinido desta circularidade que é preciso apreendê-la (BEAUVOIR, 1990b, p 16).

A palavra circularidade revela o modo como Beauvoir visualiza a tessitura das opressões e de todos os aspectos que constituem a situação. Um desses aspectos, que define o caráter particular da condição de alteridade da pessoa idosa, é que ela *se torna* um objeto marcado pela indiferença, por uma deliberada decisão social de não ver, não ouvir, não falar sobre aquilo que espelha o futuro de todos os sujeitos.

A mulher é instalada no lugar de Outro no momento do nascimento e será enraizada ali pelo processo de objetificação que perpassa toda sua existência. Para as pessoas que envelhecem, essa não é uma condição já dada, mas produzida em um momento determinado de sua existência, que será diferente para cada indivíduo a partir de outros aspectos de sua situação.

Essa ideia já nos leva a pensar na dupla alteridade da mulher idosa, que Beauvoir pontua ao longo do texto e que se desvela já na reação de homens e mulheres jovens diante da hipótese da velhice. “Quando lhes perguntamos sobre seu futuro, os jovens, sobretudo as moças, interrompem a vida no máximo aos 60 anos. Algumas dizem: ‘Eu não chego lá, vou morrer antes’. E outras, até mesmo: ‘Eu me mato antes’” (BEAUVOIR, 1990b, p. 11).

Ao investigar os dados da biologia sobre o envelhecimento, Beauvoir destaca que nenhuma situação humana pode ser entendida apenas como um fato natural. Na velhice, as mudanças corporais implicam uma mudança na relação existencial da pessoa com o corpo, com o tempo e com os outros. A existência do idoso é reduzida pela ciência a uma limitação da ação, mesmo quando esta não implica a necessidade de força física perdida com o envelhecimento. Mas, enquanto a ciência caracteriza o envelhecimento como um processo gradual, a experiência vivida do sujeito se dá repentinamente, a partir de um ou vários acontecimentos inesperados, a partir de uma surpresa com a própria transformação, porque a pessoa que envelhece também faz parte da conspiração de silêncio em torno da velhice, até que toma consciência desse fato em si. Em termos biológicos, portanto, a velhice praticamente não existe em “estado puro”, ela é marcada por um declínio que pode ou não ser refreado ou desacelerado pela técnica, pela medicina, pelo saber prático.

Nesse sentido, o declínio é já uma consequência do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade, de sua situação econômica, intelectual, política, do acesso que ele tem aos recursos disponíveis, de sua história de vida, que irá marcar seu corpo com determinadas tendências. Assim como em *O segundo sexo* a biologia não era capaz de explicar a alteridade da mulher,

em *A velhice* também não é capaz de explicar a situação da pessoa idosa como uma situação de alteridade porque a velhice não é configurada como tal em todos os tempos e em todas as sociedades.

É nesse sentido que a autora irá revisitar, então, os dados históricos e etnográficos sobre a velhice. Na etnografia, ela encontra uma série de registros do lugar social reservado a homens e mulheres idosas nas mais diversas sociedades. Pela exposição desses registros, Beauvoir reflete sobre o caráter ambíguo da velhice em cada contexto social. Tomando a perda da capacidade de trabalhar¹²⁶ como o elemento central da situação da pessoa idosa, Beauvoir irá demonstrar que esse aspecto não é necessariamente negativo em todas as coletividades.

Há aquelas comunidades em que as pessoas idosas são excluídas e aquelas em que a força de trabalho perdida é substituída pela valorização do saber adquirido, o que dá às pessoas idosas uma condição não de privilégio, mas de inclusão. As pessoas idosas incapacitadas de trabalhar podem receber novas atribuições na sociedade, atividades que exigem esforços físicos menores ou tarefas de caráter mágico ou religioso, por exemplo, o que dá a elas poderes muito mais complexos no interior da coletividade. Mas há também casos em que essas pessoas, especialmente se doentes ou seriamente incapacitadas, são simplesmente abandonadas à espera da morte.

A riqueza dos exemplos compilados por Beauvoir nas páginas dedicadas à revisão da etnografia sobre a velhice e mesmo o estilo narrativo da autora nesse trecho do livro, capaz de transportar o leitor para um mundo à parte criado por seu texto, é impossível de reproduzir. Mas é particularmente relevante destacar que Beauvoir faz desse processo de exposição de exemplos uma reflexão sobre as assimetrias de gênero encontradas em todas as sociedades.

Ainda que a homens e mulheres idosas não sejam reservados tratamentos diferenciados por sua condição de idade, o que Beauvoir destaca é que, em muitos casos, para as mulheres, o envelhecimento pode representar a sujeição a mais tabus ou a libertação dos tabus a que estavam sujeitas por seu gênero. Em algumas sociedades, a desigualdade baseada no gênero é abolida e a pessoa idosa adquire quase que o lugar de um terceiro gênero. Em todos os casos, entretanto, Beauvoir interpreta o destino das mulheres como marcado muito mais pela indiferença do que o dos homens, além de não integrarem o mesmo universo que eles. Nessas

¹²⁶ É interessante registrar o quanto esse aspecto ecoa seu texto *Les bouches inutiles* e a teoria marxista.

sociedades, a prosperidade ou escassez têm um papel muito importante para definir o destino de homens e mulheres.

É principalmente na análise das sociedades históricas desde a antiguidade que Beauvoir busca compreender a idade como uma das categorias de diferenciação a partir das quais as estruturas opressivas operam. A autora estabelece comparações e analogias, assimilando infância e velhice como momentos da vida em que o *status* político é suprimido, ou velhice e juventude como momentos em que a condição econômica se contrapõe. Baseando-se principalmente na literatura e na iconografia (produzidas predominantemente por homens), ela irá refletir sobre como a condição da mulher se diferencia bastante em relação à do homem na fase da velhice.

Nos textos literários, especialmente da antiguidade, se não é ignorada, a personagem da mulher idosa assume sempre o lugar do estranho – a louca, a ardilosa, a malvada, aquela que tem uma aparência repugnante – em situações narrativas que despertam o riso ou a abjeção. Ao mesmo tempo, o homem idoso é representado a partir do plano político: o detentor da sabedoria para governar ou aquele em quem a experiência é a marca de uma incapacidade para governar de acordo com as transformações da sociedade.

Na Roma antiga, o homem idoso economicamente privilegiado assume o lugar de poder no interior da família, do exército e do Senado e será aquele que tem o poder de matar, de vender, de mutilar ou de deixar viver. A partir da Idade Média, o discurso predominante será o do elogio da juventude, em detrimento dos homens e das mulheres idosas. Mas se o idoso é representado, na maioria das vezes, como o velho repugnante; sobre a idosa irão convergir todos os preconceitos contra as mulheres e as pessoas mais velhas. O homem perde sua condição de sujeito; a mulher tende a manter seu lugar no cuidado dos outros.

Em linhas gerais, além do gênero, mas anterior a ele, o que importa na situação da velhice, da antiguidade ao século XIX, é a diferença de classe. A velhice é dividida por Beauvoir, assim, em duas: a velhice privilegiada e a velhice pobre. Nos dois casos, homens e mulheres terão seu corpo, sua autonomia, regulados pelos mais jovens. Porém, homens e mulheres das classes privilegiadas terão melhor acesso a todos os recursos que fazem da velhice uma experiência menos atravessada pelo sofrimento e a escassez.

Também a partir do século XX, período para o qual Beauvoir reúne um grande volume de dados e estatísticas, é a condição econômica que terá papel fundamental para

determinar a situação das pessoas idosas. Nas sociedades capitalistas, um novo discurso sobre o envelhecimento da população toma forma e, com ele, uma perda de autonomia ainda maior afeta as pessoas mais velhas, que se veem objetos de uma política de controle de seus corpos, destaca Beauvoir, novamente em uma reflexão que ecoa muitos dos aspectos que serão discutidos por Foucault a respeito do biopoder. É sobretudo para a classe trabalhadora que isso terá consequências mais complexas, porque o Estado passa a definir a idade em que o indivíduo passa da categoria de ativo para a categoria de inativo, o que, além de impactos econômicos, terá consequências para sua sociabilidade, seu corpo e sua subjetividade.

Ao fim da investigação do primeiro volume, sobre os fatores externos da situação de alteridade que é a velhice, a autora conclui que todo o conhecimento produzido não consegue chegar a uma definição única dessa fase da vida.

Assim, a velhice não é uma categoria universal, só é vista como universal porque é enxergada a partir de uma fronteira cronológica entre o adulto e o idoso, entre o sujeito e o Outro. Nas sociedades capitalistas, a experiência da velhice depende da saúde individual, das circunstâncias econômicas e familiares do sujeito, das políticas estabelecidas para o envelhecimento, das regras do mercado de trabalho. Mas, em outras sociedades, os parâmetros são outros.

3.3.2 – A experiência de vida

No segundo volume, Beauvoir irá descrever o impacto que os parâmetros da sociedade capitalista têm nas experiências de vida. Ao usar os relatos disponíveis na literatura, em cartas e em diários, Beauvoir irá reconhecer de antemão os limites de sua análise, já que será sobre a velhice privilegiada, predominantemente, que ela irá discorrer.

Ao tratar da velhice como experiência vivida, a autora vai destacar que todas as pessoas lutam contra o envelhecimento devido à ideia de abjeção associada à condição de pessoa idosa nas sociedades ocidentais, principalmente. A velhice é, com frequência, algo que se dá com os outros e, quando reconhecida em si, provoca uma reação de recusa e de espanto. A pessoa idosa não se reconhece no corpo envelhecido, porque isso representaria uma depreciação de si.

Olhada como algo exterior e negativo, a velhice é associada à supressão da virilidade e da feminilidade, da saúde e da beleza, da produtividade e da criatividade; do

“primado da genitalidade” para os homens e da condição de objeto do desejo para as mulheres. Ao mesmo tempo, esse olhar negativo funciona como um artilho, porque o indivíduo pode evitar identificar-se com ele enquanto não o receber de fora. É o olhar de objetificação do outro – em geral, mais jovem – que irá revelar ao sujeito seu envelhecimento.

Aí residem o paradoxo e o caráter alienante da velhice: enquanto não a vivencia em sua própria experiência, o indivíduo pode autonomamente recusá-la; ao percebê-la no olhar do outro, essa experiência está dada: na velhice, a experiência de objetificação pelo outro é determinante, é inevitável assumir-se como uma pessoa idosa, o que é uma violência contra a própria subjetividade.

Beauvoir destaca ainda o caráter ambíguo e repetitivo da rotina na velhice. Para ela,

o hábito assegura ao velho uma espécie de segurança ontológica. Através do hábito, o velho sabe quem é. O hábito o protege contra suas ansiedades difusas, assegurando-lhe que amanhã repetirá hoje. Só que essa construção, que ele opõe ao arbitrário de outrem e aos perigos com os quais esse arbitrário povoa o mundo, está, ela mesma, em perigo no mundo, dependente das vontades de outrem. Porque é sua defesa contra a angústia, o hábito torna-se o objeto no qual se concentram todas as suas angústias (BEAUVOIR, 1990b, p. 574).

Na sociedade em que predominam ideologias preconceituosas em relação à idade e à inatividade econômica, as pessoas se vêm encorajadas a viver o envelhecimento de modo não autêntico – isto é, vivê-lo não como uma experiência individual que pode eventualmente ser determinada pelos projetos, desejos e autonomia do indivíduo, mas como uma narrativa previamente definida pelos discursos normatizadores, moralizantes e excludentes: “Os prazeres imediatos lhes são interditados, ou avaramente dosados: o amor, a mesa, o álcool, o fumo...” (BEAUVOIR, 1990b, p. 550). Esse processo ecoa as características do controle minucioso dos corpos e nunca tem as mesmas consequências ou o mesmo significado para homens e mulheres nem para a classe trabalhadora e a burguesia, segundo Beauvoir. Em certo sentido, para a autora, são os grupos privilegiados que têm maior dificuldade em lidar com o envelhecimento, em aceitá-lo, porque o sentem como uma profunda transformação de sua situação de privilégio.

Em *A velhice*, Beauvoir opera um duplo movimento para pensar as opressões de gênero, classe e de idade. Pensa-as em termos de tessitura, em que uma estrutura opera para reforçar e sustentar a outra, mas também em termos de analogia: mulheres (em qualquer idade) e homens idosos encontram-se em uma situação em que suas possibilidades são limitadas, porque seus corpos e suas subjetividades são restritos socialmente. Nesse sentido, essas situações são análogas apenas quando pensadas em termos de mulher adulta e homem idoso.

Tanto em *O segundo sexo*, ao abordar a situação da mulher que envelhece, como em *A velhice*, é sobretudo por meio da tessitura de estruturas de opressão que Beauvoir aborda a situação da mulher idosa.

Ao contrário de sua abordagem em *O segundo sexo*, em que mesmo individualmente implicada na situação de alteridade Beauvoir só a reivindica para si ao reconhecer que seu lugar de fala será interpelado na desqualificação de sua obra, em *A velhice* a autora reivindica o envelhecimento como uma dimensão pessoal de sua existência, explicitando também a sua experiência vivida em forma de testemunho.

Kruks (2012) afirma que, para Beauvoir, a situação se define sempre a partir de formas específicas de opressão. No caso das obras analisadas neste capítulo, a indiferença (*A América dia a dia*), a assimetria de gênero (*O segundo sexo*) e a aversão (*A velhice*). Mas o modo como Beauvoir descreve cada uma das situações em análise nessas obras destaca sempre a trama dessas três estruturas, algumas vezes incluídas também outras, especialmente a classe e a sexualidade.

Se as reflexões de Beauvoir sobre o racismo, as mulheres e o envelhecimento podem ser lidas como a afirmação de que não há situação de alteridade que não seja uma tessitura de estruturas opressivas, apenas o retorno à ideia de como sua obra tem sido silenciada ao longo das décadas pode explicar por que as feministas da interseccionalidade que leram suas obras não destacaram essa questão. Gines (2017), Collins (2017) e Spelman (1988), por exemplo, destacaram negativamente as analogias apontadas por Beauvoir entre a situação das mulheres e dos (homens) negros. Mas, no conjunto de seus textos, essas analogias ganham, na maioria das vezes, aspectos apenas pontuais em que a autora reconhece que, se podem ser análogas em alguns aspectos, as situações são diferentes em termos mais amplos, porque referem-se a especificidades.

CAPÍTULO 4 – CONFRONTANDO PRIVILÉGIOS E PODERES

Simone de Beauvoir faz de sua noção de situação um instrumento de análises teóricas sobre a alteridade, evidenciando como as situações são, de antemão, constituídas pela tessitura de estruturas opressivas de classe, gênero, sexualidade, corpo, nacionalidade, idade e etnicidade. Além disso, a noção de situação impunha a Beauvoir um confronto existencial com sua própria condição de cumplicidade com as opressões que denunciava. É o que acontece claramente com ela ao caminhar pelas ruas do Harlem, como descreve em *A América dia a dia*. Essa condição existencial começa a ser enfrentada intelectualmente no momento em que ela passa a refletir sobre as situações de privilégio não como opostas às situações de alteridade, mas como nelas imbricadas.

Beauvoir enxerga os privilégios sempre como elementos da situação do sujeito que ampliam e possibilitam sua liberdade, mas também como uma forma de cumplicidade potencial com a manutenção de outros sujeitos na situação de alteridade. Em vários de seus textos, especialmente artigos e ensaios publicados em *Les Temps modernes*, a autora refletirá sobre isso: “Idéalisme moral et réalisme politique” (1945), *O existencialismo e a sabedoria das nações* (1948) e “O pensamento de direita, hoje” (1955) são alguns exemplos, além de “Deve-se queimar Sade?” (1955), “Pour Djamila Boupacha” (1960), “Préface à *Djamila Boupacha*” (1962) e “En France, aujourd’hui on peut tuer impunément” (1971).

Especificamente nesses quatro últimos textos, extremamente diferentes em teor, Beauvoir realiza um movimento que consiste em não mais teorizar sobre a situação, mas em utilizar essa noção como referencial metodológico e teórico para abordar casos específicos, sujeitos particulares, individuais ou coletivos. Por isso, eles têm um interesse especial para as discussões sobre a noção de situação em Simone de Beauvoir.

Partindo das situações específicas, Beauvoir irá refletir, de maneiras diversas, sobre o poder do Estado e o papel dos privilégios para reforçá-lo. Com esses textos, Beauvoir levanta o debate sobre como os indivíduos e grupos privilegiados podem pensar a própria situação e agir politicamente no sentido de reforçar projetos emancipatórios para a sociedade e não projetos voltados para conservar as desigualdades. Abrir mão dos próprios privilégios, recusá-los e questioná-los seria suficiente? Os quatro textos são, também, uma reflexão sobre essa questão e, a partir de sua situação particular de múltiplos privilégios, Beauvoir irá apresentar possíveis respostas.

4.1 – “Deve-se queimar Sade?”

Provavelmente o segundo texto mais polêmico do *corpus* beauvoiriano para os feminismos, “Deve-se queimar Sade?” foi publicado em 1952 na revista *Les Temps modernes* como parte de um esforço do conselho editorial da revista de “repolitizar” a publicação (BEAUVOIR, 2009b, p, 282). Em 1955, foi republicado em uma coletânea intitulada *Privilèges* que, em entrevistas concedidas nos anos 1980, Beauvoir considerou uma de suas obras mais negligenciadas (BAIR, 1990). Os textos da coletânea são todos questionamentos críticos sobre o pensamento conservador, mas apresentam tons diversificados.

Em “Deve-se queimar Sade?”, Beauvoir coloca em discussão o caráter político da literatura e da sexualidade. O incômodo causado pela obra entre intelectuais feministas foi despertado, principalmente, pela perspectiva aparentemente positiva com que a autora descreve aquele que é considerado não só um abusador de mulheres, mas também um defensor contumaz da violência sexual.

O texto de “Deve-se queimar Sade?” tem um tom ensaístico profundamente literário e incorpora trechos das obras do autor de um modo muito particular, quase como em um diálogo em que o marquês de Sade parece “responder” às afirmações feitas por Simone de Beauvoir no texto. E, em uma leitura com a atenção voltada especificamente ao conceito de situação, o texto pode ser interpretado quase como um roteiro metodológico para a utilização do conceito de situação em estudos de caso: como abordar o conceito, como caracterizar a situação do sujeito, como extrapolar as informações que ela nos oferece para pensar questões sociais mais amplas. É esse o caminho que Beauvoir percorre em sua análise.

A autora inicia seu texto denunciando uma espécie de apagamento de Sade do campo intelectual e literário, não apenas por meio da censura de suas obras e da queima de seus manuscritos, mas também pela adoração manifesta por parte de seus leitores, principalmente surrealistas. Tanto a censura quanto a adoração pouco revelam sobre o escritor.

Beauvoir se propõe, então, a compreender a situação do marquês de Sade como sujeito. “Para compreender a evolução de Sade, para apreender nesta história o papel de sua

liberdade, para avaliar seus êxitos e suas derrotas, seria útil conhecer exatamente os dados de sua situação (BEAUVOIR, 1964, p. 13)¹²⁷. Porém, esses dados exatos não estão disponíveis.

Beauvoir busca sem muito sucesso informações sobre sua constituição física, sua infância, sua juventude, seu meio social, suas características e comportamentos, seus privilégios. Pouco se sabe sobre as peculiaridades da infância de Sade, exceto que ele aparentemente reagia com violência às frustrações cotidianas da vida de uma criança. Pouco se sabe também sobre sua juventude, exceto que, ao que consta, ele foi um filho obediente ao pai. Mas há algo que é possível saber sobre ele a partir de sua vida adulta: era um homem privilegiado: detentor do título de marquês, formado em uma academia militar, abastado graças à fortuna da esposa, um tirano a quem eram oferecidos cargos e honrarias e que foi preso em várias ocasiões, principalmente devido ao seu comportamento libertino.

A situação de Sade se configura, assim, para Beauvoir, como uma situação marcada principalmente pelo privilégio: detinha o poder social caracterizado por seu título de nobreza e pela situação econômica da família da esposa, e também o poder de gênero, já que grande parte de seus privilégios só lhe eram concedidos por ser um homem. Seu erotismo, marcado pelo prazer em fazer sofrer, reflete essa situação privilegiada e ganha expressão em sua literatura, que exacerba a violência praticada até os limites da criminalidade. Para Beauvoir, a literatura de Sade é enganosa, no sentido de que as torturas e estupros que ele descreve não eram as mesmas que ele praticava.

Sade escrevia, na opinião de Beauvoir, para inventar-se como sexualmente mais poderoso do que realmente era. Por isso, vivia, mas principalmente representava, sua sexualidade como uma manifestação de poder soberano. Estava obstinado em dar forma concreta ao mal – à crueldade e à imundície –, deliberadamente colocando-se no lugar de um criminoso.

Além disso, diz a autora, a sexualidade de Sade manifestava-se como um “fato social”, já que não era a intimidade do sexo que ele destacava, mas a “socialização do erotismo” (BEAUVOIR, 1964, p. 46): as orgias, o voyeurismo, o sexo praticado para ser visto e narrado

¹²⁷ No original: *Pour comprendre le développement de Sade, pour saisir dans cette histoire la part de sa liberté, pour mesurer ses réussites et ses échecs, il serait utile de connaître exactement les données de sa situation.*

para ser lido a fim de provocar, principalmente, o asco e o terror. Sade objetificava as mulheres, Beauvoir não nega, e também objetificava a si mesmo.

Para a autora, Sade fez de seu erotismo cruel uma ética – e é essa a afirmação do texto que mais causou polêmica –, não porque estabelecesse uma relação de igualdade em relação às mulheres, mas porque instalava sua crueldade na reciprocidade, assumindo suas perversidades como práticas de dominação, sem impô-las como uma condição de submissão da mulher inscrita na natureza. Era seu poder que submetia as mulheres.

Mais do que isso, ao encarnar o mal (e Beauvoir entende o mal, no texto, como a prática da violência), Sade propõe também um questionamento sobre um “mal maior”, a “mistificação burguesa que consiste em erigir em princípios universais seus interesses de classe” (BEAUVOIR, 1964, p. 69) ao mesmo tempo em que consente “na abjeta condição dos oprimidos” (BEAUVOIR, 1964, p. 73). A sexualidade e o erotismo cruéis de Sade são éticos, sobretudo, porque não simulam ser o que não são, não buscam justificativas em discursos supostamente universais e objetivos e não simulam uma preocupação com o outro quando essa preocupação não existe. Essa ética é cruel, e se manifesta também nas ideias sociais de Sade. Privilegiado, Sade considerava a condição de pobreza aversiva, terrível, e propunha “suprimir os pobres ou suprimir a pobreza, mas não perpetuar com meias medidas a injustiça e a opressão; e, sobretudo, não pretender resgatar extorsões, deixando aos despojados um dízimo insignificante” (BEAUVOIR, 1964, p. 74).

Em sua interpretação de Sade, que se desenvolve no sentido de encontrar uma resposta para a pergunta do título do texto, Beauvoir conclui que não se deve queimar Sade, porém, a escolha de preservá-lo não significa endossar suas ideias e sim confrontá-las. Muito simplesmente porque a crueldade a que seus textos nos expõem é menos a crueldade da perversidade sexual e mais a crueldade da hipocrisia.

Não é contraditório que Sade, preconizando o crime, com frequência se mostre indignado contra a injustiça, o egoísmo ou a crueldade dos homens; ele despreza os vícios tímidos, as maldades irrefletidas que se limitam a espelhar passivamente a perversidade da natureza; é para evitar *ser* mau como um vulcão ou como um policial, que é preciso *tornar-se* criminoso; não se trata de se submeter ao universo, mas de imitá-lo em um desafio livre (BEAUVOIR, 1964, p. 76)¹²⁸.

¹²⁸ No original: *Il n'est pas contradictoire que Sade tout en prônant le crime s'indigne souvent contre l'injustice, l'égoïsme ou la cruauté des hommes; il n'a que mépris pour les vices timides, les forfaits irréfléchis qui se bornent à refléter passivement la noirceur de la nature; c'est pour éviter d'être méchant à la manière d'un volcan ou d'un policier qu'il faut se faire criminel; il ne s'agit pas de se soumettre à l'univers, mais de l'imiter dans un libre défi.*

Com sua obra, com sua apologia da criminalidade e da crueldade, o que Sade faz, segundo Beauvoir, é confrontar seus leitores e suas leitoras com o fato de que seus valores morais são um sintoma da cumplicidade com uma ordem social injusta, abusiva e caracterizada por crimes que são possibilitados pelas próprias leis. Nesse sentido, para Sade, de acordo com a interpretação de Beauvoir, não ser criminoso em uma sociedade criminosa é já ser culpado de um crime.

Beauvoir não aprova nem subscreve a ética de Sade (e esse parece ser o ponto perdido em muitas das críticas feitas a ela devido a este texto), mas argumenta que seus textos têm a característica de impor o enfrentamento de questões éticas e intelectuais acerca do espírito do mal que está encoberto em muitos discursos políticos conservadores e moralizantes.

Por mais perturbadora e asquerosa que pareça, a obra do marquês nos interpela no sentido de investigar a característica concreta de nossos laços com o outro. Recusar abstratamente a lógica da soberania política e sexual que sustenta a crueldade, a tortura e o estupro defendidos por Sade pode não ser mais do que uma postura política ilusória. Porque, efetivamente, não suprime a objetificação do outro, não altera as relações de opressão, não desestabiliza os poderes instituídos.

Isso não significa que Beauvoir concorde com os métodos ou mesmo com a literatura de Sade, principalmente porque enxerga neles uma falha fundamental. Ainda que Sade, ao transformar suas experiências em literatura (por mais fantasiosa que seja) destrua os limites entre o público e o privado, o erotismo convencional, o moralismo, ele faz isso e pode fazer isso a partir de sua situação privilegiada. É apenas porque detém todos os privilégios que permitem a ele sustentar seu poder sobre as mulheres, exercer a violência sexual e negar a liberdade daquelas que se tornam seus objetos, que ele pode fazer de suas práticas um questionamento da ordem social, desafiando-a, sem, no entanto, alterá-la.

Lembrando que Sade nunca quis renunciar a seus privilégios, nem se rebelou contra a hierarquia aristocrática da qual se beneficiou, Beauvoir entende que o autor encarna claramente, também, a postura de um cúmplice das opressões que pretende denunciar. Sade pode ser entendido, assim, como um caso exemplar para a reflexão sobre a própria lógica da soberania. Se ele é capaz de questionar a hipocrisia dos privilégios econômicos, dos quais foi, em determinado momento da vida, excluído, e a hipocrisia dos valores e convenções sociais, que o julgam, não é capaz de questionar a hipocrisia dos privilégios que ainda lhe restam.

Da mesma forma, se o modo como Sade descreve as mulheres em seus textos pode ser lido como uma desmistificação (a destruição do modo como a literatura masculina as tem mistificado ao longo dos séculos), Sade não constrói nada a partir disso, nem pretende nada além de sustentar uma violência que, em realidade, é exatamente a mesma violência produzida pelos mitos, apenas recusando-se a encobri-la com galanteios, falsos elogios e concessões insignificantes. Qualquer indivíduo ou grupo que não compartilhe da mesma posição de soberania, subjugado por sua etnia, classe, gênero, nacionalidade, não poderia realizar a mesma ação política de Sade.

Da mesma forma, se Sade é capaz de questionar o poder do Estado é apenas porque foi perseguido por esse Estado. Na visão que ele nos apresenta em suas obras, os indivíduos podem usar seu poder como quiserem – tortura, estupro, assassinato são expressões de liberdade e da legítima soberania do indivíduo sobre os valores vazios da sociedade. Mas quando esse poder é exercido pelo Estado, quando essas práticas assumem o caráter institucional, Sade considera que há uma violação dos direitos individuais. É apenas no poder do Estado que Sade enxerga a violência em suas várias formas como uma prática de desumanização.

A noção beauvoiriana de situação tem papel fundamental nesse texto porque é a partir da caracterização da situação individual de Sade como um privilegiado que Beauvoir consegue produzir uma nova leitura de sua obra e de seu comportamento, chegando a conclusões que podem ser extrapoladas para pensar de um modo mais amplo o papel dos privilégios de classe e de gênero em uma questão política que transcende a realidade do erotismo perverso: a tortura e o estupro como práticas sistematizadas de dominação. Para Beauvoir, Sade nos confronta, assim, com nossas próprias conivências com os poderes do Estado, com os poderes instituídos, até mesmo com a situação de opressão das mulheres e com a série de privilégios aí implicados.

Butler (2006) lembra que ao retomar a ideia da queima de heréticos e livros, Beauvoir faz de seu texto sobre Sade uma referência indireta à ideia de pureza social e ao anti-intelectualismo que marcou a Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra. Além disso, para Butler, com sua interpretação, Beauvoir não pretende nem absolver nem vilipendiar Sade, mas explicitar uma questão ética mais profunda: o fato de que não basta condenar a violência sexual física ou simbólica praticadas em contextos de opressão, mas analisar as responsabilidades coletivas que as sustentam e o modo como, pessoalmente ou como grupos, estamos implicados nessas práticas.

4.2 – O caso Djamila Boupacha

A Guerra da Independência da Argélia é tema de dois textos publicados por Simone de Beauvoir: um artigo publicado no jornal *Le Monde* em 1960, “Pour Djamila Boupacha”, e o prefácio do livro *Djamila Boupacha*, publicado em 1962¹²⁹.

A história de Djamila é uma entre muitas semelhantes que aconteceram durante a guerra. Nascida em uma família da classe média, Djamila Boupacha tinha 22 anos e militava pela independência da Argélia na Frente de Libertação Nacional (FLN) quando foi presa em sua casa, em Argel, no meio da noite, em 10 de fevereiro de 1960, juntamente com o pai e o cunhado. A acusação: os três teriam participado de uma ação que plantou uma bomba em um restaurante próximo da Universidade de Argel em 1959. O artefato foi desarmado antes da explosão, mas, no contexto da guerra, os atentados eram crimes punidos com pena de morte. A prisão dos três acusados era ilegal, uma vez que não havia testemunhas nem provas de seu envolvimento na tentativa de ataque. Após a prisão ilegal por integrantes do exército francês, a jovem foi torturada com eletrochoque, queimada com cigarro e estuprada com uma garrafa.

A tortura levou Boupacha a confessar o crime, mas, diante do juiz, ela acrescentou que havia sido vítima de estupro e que queria passar por um exame médico. Um analista judiciário médico foi designado e preencheu o laudo sem examiná-la, negando o estupro e atribuindo seu sangramento a uma menstruação anormal. Com o laudo, o juiz se recusou a rever a confissão de Boupacha. A jovem foi presa em Argel para aguardar o julgamento, que foi marcado para junho de 1960.

O irmão da jovem escreveu para uma advogada em Paris e conseguiu convencê-la a assumir o caso. Após descobrir que a jovem havia sido torturada e estuprada, a advogada, Gisèle Halimi, conseguiu adiar o julgamento. De volta a Paris, contatou Beauvoir na tentativa de obter seu apoio para denunciar o caso à imprensa francesa e conseguir pressionar as autoridades a reconhecerem a inocência de Boupacha.

Quinze dias antes da data marcada para o novo julgamento, Beauvoir havia acertado com o jornal *Le Monde* a publicação de um artigo na primeira página: “Pour Djamila Boupacha” foi publicado em 3 de junho de 1960. No texto, Beauvoir adota a perspectiva da experiência

¹²⁹ Devido às particularidades e complexidade do caso, não vou apenas expor os argumentos de Beauvoir em seus textos, mas também narrar alguns acontecimentos ligados ao caso em si.

vivida como aspecto constitutivo da situação do sujeito e relata o caso usando palavras do testemunho de Boupacha. Assim que receberam o artigo para publicação, os editores do jornal *Le Monde* comunicaram a Beauvoir que o texto não seria estampado em suas páginas devido ao uso da palavra “vagina” no trecho de descrição do estupro e à frase “Djamila era virgem”, no fim do parágrafo. Beauvoir protestou que essas palavras foram utilizadas por Boupacha e que a informação de que ela era virgem era relevante devido ao significado cultural da virgindade na comunidade islâmica de que Boupacha era originária. Por fim, a palavra vagina foi trocada pela palavra ventre e a informação sobre a virgindade foi mantida.

Em seu artigo, Beauvoir destaca a agência de Boupacha em denunciar o estupro e a tortura e exigir ser examinada e denuncia a ausência de provas e testemunhas, a invalidade da confissão, revela que os acusados de torturar e estuprar a jovem não haviam sido sequer identificados e que não estavam sob investigação. Por fim, a autora responsabiliza o governo francês por sua cumplicidade e conivência com a ilegalidade da ação e a violação de todos os preceitos democráticos pelas forças francesas em Argel e convoca leitoras e leitores a se posicionarem contra a tortura e o estupro como táticas de guerra: “Quando os dirigentes de um país aceitam que sejam cometidos crimes em seu nome, todos os cidadãos pertencem a uma nação criminosa” (BEAUVOIR, 1960, p. 1)¹³⁰.

O propósito de Beauvoir com o texto era usar seu prestígio intelectual para chamar a atenção da população francesa para a prática sistemática de tortura durante a guerra sob a justificativa de deter a revolta popular e também incensar a reprovação internacional à França, cujo exército violava não apenas o código penal do país como todos os documentos de condenação à tortura de que a França era signatária – a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Convenção Europeia dos Direitos Humanos e a Convenção de Genebra.

Apesar da censura interna, assim que *Le Monde* publicou o artigo houve uma forte reação do governo francês, que considerou o texto uma afronta à França e proibiu a circulação daquela edição na Argélia, o que ampliou a atenção internacional para o caso. Gisèle Halimi iniciou uma campanha para a transferência da jurisdição do caso de Argel para Paris. Conseguida a transferência, Boupacha foi levada a Paris e submetida a novos exames médicos, que confirmaram o estupro. O exército francês ofereceu um acordo a Boupacha: um laudo

¹³⁰ No original: *Quand des dirigeants d'un pays acceptent que des crimes se commettent en son nom, tous les citoyens appartiennent à une nation criminelle.*

psiquiátrico atestaria que ela não era responsável por seus atos e as acusações seriam retiradas, mas a jovem recusou o acordo, que tornaria toda sua denúncia desacreditada.

As bases desse acordo denunciam a própria condição de Outro da mulher, a patologização da mulher militante, “colonizada”, como um indivíduo “não responsável por seus atos”, e demonstram também a agência de Djamila ao desafiar a múltipla subordinação a que está sujeita, reafirmar seus direitos, sua cultura e seu papel como agente político.

Em 1962, Halimi, publicou um livro sobre o caso, prefaciado por Beauvoir. Tomando para si parte da responsabilidade pelo livro – que seria certamente repudiado pelo governo – Beauvoir concordou em assinar a obra como coautora.

No novo texto, Beauvoir apresenta outros detalhes do caso, mas se concentra, principalmente, em denunciá-lo como um dos muitos casos em que a tortura e o estupro se revelaram como elementos de um sistema tecnicamente produzido e desenvolvido pelo exército francês para – desrespeitando todas as regras e convenções internacionais – sustentar a supremacia colonial na “Argélia Francesa” por meio de mentiras, segredos, produção de falsas provas, crimes e proteção de criminosos ao garantir o anonimato aos membros do exército envolvidos em ações ilegais. O que havia de incomum no caso Boupacha, segundo Beauvoir, não eram a tortura e estupro, mas o fato de, por meio de sua agência, a jovem ter conseguido torná-los públicos.

Além disso, ela usa o texto para denunciar o racismo das autoridades francesas na Argélia e na França não apenas no caso de Boupacha – Beauvoir ilustra sua denúncia com declarações do médico argelino que assinou o falso laudo e de representantes do Ministério da Justiça da França. No mesmo dia do lançamento, Beauvoir recebeu uma ameaça de morte. Após a publicação do livro e o fim da Guerra de Independência da Argélia, o governo francês anistiou todas as pessoas presas por questões políticas e todos os oficiais franceses acusados de crimes de guerra. Djamila Boupacha, embora tivesse o desejo de permanecer em Paris, retornou a Argel.

Os dois textos publicados por Beauvoir sobre o caso Djamila Boupacha são relevantes não apenas como obras em que Beauvoir parte de uma situação específica para refletir sobre a violência da colonização, mas também porque resultaram em uma nova postura política de Beauvoir, que passa a apoiar campanhas contra a tortura e o colonialismo francês, a denunciar o estupro como tática de guerra e a acusar o governo francês de ser conivente com a violação das próprias leis, a fim de preservar seus interesses colonialistas, o que demonstraria

não só a fragilidade da democracia francesa nas colônias como no próprio país. Beauvoir passa, também, a adotar uma nova postura intelectual, colocando seu capital social, intelectual e político a serviço de causas políticas, a fim de chamar a atenção da população francesa para as atrocidades do Estado francês nas colônias e para colaborar na divulgação de causas com as quais se identificava.

A partir dessa nova postura, ela passa a prefaciар uma série de obras literárias escritas por mulheres, a fim de fortalecer a literatura feminina no campo literário, e também obras de cunho político e feminista, como estudos sobre o aborto e o divórcio na França, a publicação em livro do roteiro do filme *Shoah*, de Claude Lanzmann e o livro *Treblinka*, de Jean François Steiner.

Os dois textos beauvoirianos dedicados ao caso de Djamila Boupacha têm em comum com o ensaio sobre Sade não apenas a metodologia que parte da apresentação dos aspectos externos constitutivos da situação particular do sujeito e seus testemunhos (no caso de Sade, com trechos das obras dele entremeando seu texto e, no caso de Boupacha, com a reprodução do testemunho dela), mas também o fato de serem reflexões sobre a condição de cumplicidade que toda inação política diante de uma situação de opressão representa.

Essa noção de cumplicidade ligada à conivência ou à indiferença diante de situações de opressão não era nova para Beauvoir. Ela destaca isso quando fala de si em suas memórias e diários do período da Segunda Guerra Mundial, quando aborda a questão racial nos Estados Unidos em *A América dia a dia*, quando chama a atenção, em *O segundo sexo*, para o modo como, na tessitura composta pelas opressões de gênero e de classe, a cumplicidade das mulheres com a opressão enreda todas as mulheres em uma condição de isolamento e de esvaziamento da própria agência. Mas a partir das obras sobre Sade e Boupacha, ela dá um significado político ainda mais amplo à ideia de cumplicidade, denunciando-a como elemento constitutivo das próprias antinomias da democracia.

No caso de Boupacha, a tortura e o estupro constituem a tessitura de estruturas opressivas de gênero, nacionalidade, etnicidade, que destrói a identidade simbólica de uma jovem no contexto de sua cultura e de seus valores, além de usurpá-la do domínio sobre o próprio corpo e de sua agência. Mas isso acontece porque é nessa tessitura de marcas de diferenciação que se sustenta a política sistemática de desumanização dos povos colonizados.

Como táticas militares racistas e sexistas, estupro e tortura não podem ser vistos como danos inevitáveis da guerra, como sempre foram enxergados, mas como armas de guerra.

O caráter político do estupro e da tortura já havia sido evidenciado no texto sobre Sade, que os praticava como atos políticos. Mas, nos textos sobre Boupacha, Beauvoir nos fala sobre como o papel ativo da jovem como militante subverte os papéis de gênero, nacionalidade e etnicidade atribuídos às mulheres argelinas de tal forma que desde as regras de interrogatório e julgamento até os termos de reconhecimento da inocência (pela proposta de acordo) são manipuladas como tática de guerra, para reafirmar a soberania sobre a colônia.

4.3 – “Na França, hoje, mata-se impunemente”

Publicado em fevereiro de 1971 em *J'accuse*, “En France aujourd’hui on peut tuer impunément” é escrito em tom de reportagem e também de manifesto. É um texto de caráter profundamente militante, mas não (especificamente) feminista. Relata o episódio em que o diretor de uma fábrica, identificado apenas como Monsieur Bérion, foi sentenciado a um ano de prisão com dispensa do cumprimento da pena mediante pagamento de multa após um incêndio que resultou na invalidez e na morte de várias operárias. Segundo Beauvoir, o culpado foi anistiado por dirigir uma empresa considerada próspera em uma pequena cidade industrial de seis mil habitantes, um exemplo da atuação do que ela classifica como “justiça burguesa”.

A empresa produzia gases para as indústrias de inseticidas e cosméticos, a maioria da força de trabalho era de mulheres jovens, algumas com não mais de 14 anos, o que era irregular. A jornada diária das operárias era de onze horas. As medidas de segurança necessárias para o funcionamento da fábrica eram negligenciadas com objetivo de economizar investimentos: os vazamentos de gás eram constantes, as instalações elétricas estavam deterioradas, as rotas de fuga não cumpriam as determinações de segurança. As trabalhadoras não tinham registro sindical e a fiscalização de segurança do trabalho nunca foi vista ali.

Em 1967, essa ordem de coisas culminou em um incêndio criminoso em que 54 operárias tiveram queimaduras severas que resultaram em mutilações e desfigurações, outras três morreram. O incêndio era uma tragédia anunciada, não só pelas condições de operação da fábrica, mas porque naquele dia um vazamento de gás havia sido detectado por um dos funcionários. Sem tomar providências, um dos encarregados da fábrica ordenou que o trabalho seguisse normalmente.

Algumas operárias protestaram, mas foram forçadas a retomar o trabalho. Houve uma explosão, desencadeada no momento em que algumas funcionárias enchiam um cilindro de gás. Das 87 operárias que trabalhavam na fábrica no momento, 57 não conseguiram fugir a

tempo, ou porque estavam muito próximas da explosão ou porque encontraram os corredores e portas das rotas de fuga obstruídos.

Além de crime de negligência por parte do empregador, argumenta Beauvoir, houve negligência do encarregado, da justiça, da segurança do trabalho e do serviço de seguridade social: o caso levou mais de dois anos para ser julgado, as vítimas não foram ouvidas pelo juiz, que se baseou apenas nos registros policiais para definir a sentença; a seguridade social subestimou a gravidade dos ferimentos das vítimas para fazer uso de uma legislação que permitia reduzir o valor das pensões em casos de invalidez temporária ou de ferimentos avaliados pelos peritos da seguridade social como menos graves; muitas operárias não tiveram sequer direito à pensão.

Todas as sobreviventes receberam o parecer de que estavam aptas a retornar ao trabalho mesmo após longos tratamentos, acometidas de dores crônicas e traumatizadas. E não tinham condições de apelar das decisões da seguridade social porque não dispunham de defensoria pública nem de recursos para pagar advogados, além das custas do processo caso perdessem o recurso.

Beauvoir identifica o diretor da fábrica e o encarregado como responsáveis diretos pelo incêndio e denuncia claramente no texto o modo como as autoridades “fecharam os olhos” para todas as irregularidades tornando-se cúmplices não apenas do episódio criminoso, mas de uma realidade criminosa, já que 80% das indústrias da França na época não cumpriam as normas de segurança básicas e prosseguiram suas atividades sem serem responsabilizadas ou multadas. Segundo Beauvoir, a “justiça burguesa” beneficiou todos os responsáveis. Com esse termo, a autora designa uma ordem jurídica que permite que as classes privilegiadas cometam impunemente seus crimes contra a classe trabalhadora, reforçando privilégios. Diante da situação de vulnerabilidade das jovens trabalhadoras, Beauvoir convoca leitores e leitoras a agir, principalmente contra a cumplicidade das autoridades.

A associação entre poder de classe e poder político é claramente evocada no texto, que traz um tom de indignação e de denúncia ao responsabilizar as instituições criadas para supostamente limitar o sacrifício das vidas de pessoas da classe trabalhadora em função da lógica do lucro. Embora Beauvoir não se detenha especificamente em discutir questões de gênero, ela se detém em descrever especificamente a situação das operárias antes e depois do incêndio, dando voz às mulheres em seu texto por meio de breves relatos de entrevistas que fez com elas.

São esses relatos que permitem à autora caracterizar a somatória de negligências e irregularidades da fábrica e das autoridades. Nesse sentido, embora não seja um texto feminista, é um texto preocupado com o modo como se conforma a tessitura entre opressão de classe e gênero na situação específica das mulheres trabalhadoras, acrescentando a essa trama a questão dos corpos mutilados e seu valor no mercado de trabalho em uma sociedade capitalista.

O texto publicado em *J'accuse* é certamente uma obra secundária no *corpus* beauvoiriano, mas é interessante destacá-lo como mais um exemplo de como a noção de situação permite a Beauvoir pensar o modo como os privilégios e poderes do Estado democrático se associam e são mascarados e racionalizados no interior das estruturas opressivas. O modo de operação das instituições governamentais e do poder judiciário abordados por Beauvoir ilustra claramente essa racionalização, que constitui um aspecto externo da situação de todas as pessoas envolvidas.

Tomados em conjunto, os três textos permitem estabelecer ainda uma diferença no modo como Beauvoir pensa a agência dos sujeitos na situação de alteridade e nos privilégios. Nas situações de alteridade, a agência representa a capacidade do sujeito de fazer escolhas e agir no sentido de superar as condições de sua opressão, as limitações estruturais à sua liberdade. Nas situações de privilégio, representa a possibilidade de se recusar a assumir a condição de cumplicidade com as estruturas opressivas.

Ainda que, nos dois casos, seja a contestação dessas estruturas que esteja em questão, a possibilidade de agência dos sujeitos privilegiados está sempre mais assegurada, mas depende de uma conscientização capaz de transcender uma visão instrumental, individualista e identitária da ordem política.

Ao sujeito de privilégios cabe realizar um movimento intencional no sentido de substituir sua cumplicidade estrutural com a lógica opressiva, uma cumplicidade que não foi escolhida, por uma cumplicidade com outros sujeitos no processo de questionamento dessas estruturas. Isso significa assumir-se como implicado nas relações assimétricas e voluntariamente optar por ações que busquem desestabilizar essas assimetrias. Essa atitude, que não é livre de problemas e Beauvoir destaca isso, representa o que ela entende particularmente por engajamento político na situação de privilégio. No caso dos sujeitos em situação de alteridade, a agência tem um caráter radical de transformação social. Enquanto uma agência é marcada pelo engajamento, a outra é marcada pela revolta.

Beauvoir sempre esteve consciente dos próprios privilégios. Nas últimas páginas

de *A força das coisas* (BEAUVOIR, 2010b), ela irá refletir sobre eles. A cidadania francesa, a educação burguesa, a família burguesa, o prestígio intelectual convertido em segurança econômica. Ela reconhece que, em um mundo injusto, os privilégios são inevitavelmente elementos de cumplicidade e recusa sua cumplicidade com as estruturas opressivas usando seus privilégios para dar visibilidade a causas que apoia. O texto sobre as jovens operárias mutiladas no incêndio pode ser lido como um exemplo dessa estratégia: aplicá-los como base para a ação política. Essa é a estratégia que irá permear a dedicação de Beauvoir à militância feminista nos anos 1970 e 1980 e grande parte do teor de seus últimos textos produzidos em vida.

Beauvoir usa, assim, seu conceito de situação para destacar os privilégios como estruturas implicadas na violência da dominação masculina, do colonialismo e do capitalismo, sustentadas por meio de discursos e poderes que podem ser questionados do próprio interior desses privilégios, por meio de uma escolha consciente. Mas ela também destaca, como no caso de Sade, que essa escolha não é seletiva, e sim radical: ainda que não represente uma renúncia dos próprios privilégios, essa ação também implica aceitar perdê-los (o que Sade não faz).

CAPÍTULO 5 – A TRANSITORIEDADE DA SITUAÇÃO

Após o lançamento de *O segundo sexo* e das muitas críticas que recebeu, Simone de Beauvoir enfrentou uma questão teórica intrínseca à aplicação do conceito de situação. A autora sempre enfatizou o fato de que as situações mudam e podem mudar, que a ação dos sujeitos – especialmente nas situações de alteridade – se dá no sentido de transcender as limitações em que estão enredados e que isso leva a novas configurações da situação em que se encontram. Em termos teóricos, as mudanças das situações pressupõem o reconhecimento de que o olhar que produz o conhecimento teórico é situado e que a compreensão possibilitada por esse conhecimento também. Em relação ao trabalho intelectual, esse fato torna toda tentativa de caracterizar uma situação, seja ela específica de um indivíduo ou compartilhada por uma coletividade, um empreendimento contínuo e constante. As situações concretas são transitórias e, por mais precisa que seja sua descrição, não podem ser apreendidas em sua totalidade.

Entre os anos 1950 e 1980, Beauvoir recebeu constantes críticas de outras pensadoras feministas de que a situação das mulheres, conforme descrita por ela, havia mudado e de que sua obra já não a representava. Diante dessas críticas, mas também de suas próprias observações sobre as mudanças nas configurações das relações sociais, Beauvoir retomava constantemente os pontos explorados em *O segundo sexo* para reavaliá-los. Esse processo também tirou a autora do isolamento intelectual em que se encontrava quando produziu sua pesquisa e o texto de *O segundo sexo*. Desde o lançamento do livro, Beauvoir havia passado a receber um grande volume de cartas de suas leitoras, a encontrar-se com elas, e a tomar contato com diversas experiências de vida que ela desconhecia. Além disso, especialmente a partir de meados dos anos 1950, a autora viajou constantemente pelo mundo, entrando em contato com as especificidades das condições das mulheres de diversos países e culturas, de outros contextos sociais e históricos, entrando em contato com outras sensibilidades, outras experiências.

Todo esse processo resultou em frequentes reavaliações do modo como a situação das mulheres foi caracterizada e descrita em *O segundo sexo*. Esse trabalho de reavaliação, entretanto, não foi sistematizado em uma obra. Era concretizado a partir dos artigos que escrevia, das entrevistas e conferências que concedia, da escrita de suas memórias, e integrado à sua rotina de escritora e intelectual. Mas, nesse processo, não era seu método ou seu arcabouço conceitual que estava em jogo. O conceito de situação era sempre incorporando às novas reflexões.

É possível traçar a origem desse processo intelectual já poucos meses depois da publicação de *O segundo sexo*, quando a autora publicou uma resenha da obra *As estruturas elementares do parentesco*, de Claude Lévi-Strauss. Beauvoir havia se baseado nesse texto – que leu ainda em sua versão como tese de doutorado – para duas premissas básicas de *O segundo sexo*: a negação de que houve um momento específico na história da humanidade em que as sociedades deixaram de ser matriarcais e passaram a ser patriarcais e a afirmação da assimetria nas relações entre homens e mulheres, que estaria inscrita nas próprias normas da proibição do incesto. Essas premissas, apresentadas em *O segundo sexo*, foram discutidas em mais detalhes na resenha, em que Beauvoir apresenta uma leitura do livro centrada na condição das mulheres como Outro.

Na década de 1950, Beauvoir também escreveu textos sobre as novas configurações das relações afetivas e eróticas entre homens e mulheres, sobre questões relativas aos direitos reprodutivos e à sexualidade feminina. Porém, foi a partir da segunda metade da década de 1950 que se intensificou o movimento de Beauvoir para reavaliar algumas de suas afirmações em *O segundo sexo*. Naquele momento, ela identificava que suas expectativas quanto a um processo rápido de emancipação das mulheres – explicitadas nas últimas páginas do livro –, não haviam se concretizado. De acordo com suas avaliações, muitas mudanças sociais haviam representado, efetivamente, retrocessos para as mulheres, como a estagnação de sua inserção no mercado de trabalho e a persistência do caráter marginal das obras literárias e artísticas produzidas pelas mulheres no campo cultural.

Na década de 1960, os temas que “retornavam” de *O segundo sexo* eram, principalmente, aqueles que interpelavam Beauvoir a partir das cartas que recebia de suas leitoras e, por isso, ela citava constantemente exemplos dados por outras mulheres. As preocupações recorrentes eram a condição da mulher como trabalhadora, o modo como as mulheres poderiam assumir o controle de seus corpos (o que era pensado não apenas a partir da escolha da maternidade e da contracepção, mas também da libertação sexual) e as configurações das relações amorosas. Além disso, ela avaliava que os mitos sexistas que havia denunciado no livro ainda eram, em sua maioria, operantes, mesmo que sob novas configurações, e que pouco havia mudado em relação à repressão da sexualidade das mulheres, às estruturas jurídicas desiguais relativas ao casamento e ao divórcio e aos direitos reprodutivos. Nesse período, ela passou a conceder um maior número de entrevistas e a publicar com grande frequência pequenos artigos para discutir as pautas políticas que tinha em comum com o movimento feminista francês, colocando seu capital intelectual, social e político a serviço da visibilidade

das ideias anticolonialistas e feministas na mídia e nas revistas do meio intelectual, colaborando com a promoção de associações e publicações feministas e a divulgação de obras literárias escritas por mulheres.

Seus textos, a partir da década de 1970, passaram a adotar uma linguagem bastante objetiva e um tom militante pouco característico de sua trajetória intelectual (exceto, talvez, por seu artigo “O pensamento de direita, hoje”, de 1955). Nos textos das décadas de 1970 e 1980, o conceito beauvoiriano de situação continua a aparecer, mas principalmente como uma ferramenta estratégica: o que o conceito trazia a ela era a referência a partir da qual reavaliar ou reafirmar suas opiniões, além de oferecer elementos retóricos e um método para abordar as experiências vividas e configurar situações específicas, individuais ou coletivas.

Zéphir (1984, p. 144, nota 3) estima que, ao todo, de 1949 a 1979, Beauvoir produziu mais de 150 textos feministas, incluindo aí as entrevistas que concedeu. Embora esses textos não constituam uma obra coesa, segundo Zéphir (1984, p. 120), Beauvoir havia pensado em reunir parte deles em um Pós-Escrito a *O segundo sexo*, incluindo na edição alguns ensaios inéditos. O livro não se concretizou porque Beauvoir concluiu que esse deveria ser um trabalho coletivo, mas uma pequena parte dos textos e entrevistas desse período está disponível em coletâneas¹³¹, o que pode dar a suas leitoras uma visão ao menos panorâmica de como Beauvoir pensou a situação da mulher e alguns temas específicos das relações sociais cerca de dez, quinze, trinta anos depois de seu polêmico livro.

5.1 – Erotismo

Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita, publicado em 1959 em inglês na revista estadunidense *Esquire*, é raramente reconhecido como um texto de teor político ou mesmo feminista. Assim como o ensaio sobre Sade, o artigo causou polêmica por abordar o tema da sexualidade e por, aparentemente, retratar em tom positivo a *persona* de Brigitte Bardot¹³². No momento em que escreveu o artigo, França e Estados Unidos estavam ambos sob forte influência dos filmes de Bardot e do polêmico *Lolita*, de Vladimir Nabokov, publicado em 1955 na França e em 1958 nos Estados Unidos. A associação entre as duas personagens era, assim,

¹³¹ Cf. Francis e Gontier (1979), Lecarme-Tabone e Jeanelle (2012) e Beauvoir (2015)

¹³² A autora deixa claro que não é a Brigitte Bardot, indivíduo, que se refere em seu texto, mas à sua figura pública e às personagens que encarna nos filmes de Roger Vadim e Claude Autant-Lara.

profundamente sugestiva para os leitores e permitiu a Beauvoir uma leitura peculiar do erotismo como fenômeno cultural e político.

Sua abordagem, como em outros de seus “estudos de caso”, parte da situação de Bardot para abordar o mito encarnado por ela, em uma reavaliação do modo como as mulheres são representadas culturalmente. Para Beauvoir, Brigitte Bardot era parte de um fenômeno de transformação do erotismo que também pode ser associado a atrizes como Leslie Caron e Audrey Hepburn. Bardot, entretanto, seria o exemplo mais radical desse novo mito sexual: a mulher livre, que habita os mesmos lugares que os homens, que encarna a um só tempo a inocência infantil e uma sensualidade andrógina sutilmente desconstruída; a mulher marcada por reações instintivas e despretensiosas, volúveis e imprevisíveis: uma figura que precisa ser protegida por um homem, invariavelmente mais velho – para que a condição de superioridade do homem sobre a mulher e, com ela, o desejo masculino permanecessem intocados. Esse erotismo é novo em termos culturais, mas “essa imagem não diverge do mito tradicional de feminilidade” (BEAUVOIR, 2015, p. 153)¹³³.

Trata-se do mesmo clichê – o mesmo “eterno feminino” que ela analisa em *O segundo sexo* – reproduzido pelos filmes para incensar a vaidade masculina. Um mito feminino que não encarna uma sexualidade nem perversa nem imoral, nem rebelde nem inofensiva, nem mágica nem agressiva, mas que expressa a “naturalidade”, a ausência de artifícios, a indiferença para com o olhar do outro que a objetifica. Segundo Beauvoir, era isso que fazia Bardot ser particularmente hostilizada na França, onde as masculinidades preconizam que a mulher desejável é aquela dos artifícios – joias, saltos altos, maquiagem, roupas provocantes. Bardot, com suas calças jeans e camisetas, pés descalços e ausência de acessórios, cabelos revoltos e nudez casual, se mostrava sem máscaras nas telas e reforçava essa imagem em suas aparições e declarações públicas: aquela que não atua para as câmeras, simplesmente *é*; que não se preocupa com a opinião dos outros, simplesmente *é*; que não está protegida por sinais de prestígio ou de sofisticação.

Todos os homens são atraídos pela capacidade de sedução de BB (...) A maioria dos homens franceses afirma que a mulher perde seu sex appeal se abandona os artifícios. Segundo eles, uma mulher que usa calças compridas esfria o desejo. Brigitte prova a

¹³³ No original: *this image does not depart from the traditional myth of femininity.*

eles o contrário, e eles não têm apreço por isso, porque não desejam abrir mão de seu papel de senhor e mestre (BEAUVOIR, 2015, p. 178)¹³⁴.

Para Beauvoir, o que há de paradoxal e incômodo nessa sexualidade que, diz ela, os homens franceses abominam e os homens estadunidenses adoram – e é por isso que Bardot se torna imediatamente um produto erótico francês de exportação –, é que ela ao mesmo tempo fere e desperta o desejo masculino. Fere porque, se é objetificada, também o transforma em um objeto e, com isso e apesar disso, prova aos homens que eles estão errados em relação a todos os seus preceitos a respeito do que faz uma mulher desejável. Bardot prova aos homens que seus desejos podem ser despertados por uma mulher que os desagrada, que podem ser “naturalmente” presas do desejo apesar de suas vontades. Por isso, Bardot era considerada imoral pelos franceses, uma ameaça aos valores burgueses.

O novo erotismo a que Beauvoir se refere, portanto, não altera as relações de forças, não deixa de transformar em mito o corpo e a mulher. E isso fica evidente principalmente ao fim do texto, quando Beauvoir revela que Bardot é também a mulher dona de casa, que dá instruções à cozinheira, controla a economia doméstica, investe na bolsa de valores: é uma burguesa virtuosa. Uma burguesa virtuosa que fere os valores burgueses porque parece aparentemente igualar-se ao homem burguês na posse de seu erotismo, um privilégio que não pertence a seu gênero, apenas aos homens de sua classe.

Escrito dez anos depois de *O segundo sexo*, o texto pode ser lido como uma revisão dos mitos de feminilidade que Beauvoir descreve no livro, não no sentido de alterá-los, mas de demonstrar como a situação erótica da mulher mudou, mas sem se transformar. O mito de Bardot representa a mulher de posse de sua sexualidade, mas apenas porque essa sexualidade foi desprovida de erotismo, foi infantilizada, tornada ainda mais disponível para os homens.

Não deixa de ser curioso que Beauvoir tenha publicado o texto que critica os clichês do desejo masculino em uma revista voltada para o público masculino, já que o texto pode ser lido tanto como uma crítica às masculinidades – que ela distingue em dois tipos, a dos homens franceses e a dos homens estadunidenses – quanto como uma descrição de como a

¹³⁴ No original: *All men are drawn to BB's seductiveness (...) The majority of Frenchmen claim that woman loses her sex appeal if she gives up her artifices. According to them, a woman in trousers chills desire. Brigitte proves to them the contrary, and they are not at all grateful to her, because they are unwilling to give up their role of lord and master.*

situação da mulher como objeto sexual se transforma sem, de fato, transformar a estrutura opressiva de gênero.

A *persona* de Bardot, segundo Beauvoir, é uma mulher liberada sexualmente, assumiu a posse de sua sexualidade, o que provoca a hostilidade dos homens. Mas é, ainda, aos mesmos mitos que ela está sujeita, à mesma submissão ao desejo masculino e à mesma feminilidade artificial – reinventada como naturalidade, mas na qual essa naturalidade é produzida artificialmente por imagens e declarações que insistem em reafirmá-la. Nesse sentido, a evocação da personagem Lolita como o paradigma desse novo modelo de erotismo e de Brigitte Bardot como sua encarnação mais perfeita é também uma reflexão de Beauvoir sobre o caráter abusivo desse lugar reservado à mulher na imaginação erótica de uma época.

Ainda que faça no texto um retrato menos negativo da opressão da sexualidade feminina do que em *O segundo sexo*, Beauvoir reafirma aqui suas posições no livro, sobretudo quanto ao caráter onipresente do mito da feminilidade na manutenção da situação da mulher como objeto sexual. Ao constatar que o movimento de libertação sexual não representou uma efetiva autonomia da mulher em relação a seu corpo, Beauvoir reafirma essa nova configuração erótica como uma manutenção da situação de repressão da sexualidade da mulher.

5.2 – Trabalho

Nos textos feministas relativos à década de 1960, Beauvoir parece estar envolvida, principalmente, em uma crítica mais incisiva das instituições capitalistas e em uma reflexão sobre as mulheres e seu papel na literatura e nas artes, questão que aparece constantemente em seus textos menos conhecidos. Era a condição da mulher como profissional, trabalhadora, criadora que a interessava, particularmente. Beauvoir adotava a perspectiva de que a transformação da situação das mulheres exigia transformações sociais profundas. Por isso, em muitos momentos ela advogou a união entre homens e mulheres nas lutas socialistas como um primeiro passo para que a emancipação das mulheres se tornasse um projeto factível.

Tendo visitado a União Soviética, a China, a Polônia, ela não deixou de fazer ressalvas quanto ao que era possível esperar a partir de uma revolução socialista, mas parecia convencida de que só uma revolução poderia resultar nas mudanças sociais que considerava necessárias. Essa ideia não era imune à utopia de uma sociedade sem classes e ela parecia convicta de que o socialismo poderia reduzir a sobrecarga das mulheres trabalhadoras na família e no trabalho, permitindo uma organização coletiva para que, juntas, transformassem sua

situação em termos estruturais. Já em *O segundo sexo* Beauvoir havia afirmado essa perspectiva, mas terminava o livro com uma ideia menos revolucionária, preconizando como um primeiro passo de emancipação individual a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Nos anos 1960, ela se confrontou com alguns fatos que a levaram a repensar essa proposta.

Em 1961, no artigo “La condition féminine” (BEAUVOIR, 1979e), escrito para a publicação *Le Nef*, Beauvoir abordou a questão da inserção da mulher no mercado de trabalho, comentando o resultado de uma pesquisa que apontava que 39,6% das mulheres francesas eram assalariadas. O dado incensou publicamente o argumento de que as possibilidades de trabalho estavam abertas para as mulheres e que, se elas não ocupavam mais postos de trabalho, isso se devia a um desinteresse pessoal em abandonar as “vantagens” da dedicação exclusiva à família.

Beauvoir questionou essa justificativa lembrando que as mulheres sempre trabalharam, levando a uma compreensão de que a invisibilidade do trabalho doméstico era uma das comprovações de que não há nele nenhuma vantagem. Segundo a autora, o que justificava esse percentual de mulheres inseridas no mercado de trabalho na França, que ela considerava muito pequeno, era o fato de que havia um contexto político e social que dificultava a vida das mulheres trabalhadoras: não existiam creches, não era possível contar com a ajuda dos homens na realização das tarefas domésticas, não existiam incentivos concretos para que as mulheres buscassem atuar profissionalmente.

A pesquisa apontava ainda que das 392 profissões ensinadas em escolas técnicas da França no início dos anos 1960, apenas 174 estavam disponíveis para as mulheres: aquelas que apresentavam as menores remunerações. Nas profissões liberais, o quadro não era diferente: o investimento financeiro necessário para educar as filhas levava as famílias a buscarem as formações mais baratas e com postos de trabalho mais seguros, o que, em geral, representava encaminhar as jovens para atividades pouco valorizadas, mas de intensa demanda, no mercado de trabalho.

A estagnação da condição profissional, que afetava tanto a vida das mulheres que não trabalhavam quanto das assalariadas, porque acabava por colocar o problema da emancipação econômica da mulher em um plano secundário, era produzida por uma conjunção de fatores, segundo Beauvoir: o modelo de exploração capitalista da mão de obra, as políticas populacionais do Estado e até o preconceito e certa retaliação por parte dos homens em relação às mulheres que buscavam empregos formais. Assim, era como mães que as mulheres eram convocadas a colaborar socialmente e Beauvoir considerava como evidência disso a

inexistência de uma política de contracepção legal e gratuita para as mulheres, bem como a ausência de serviços públicos para o cuidado das crianças.

Além disso, Beauvoir identificava ainda o problema da configuração das relações entre homens e mulheres, já que era o fato de poderem contar com o trabalho das mulheres em casa que possibilitava aos homens se dedicarem exclusivamente ao trabalho. Beauvoir considerava que, em uma situação de pleno emprego, as mulheres estariam inseridas no mercado de trabalho na mesma condição dos homens, o que representaria não só a possibilidade real de escolha para as mulheres como uma transformação das sensibilidades e das relações afetivas heterossexuais, e entendia que essa situação seria possível em um modelo socialista de sociedade.

Em setembro de 1966, Simone de Beauvoir retomou esse debate quando viajou ao Japão, onde realizou três conferências. “Situation de la femme d’aujourd’hui” (BEAUVOIR, 1979d) é a primeira delas e retoma as questões abordadas em “La condition féminine”, ampliando-as para uma comparação entre Japão, França e Estados Unidos. Além disso, o texto traz, logo em seus primeiros parágrafos uma avaliação da autora em relação a *O segundo sexo*. Segundo Beauvoir, passados pouco mais de 15 anos do lançamento do livro, suas premissas não estavam tão superadas quanto ela gostaria porque a luta pela igualdade das mulheres – entendida por ela aqui como sua autonomia econômica e a superação do mito da feminilidade – entrou em choque com as instituições, que fizeram um trabalho de destruição do feminismo. Essa constatação, que ecoa argumentos extremamente atuais dos feminismos contemporâneos ao capitalismo, por exemplo as críticas de Nancy Fraser (2013) sobre o modo como as ideias feministas são apropriadas pelo capitalismo, fez Beauvoir refletir sobre a situação das mulheres de um novo ponto de vista, criticando sua própria postura anterior de acreditar que a inserção das mulheres no mercado de trabalho seria um passo inicial para sua autonomia.

Beauvoir permanecia crítica em relação às limitações representadas pela vida dedicada exclusivamente à família, mas agora sua avaliação era diferente. Citando diversas conversas que teve com mulheres trabalhadoras e profissionais liberais, ela afirmava compreender por que muitas mulheres optavam pelas funções tradicionais de esposas, mães, donas de casa. Essa escolha não era mais consequência da alienação das mulheres em relação à sua subjetividade, mas resultado de uma experiência vivida. Inseridas no mercado de trabalho, muitas mulheres concluíram que estavam agora sujeitas a uma múltipla opressão: suas possibilidades de crescimento profissional eram restritas a um nível médio; seus salários eram

inferiores e os trabalhos domésticos e os cuidados das crianças continuavam a pesar sobre elas representando um acúmulo de jornadas.

Beauvoir afirma no texto que a recusa em permanecer no mercado de trabalho era efeito de um processo de desestabilização dos feminismos promovido pelas instituições das “democracias burguesas”. Comparando a situação das mulheres francesas, japonesas e estadunidenses, ela considerava que essa desestabilização se apresenta como um desafio nesses três contextos. Embora nos Estados Unidos e no Japão a inserção das mulheres no mercado de trabalho fosse maior do que na França, o mesmo fenômeno podia ser verificado: a imposição de barreiras à ascensão das mulheres a postos mais elevados nas empresas, campanhas publicitárias exaltando o papel das mulheres como responsáveis pelas decisões de consumo da família, a lógica da manutenção dos privilégios e direitos dos homens seriam alguns dos aspectos do modelo de vida burguês que se contrapunham às lutas feministas, produzindo uma ilusão da democracia. Para Beauvoir, entretanto, as instituições democráticas apenas reproduziam as desigualdades estruturais.

A retomada dos movimentos feministas dependeria de uma oposição – conformada pelas mulheres de cada país de acordo com as suas necessidades e experiências – aos mitos que aprisionavam as mulheres no papel de submissão. E, em cada contexto social, as mulheres precisariam, unidas, realizar uma análise da particularidade de sua situação diante das forças econômicas específicas que esvaziavam o potencial emancipatório dos feminismos.

Tanto em “La condition féminine” como em “Situation de la femme aujourd’hui”, Beauvoir afirma que o engajamento nas lutas socialistas representaria a via de transformação necessária da vida familiar e das relações de classe como espaços de reprodução das estruturas opressivas. Enfatizando que a revolução socialista não seria a solução dos problemas enfrentados pelos feminismos, Beauvoir afirma, entretanto, que o socialismo ofereceria ao feminismo uma situação mais estável a partir da qual as mulheres poderiam lutar por seus direitos.

O que diferencia os dois textos é exatamente o emprego da palavra e da ideia de feminismo. Entre um texto e outro, ela passa a compreender a situação das mulheres como uma condição de resistência específica e coletiva. Em 1965, pouco antes de escrever o segundo texto, Beauvoir afirmou, em entrevista concedida a Francis Jeanson (2012) intitulada “Sur la différence des femmes”, sua posição como feminista e fez uma crítica dos feminismos daquele momento histórico na França: “Sou *radicalmente* feminista, no sentido de que reduzo

radicalmente a diferença [entre homens e mulheres] como *dada*, importante em si mesma” (JEANSON, 2012, p. 266)¹³⁵.

Para ela, existia uma diferença entre um feminismo abstrato e uma postura “radicalmente feminista” (algo que não tem relação com o que seria posteriormente chamado de feminismo radical). Com o advérbio “radicalmente”, a autora pretendia afirmar um feminismo que não aceita o determinismo biológico e a ideia de uma “especificidade feminina”. Para ela, essa ideia, mesmo que viesse investida de um sentido de superioridade das mulheres, significava que as mulheres nunca encontrariam condições de igualdade em relação aos homens. Beauvoir apresentou nessa entrevista, ainda, a definição de feminismo como “uma maneira de viver individualmente e de lutar coletivamente” (JEANSON, 2012, p. 268)¹³⁶, o que representava a confirmação da ideia apresentada já em *O segundo sexo* de que a superação do isolamento das mulheres era condição fundamental para a transformação de sua situação. Porém, em 1965, Beauvoir considerava que naquele momento histórico as mulheres ainda estavam impossibilitadas de resistirem coletivamente.

Nessa entrevista, também, Beauvoir afirmou o valor positivo da experiência da maternidade, respondendo às críticas que o trecho de seu livro recebeu. Reafirmando a posição de *O segundo sexo*, Beauvoir afirmou na entrevista que questionava ainda, assim como no livro, a imposição da maternidade como uma experiência que define o valor social da mulher e a encerra em si mesma.

Beauvoir nos apresenta, assim, uma nova percepção em relação ao projeto de emancipação da mulher, não mais como um movimento iniciado pela emancipação financeira e profissional, mas como uma resistência coletiva, capaz de problematizar o próprio sentido do trabalho feminino nas sociedades capitalistas.

Nas outras duas conferências realizadas no Japão em 1966, Beauvoir retomará ainda um tema que havia abordado já nos textos anteriores a *O segundo sexo* sobre a situação das mulheres como escritoras e artistas. Intitulados “Mon expérience d’écrivain” e “La femme et la création”, os textos podem ser lidos como uma versão beauvoiriana de “Um teto todo seu”,

¹³⁵ No original: *Je suis radicalement féministe, en ce sens que je réduis radicalement la différence en tant que donnée ayant une importance par elle-même.*

¹³⁶ No original: *C’est une manière de vivre individuellement et de lutter collectivement.*

de Virginia Woolf, obra com a qual dialogam diretamente ao discutirem a relação entre opressão de gênero e criação artística.

O tema, já abordado antes por Beauvoir nos textos “Problems for women’s literature” e “Women of letters”, de 1947, e no segundo volume de *O segundo sexo*, foi retomado nas conferências de 1966 como uma reflexão sobre a própria experiência vivida e sobre a história de vida da escritora japonesa Murasaki Shikibu. Beauvoir destaca nas conferências o papel da dependência econômica como uma barreira para as mulheres com ambições artísticas. A fórmula preconizada por Woolf – “um teto todo seu” e “uma renda de aproximadamente 500 libras ao ano” – é entendida por Beauvoir como verdadeira também metaforicamente. O teto representaria o espaço físico e a renda, as condições materiais para que as mulheres se dedicassem ao trabalho criativo, mas também a autonomia e a autoconfiança necessárias para esse trabalho.

Citando o exemplo criado por Woolf – o modo como uma hipotética e talentosa irmã de Shakespeare estaria condenada à frustração como artista –, Beauvoir retoma o exemplo também de uma hipotética irmã de Van Gogh, já utilizado em *O segundo sexo*, para descrever a situação da mulher artista como marcada pela repressão de ambições e talentos, oportunidades e autoconfiança, presente e passado. Porém, para Beauvoir, a mulher que escreve ou produz arte está em uma posição, de certo modo, sempre privilegiada: ocupando um lugar social marginal, ela lançaria ao mundo um olhar detalhista e crítico que permitiria questionar não apenas a sociedade como o próprio isolamento e o esvaziamento da subjetividade impostos às mulheres. Essa condição – que claramente nos remete, atualmente, aos argumentos das teorias contemporâneas do ponto de vista feminista – daria às mulheres, segundo Beauvoir, condições de produzir obras de potencial crítico mais incisivo.

A noção de situação da mulher retomada por Beauvoir nesse conjunto de textos da década de 1960 se revela também mais atenta aos detalhes das relações sociais, mais pontual e preocupada em explorar as experiências das mulheres que se correspondem com ela ou que compartilham com ela da mesma situação de criadoras. No contato direto com suas leitoras, ela descobriu que algumas de suas premissas de *O segundo sexo* – atribuir apenas ao trabalho doméstico e ao cuidado do outro o caráter de atividade esvaziada de sentido, não enfatizar o papel da ideia de democracia na opressão das mulheres, entre outras – se mostraram incompletas diante das experiências das mulheres trabalhadoras e artistas.

Ainda que Beauvoir enxergasse, nesse momento, a utopia socialista de supressão das classes como uma necessidade a fim de possibilitar que as mulheres iniciassem a superação de sua subordinação, Beauvoir reconhecia claramente os limites dessa solução e a entendia como uma espécie de etapa para que as mulheres, libertadas de uma das estruturas opressivas mais onipresentes da tessitura que conforma sua situação, iniciassem uma resistência coletiva. Não é mais a ideia de que uma sociedade sem classes libertaria a mulher de toda a trama de opressões em que está enredada, mas a ideia (ainda utópica, mas menos abstrata) de que o fim da opressão de classe daria às mulheres condições para uma resistência coletiva própria.

5.2 – Direitos reprodutivos

No início da década de 1970, Beauvoir volta sua atenção à questão dos direitos reprodutivos. Em *O segundo sexo*, ela já denunciara os discursos sobre a maternidade e o instinto maternal como bases do controle dos corpos femininos por todas as instâncias de poder, da família ao Estado. Nos anos 1970, foi especialmente para suas campanhas pela legalização do aborto e o acesso gratuito à contracepção que o Mouvement de Libération des Femmes (MLF) buscou o apoio de Beauvoir¹³⁷, o que acabou por atrai-la para a militância feminista.

Do primeiro encontro entre as militantes feministas e Beauvoir resultou a publicação do *Manifesto das 343*, em 1971. Beauvoir teve papel fundamental ao redigir e articular politicamente a publicação do manifesto no jornal *Le Nouvel Observateur*. As 343 mulheres – das artes, da literatura e da intelectualidade – que assinaram o manifesto alegavam ter realizado abortos ilegais. O objetivo era pressionar o governo francês a legalizá-lo e oferecê-lo gratuitamente em serviços públicos de saúde. A visibilidade dada à questão por esses nomes repercutiu em outros países da Europa, como a Alemanha, onde um manifesto semelhante foi publicado. Na França, a iniciativa liderada por Beauvoir levou à publicação de outro manifesto, em 1973, de profissionais da medicina que declararam ter realizado abortos. As declarações públicas de desobediência civil enfraqueceram a ilegalidade do aborto e, em 1975, a interrupção voluntária da gravidez foi descriminalizada na França.

Desde o manifesto de 1971, Beauvoir passou a publicar artigos sobre o tema e depôs como testemunha no caso Bobigny, em 1972. Seu depoimento foi reproduzido em diversas

¹³⁷ É assim que Beauvoir reconta a história em *Balanço final*. Ativistas do MLF à época dizem que foi Beauvoir que as procurou (CHAPERON, 2000a).

publicações. Em 1974, a colaboração com o MLF resultou na criação da coluna em *Les Temps modernes* para a crítica ao sexismo na mídia. A boa recepção de uma coluna levou à criação da revista *Questions féministes* (posteriormente *Nouvelles questions féministes*) voltada para um debate mais sério e aprofundado do projeto político das feministas francesas.

Entre os textos sobre aborto publicados por Simone de Beauvoir nesse período estão “L’avortement des pauvres”, de 1972; “Déposition de Simone de Beauvoir au procès de Bobigny”, publicado em 1972 e “Préface à *Avortement: une loi en procès*”, de 1973.

Em “L’avortement des pauvres”, Beauvoir adota novamente a estratégia de descrever a situação individual, relatando o caso de Marie-Claire Chevalier, a jovem julgada no processo de Bobigny por realizar um aborto. A situação de Marie-Claire é, claramente, a mesma situação que ainda se repete nos países onde o aborto não é legalizado e tratado como questão de saúde pública: estuprada pelo namorado aos 15 anos, engravidou e foi levada pela mãe para um aborto em uma clínica clandestina, o procedimento resultou em complicações, a jovem foi denunciada pelo estuprador. Marie-Claire foi inocentada, mas a mãe dela e outras quatro mulheres seriam julgadas como cúmplices. Beauvoir desenvolve seu texto denunciando o papel do Estado na sustentação e reprodução da trama das estruturas opressivas de gênero e de classe.

A maternidade não a emancipa. A sociedade não dá a ela os meios de sustentar sua criança. O futuro da criança é decidido pelos avós: ela será entregue à custódia do Estado se eles não puderem ou não quiserem assumir esse encargo. A gravidez e o parto serão impostos à adolescente sem compensação: como ela poderia não tentar escapar disso? (BEAUVOIR, 2015, p. 159)¹³⁸

Do ponto de vista de Beauvoir, foi por serem mulheres pobres e desprovidas de acesso a serviços do Estado que Marie-Claire e Michelle, a mãe, foram acusadas: “na França, a justiça é justiça de classe” (BEAUVOIR, 2015, p. 159)¹³⁹, escreve, destacando que o aborto em condições apropriadas e sem o risco de criminalização é também um privilégio de classe.

Beauvoir depôs no julgamento de Michelle Chevalier, em Bobigny, em novembro de 1972, e seu depoimento foi posteriormente reproduzido em várias publicações. Gisèle Halimi, a advogada de Djamila Boupacha nos anos 1960, era também advogada da associação

¹³⁸ No original: *Maternity does not emancipate her. Society does not give her the means to provide for her child. The future of the child is decided by the grandparents: he will be turned over to State custody if they cannot or do not want to burden themselves with this. The labor of pregnancy and childbirth are inflicted upon the adolescent without compensation: how could she not try to escape this?*

¹³⁹ No original: *In France, justice is class justice.*

Choisir, pelos direitos reprodutivos, presidida por Beauvoir, e atuou no caso. Em seu depoimento, Beauvoir adotou a estratégia de desafiar o judiciário, afirmando ter feito um aborto e reconhecendo ajudar mulheres oferecendo dinheiro, endereços de clínicas clandestinas e emprestando sua casa, quando necessário, para que elas realizassem abortos.

Além disso, ela reitera a criminalização do aborto como uma estrutura de opressão das mulheres que é sustentada pela desigualdade de gênero e reproduzida pelos discursos de exaltação da maternidade como um destino e pelas políticas de governo que restringem o acesso das mulheres a programas de planejamento familiar e à contracepção. Em seu depoimento, Beauvoir repete sua crítica de que, quando o discurso sobre a maternidade não a apresenta como uma escolha e quando a contracepção não é livre e gratuita, toda a população do país se torna cúmplice dos casos de gravidez na adolescência¹⁴⁰.

Tanto em seu depoimento como em “*Préface à Avortement: une loi en procès*”, Beauvoir coloca a lei francesa que criminaliza o aborto em questão, apontando-a como a ponta do iceberg de uma série de questões, da formação de um excedente de mão de obra à formação de um exército de consumidores, mas é sobretudo como estratégia de manutenção das desigualdades de gênero e do poder estatal que Beauvoir denuncia o aborto.

Um ano depois do julgamento de Bobigny – no qual Michelle foi condenada a uma multa e as demais cúmplices foram inocentadas –, as pesquisas de opinião mostraram que 55% da população francesa se declarou a favor da descriminalização do aborto. No ano do julgamento, esse percentual era de 22%. A estratégia do MLF de dar grande publicidade ao caso com o depoimento de Beauvoir parecia, assim, ter sido acertada para a luta do movimento pelos direitos reprodutivos (CHAPERON, 2015).

Curiosamente, ao contrário do que faz em “*L’avortement des pauvres*”, nesses dois textos, a opressão de classe é colocada em segundo plano. Tanto no depoimento como no prefácio ao livro, Beauvoir afirmou ter ajudado mulheres de todas as classes sociais a realizar abortos. Segundo ela, mesmo aquelas mulheres que dispunham dos recursos financeiros para pagar pelo aborto não conheciam clínicas onde poderiam realizá-lo seguramente, e ela as ajudava nesse sentido.

¹⁴⁰ O argumento ecoava um artigo escrito por Beauvoir a respeito da gravidez na adolescência publicado naquele mesmo ano em *J'accuse*, reproduzido em Lecarme-Tabone e Jeanelle (2012, pp. 262-264).

Essa mudança na argumentação refletia uma estratégia de militância do MLF, que queria destacar a estrutura opressiva de gênero como fundamental, colocando outras formas de opressão em segundo plano. Com isso, o movimento pretendia reforçar o papel identitário nas demais manifestações e campanhas da instituição: combate ao sexismo, à violência contra as mulheres e a transformação das leis de casamento. Beauvoir escreveu sobre esses temas artigos menores, mas tinha um interesse especial na campanha pela aprovação de uma lei contra o sexismo (que nunca foi aprovada por pressão da mídia e dos anunciantes).

O envolvimento nessas campanhas aproximou Beauvoir das feministas do MLF e acabou por produzir uma transformação em sua visão do feminismo e uma reavaliação de suas conclusões em *O segundo sexo*. Em entrevista concedida ao jornalista estadunidense John Gerassi em 1976 (Cf. GERASSI, 1979), Beauvoir – aparentemente assumindo as críticas feministas como verdadeiras – afirmou que o livro não podia ser associado ao surgimento do movimento feminista na França, não apenas porque ela mesma não se identificava com o feminismo então – o que só teria acontecido efetivamente a partir de Maio de 1968 –, mas porque, nascido nos anos 1970 e liderado por jovens que não tinham conhecimento do texto, o movimento era um fenômeno independente, ainda que nascido de uma conscientização sobre as mesmas questões que ela abordava no texto. Ela estende essa avaliação ao feminismo dos Estados Unidos, onde considera que poucas feministas conheciam sua obra.

Beauvoir também muda sua concepção sobre a relação entre a luta de classes e a luta feminista, afirmando que, ao contrário do que pensava antes, não crê mais que uma revolução socialista fosse um passo necessário para tornar o movimento feminista viável e forte. A luta feminista, considerava ela, era mais abrangente e suas conquistas poderiam alterar as relações de forças entre as classes sociais. Entretanto, ela não descartava que o engajamento na luta de classes pudesse colaborar para encorajar e desenvolver a luta feminista, proporcionando um espaço de debate e articulação.

Questionada por Gerassi sobre seu projeto de editar um pós-escrito a *O segundo sexo*, Beauvoir respondeu:

Em primeiro lugar, esse tipo de trabalho teria que resultar de um esforço coletivo. E, além disso, ele teria que se basear mais na prática do que na teoria. *O Segundo Sexo* foi pelo caminho inverso. Agora, isso não é mais válido. É na prática que hoje podemos ver como a luta de classes e a luta de sexos se intercalam, ou, pelo menos, como elas podem ser articuladas. Mas isso vale para todas as lutas atuais: nós temos que formular nossas teorias com base na prática, e não o contrário. O que se faz realmente necessário é que todo um grupo de mulheres, de todo tipo de país, reúna suas experiências de vida e que, a partir dessas experiências, nós possamos identificar

os padrões com os quais as mulheres lidam em todos os lugares. E tem mais, essa informação deveria ser coletada de todas as classes, e isso é duas vezes mais difícil (GERASSI, 1979, p. 560)¹⁴¹.

“Um texto ultrapassado”, “que só apresenta o ponto de vista das mulheres brancas burguesas”, “universalista”. Todas essas críticas parecem ecoar na leitura desse trecho da entrevista. Ao mesmo tempo, essa declaração parece demonstrar que Beauvoir não abria mão de sua noção de situação, reafirmando a importância da experiência vivida das mulheres.

Retomando a metáfora da tessitura de estruturas opressivas como o aspecto que conforma a situação de alteridade da mulher, é possível dizer que Beauvoir foi confrontada ao longo das décadas com uma necessidade de testar sua ferramenta teórica diante de fenômenos que escaparam à sua observação no momento em que ela escrevia *O segundo sexo*. Nesse sentido, o aspecto em que ela parece mais ter se confrontado com essa necessidade foi em sua aposta no caráter emancipador do trabalho para as mulheres. O que ela entendia como uma possibilidade de libertação da trama das opressões de gênero e de classe revelou-se como um fortalecimento dessa trama pelo caráter alienante do trabalho nas sociedades capitalistas.

A reavaliação de *O segundo sexo* não altera, portanto, a compreensão teórica e metodológica que Beauvoir tem de sua noção de situação, mas acrescenta a ela uma nova dimensão: a de estratégia de luta política. O debate sobre as experiências vividas é um poderoso catalisador de apoio para o movimento feminista. Penso que é nesse dado que está a chave de interpretação dos textos beauvoirianos, principalmente da década de 1970: situação é também um conceito efetivo para orientar a militância política, na medida em que pode colaborar para a conscientização coletiva e para a denúncia das ambiguidades das relações de opressão. Esse comprometimento com sua teoria Beauvoir já havia reafirmado em *Balanço Final*, último volume de suas memórias, ao avaliar sua relação com o MLF:

Se participei de manifestações, se me envolvi numa ação propriamente feminista, foi porque minha atitude em relação à condição da mulher mudou. Teoricamente, conservo as mesmas posições. Mas no plano prático e tático minha posição se modificou (BEAUVOIR, 1990c, p. 486).

¹⁴¹ No original: *D'abord, un ouvrage comme celui-là devrait être le résultat d'un effort collectif. Puis, il devrait être basé sur la pratique plutôt que sur la théorie. Le Deuxième Sexe procédait en sens inverse. Ce n'est plus valable maintenant. C'est dans la pratique qu'on peut voir comment la lutte des sexes et la lutte des classes s'entremêlent, ou du moins comment on peut les articuler. Mais c'est vrai pour toutes les luttes maintenant : nous devons tirer notre théorie de la pratique et pas inversement. Ce qui serait vraiment nécessaire, c'est qu'un groupe de femmes de tous les pays réunisse leurs expériences vécues et que nous tirions de telles expériences les modèles de situations que les femmes doivent affronter partout. De plus que ces informations devraient provenir de toutes les classes, et c'est beaucoup plus difficile.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir a relação intelectual de Simone de Beauvoir com o existencialismo sartreano, Stella Sandford (2007) afirma que o pensamento beauvoiriano se caracteriza pela recusa de um princípio essencial de Sartre: a ideia de uma liberdade absoluta dos sujeitos. Para Sandford, assim como para Kruks (1998), enquanto Sartre coloca a ênfase nas possibilidades de escolha dos sujeitos, sejam quais forem suas condições, Beauvoir irá enfatizar os aspectos vividos e corporificados dessas condições, conformando-os em um conceito inovador, o conceito de situação, que incorpora as possibilidades e as restrições impostas pelas instituições às liberdades dos sujeitos.

Em termos existencialistas, a noção de situação expressa a ambígua condição da existência humana. Existimos, simultaneamente, como liberdades e estamos sujeitos à facticidade; nascemos sob condições que não escolhemos (um determinado país, uma determinada etnia, um sexo que nos é atribuído já nas primeiras semanas de gestação) e é nessas condições que estamos condenadas a exercer nossa liberdade. Beauvoir, entretanto, irá complicar esses termos e acrescentar a eles alguns elementos: existimos também, diz ela, já em relação com o outro e nessa relação somos, simultaneamente, sujeitos e objetos; nossa liberdade não é absoluta, mas interceptada por estruturas sociais, relações sociais, por diversas formas de poder, por nossa (inter)subjetividade; as escolhas, portanto, nem sempre são possíveis. É esse emaranhado de condições que define nossa situação.

Ao enfatizar a noção de situação, Beauvoir nos diz que é preciso compreender as condições políticas, estruturais, sociais, históricas que influenciam a agência individual e coletiva, mas esses dados precisam ser confrontados com a experiência vivida dos sujeitos, porque é sob circunstâncias que envolvem múltiplas forças e múltiplas restrições, ou múltiplos privilégios e múltiplos poderes, que os sujeitos atuam.

Portanto, em certa medida, Beauvoir questiona o próprio existencialismo, demonstrando que a ideia de liberdade não é a melhor abordagem para compreendermos os sujeitos que nos interpelam como pesquisadoras e observadoras do mundo. Mas ela também alerta para o fato de que a estrutura situa a agência, tanto no sentido de restringi-la como de torná-la possível, o que coloca o foco da identidade do sujeito na agência e não na estrutura, demonstrando o potencial político e não identitário de seu conceito. Ela demonstra essa questão, por exemplo, quando discute a sociabilidade das comunidades negras nos Estados Unidos.

Assim, com o conceito de situação, Beauvoir realiza uma travessia importante que parte de uma concepção abstrata de sujeito e chega a compreendê-lo em suas especificidades. Essa travessia, que pode ser entendida também como uma passagem do filosófico ao sociológico, implica abandonar uma visão objetiva, neutra, racional e universal do conhecimento produzido, assumindo o ponto de vista a partir do qual se dá essa produção, um ponto de vista situado. Além disso, a noção de situação em Beauvoir permite pensar a estrutura social sem eclipsar a agência individual e pensar as condições históricas, políticas, corporais e a intersubjetividade sem produzir uma noção estanque de sujeito como completamente autônomo ou como completamente dessubjetivado, ainda que submetido às múltiplas opressões.

Tomando a noção particular de situação como ferramenta teórica e metodológica de suas reflexões, Beauvoir irá teorizar a opressão como em enredamento sistemático de indivíduos ou grupos em relações de poder sustentadas em assimetrias de gênero, sexualidade, classe, idade, etnicidade, nacionalidade. Como procurei demonstrar por meio da metáfora da tessitura, Beauvoir compreende a relação entre as situações de alteridade (marcadas pelas diferenças) e de dominação (marcadas pelos privilégios) como implicadas uma na outra, nem sempre conformadas apenas pela oposição. É assim, por exemplo, que uma trabalhadora branca oprimida pode se tornar opressora de uma operária negra com quem compartilha a mesma condição de gênero e de classe. Ou que um personagem como Sade pode se colocar, dadas as condições externas e internas que configuram sua situação, na condição de opressor de classe, de gênero e de sexualidade sem deixar de questionar a lógica da opressão.

A noção de situação de Beauvoir é dotada, portanto, de um forte potencial crítico das cumplicidades que permeiam as estruturas opressivas, operando um desvelamento do que fica encoberto quando as categorias gênero, classe, idade, sexualidade etc. são pensadas em conjunto. É nesse sentido que sugiro que o conceito de situação de Beauvoir pode ser aproximado da ideia de interseccionalidade.

O conceito de interseccionalidade tem sido empregado em análises de diversas áreas do conhecimento desde que Kimberlé Crenshaw (1989) utilizou o termo como uma metáfora para ilustrar o modo como, nas experiências de discriminação das mulheres negras nos Estados Unidos, nem sempre era possível diferenciar o racismo do sexismo, uma vez que elas se encontravam no ponto de intersecção dessas duas formas de discriminação. Em uma obra posterior, Crenshaw (1991) irá retomar a ideia de que são as experiências dessas mulheres

que são definidas na intersecção de questões de raça, classe e gênero. A centralidade da experiência como determinada por múltiplas dimensões pode ser, assim, entendida como um dos pontos de aproximação entre a noção beauvoiriana de situação e o conceito de interseccionalidade.

Originado no contexto de um debate sobre a condição específica das mulheres negras, o conceito de interseccionalidade tem sido frequentemente entendido como uma ferramenta teórica e política em que a categoria gênero ou a categoria raça se apresentam como os aspectos dominantes de diferenciação, principalmente no caso de sua apropriação pelos feminismos.

Como procurei registrar nas análises de *A América dia a dia* e *O segundo sexo*, o modo como Simone de Beauvoir aborda a questão racial tem sido apontado por algumas acadêmicas – em especial Spelman (1988), Collins (2017) e Gines (2017) – como não interseccional, uma vez que ela dedica pouca atenção à análise da situação específica das mulheres e meninas negras e, em muitos momentos de sua argumentação, especialmente em *O segundo sexo*, estabelece analogias entre a situação dos homens negros estadunidenses e das mulheres brancas europeias, o que representaria um apagamento das mulheres negras nos dois contextos.

Embora esse suposto apagamento possa ser explicado com base nas escolhas teóricas e metodológicas de Beauvoir, acredito acertado considerar que, nesse sentido, sua análise se afasta das premissas da perspectiva interseccional. Por outro lado, a noção de situação em Beauvoir demonstra ser claramente mais complexa, principalmente por sua atenção à sexualidade, à corporalidade, à idade (não pensada aqui apenas do ponto de vista do envelhecimento, mas de todas as fases da vida do sujeito, com atenção especial à infância), aspectos que só passaram a integrar as análises interseccionais recentemente.

As teorias interseccionais têm cada vez mais procurado compreender a relação entre os marcadores sociais da alteridade ou as categorias de diferenciação – gênero, classe, raça, diversidade funcional, etnicidade, idade, nacionalidade e sexualidade – como uma conjunção, mais complexa de ser apreendida, mas também sem a prevalência de uma ou duas dessas categorias nas relações de opressão (BILGE, 2009, p. 70). Penso que, nesse sentido, a noção de situação de Simone de Beauvoir se afasta do paradigma da interseccionalidade, porque suas análises, marcadas profundamente pelo pensamento marxista, tendem a dar destaque às questões de classe.

Um aspecto importante do pensamento beauvoiriano que é relevante destacar, ainda tendo em mente a ideia da fluidez entre as posições “opressores” e “oprimidos” no interior das relações sociais, é a dinâmica do que a autora nomeia como cumplicidade. Pensada como um processo que se dá na tensão das categorias de diferenciação e por meio delas, a cumplicidade tem um papel essencial no pensamento de Beauvoir. A autora exemplifica a relevância dessa ideia quando descreve, por exemplo, o modo como operários brancos operam simultaneamente como cúmplices da opressão de classe e de etnicidade quando estabelecem uma relação de superioridade com operários negros com os quais compartilham a mesma classe. O modo como essa relação se configura só pode ser pensado a partir da percepção de que o privilégio de etnicidade constituiria, também, um privilégio de classe para os operários brancos. Esse privilégio pode ser reconhecido quando pensamos que, por serem brancos esses operários possivelmente têm salários maiores e acesso a cargos mais elevados. Entretanto, essa cumplicidade só se constitui porque o privilégio étnico é já um privilégio de classe ou, dito em outras palavras, as classes privilegiadas nesse contexto são formadas por pessoas brancas.

A ideia de cumplicidade, além de destacar o modo como estruturalmente as ações dos sujeitos produzem e reproduzem as desigualdades e opressões, destaca também que a consciência desse mecanismo pode reforçar a agência do sujeito, permitindo que ele “escolha” a cumplicidade como uma forma de engajamento político voltado para a desestabilização das estruturas opressivas. Menos carregado de significados moralistas do que o termo solidariedade, o termo cumplicidade vem já carregado do sentido de escolha. O próprio modo como Beauvoir faz uso de seus privilégios é um exemplo dessa ideia.

Esses são alguns aspectos da complexidade da noção beauvoiriana de situação, quando pensada a partir dos marcadores sociais de alteridade, que acredito que possam ter ficado encobertos no processo de recepção de suas obras. O modo como Beauvoir teve seu pensamento silenciado ao longo de décadas, o que levou grande parte de suas obras a serem ignoradas e o modo como sua obra tem sido lida como uma reprodução dos conceitos sartreanos acabou por eclipsar as especificidades desse conceito beauvoiriano.

Nesse sentido, é significativo que a autora tenha partido das primeiras discussões filosóficas sobre a relação sujeito/objeto em seus primeiros ensaios filosóficos para se aproximar cada vez mais do debate sobre situações concretas, observáveis nas relações sociais, nos estudos de caso, chegando a uma militância em favor de projetos emancipatórios específicos. Esse processo não foi, certamente, linear e livre de obstáculos. Mas, diante da

leitura de obras como *A América dia a dia*, algumas questões se colocam: por que Beauvoir ainda é considerada uma pensadora que ignorou as questões de etnicidade? Diante de suas reflexões sobre o caso Djamila Boupacha, por que o feminismo descolonial não a interpela com maior frequência?

As referências a um caráter supostamente ultrapassado das obras de Simone de Beauvoir são recorrentes. Manifestam-se diante da simples menção de seu nome. As posturas acadêmicas em relação a ela são frequentemente polarizadas, recaindo na indiferença ou na homenagem, dos dois modos colocando-a na periferia dos debates reconhecidamente relevantes. Mas seriam essas respostas apenas um reflexo do mal-estar diante de alguém que tem a nos dizer o que não queremos ouvir? Lori Jo Marso (2017a) afirma que ainda hoje é mais fácil para os feminismos evitar o diálogo com Beauvoir do que creditá-la pelo que realmente fez em termos teóricos e militantes.

Porém, estabelecer “o que ela realmente fez” talvez não seja uma tarefa das mais simples. Exige mergulhar em um *corpus* bastante rico e diversificado e um esforço de pesquisa bastante prolongado. O que Beauvoir “realmente fez” não pode ser confundido com uma intencionalidade, um sentido único e “verdadeiro”, fechado, de sua obra. Mas é possível traçar, por exemplo, o modo como ela certamente antecipou algumas questões que posteriormente se tornaram centrais – como, acredito, a ideia de regulação dos corpos pelos Estados, que em Foucault será teorizada por meio da noção de biopoder, e a própria complexidade do que denominei tessitura das estruturas opressivas, que pode ser associada às teorias da interseccionalidade.

Este é um trabalho que exige certamente um processo coletivo de pesquisa capaz de abarcar efetivamente toda sua obra. Nesta tese, por exemplo, optei por utilizar as memórias, cartas e diários apenas como fontes de dados para corroborar ou complementar algumas informações e análises, mas essas obras são também ricas em reflexões teóricas. Também optei por excluir do recorte as obras literárias de Simone de Beauvoir, integrando aqui apenas a peça *Les bouches inutiles* (1945), devido, sobretudo, ao fato de que essa obra é muito pouco estudada, ao passo que seus romances são bastante explorados, ainda que quase sempre isoladamente ou em comparações com obras de outras escritoras. Com a escolha de *Les bouches inutiles*, espero ter conseguido ao menos ilustrar o potencial que um estudo sistemático e amplo de obras literárias representa para a compreensão de seu pensamento teórico não apenas na área de estudos de gênero, mas também de teoria política.

Ao mesmo tempo em que excluí seus romances do recorte, incluí textos de importância muito menor no interior do *corpus* beauvoiriano. Entretanto, os artigos, conferências e entrevistas foram apresentados por três motivos. Em primeiro lugar, de 1970 até sua morte, Beauvoir publicou apenas quatro livros: *A velhice* (1970), *Balanço final* (1972), *Quando o espiritual domina* (publicado em 1979, mas escrito em sua juventude, antes de seu primeiro romance) e *A cerimônia do Adeus* (1981). Desses textos, apenas *A velhice* não se enquadra entre os textos literários ou memórias. Além disso, os artigos e conferências representaram sua principal produção intelectual nesse período e, o mais importante, são a única documentação disponível de suas ideias e das reflexões que ela fez sobre seu conceito de situação depois de abraçar a militância feminista.

Outra ausência que pode ser sentida nesta pesquisa é a referência a Sartre. Esta ausência se justifica por uma escolha consciente: os estudos sobre obras sartreanas reservam apenas um lugar marginal à obra de Simone de Beauvoir. Nesse sentido, e em função de todas as conclusões de pesquisadoras como Margaret Simons, Sonia Kruks, Stella Sandford, Ursula Tidd e Debra Bergoffen, entre outras, a respeito da autonomia intelectual de Simone de Beauvoir, fiz a escolha de reservar a ele um lugar marginal.

Na introdução deste trabalho, destaquei como acredito que uma leitura minuciosa das obras beauvoirianas pode levar a uma relação renovada dos feminismos com seu pensamento. Busquei explorar essa ideia a partir do conceito de situação. Mas isso pode ser feito, acredito, também com outros conceitos centrais em seu pensamento, como ambiguidade, liberdade, violência. Penso que essa relação renovada é também um ato de escolha teórica e metodológica que parte do reconhecimento do caráter político e crítico de seu pensamento que é, certamente, situado. Mas situado não significa ultrapassado, termo que muitas vezes denuncia uma recusa de escuta. Penso nessa pesquisa como uma contribuição de resistência a essa recusa.

Um último ponto que pode ser relevante destacar é que muitas pesquisadoras da obra beauvoiriana, quando comentam seu processo de silenciamento no campo das ciências humanas, afirmam a importância de estimular novas pesquisas a fim de fazer justiça a sua figura e a seu pensamento. Não considero que esta pesquisa tenha esse potencial, pois tenho consciência de que seu pensamento é profundamente mais complexo do que eu poderia apreender e, sobretudo, colocar em palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *Outra travessia*, [S.l.], n. 5, p. 9-16, jan. 2005. ISSN 2176-8552. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>>. Acesso em: 20 fev. 2015.
- ALEXANDER, Anna. "Outside the Second Sex: Beauvoir's 'Pensée du dehors'". *Journal of French and Francophone Philosophy*, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 94-127, Mar. 2003. ISSN 2155-1162. Disponível em: <<http://jffp.pitt.edu/ojs/index.php/jffp/article/view/441>>. Acesso em: 20 Fev. 2015.
- _____. "The Eclipse of Gender: Simone de Beauvoir and the Différance of Translation." *Philosophy Today*, 41: 1: 112–122, 1997.
- ALMEIDA, Marlise Miriam de Matos. Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho. *Cadernos Pagu*, n. 12, pp. 145-156, 1999.
- ALTMAN, Meryl. Beauvoir as a literary writer. In: HENGEGHOLD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017.
- ANTONOPOULOS, A. Alexander. Who is the subject of *The Second Sex*? Life, Science and Transmasculine Embodiment in Beauvoir's Chapter on Biology. In: HENGEGHOLD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017.
- ANDRE, Maria Claudia. "Simone's Daughters: Beauvoir's Influence in the Works of Latin American Women Writers." *Simone de Beauvoir Studies Journal*, 18, 2001-2002.
- ANDREW, Barbara S. Beauvoir's place in philosophical thought. In: CARD, Claudia (ed.). *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 24-44.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARP, Kristana. Beauvoir as situated subject: the ambiguities of life in World War II France. In: O'BRIEN, Wendy; EMBREE, Lester (Eds.). *The existential phenomenology of Simone de Beauvoir*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2001, pp. 175-185.
- BAERT, Patrick. The sudden rise of French Existentialism: a case study in the sociology of intellectual life. *Theory and Society*, v. 40, n. 6, November 2011, pp 619-644.
- BAHOVEC, Eva. Feminist Theory and Philosophy: More than a Marriage of Convenience. In: PASSERINI, Luisa; LYON, Dawn; BORGHI, Liana (eds.). *Gender Studies in Europe*. pp. 135-146, 2002.
- BAINBRIGGE, Susan. A Crisis in Feminist Scholarship in France? Catherine Rihoit on Simone de Beauvoir. *Simone de Beauvoir Studies*, v. 12, 1995, pp. 159-161.
- BAIR, Deirdre. *Simone de Beauvoir: a biography*. New York: Summit, 1990.

BARBER, Michael. D. (2001) Phenomenology and the Ethical bases of Pluralism: Arendt and Beauvoir on Race in the United States. In: O'BRIEN, Wendy; EMBREE, Lester (Eds). *The Existential Phenomenology of Simone de Beauvoir*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2001, pp. 149-174.

BAUER, Nancy. Being-with as being-against: Heidegger meets Hegel in *The Second Sex*. *Continental Philosophy Review*, 34: 129-149, 2001a.

_____. *Simone de Beauvoir, Philosophy and Feminism*. New York: Columbia University Press, 2001b.

_____. Femininity: the trap. In: BEAUVOIR, Simone de. *Feminist Writings*. Edited by Margaret A. Simons with Marybeth Timmermann. Urbana: University of Illinois Press, 2015. E-book.

BEAUVOIR, Simone de. *Les bouches inutiles* – pièce en deux actes et huit tableaux. Paris: Gallimard, 1945.

_____. *A América dia a dia*. Tradução de Emília Rodrigues. Lisboa: Arcádia, 1963. (Original publicado em 1948)

_____. *Le Deuxième Sexe*. Paris : Gallimard, 1976. (Original publicado em 1949)

_____. Faut-il brûler Sade? In : BEAUVOIR, Simone de. *Privilèges*. Paris: Gallimard, 1964, pp 11-89. (Original publicado em 1955)

_____. *The Second Sex*. Translated and edited by H. M. Parshley. London: Jonathan Cape, 1956.

_____. Pour Djamila Boupacha. *Le Monde*, 3 juin, 1960.

_____. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Tradução de Bruno da Ponte e Manuel de Lima. Lisboa: Editorial Minotauro, 1965. (Original publicado em 1948)

_____. En France aujourd'hui on peut tuer impunément. In: FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979a, pp. 475-481.

_____. Déposition de Simone de Beauvoir au procès de Bobigny. In: FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979b, pp. 510-513.

_____. Préface à *Avortement: une loi en procès*. In: FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979c, pp. 505-509.

_____. Les femmes s'entêtent. In : FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979d, pp. 519-521.

_____. Situation de la femme d'aujourd'hui. In : FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979d, pp. 519-521.

_____. La condition féminine. In : FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979e, pp. 401-409.

_____. Le sexisme ordinaire. In : FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979f, pp. 514-515.

_____. Mon expérience d'écrivain. In : FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979g, pp. 439-457.

_____. La création et la femme. In : FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979h, pp. 458-481.

_____. Feminism – Alive, Well and in Constant Danger. In: MORGAN, Robin (Ed.). *Sisterhood is Global – The International Women's Movement Anthology*. New York: The Feminist Press, 1986.

_____. *Journal de guerre (septembre 1939 – janvier 1941)*. Paris: Gallimard, 1990a.

_____. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990b. (Original publicado em 1970)

_____. *Balanço Final*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990c. (Original publicado em 1972)

_____. *Philosophical Writings*. Edited by Margaret A. Simons with Marybeth Timmermann and Mary Beth Mader. Urbana: University of Illinois Press, 2004.

_____. Por uma moral da ambiguidade, seguido de Pirro e Cineas. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. (Originais publicados em 1947 e 1944, respectivamente)

_____. *Transatlantic Love Affair: letters to Nelson Algren*. New York: The New Press, 2006.

_____. As Estruturas Elementares do Parentesco, de Claude Lévi-Strauss. *Campos – Revista de Antropologia*, out. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/cam.v8i1.9547>>. Acesso em: 22 dez. 2015. (Original publicado em 1949)

_____. *Cahiers de jeunesse (1926 – 1930)*. Paris: Gallimard, 2008.

_____. *O segundo sexo*. 2ª ed. volume único. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009a. (Original publicado em 1949).

_____. *Memórias de uma moça bem-comportada*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009b. (Original publicado em 1958)

_____. *A força da idade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010a. (Original publicado em 1960)

_____. *A força das coisas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010b. (Original publicado em 1963)

_____. *"The Useless Mouths" and Other Literary Writings*. Edited by Margaret A. Simons with Marybeth Timmermann. Urbana: University of Illinois Press, 2011.

_____. *Political Writings*. Edited by Margaret A. Simons with Marybeth Timmermann. Urbana: University of Illinois Press, 2012.

_____. *Feminist Writings*. Edited by Margaret A. Simons with Marybeth Timmermann. Urbana: University of Illinois Press, 2015. E-book.

BERGOFFEN, Debra. *The Philosophy of Simone de Beauvoir: Gendered Phenomenologies, Erotic Generosities*. New York: SUNY Press, 1997.

_____. Why rape? Lessons from *The Second Sex*. In: HENGHOLD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra, ou O albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BILGE, Sirma. Intersectionality Undone: Saving Intersectionality from Feminist Intersectionality Studies. *Du Bois Review: Social Science Research on Race*, 10(2), 2013, pp. 405-424, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1017/S1742058X13000283>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

_____. “Théorisations féministes de l’intersectionnalité”. *Diogenes*, 1 (225), 2009, pp. 70-88.

BJÖRK, Ulrika. *Poetics of Subjectivity: Existence and Expressivity in Simone de Beauvoir’s Philosophy*. Helsinki: Helsinki University Print, 2008.

BJORSNOS, Annlauf. Beauvoir e Ricœur: a identidade narrativa – análise de uma crise identitária em *A convidada*, de Simone de Beauvoir. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 4, pp. 37-55, 2º sem. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/6428>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

BOGIC, Anna. *Rehabilitating Howard M. Parshley: A Socio-historical Study of the English Translation of Beauvoir’s Le deuxième sexe*, with Latour and Bourdieu. Thesis for the MA degree in Translation. Faculty of Arts, University of Ottawa, Canada, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/HnlsyD>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

_____. Uncovering the Hidden Actors with the Help of Latour: The “Making” of *The Second Sex*. *MonTI – Monografías de Traducción e Interpretación*, n. 2, pp. 173-192, 2010.

BORGES, Joana Vieira. *Trajetórias e leituras feministas no Brasil e na Argentina (1960-1980)*. Tese (Doutorado em História), UFSC, 2013.

_____. Leituras feministas no Brasil e na Argentina. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Original publicado em 1987)

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. (Original publicado em 1989)

BRISSON, Susan J. Beauvoir and feminism: interview and reflections. In: *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. CARD, Claudia (ed.). *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. Online edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

BURAWOY, Michael. As antinomias do feminismo: Beauvoir encontra Bourdieu. In: BURAWOY. *O marxismo encontra Bourdieu*. Tradução de Fernando Rogério Jardim. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, pp. 131-158.

BUTLER, Judith. Sex and Gender in Simone De Beauvoir's *Second Sex*. *Yale French Studies*, n. 72, pp. 35-49, 1986. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2307/2930225>. Acesso em: 16 nov. 2015.

_____. Variations on Sex and Gender, Beauvoir, Wittig and Foucault. In: BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla (eds.). *Feminism as Critique*. Cambridge: Polity, pp. 128-142, 1987.

_____. Gendering the Body: Beauvoir's Philosophical Contribution. In: GARY, Ann & PEARSALL, Marilyn (eds.). *Women, Knowledge, and Reality: Explorations in Feminist Philosophy*. Boston, MA: Unwin Hyman, pp. 253-262, 1989.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. (Original publicado em 1990)

_____. Beauvoir on Sade: making sexuality into an ethic. In: *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. CARD, Claudia (ed.). *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. Online edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARD, Claudia. Introduction: Beauvoir and the ambiguity of 'ambiguity' in ethics. In: CARD, Claudia (ed.). *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. Online edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CÉLESTIN, Roger; DALMOLIN, Eliane and COURTIVRON, Isabelle de. (Eds.) *Beyond French Feminisms: debates on women, politics and culture in France (1980-2001)*. New York : Palgrave MacMillan, 2003.

CHAPERON, Sylvie. La deuxième Simone de Beauvoir. *Les Temps Modernes*, n. 593, pp.112-143, avril-mai 1997.

_____. Auê sobre *O Segundo Sexo*. *Cadenos Pagu*. v.12, pp. 37-53, 1999.

_____. *Les Années Beauvoir (1945-1970)*. Paris: Fayard, 2000a.

_____. Lectures contemporaines du « Deuxième Sexe ». *Traverses*, n° 1, p. 51-63, 2000b.

_____. Introduction a The MLF and the Bobigny Affair. In: BEAUVOIR, Simone de. *Feminist Writings*. Edited by Margaret A. Simons with Marybeth Timmermann. Urbana: University of Illinois Press, 2015.

_____. Momone and the Bonnes Femmes; or Beauvoir and the MLF. In: SCHULZ, Kristina (Ed.). *The Women's Liberation Movement – Impacts and Outcomes*. New York: Berghahn Books, 2017, pp. 73-90.

CHAPSAL, Madeleine. Une interview de Simone de Beauvoir. In: FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979.

CHAPUIS, Marion; DEUTSCHER, Penelope. *The Philosophy of Simone de Beauvoir: Ambiguity, Conversion, Resistance*. Cambridge: University Press, 2008.

CYFER, Ingrid. Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e “a questão do sujeito” na teoria crítica feminista. *Lua Nova*, n° 94, São Paulo, pp. 41-77, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. Simone de Beauvoir, Women Oppression and Existential Freedom. In: HENGHELD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017.

COLLINS, Randall. *The Sociology Of Philosophies – A Global theory of Intellectual Change*. Cambridge, US: Belknap Press, 1998.

COSTA, Claudia de Lima e ALVAREZ, Sonia E. A circulação das teorias feministas e os desafios da tradução. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(2), pp. 579-586, maio-agosto/2013.

COSTA, Cristina Henrique. Mulher: uma essência vazia, mas resistente? *Recorte* (UninCor), v. 11, n. 1, jan-jun. 2014.

COSTA, Cristina Henrique. A hermenêutica crítica de Paul Ricoeur posta à prova da imaginação feminina. *Remate de Males* Campinas, (35.2), jul./dez. 2015. p. 307-312

CRAWFORD, Emily. *Hiding in Plain Sight: The Rhetorical Workings of Simone de Beauvoir's Feminist Language*. PhD Thesis. Columbia: University of South Carolina, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé W. Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, pp. 139-167, 1989.

_____. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review* 43(6), 1991, p. 1241-99.

DAIGLE, Christine. Beauvoir philosophe: pour une phénoménologie de l'ambiguïté. In: KRISTEVA, J.; FAUTRIER, P.; FORT, P.-L.; STRASSER, A. (eds.). *(Re)découvrir l'oeuvre de Simone de Beauvoir. du Deuxième Sexe à La Cérémonie des Adieux*. Paris: Le Bord de l'eau, 2008, pp. 149-157.

_____. An Analysis of Beauvoir's Methodology: Genealogy, Phenomenology, and the Appeal. *21st International Conference, Simone de Beauvoir Society*, Alicante (Spain), June 19, 2013.

_____. Beauvoir: reception d'une philosophie. *Horizons philosophiques*, vol. 16, n° 2, pp. 61-77, 2006.

DELPHY, Christine. The Invention of French Feminism: An Essential Move. *Yale French Studies*, n° 97, pp. 166-197, 2000.

_____; MOLINIER, Pascale; CLAIR, Isabelle; RUI, Sandrine. Genre à la française? *Sociologie*, v. 3, pp. 299-316, 2012-2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3917/socio.033.0299>>. Acesso em: 06 ago. 2015.

DESCARRIES, Francine. Construction et circulation des idées: la langue n'est pas neutre. *Signs*, v. 39, n. 3 Spring 2014, pp. 1-7.

DEUTSCHER, Penelope. *The Philosophy of Simone de Beauvoir: Ambiguity, Conversion, Resistance*. New York: Cambridge University Press, 2008.

DEVREUX, Anne-Marie; FASSIN, Éric; HIRATA, Helena; LÖWY, Ilana; MARRY, Catherine; BESSIN, Marc; JAMI, Irène. La critique féministe et La domination masculine. *Mouvements*, pp. 60-72, 2002-2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3917/mouv.024.0060>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

DIETZ, Mary. Debating Simone de Beauvoir. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. v.18:74-88, 1992.

FLOTOW, Luise von. Translation Effects: How Beauvoir Talks About Sex in English. In: HAWTHORNE, Melanie (ed.). *Contingent Loves – Simone de Beauvoir and Sexuality*. Richmond: University Press Virginia, 2000, pp. 13-33.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*, tradução de Maria Thereza da Costa. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Em defesa da sociedade – Curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Vigiar e punir – História da violência nas prisões*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979.

FRANCIS, Claude. Entretien avec Claude Francis. In: FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979.

FRASER, Nancy. How feminism became capitalism's handmaiden – and how to reclaim it. *The Guardian*, 14 out. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/oct/14/feminism-capitalist-handmaiden-neoliberal>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

FULLBROOK, Kate; FULLBROOK, Edward. *Sex and philosophy: rethinking de Beauvoir and Sartre*. London: Continuum, 2008.

_____. Sartre's Secret Key. In: SIMONS, M. (ed.). *Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir*. University Park: Pennsylvania State University, 1995, pp. 97-112.

GALSTER, Ingrid. "The Limits of the Object." The Reception of *Le Deuxième Sexe* in 1949. In: HENGHELD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017.

GEIRINHAS DOS SANTOS, Maria Alice B. *O sentir sexual da diferença: o legado de Luce Irigaray na nova subjectividade*. Dissertação para a obtenção do grau de mestre. Lisboa: Universidade do Porto, 2008.

GERASSI, John. Le Deuxième Sexe vingt-cinq ans après. In : FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979, pp. 547-565.

GINES, Kathryn T. Simone de Beauvoir and Race/Gender Analogy in *The Second Sex* Revisited. In: HENGHELD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017.

GOBEIL, Madeleine. Simone de Beauvoir, The art of fiction n° 35. *The Paris Review*, n° 34, Spring-Summer, 1965. Disponível em: <<http://www.theparisreview.org/interviews/4444/the-art-of-fiction-no-35-simone-de-beauvoir>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

GRIMWOOD, Tom. Re-reading The Second Sex's 'Simone de Beauvoir'. *British Journal for the History of Philosophy*, v. 16, n. 1, pp. 197-213, 2008.

HEINÄMAA, Sara. Simone de Beauvoir's Phenomenology of Sexual Difference. *Hypatia*, 14 (4), 1999, 114-32. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3810830>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

HENGHOLD, Laura. Introduction. In: HENGHOLD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017a.

_____. Separation and Queer Connection in The Ethics of Ambiguity. In: HENGHOLD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017b.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça – Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

JEANSON, Francis. Sur la différence des sexes. In: LECARME-TABONE, Éliane; JEANELLE, Jean-Louis (eds.). *Simone de Beauvoir*. Paris: Éditions de L'Herne, 2012. (Original publicado em 1965)

JENSEN, Sune Qvotrup. Othering, Identity Formation and Agency. *Qualitative Studies*, 2(2): 63-78, 2011.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror – An essay on abjection*. New York : Columbia University Press, 1982.

KRUKS, Sonia. Beauvoir, Gender and Subjectivity. *Signs*, v. 18(1), pp. 89–110, 1992.

_____. Teaching Sartre About Freedom. In: SIMONS, M. (ed.). *Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir*. University Park: Pennsylvania State University, 1995, pp. 79-95.

_____. Beauvoir: the weight of situation. In: FALLAIZE, E. (ed.). *Simone de Beauvoir: A Critical Reader*. London and New York: Routledge, 1998, pp. 43-71.

_____. *Retrieving Experience: Subjectivity and Recognition in Feminist Politics*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2001.

_____. Beauvoir's Time/Our Time: The Renaissance in Simone de Beauvoir Studies. *Feminist Studies*, v. 31(2): pp. 286–309, 2005.

_____. *Simone de Beauvoir and the Politics of Ambiguity*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2012.

LECARME-TABONE, Éliane. *Mémoires d'une jeune fille rangée, Commentaires*. Paris: Gallimard, 2000.

_____. Le Dxième Sexe, une œuvre littéraire? *Les Temps Modernes* n. 647-648, pp. 213-228, 2008.

_____; JEANELLE, Jean-Louis. Simone de Beauvoir à l'œuvre. In: LECARME-TABONE, Éliane; JEANELLE, Jean-Louis (eds.). *Simone de Beauvoir*. Paris : Éditions de L'Herne, 2012.

LECLERC, Gérard. *Sociologia dos intelectuais*. Tradução Paulo Neves. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

LE DŒUFF, Michèle. Simone de Beauvoir and Existencialism. *Feminist Studies*, v.6, n. 2, Summer 1980, pp. 277-289.

_____. "Long Hair, Short Ideas." *The Philosophical Imaginary*. London: Athlone, 1989, pp. 100-127.

_____. *Hipparchia's Choice: An Essay Concerning Women, Philosophy, etc.* Oxford, UK: Blackwell, 1991.

_____. Simone de Beauvoir: Falling into (Ambiguous) Line. In: SIMONS, Margaret A. (ed.). *Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir*. University Park, PA: The Pennsylvania University Press, 1995, pp. 59-66.

LEMOS, Cláudia T. G. de. De como uma moça bem-comportada se torna Simone de Beauvoir. *Cadernos Pagu*, n. 12, pp. 69-78, 1999.

MANN, Bonnie; FERRARI, Martina (eds.). «*On ne naît pas femme : on le devient*» – The Life of a Sentence. New York : Oxford University Press, 2017.

MCBRIDE, William. The Postwar World According to Beauvoir. In: HENGHELD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017.

MARQUES, Fabricio. Relações delicadas – como a pesquisa de universidades paulistas contribui para os estudos de gênero no país. *Pesquisa Fapesp*, abril de 2012, pp. 42-45.

MARSO, Lori J. Thinking Politically with Simone de Beauvoir in *The Second Sex. Theory and Event*, v. 15 (2), 2012. The Johns Hopkins University Press Disponível em: https://muse.jhu.edu/journals/theory_and_event/v015/15.2.marso.html. Acesso em: 16 nov. 2014.

_____. *Politics with Beauvoir: Freedom in the Encounter*. Duke University Press, 2017a.

_____. Simone de Beauvoir on Violence and Politics. In: HENGHELD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017b.

MARTIN-GOLAY, Annabelle. *Beauvoir intime et politique: La fabrique des Mémoires*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2013.

MCCALL, Leslie. The Complexity of Intersectionality. *Signs* 30(3), pp. 1771-800, 2005.

MÉNDEZ, Natalia P. A “descoberta” do Segundo Sexo: intelectuais brasileiras e suas aproximações com o feminismo. *Fazendo Gênero* 9, 23 a 26 de agosto de 2010.

MOI, Toril. *Feminist Theory and Simone de Beauvoir*. Oxford: Blackwell, 1990.

_____. *Simone de Beauvoir: the making of an intellectual woman*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MOSES, Claire Goldberg. Made in America: "French Feminism" in Academia. *Feminist Studies*, 24(2), 241-274, 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2307/3178697>>. Acesso em: 16 nov 2016.

MOSER, Susanne. *Freedom and Recognition in the Work of Simone de Beauvoir*. Frankfurt: Peter Lang, 2008.

MURPHY, Julien. Beauvoir and the Algerian War: Toward a Postcolonial Ethics. In: SIMONS, Margaret A. (ed.). *Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir*. University Park, PA: The Pennsylvania University Press, 1995.

MUSSETT, Shannon M. & WILKERSON, William S. *Beauvoir and Western Thought – from Plato to Butler*. Albany: State University of New York Press, 2012.

NYE, Andrea. Preparing the Way for a Feminist Praxis. *Hypatia*, pp. 101-105, Spring 1986.

OKELY, Judith. *Simone de Beauvoir: A Re-Reading*. London: Virago, 1986.

_____. Reading 'The Second Sex'. In: FALLAIZE, Elizabeth (ed.). *Simone de Beauvoir: A Critical Reader*. London and New York: Routledge, 1998, pp. 19-28.

PENNEY, Megan. *An examination of Simone de Beauvoir's theme of situated embodiment*. MA Thesis in Philosophy. St. Catharines, Canada: Brock University, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas. In: _____. (org.). *Do positivismo à desconstrução: ideias francesas na América*. São Paulo, Edusp, 2004, pp. 213-236.

PONTES, Heloisa. *Intérpretes da metrópole: história social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968*. São Paulo, Edusp, 2010.

_____. Mariazinha e Verônica: classe e gênero nos palcos da metrópole. *Novos estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 97, pp. 149-166, nov. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jan. 2016.

QUARTIM DE MORAES, Maria Lygia. *Vinte anos de feminismo*. Campinas, Tese de Livre-docência, Departamento de Sociologia, IFCH/Unicamp, 1996.

_____. O feminismo político do século XX, 06/2007, *Margem Esquerda*, Vol. 1, Fac. 9, pp.129-143, São Paulo, SP, BRASIL, 2007.

_____. Simone de Beauvoir e o amor americano (um tributo a Simone de Beauvoir). *Cadernos Pagu*, n. 12, pp. 93-101, 1999.

REED, Kate. *New Directions in Social Theory – Race, Gender and the Canon*. 2006.

REINELT, Janelle and ZYKOFISKY JONES, Judith. Simone de Beauvoir as dramatist : Les bouches inutiles. *Modern Drama*, Volume 26, Number 4, Winter 1983, pp. 528-535.

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés-Editora, 1989.

_____. *Interpretação e ideologias*. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

ROGERS, Catherine. Elle et Elle: Antoinette Fouque et Simone de Beauvoir. *MLN*, volume 115, n. 4 (French Issue), pp. 742-760, september 2000.

ROWLEY, Hazel. *Tête-à-Tête – Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Primórdios do conceito de gênero. *Cadernos Pagu* (12). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1999, pp.157-163.

SALEM, Sara. Intersectionality and its discontents: Intersectionality as traveling theory. *European Journal of Women's Studies*, April 22, 2016.

- SANDFORD, Stella. *How to Read Beauvoir*. Nova York: W. W. Norton & Company, 2007.
- _____. Beauvoir's Transdisciplinarity: From Philosophy to Gender Theory. In: HENGHELD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017a.
- SANTOS, Magda Guadalupe dos. Beauvoir: Paradoxos e Interloções Metodológicas. *Sapere Aude* – Belo Horizonte, v. 3, n. 6, pp. 219-245, 2º sem. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/4728>>. Acesso em: 26 jul. 2015.
- SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica* – Buenos Aires 1929 e 1930. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- SARTRE, Jean-Paul. Os forjadores de mitos. *Cadernos de Teatro*, n. 75, out-nov-dez, 1977, pp. 6-10.
- SAWICKI, Jana. *Book Review* – Retrieving Experience by Sonia Kruks. *Ethics*, v. 115, n. 4, pp. 831-834, July 2005.
- SCHWARZER, Alice. *Simone de Beauvoir, hoje*. Tradução de José Sanz. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- SCOTT, Joan W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, 91(5), 1053-1075, 1986.
- _____. *A cidadã paradoxal* – As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.
- _____. Usos e Limites da Categoria Gênero. *Cadernos Pagu*, n. 11, 1998, pp. 99-105.
- SHOWALTER, Elaine. *Inventing Herself* – Claiming a Feminist Cultural Heritage. New York: Scribner, 2001.
- SIMON, Sherry. *Gender in Translation* – Cultural Identity and the Politics of Transmission. New York: Routledge, 1996.
- SIMONS, Margaret. A Tribute to *The Second Sex* and Simone de Beauvoir. *The Second Sex – Thirty Years Later, a Commemorative Conference on Feminist Theory*. September 27-29, 1979. New York University. Disponível em: <<http://siue.academia.edu/MargaretSimons>>. Acesso em: 20 set. 2017.
- _____. The Silencing of Simone de Beauvoir: Guess What's Missing from The Second Sex? *Women's Studies International Forum* 6 (5), pp. 559–64, 1983.
- _____. *Beauvoir and the Second Sex: Feminism, Race, and the Origins of Existentialism*. New York: Rowman & Littlefield, 1999. E-book.
- _____. Introduction. In: BEAUVOIR, Simone de. *Wartime Diary*. Translation and notes by Anne Deing Cordero. Urbana: University of Illinois Press, 2008.
- _____. Confronting an impasse: reflections on the past and future of Beauvoir scholarship. *Hypatia*, vol. 25 nº 4, Fall, pp. 909-926, 2010.
- _____. Beauvoir e Sartre: a questão da influência (1981). Tradução de Paulo Sartori. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, pp. 7-23, 2º sem. 2012. (Original publicado em 1981)

_____. Introduction. In: BEAUVOIR, Simone de. *Feminist Writings*. Edited by Margaret A. Simons with Marybeth Timmermann. Urbana: University of Illinois Press, 2015.

SONTAG, Susan. *As Consciousness is Harnessed to Flesh: Journals and Notebooks (1964-1980)*. David Rieff (Org.) New York: Farrar, Strauss and Giroux, 2012. E-book.

_____; COTT, Jonathan. *The Complete Rolling Stone Interview*. New Haven and London: Yale University Press, 2013.

_____. Sob o Signo de Saturno (1978). In: SONTAG, Susan. Sob o Signo de Saturno. Tradução de Ana Maria Capovilla e Albino Poli Junior. São Paulo: L&PM Editores, 1986, pp. 85-104.

SPELMAN, Elizabeth V. *Inessential Woman: Problems of Exclusion in Feminist Thought*. Boston: Beacon Press, 1988.

STANLEY, Liz. A Philosopher Manqué? Simone de Beauvoir, Moral Value and 'The Useless Mouths'. *The European Journal of Women's Studies*, Vol. 8 (2), pp. 201-220, 2001.

_____. Rejecting the Legend, Re-Reading Beauvoir, Reworking Existentialism: The Case for Ontological Ethics. *The European Journal of Women's Studies*, vol. 3, pp. 423-449, 1996.

STAVRO, Elaine. Rethinking identity and coalitional politics. Insights from Simone de Beauvoir. *Canadian Journal of Political Science*, 40:2, 2007, pp. 439-464.

STINCHCOMBE, Arthur. L. Should Sociologists Forget their Mothers and Fathers? *American Sociologist*, 17: 1982, pp. 2-11.

SULLIVAN, Shannon. Race after Beauvoir. In: HENGHELD, Laura; BAUER, Nancy (eds.). *A Companion to Simone de Beauvoir* (ebook). Oxford, UK: Willey Blackwell, 2017.

TIDD, Ursula. *Simone de Beauvoir, Gender and Testimony*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999.

_____. *Simone de Beauvoir*. (Critical Thinkers). New York and London: Routledge, 2004.

_____. État Present: Simone de Beauvoir Studies. *French Studies*, 62(2), pp. 200-208, 2008.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London and New York: Routledge, 1995.

VIALA, Alain. Qu'est-ce qu'un classique? *Bulletin des bibliothèques de France* (BBF), 1992, n° 1, p. 6-15. Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-1992-01-0006-001>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

VINTGES, Karen. The Second Sex and Philosophy. In: SIMONS, Margaret A. (ed.). *Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir*. University Park, PA: The Pennsylvania University Press, 1995.

WENZEL, Hélène V. "Interview with Simone De Beauvoir". *Yale French Studies*, 72, pp 5-32, 1986.

ZÉPHIR, Jacques J. Importance des Écrits féministes de Simone de Beauvoir postérieurs au *Deuxième Sexe*. *Simone de Beauvoir Studies*, v. 2, pp. 117-147, 1984.

APÊNDICES

Apêndice A – Obras comentadas

Capítulo 2

- “Pirro e Cineas” (1944, edição portuguesa: Beauvoir, 2005)
- *Por uma moral da ambiguidade* (1947, edição em português: Beauvoir, 2005)
- “Problèmes de la littérature féminine” e “Femmes de lettres” (1947, edição em inglês: Beauvoir, 2015)
- “Femininity: the trap” (1947, edição em inglês: Beauvoir, 2015)
- *Les bouches inutiles* (1945, edição em francês: Beauvoir, 1945)

Capítulo 3

- *A América dia a dia* (1948, edição em português de Portugal: Beauvoir, 1963)
- *O segundo sexo* (1949, edição brasileira: Beauvoir, 2009a)
- *A velhice* (1970, edição brasileira: Beauvoir, 1990b)

Capítulo 4

- “Deve-se queimar Sade?” (1955, edição francesa de 1964)
- “Pour Djamila Boupacha” (1960, edição francesa: Beauvoir, 1960)
- “Préface à *Djamila Boupacha*” (1962, edição estadunidense: Beauvoir, 2012)
- “En France, aujourd’hui on peut tuer impunément” (1971, edição francesa: Beauvoir, 1979a)

Capítulo 5

- *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita* (1959, edição em inglês, republicação do original: Beauvoir, 2015)
- “La condition féminine” (1961, edição em francês: Beauvoir, 1979e)
- “Situation de la femme d’aujourd’hui” (1966, edição em francês: Beauvoir, 1979d)

- “Sur la différence des sexes” (1961, edição em francês: Jeanson, 2012)
- “Mon expérience d’écrivain” (1966, edição em francês: Beauvoir, 1979g)
- “La femme et la création” (1966, edição em francês: Beauvoir, 1979h)
- “L’avortement des pauvres” (1972, edição em inglês: Beauvoir, 2015)
- “Déposition de Simone de Beauvoir au procès de Bobigny” (1972, edição em francês: Beauvoir, 1979b)
- “Préface à ‘Avortement: une loi en procès’” (1973, edição em francês: Beauvoir, 1979c)
- “*Le Deuxième Sexe* vingt-cinq ans après” (1976, edição em francês: Gerassi, 1979)

Apêndice B – Pesquisas acadêmicas sobre Simone de Beauvoir

Um modo de pensar o silenciamento de Simone de Beauvoir no contexto brasileiro é entendendo-o como reflexo da pouca atenção dada a seu pensamento nos estudos de gênero nos contextos anglo-americano e francês, que são as principais referências teóricas para os estudos de gênero no País. Essa afirmação pode ser corroborada por uma breve análise quantitativa. Em levantamento realizado no Banco de Teses da Capes, que possui a base mais ampla de dados, com informações desde 1987 relativas a mais de 300 instituições de ensino, a busca pelo termo “Simone de Beauvoir” resulta em 115 dissertações e teses produzidas em 60 instituições do País entre 1993 e 2017: uma média de 5,2 trabalhos por ano. Esses trabalhos dividem-se conforme tabela abaixo:

Área de Avaliação	Número de trabalhos
Letras, Linguística, Estudos Literários e Artes	72
Filosofia	10
Educação	9
História	5
Programas multidisciplinares (Tecnologia de Educação e Design, Patrimônio Cultural, Gerontologia)	6
Comunicação	3
Serviço Social	3
Enfermagem	3
Psicologia	2
Arquitetura	1
Sociologia	1
TOTAL	115

O único trabalho realizado na área de Ciências Sociais no período de 22 anos analisado é uma pesquisa na área de sociologia sobre o envelhecimento. Este é, aliás, o segundo tema em que Beauvoir é mais consultada como referencial teórico: dos 115 trabalhos, 18 têm a velhice e o processo de envelhecimento como tema. Mas o principal tema em que Beauvoir se revela instrumental para as pesquisas está relacionado à representação do feminino em obras literárias, ao todo foram realizadas, de 1993 a 2017, um total de 59 trabalhos nesse sentido.

Outro dado relevante é que dos 115 trabalhos encontrados, 97 são dissertações de mestrado e 18 são teses de doutorado. Entretanto, o dado que demonstra como a pesquisa sobre

Beauvoir ainda é incipiente no Brasil é o número de dissertações e teses voltadas especificamente para seu pensamento e sua obra. Dos 115 trabalhos encontrados no banco da Capes, apenas 24 – 17 dissertações e sete teses – referem-se a pesquisas específicas sobre Simone de Beauvoir (uma média de 1,09 trabalhos por ano). As Ciências Sociais não são contempladas nesse número. Ao todo, são onze pesquisas em Letras e Estudos Literários, nove pesquisas na área de Filosofia, duas em História, uma em Psicologia e uma em Educação.

O segundo sexo é referência para onze desses 24 trabalhos; os romances são tema de cinco pesquisas, as memórias são temas de quatro pesquisas; os demais textos filosóficos beauvoirianos são temas de duas pesquisas; *A velhice* foi a obra abordada em um dos trabalhos e as cartas enviadas a Nelson Algren em outro. Em 22 anos não foi realizada nenhuma pesquisa sobre Beauvoir nos estudos feministas ou de gênero.

Também realizei uma pesquisa no portal Scielo em busca de artigos sobre Beauvoir. O critério de seleção dos trabalhos foi a citação de Beauvoir nos resumos, títulos e/ou palavras-chave de doze textos, sendo nove especificamente dedicados à análise de sua obra. Esses artigos foram publicados entre 2004 e 2017 e aparecem em publicações de estudos feministas e de gênero ou de Ciência Política: três foram publicados na *Revista Estudos Feministas*, um nos *Cadernos Pagu* e um na revista *Lua Nova*. Entre esses cinco trabalhos, um é da área de literatura, um de história e um de filosofia.

Cabe ressaltar que o portal Scielo não abrange todas as edições de periódicos acadêmicos, iniciando o registro em 2001. Em 1999, a publicação *Cadernos Pagu* publicou um dossiê com 15 artigos sobre Simone de Beauvoir. Além disso, a revista *Sapere Aude*, do departamento de filosofia da PUC-MG e que não integra o portal Scielo, publicou, de 2010 a 2017, um total de 58 artigos sobre Beauvoir, obviamente todos eles na área de filosofia.

Esses dados reforçam a afirmação de que atualmente praticamente não são realizadas pesquisas sobre a obra de Simone de Beauvoir. É interessante ressaltar que o banco de dados da Capes começa em 1987 e registra o primeiro trabalho sobre Beauvoir em 1993. É exatamente na década de 1990 que os estudos beauvoirianos se intensificam, em especial no meio acadêmico anglo-americano, com uma série de pesquisas sobre a autonomia de Beauvoir como pensadora e sobre a diversidade de seu pensamento. Mas esse movimento não parece ter tido reflexos no Brasil.